

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 1 DE MAIO

N.º 1

## A REPÚBLICA PORTUGUEZA

As elevações do ideal, graduadas no thermometro da civilização pela mão mysteriosa de muitas gerações, que surpreenderam em sua alma o segredo de energias eternamente creadoras; o movimento ascensional da idéa que deu coragem a tantos heroes, resignação a tantos martyres, entusiasmo a tantos corações, que gerou nas mães aquella sublime dedicação por seus filhos, no barbaro o sentimento do justo, o instincto do amor, a ancia da perfeição; as afirmações successivamente mais perfectas da natureza racional e sentimental do ser social; asseguram-nos na alta creença de que o homem tem a propriedade de se transformar, de ser espirito humano, isto é, espirito progressivo.

Para ser espirito humano, para ser espirito progressivo é necessario ser espirito social e para ser espirito social é necessario ser espirito politico.

Esta entidade synthetica, universal e harmonica, chamada Humanidade, desenvolve-se na sciencia, na arte, na industria e egualmente na politica, como em outros tantos organismos em que ella realisa de um modo racional e humano os seus maravilhosos destinos, livre das concepções dogmaticas da theologia, que, theorica e dogmatica, com o seu dogma da divindade da pressão enormemente ingrata de uma potencia invisivel e sempre em colera, as mais bellas aspirações, as idéas mais generosas, os sentimentos mais puros e honestos que sentiu o coração do homem.

Esta feição real das sociedades, a politica, é, mais que tudo, dominada pelo movimento irresistivel que leva os homens e as cousas em busca de um estado melhor, porque todos sentem em si a voz solemne da natureza a repetir-lhe aquelle tremendo CAMINHA, CAMINHA, que foi formulado de um modo severo, audaz e formidavel em dias immortaes; em dias em que o espirito humano escreveu a epopeia dos seus destinos, illuminado pela farsca das revoluções, por essas auroras esplendidas da historia em que foi permittido ver ao longe na densa noite do futuro os grandes castigos das presentes injustiças sociaes.

Sim, a politica, como manifestação das tendencias de um povo, como foco onde se vem encontrar os raios luminosos que partem de sua alma, como verdadeira resultante moral das variadas forças componentes, que actuam no homem debaixo dos raios de intelligencia que medita, de coração, que aspira o aroma da flor do sentimento, de consciencia que alimenta a chama do dever, de imaginação que em seus azas mysteriosas nos arrebatou para além d'este mundo fragil da materia; a politica, a verdadeira politica, o exercicio dos direitos e deveres, não podia escapar á lei da evolução progressiva que domina todas as esferas do nosso ser, como a lei do movimento rege todos os organismos. A arena das grandes luctas, das grandes commoções, dos altos interesses sociaes e dos altissimos interesses de um povo ficaria sempre a mesma! Como seria possivel esta grande condensação moral a que se chama o espirito moderno, a consciencia de nossos dias, o objectivo da actualidade, sem a progressão politica que foi

vagarosamente elaborando os materiaes para o sustento de tantas forças, maravilhas da civilização contemporanea?

O principio genesiaco, que vac permanentemente renovando a historia, faz com que o problema politico tenha de soffrer uma nova solução, uma renovação que o moderno pensamento da sciencia tem formulado segundo as eternas bases da Liberdade e da Justiça, eixos de revolução e movimento do universo moral, na concepção presente, como o privilegio e a casta o foram do universo moral, segundo a concepção dos espiritos demasiadamente empiristas do passado.

A esta nova solução chama-se politica democratica, — a affirmação integral dos direitos do homem no seio da Republica.

A idéa universal da democracia, que é a unica verdadeira, que é a unica compativel com a dignidade de um povo, appareceu apoz o grande abaixamento moral a que os systemas reaes levaram as sociedades; fortificou-a o estudo dos homens e da natureza, a lição dos grandes sabios, a experiencia do mundo, as tendencias fataes da sociedade, a contemplação de muitas miserias, o espectáculo de muitas revoluções, que hão agitado profundamente a historia, e, acima de tudo, este alto sentimento de egualdade, que, confusamente entrevisto, em longos delirios de ignorancia, começa hoje a elevar-se sobre o horizonte das aspirações humanas como o ponto para onde ascende a marcha do ser individual e colectivo.

Como seria possivel que este paiz, que se affirmou em uma das creações mais gigantescas do genio do homem que pela sua alma aventureira trouxe novos mundos, novas civilizações á federação do genero humano, ficasse immovel diante d'este geral espirito de renovação?

A Republica Portuguesa vem ao mundo em momentos criticos. E' necessario dizer verdades amargas, derrotar muitas illusões, acommetter muitos prejuizos, descobrir muitas chagas, e, sobre tudo, derramar muita instrucção, inundar de muita luz a alma do povo, já que a decrepita monarchia não nos vai preparando outro legado que a ignorancia, a qual, durante tantos seculos serviu de capa aos seus desvarios. Para fazer isto, que é muito, só tem os homens d'esta folha, um apoio, uma força, que ninguem conseguirá arrebatar-lhe, e que se chama convicção.

Seremos justos, teremos a inflexibilidade do dever.

Nesta hora em que a imprensa se prostitue pelos lupanares da polemica soez, abandonando a missão civilisadora que lhe está destinada; quando as grandes coisas, as bellas idéas, as altas aspirações da consciencia social são sacrificadas ás ninharias de uns tantos homens, que pretendem eleva-las á categoria de sérias; quando todos conhecem a necessidade de inocular novos sentimentos na alma humana, não seria para admirar o silencio da mocidade, mãe fecunda d'onde vão sahindo todos os progressos que se cumprem á face da terra, e depositaria permanente do grande patrimonio moral da Humanidade, chamado a honra?

Pois bem; a Republica Portuguesa parte da mocidade e dirige-se á mocidade, por-

que é nella que está o fermento da grande obra do futuro. Arvora a bandeira da dignidade humana, que é a bandeira da democracia.

## POLITICA NOVA

As nações de outr'ora alargaram a terra e os seus dominios pela descoberta de novos mundos; descarregaram a consciencia do homem, porque tiraram de cima de seus hombros o peso insupportavel das religiões; dilataram o espaço pela creação de novos instrumentos, para o conhecer, o telescópio, a luneta de Galileu, a bussola; a intelligencia pela formação de novas sciencias, a chimica, a geologia, a sciencia historica, a economia politica. Respeitaram a dignidade humana pelo reconhecimento do direito, pela egualdade perante a lei para todos, pelo alluimento da escravatura e das castas antigas, pela equação do imposto e sua extensão a todos, pela morte enfim de tantas outras monstruosidades que hoje pertencem só á historia.

O seculo actual aproximou as distancias, pôz a Europa a alguns dias de jornada de America; fez a palavra tão leve e tão rápida, como o proprio pensamento por meio do telegrapho; transporta diariamente os productos de uma nação para as outras por meio do gigante da actualidade — a locomotiva; e todavia no meio d'este trabalho immenso do martellar de todas as officinas, no meio de tantas coisas novas e tantas maravilhas, a alma continúa a suspirar, agitando-se num turbilhão de pensamentos, incoherentes e contradictorios sem paz, nem descanço.

E' que para tudo isto se não descobriu uma lei de harmonia e equilibrio que reparitasse justamente a vida por todos os membros das nações; é que não se inaugurou ainda até hoje uma politica positiva, dependente das relações naturaes dos povos, os quaes, sujeitos a leis superiores vivem como os mundos supralunares, sujeitos ás leis de atração e repulsão das nacionalidades mais activas, mais fortes, ou mais proximas; a unica capaz de trazer ao mundo o socego e o repouso, porque tanto aneiam os homens.

Surgiu a industria a vapor, a alta, a grande industria; despregou azas de abutre e cobriu com ellas o espaço; e o trabalho das machinas não tem servido até hoje, senão para tornar mais poderoso o rico, fazer mais pobre o proletario, inutilizando a machina os seus braços.

Estabeleceram-se as communicações com a America, com a Asia, Africa, Oceania, Polynesia, com todos os pontos do globo; e o commercio, e as relações de nação para nação não tem servido até hoje senão para enriquecer algumas d'estas á custa das outras; e nós estamos ainda no tempo de Voltaire e Rousseau, em que se dizia: Para que um ganhe é necessario que outro perca. Não ha nenhum possuidor de navios que não goste de ver os do seu concorrente submersos no fundo do mar.

Exploração de individuo para individuo, exploração de povo para povo desde a base

até á cupula do edificio social, eis o que tem sido a sociedade.

Emquanto aos inventos modernos, os caminhos de ferro, os telegraphos, as machinas a vapor, enquanto mesmo ao estudo das sciencias, quem não vê que só goza tudo isto quem possui dinheiro, ou quem sabe ler? Deitaeis fogo á bibliotheca, barbaros? escrevia ha pouco no *Annee terrible*, a aguia de Guernesey: *Eu não sei ler, responde o comunista e incendiario.*

E ainda nos queixamos de que os povos ignorantes sejam destruidores; e desejem aniquilar a sociedade. Hão de sel-o sempre em quanto lhes apresentarmos d'estes espectaculos.

Quereis tornal-os socegados e pacificos? Destruí a causa do mal.

Não digaes que todos somos eguaes perante o nascimento e que só deve exercer os empregos publicos quem for capaz; e contra esta theoria apresentaes logo na cupula do vosso systema o rei hereditario sem responsabilidade, com plenos poderes para assassinar, corromper e desgraçar uma nação sem que haja um tribunal que o julgue.

Não digaes que os homens são livres perante a sua consciencia, visto que podem ter a religião que lhes aprouver, e depois, no exercicio d'este direito, logo coarctaes-lhe todas as garantias porque não lhes deixaes erguer um templo, nem os deixaes contrair o matrimonio livre de formula alguma religiosa, e nem os consideraes aptos, se não forem catholicos, para exercer qualquer emprego.

Prégaes a liberdade de industria, acabastes com as profissões, e hoje, ó industrias, quando algum operario vos vai pedir trabalho, vos respondeis-lhe: trabalha por tanto ou morre parte ahí de fome!

E assim; a vossa liberdade de industria tornou-se a liberdade da miseria; a vossa liberdade religiosa — hypocrisia, ou o odio terrivel dos fanaticos contra os que pensam livremente. A vossa egualdade uma palavra fermentada, o vosso commercio uma industria de chatins; e toda a politica enfim uma politica de phariseus.

Mas não penseis que sophismando todos os principios de ordem social matareis com a pratica os mesmos principios. Não! o povo desde que lhe ensinou um credo, uma coisa nova, nunca mais a esquece; e os poderes constituídos, embora retrogradados, vêem-se obrigados a transigir e a aceitar o que já estava feito. Foi assim que Luiz XVIII restaurou a Carta, e as camaras; e em 1870 a monarchia de Hespanha se viu obrigada a deixar de pé o suffragio universal, obra da revolução; coisa identica que já se tinha feito pela occasião do golpe de estado de Luiz Napoleão em 1852.

O povo nestes momentos sabe o que faz; destroe os poderes e restabelece a lei na sua pureza.

A sciencia positiva, de que este jornal é orgão, vem pôr um cobro a todas estas anomalias, e abrir caminho expansivo e largo no campo das reformas sociaes a todos os principios de ordem, moralidade e justiça, sepultados até hoje nas ruinas das velhas sociedades.

Vimos regular o governo da sociedade pela sciencia superior da philosophia natural, de que a philosophia politica não é se-

não um pequeno modo de ser, assim como o mundo animal e ainda todo o globo, não é senão um pequeno átomo, comparado com a grandeza infinita dos mundos.

Fortalecidos com as lições dos sábios mestres da política desde o tempo de Voltaire, Montesquieu até Comte, Proudhon, P. Lerieux, Vacherot S. Mill, vimos inaugurar na nação dos descobrimentos heróicos, a época que funda a sciencia da governação, sobre a acção combinada do ceu sobre a terra, segundo o clima, variedades e accidentes do solo, d'onde provem a *raça*, a *nacionalidade*; convencidos de que os povos são o que o *meio* os faz ser, e não o que quer a vontade de um homem.

Vimos aconselhar ás almas d'este canto do occidente o equilibrio e ponderação dos poderes como unica forma racional de exercer a liberdade sem atrofiarmos á custa umas das outras as faculdades do espirito; e pedir para as nações o que aconselhava Sully e Richelieu em França a Henrique IV e Luiz XIII, politica de bom senso, que era a harmonia entre todos os governos sem nenhum d'elles abusar pelas armas ou pela intriga, calunnia, ou conspiração das camarilhas; a politica da influencia justa que resulta da posição topographica das nações, da grandeza phisica, do seu caracter, ou força atavica, combinadas com a lei da sociabilidade, a qual provem da sympathia pela especie, cuja força é tão intensa que levou o Christo a dizer:—a desigualdade é a lei dos animaes, e a egualdade a do homem.

D'esta maneira entram os individuos para a sociedade não com forças automaticas, como se tem querido fazer acreditar, mas sim como pessoas completas.

A associação torna-se equitativa para cada um de seus membros. A influencia torna-se reciproca de associação para associação, e todos os actos da vida social se resolvem num completo federalismo. As nações poderosas nunca impõem o sistema ás mais pequenas, mas estas vão lá buscar o seu apoio e seguem-as como ideal.

Eis ahí a politica que arvoramos como norma de governo e que desinvolveremos seguidamente durante a vida d'este jornal.

A historia, a *grande mestra da vida*, senão a philosophia natural, como já vimos, estão-nos encaminhando para este fim como o unico aceitavel e que tem mostrado, posto que contrariado, que as épocas, em que se adoptou, foram aquellas em que a liberdade mais floresceu e os povos gozaram de mais garantias.

Sem querer fallar das épocas em que Athenas e Sparta tinham á sua frente sábios legisladores, que tentavam harmonisar os interesses das duas raças, *jonica e dorica*, de que as duas republicas eram as representantes por excellencia, d'onde vieram essas immensas colonias, desde Marselha e Sagunto até á extrema Asia, as quaes os dois povos iam espalhando pelo mundo a mãos largas, como as flores em dias de triumpho caem sobre as cabeças dos heroes; sem dizer que tudo isto acabou desde que o sentimento do predomínio começa a irritar o orgulho de cada uma, de modo que tudo veio a ser esmagado debaixo da fera manopla dos romanos; sem querer fallar d'estes mesmos romanos, que foram felizes, em quanto tentaram unicamente influir pela sua politica mais ou menos medianeira sobre os destinos das nações limitrophes, mas que se perderam absolutamente desde que quizeram impôr a sua força ás raças germanicas e orientaes, inteiramente distinctas; bastanos para o nosso intuito passar em revista a politica europeia nas suas fases geraes para provar que a *raça neo-latina* teve sempre, como ponto de apoio nas épocas de mais progresso, a nação franceza, que pela sua antiguidade e pela sua posição no centro d'esta familia de nações, foi sempre um foco de luz e de grande influencia phisica e moral em todos os sentidos em

todas as manifestações do genio e da arte, na sciencia, na administração publica e na litteratura.

O futuro politico da Hespanha andou sempre ligado ás vistas geraes da politica franceza, assim como Portugal seguiu sempre mais ou menos de perto a Hespanha. Os borbons vêm de França. Carlos Quinto, esse grande ambicioso, que na ancia de possuir toda a terra, apetezia tambem a França, dizia para o seu rival Francisco I que lhe enumerava todos os seus reinos.

*Sim, mas vós possuís França.*

Nesta phrase do orgulhoso monarcha que se jactava de não ver pôr o sol nos seus estados reconhece-se a lei da politica natural. A Hespanha foi na via de progresso e das descobertas em quanto seguiu a politica franceza até ao seculo XVI; mas desde que quiz inaugurar um governo novo, o reinado do catholicismo sombrio, do queimadeiro e da força, com Phillippe II, foi de queda em queda até a capitulação de *Fontaine Francaise*, d'onde proveiu a paz de Vervins a 5 de maio de 1593. A destruição da sua esquadra *invencivel* sobre as costas de Inglaterra, a perda dos paizes baixos, da Italia, e a independencia da maior parte das suas colonias, foi o castigo que os povos impozeram a quem assim os opprimia. Em seguida a Hespanha desapareceu durante dois seculos, para todo e qualquer movimento, para toda e qualquer iniciação no progresso, na industria ou na sciencia, sufocada pela mordida do catholicismo e da inquisição, não deixando apoz de si mais que as cinzas, as ossadas, o luto e o pranto, e a dôr dos martyres da liberdade.

Quando a sciencia de Voltaire, e Rousseau se fez homem, e a revolução veio acordar os povos da Europa, acorrentados ao duplo potro do despotismo monarchico e papal, quebraram-se as gargalheiras antigas; e a Hespanha resuscitou, acompanhando de novo o movimento da politica franceza pela revolução de Cadiz em 1812, pela revolução de 1834, 1848 e pela proclamação da republica actual.

Accusa-se esta grande nação por causa das suas continuas revoluções; aponta-se á Europa como um paiz ingovernavel: mas esquece-se quem assim a calunnia que este magnanimo povo, em todas as revoluções, que tem feito, ha sido sempre guiado pela liberdade e progresso, como acabamos de ver, e pela conquista da democracia republicana.

E o que é hoje a Hespanha se não uma republica, que realisa todas as aspirações dos movimentos revolucionarios anteriores?

Para o corollario ser mais logico e natural, nem ao menos veio como uma revolução.

Foi um facto positivo e em tudo identico á proclamação da republica em França em 1870. Coincendencia notavel! Hoje as republicas estabelecem-se sem derramar uma gota de sangue. Isto inaugura no mundo uma politica nova: a politica da paz.

Agora reaccionarios e conservadores de todas as cambiantes e matizes dizei-nos que os republicanos são perturbadores e desordeiros, que nós vos mandaremos olhar para os montanhosos campos da Catalunha; e vereis quem é que incendeia e tala os casaes, assassina os inermes e indefesos, rasgando os uberrimos seios da patria com a guerra civil.

E Portugal? o que é Portugal perante o movimento da Europa? Qual será a sua linha de conducta perante a joven republica?

Segundo nós, Portugal não é senão uma pequena face da Hespanha, cuja politica seguiu sempre desde que se desmembrou do tronco neosturiano como mostraremos bem breve, e hoje a unica politica, que lhe pode convir, é a *politica republicana*.

Publicou-se o 4.º numero da interessante revista mensal—*O Espectro de Juvenal*. São seus redactores o nosso illustrado

correspondente da capital e o nosso collega de redacção, Magalhães Lima. A fama que tem adquirido esta publicação dispensa-nos de todos os encomios.

E' mais uma machina infernal, semelhante ao ariete dos romanos, contra a velha sociedade.

Para os nossos leitores verem qual o pulso dos escriptores que alli trabalham, transcrevemos, com a devida venia, o soneto anonymo, que é uma obra perfeita.

## ELLE

Lui toujours! Lui partout!  
V. Hugo.

Se faltasse o marquez d'Avila um dia  
Lá ia o pobre Portugal a fundo  
Nesse mar bravo da demagogia,  
Porque o nobre marquez não tem segundo.

Elle preside a tudo neste mundo,  
Elle ampara a pé firme a monarchia,  
Elle no proprio *cache-nez* immundo  
Mostra o muito que sabe economia;

E dá mesmo uma prova d'inteiressa,  
Da limpeza de mãos de que tem fama  
Em toda a *parvalheira* portugueza.

Se a Republica um dia se proclama,  
Quem será presidente?— Com certeza  
Que o nobre marquez d'Avila e Bolama.

*Carta de Victor Hugo em resposta ao convite feito pelos centros, parisiense e republicano, para assistir ao jantar particular, offerecido por aquellas associações, em commemoração do dia 21 de setembro, anniversario da abolição da realza em França, em 1792.*

Meus caros concidadãos:

Desejaes a minha presença no vosso banquete. A minha presença é o meu pensamento. Concedei-me por um pouco a palavra no vosso seio.

Amigos, tenhamos confiança. Não fomos tão vencidos, como se suppõe.

A tres imperadores oppoñamos tres datas: 14 de julho, 10 de agosto e 21 de setembro; 14 de julho demoliu a Bastilha e significa—Liberdade; 10 de agosto arrancou a corôa ás Tulherias, e significa—Egualdade; 21 de setembro proclamou a republica e significa—Fraternidade.

Estas tres idéas podem triumphar de tres exercitos. São de estatura a suffocar todos os monstros; resumem-se numa só palavra: a Revolução.

A Revolução é o grande conquistador; e, se a monarchia tem leões e tigres, nós temos domadores.

Visto estar-se em tempo de fazer enumerações, façamos tambem a nossa. Ha de um lado tres homens, e do outro todos os povos.

Estes tres homens são, é verdade, tres omnipotentes. Têm tudo o que constitue e caracteriza o direito divino: têm a espada, o sceptro, a lei escripta; cada um o seu deus e seus padres; têm juizes, carascos, supplicios e a arte de fundar a escravatura sobre a força dos proprios escravos. Já lêstes o execrando código militar prussiano?

Por tanto, estes tres omnipotentes são os deuses; e por nós só milita a qualidade de homens. A' antiga monarchia, que é o passado vivendo a vida terrivel dos mortos; aos reis espectros, ao velho despotismo, que pode com um gesto fazer desembainhar quatro milhões de sabres, que declara a força superior ao direito, que restaura o antigo crime, chamado conquista, que degolla, dilacera, saqueia, extermina, que conduz ao matadouro massas sem conto, que não se poupa a infamias, que rouba uma provincia á patria e um relógio á casa; a esta formidavel colligação das trevas, a este poder compacto, nocturno, enorme, que podemos nós oppôr? Um raio de aurora. E quem vencerá?

A luz.

Amigos, não o duvideis, a França ha de vencer. Uma trindade de imperadores pode ser uma trindade como qualquer outra; mas o que nunca será é a unidade; e tudo, o que não é um, divide-se. Ha uma primeira probabilidade, e é, que elles se devorarão entre si; e depois ainda uma outra, e é, que a terra ha de tremer, e, para fazer tremer a terra debaixo dos reis, bastam certas vozes trovejantes. Estas temol-as nós; e chamam-se Voltaire, Rousseau e Mirabeau. Não, o grande continente, successivamente illuminado pela Grecia, pela Italia e pela França, não pode recair na noite; não, um ataque inoffensivo dos vandalas contra a civilização não é possível; para defender o mundo basta uma cidade, e essa temol-a nós.

Os carneiros, pastores de povos, tendo por meios a barbaria e por fim o selvagismo, os flagellos do destino, os conductores cegos das multidões surdas, as irrupções, as invasões, os diluvios de exercitos submergindo nações; tudo isto é o passado, mas não o futuro; refazer Cambises e Nemrod é o absurdo; resuscitar os phantasmas, impossivel; repôr o universo debaixo da espada do tyranno, uma tentativa insensata: somos o seculo dezanove, filho do seculo dezoito e, quer pela idéa, quer pela espada, a Paris de Danton triumphará da Europa de Atila.

Afirmo-o, e certamente não o duvideis.

Agora, proponho um brinde:—Não se esqueçam nossos governantes momentaneos de que a prova das monarchias se faz pela Siberia, Spielberg, Spandau, Lambessa e Cayenna, e a da republica pela amnistia.

Levanto um brinde á amnistia, que fará irmãos todos os francezes, e outro á republica, que fará irmãos todos os povos.

VICTOR HUGO.

## AFFIRMAÇÃO POLITICA

Revolve-se em convulsiva agitacão, na crise dolorosa que atravessa a sociedade moderna, a consciencia individual, reclamando o direito que os seculos passados lhe tem negado. Obrigada fatalmente pela lei de sua natureza á vida social, reclama o *poder*; e está a sua primeira affirmacão, de que todas as outras são uma evolução na vida pratica da humanidade.

Com effeito, como pôde ser estabelecida a egualdade quando o *poder* está nas mãos do privilegio? como acabar com a exploração do homem, se o *poder* pertence aos exploradores? como elevar-se do lixo em que se arrasta a classe miseravel do operariado, quando o *poder* está nas mãos de seus patrões? Como assentar sobre a liberdade de consciencia a liberdade de cultos se o *poder* está nas mãos de uma Igreja? Impossivel. Em quanto o privilegio politico não acabar, todas as egualdades e liberdades serão irrisorias; e a sociedade, á imitação da Roma que tudo concedia aos plebeus, com tanto que no patriado se conservasse o segredo do *augurio* e da *justiça*, conservará em seu seio a desigualdade sociaes, pois que só pela morte d'esse privilegio pôde ter um fim o *sacrificio* do bem social a um interesse privado.

A affirmacão politica pois, e a sua realisacão é o primeiro passo a dar na marcha progressiva do desinvolvimento harmonico de todas as camadas sociaes. Consultemos pois as fórmulas, e vejamos qual d'ellas pôde reproduzir melhor os principios do direito, e garantir ao individuo o seu exercicio.

Pondo de parte toda a forma aristocratica de governo, porque a egualdade já vai impulsada aos corações de todos pela dignidade que parece esquecida das gerações passadas, poríamos de parte tambem a realza; mas o numero de seus sectarios obriga-nos a tomal-a em consideração.

A fórmula de governo não exprime mais do que o meio de tornar effectivos os principios da justiça, e por consequência aquella que melhor os traduzir, é a unica que devemos acceptar.

Tres diversos meios se nos apresentam

—o absolutismo, o constitucionalismo, a republica democratica—e todos se têm combatido na arena da philosophia, e os ultimos debatem-se hoje nos campos sangrentos da guerra civil. Qual d'elles accitaremos?

A realza pura morreu com os inspirados. Depois que Deus se negou a fazer milagres influido na cabeça de um rei, não pôde d'este depender a fortuna, a vida e a honra dos cidadãos. Por melhor que seja um monarcha, quando um seu capricho pôde abysmar na pobreza, na morte ou na infamia uma familia, o cidadão não tem garantias de seus direitos, o que equivale a não possuil-os.

A realza constitucional, se não deixa variar as leis ao arbitrio de um rei, consente que elle lance á consciencia de um povo o estigma de corrupção negando-lhe a justiça, e permite que esta seja suffocada a seu capricho. E não podendo deixar de conceder-lhe a irresponsabilidade sem lhe negar o caracter de rei, não dá toda a segurança ao exercicio dos direitos individuais.

A democracia, fazendo vigorar o direito existente na consciencia de todos, traduzindo em leis a sua incarnação natural, é a unica forma de governo propria da dignidade dos cidadãos. E, não admittindo em seu seio privilegio algum, não podendo mesmo admittil-o, é a unica capaz de garantir em todas as suas manifestações e em toda a amplitude a liberdade individual.

A escolha pois para todo aquelle, que não esteja avassallado pelo prejuizo, não pôde ser nem difficil nem duvidosa; quem prese os seus direitos e a sua dignidade não pôde deixar de optar pela democracia.

Hoje a realza pura tem desaparecido, e só pôde ser desejada por visionarios chilianistas, que pensam num *Christo-Rei*, ou num *Rei-Christo*. O legitimismo hoje

não traduz questão de forma, é apenas disputa pessoal.

Ficam pois sustentando a luta o constitucionalismo e a republica; e qual das duas formas ha de vencer? Digam-no os fundadores dos governos constitucionaes, digam-no os seus defensores. É um governo de transição, dizem aquelles, destinado apenas a preparar o povo á democracia: os homens da republica, confirmam estes, são os homens do futuro.

São pois os proprios partidarios do constitucionalismo que affirmam a verdade na forma de governo republicana democratica.

Mas nós não queremos a realzação d'esta sómente no futuro, affirmamos-a desde já, por que a constitucionalidade é impossivel. Querendo conformar o passado e o futuro na harmonia de um governo, esta forma não é mais do que uma constante negação social. O futuro indica-nos a soberania do direito, incarnada em todas as consciencias; o passado atesta-nos a soberania de Deus, na mente d'um monarcha; e estas soberanias contradizem-se. A soberania de Deus é o milagre; a do direito é a lei natural; e todas as leis naturaes são contrariadas pelo milagre.

Os governos constitucionaes pois affirmando-as ambas, ambas aniquilam; e são a negação da soberania social: não traduzem um principio mas sim a sua morte. Por isso são uma transacção; e a transacção é a corrupção da consciencia, obrigando-a á indiferença na affirmação do principio. E assim os povos que se lhe submettem ou por vontade ou por força, são dentro em breve socialmente corrompidos. Não quero fallar em Portugal; mas sirvam d'exemplo esses 18 annos do segundo imperio, que levaram a França á beira do abysmo.

Os governos constitucionaes são os proprios a condemnarem-se, dizendo-se transição para educar o povo; pois, sendo mo-

ralmente impossivel que um povo se eduque theoreticamente, affirmam a interenidade indefinida do erro; e o povo jazerá indeterminalmente na modorra do indifferentismo governamental.

Por isso, os direitos politicos hoje só são entre nós considerados como encargos, e tem-se por muito feliz aquelle que por uma condemnação foi privado do seu exercicio. A idéa politico-social desapareceu da consciencia do povo, e resta apenas a cada um a individualidade, ou melhor o egoismo.

E a burguezia, prototypo d'esse individualismo, avassalando com o capital, eleva-se em uma classe *dourada*, e amesquinha em um *soudrismo* perpetuo os que vivem em um trabalho continuado.

A nobreza hereditaria baqueia por uma fatalidade natural; mas como os governos, fundados no erro e na indiferença, só podem sustentar-se com a pompa e com o esplendor, elevou-se a nobreza do ouro com o constitucionalismo; e, assoberbada em seus marmoreos palacios, desdenha o povo, donde sahiu, para lhe recusar de balde a paternidade.

E não é só a corrupção consequencia dos principios affirmados pelos governos de transição, é effeito necessario do luxo que lhe serve para os sustentar. Desde que um rei não se pôde tornar respeitavel pelo seu poder, e menos ainda pela sua sciencia, é necessario que se torne admiravel pelo brilho que o rodeia, é necessario que uma aureola de ouro cerque sua pessoa para se equilibrar na altura do seu posto.

D'aqui o desperdicio dos dinheiros publicos, o fausto deslumbrante da corte, e da moderna nobreza porque elle a sustenta, e a imitação em todo o povo. E se os moralistas em suas theorias affirmam que a consequencia do luxo é a desmoralisação, confirma-o praticamente a burguezia nos dois ultimos seculos.

O auctor pergunta aos leitores d'onde vem ella e quem é.

E para logo responde; ella:

«Eu vejo-a vir no longo peregrinado,  
«Como d'um vento livido varrida,  
«Cheia de febre, rota... muito alem...  
«— Pelos caminhos asperos da Historia—  
«Em quanto os reis e os douses na gloria  
«Não ouvem a ninguém»

«Ella vem triste, só, silenciosa,  
«Tinta de sangue... pallida, orgulhosa,  
«Em farrapos, na fria escuridão...  
«Buscando o grande dia da batalha,  
«—E' ella! E' ella! A livida Canalha  
«Cain é vosso irmão!»

A parte as imperfeições de forma, soube o sr. Gomes Leal tocar os corações fortes na eterna causa da justiça. E com talento o fez, diga-se a verdade. Sobrou-lhe a consciencia neste empenho sagrado. Encerrou-se mais uma vez a sua provada originalidade poetica numa especie de realismo fecundo e cheio de amor e esperança.

«Não raioi inda o dia da justiça,  
«Mas, breve, talvez se oiça a nova missa,  
«E dispersem-se tetricos caudillos...  
«Vão, talvez, vir os tempos desejados!  
«—E, então, por vossa vez, ó reis sagrados!  
«—Saude aos maltrapilhos!»

A canalha, humilhada, vencida e suppliciada, pede justiça, em nome da liberdade.—Ao combate—dirá ella—ao combate... E foi este echo sublime que inspirou a poesia do sr. Bettencourt Rodrigues, cuja modestia e intelligencia em extremo nos maravilham.

Esta poesia é um complemento da *Canalha* de Gomes Leal; uma completa a outra; ha muito que a democracia anda a pedir justiça e o poeta faz-lhe soar a sua hora.

«E eil-a que assoma, no horizonte escuro,  
«Essa phalange heroica do futuro,  
«Como as vagas do mar phosphorescente;  
«Vem perseguir as sanguinosas feras,  
«Os monarchas e as lubricas pantheras,  
«A prostituta gente.»

Finalmente, nascidos para serem a transacção, suffocando os clamores da intelligencia, o querendo accordar a verdade e o erro, os governos constitucionaes só tem como consequencia a morte moral do povo.

Assassinam-lhe a intelligencia, ensinando-lhe a elevar seus vãos na area do passado, e quebrando suas aspirações nas rochas do presente.

Assassinam-lhe a liberdade, tornando-o anthomato indolente e sem crença pelo indifferentismo que traduzem.

Matam no peito o amor da patria por que traduzem o individualismo.

São a origem da corrupção por que desconhecem a moralidade, consequencia da solidariedade social.

Povo! oh! povo! em quanto um brado de indignação escapando-se de teus labios te não fizer arrastar ao sepulcro esses governos, tu sarás escravo.

Escravo na intelligencia, amarrado, não pela força, ao menos pelo exemplo ao circulo ferreo dentro do qual gravita teu governo.

Escravo na vontade, que nunca será intelligente, porque a indiferença é a pedra angular do edificio constitucional!

Escravo até no sentimento, porque saberás sómente ser egoista, porque o sentimento provém da idéa, e a idéa está morta.

Mas é este sentimento unico que te deixam, que ha de fazer baquer o altar em que se collocam.

Abatida tua dignidade, submettidas todas as faculdades de teu espirito, deixar-te ainda, porque o não podem matar, este estimulo do progresso, que ha de ser a morte d'elles.

Transigir entre o passado e o futuro é paralyzar, e a paralyza é egual á morte; e o povo, que consente governar-se por paralyticos, é porque é paralytico tambem; mas a força do interesse ha de pôr em movimento esses membros mortos.

Amor com amor se paga; e se vós monarchistas, defensores do throno e do altar, achais fortes e indecentes aquellas palavras para os vossos ouvidos castos, lembrai-vos que tendes de ser justos porque na historia fosteis vós que os baptisastes com o nome ignominioso de canalha, e elles hoje os farrapilhos.

«Vem terminar a noite dos horrores,  
«E não de sair altivos, vencedores,  
«Da luta contra a velha realza;  
«Ha de trilh-os o braço da Eguidade,  
«E inundal-os a luz da liberdade,

Ao som da *Marselheze*.

E diga-se agora de passem, que a democracia não avança em Portugal! Elle manifesta-se na arte, na litteratura ligeira, na imprensa periodica, de que este jornal é já o 3.º orgão; e sobre tudo na poesia social moderna iniciada por essa grande alma que, das alturas de uma ilha predilecta, assiste ao caminhar das gerações que se saudam e que as tem feito mais que ninguém attingir o fim da jornada.

A poesia social e a poesia historica, aliadas e irmãs, ambas filhas d'este seculo são os unicos objectos que podem fazer desferir as lyras aos modernos trovadores.

Quem canta hoje as *Dulcineas* e as *Margaridas* a par da liberdade, do direito ou da justiça? A poesia individual, e sentimentalista, morreu entre nós com as *Noites do Castello* e com os *Ciumes do Bardo*.

Anteriormente Theophilo Braga e Anthero do Quental, hoje Guerra Junqueiro, Gomes Leal e Bettencourt Rodrigues são a prova mais incontestavel da nossa asserção. Todos estes moços cantaram ou cantam sem procurar a lição e conselho de mestres, que ainda agora dormitam á sombra de antigas *Olaias*. Quem tem Byron, Victor Hugo, A. Poetefi passa bem sem Castilho.

Agora, amigos, o caminho está aberto; é cantar e não esmorecer.

A republica precisa de Chéniers, não para os guilhotinar, mas para lhes erguer o pedestal da gloria.

MAGALHÃES LIMA.

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

A Hespanha livre, por Guerra Junqueiro.—A Canalha, por Gomes Leal.—Ao Combate! por A. Bettencourt Rodrigues.

Temos deante de nós, sobre a mesa de trabalho, as producções poeticas d'estes trez mancebos, grandes cantores da liberdade.

Isto sim, isto é bom e salutar. Respira-se sob este ceu. Aqui ha vida, ha alma, ha enthusiasmo.

Foi-se o despotismo e com elle o velho classicismo, pesado e severo, que tudo absorvia e tudo dominava. Outra epocha, outro meio. E a litteratura, que é como o progresso, uma evolução, não podia deixar de se resentir d'este novo estado de cousas. Variavel, como o ideal, e relativa como a civilisação, ostenta-se hoje a poesia, filha dilecta da sociedade, isto é, da revolução e da democracia. Por isso tambem dizemos que o seculo é eminentemente revolucionario e innovador.

Guerra Junqueiro canta a Hespanha. O brado que era espontaneo e filho da occasião e das circumstaacias, não podia deixar de ser sublime e grande, como a idéa que o inspirou.

E foi-o deveras.

Ao sr. Guerra Junqueiro devemos um momento de suprema alegria. Se é certo que a mocidade só pela mocidade deve ser estudada e comprehendida, tambem não é menos certo que o enthusiasmo só por ella deve ser abraçada e compartilhado: a cada um o que lhe pertence. Nós que possuímos bons e generosos corações; nós que jámais nos deveremos envergonhar de proclamar bem alto e por toda a parte que a idéa que nos serve na alma e o pensamento que nos eleva o espirito, é a causa do nosso enthusiasmo, abraçamos profundamente estas estrophes tão cheias de verdadeira inspiração, tão elevadas no conceito e na forma.

A Hespanha, escrava, rompeu, num mi-

nuto de sublime heroicidade, os grilhões, que, durante seculos, lhe roxearam os pulsos. Demasiado grande fôra este facto para que assim não podesse occultar-se, não passando desapercibido na nossa terra.

Assim comprehendemos a arte; só uma inspiração ella deve ter—a liberdade; e um só objecto—o amor da humanidade. E agora teve-o decerto.

A imaginação voou docemente a mais puras regiões; e de lá soltou-se o grito que, por grande e magnifico, chegou até nós. Bem haja o talento que o gerou e o espirito que o concebeu!

E agora:

«Desgraçados de vós! a mocidade  
«Já não quer aprender a liberdade  
«Pelas gothicas letras dos missaes;  
«Quebraram-se as algemas... Democratas,  
«Poisae o pé sobre as cabeças chatas  
«Das viboras reaes!»

«Oh despotas sagrados,  
«Vós sois os espantalhos collocados,  
«Nos felizes vergeis da humanidade,  
«Para que os nossos labios reseguidos  
«Não vão comer os fructos prohibidos,  
«Os fructos da justiça e da verdade.»

Ahi fica a maldição á tyrannia e á realza. Em duas estrophes reune-se tudo. Nem mais nem melhor é possivel dizer-se. O bello colorido que nellas se destaca e o arrojado da imagem que sempre as enfeita é titulo sufficiente a uma victoria immorredoura e a um completo triumpho.

E' justo que a revolução social acompanhe a revolução politica. Nem por outro modo se poderá conceber rigorosamente a verdadeira formula philosophica.

Quando se despedaça uma monarchia, folga a sociedade. O pão que era amargo a muitos, durante um dado governo, pode ser-lhe leve e suave, pela nova transformação politica. E assim uma violação politica traz sempre consigo uma violação economica.

Nestas poucas palavras está a justificação da poesia de Gomes Leal—*a Canalha*.

Influe nas leis o juizo de Deus pelo punho de um monarcha; para que pois os teus representantes, ó povo?

Pois se Deus infunde a sciencia no teu rei para negar a sancção á lei que tu fizeste, não lh'a influirá tambem para fazer uma nova lei? ou Deus traduzirá só por meio d'elle a negação do progresso, do movimento, da evolução?

No primeiro caso submete-te ao despotismo bruto da realza, porque a lei de Deus é boa; no segundo affasta quem te impede a marcha no caminho do teu fim.

Ou o absolutismo despotico, ou a republica democratica: escolhe.

O governo constitucional é a negação de ambos, querendo-os harmonisar: nega a inspiração pelo direito, nega o direito pela inspiração; é a aniquilação social. E por isso nós, como o absolutismo é um cadaver hirtto, gelado, d'aquelles de que o Christo diz: *quis vadit non redit*, affirmamos com segurança e convicção a democracia republicana.

LISBOA, 29 DE ABRIL DE 1873

(Do nosso correspondente)

Tornava-se por ventura urgente um *caraco* preambular á serie de correspondencias que hoje enceto para esta folha. A epoca é de profissões de fé, mas o publico, já costumado a contar por ellas as apostasias, tem direito a duvidar da sinceridade dos crentes. Nas massas existe em larga escala o espirito synthetico, arriegado pelos desenganos d'um modo profundo. Vai, porém, elle em onda impetuosa e desordenada e confunde por vezes na sua condemnação as boas e leaes vontades e as leaes e justas aspirações.

E' por tudo isto que se torna mister o trabalho austero sem a mira na opinião. Os fructos d'esse trabalho lento e vigoroso não de surgir irresistivelmente por mais que as coleras se agitem e por maior que seja a obstinação dos nescios, mais para temer que a resistencia dos tartuffos.

Tracta-se, porém, de uma correspondencia lisbonense. O encargo é leve, diga-se para evitar gratidão. Ardua seria a tarefa de acompanhar o movimento incolor da leal cidade, registrado por qualquer folha innocente. Esse movimento seguimos com a vista, em quanto não vier a hora do tedio, sem embargo de haver, nesse mesmo movimento geral, uns parentheses para toda a seriedade. Indical-os-hemos.

—O assumpto mais importante d'estes ultimos dias foi—a noite de 19 do corrente na Federação Academica: noite de commoções e esplendida noite aquella! Valhamnos estes oasis no deserto do Absurdo e nos vastos dominios da deusa Estupidez!

Fallou o antigo batalhador da antiga *Revolução de Setembro*, Luciano Cordeiro. A sua conferencia foi um modelo de nobre colera e de generosa audacia, firmada na solida base d'um estudo consciencioso. Tractou da *sciencia na Revolução*. Por aquella explicou esta. Por aquella explicou tambem o grande facto logico e fatal da communa de Paris, sobre o qual têm tripudeado, desde muito, os mercenarios do jornalismo nas azas d'uma estúpida burguezia. Foi calorosamente applaudido.

Recitou em seguida versos, formosos versos, inspirados, vehementes, admiraveis versos, aquelle esplendida Guerra Junqueiro, que hoje conhecemos todos e todos admiramos. Suspirou, cantou, bramiu, trovejou; empunhou o latego terrivel das grandes coleras e sobre as faces dos infames choveram despidosamente as vergastadas, impellidas pela mão terrivel do moço poeta e do notavel pensador.

Guerra Junqueiro acordou no auditorio, na maioria, composto de homens de hoje, e por ventura de obreiros de amanhã, a cons-

ciencia indignada dos vinte annos puros. A cada estrophe respondia um bravo; no fim attingiu-se o delirio. Foi uma impoente ovação...

Gomes Leal e Guilherme de Azevedo, que se achavam no auditorio, acceederam aos rogos de varios amigos e admiradores seus, e abrilhantaram a festa esplendida, recitando algumas das suas mais bellas composições.

Foi uma noute para os moços, para os que creem e esperam e luctam e vão sofrendo.

—A imprensa politica occupa-se nos costumados misteres: as folhas regeneradoras alcunham de ineptos e corruptos os partidos, reformista e historico. Cada um dos orgãos d'estes partidos retribue cortezmente as amaveis expressões. Os habitantes de Lisboa são assaltados pelos ladrões quasi todas as noutes; a policia acompanha, nos seus passeios e digressões, Fontes—o immortal.

—O *Dizrio Illustrado* continua a exercer a industria das charadas, accumulando a de insultador official dos homens publicos de Hespanha. Paga-se-lhe para isso e no fim de tudo, segue uma vocação...

—Sahi o primeiro numero de um jornal intitulado *A Monarchia*. Apresenta-se como fustigador da corrupção politica, etc. E' anonyma a redacção. Mais um...

—Projecta-se formar uma empresa editora de obras democraticas, traduzidas e postas ao alcance do povo. O pensamento é louvavel e sel-o-hia mais ainda se o povo aprendesse a ler...

Será razoavel idéa a do jornal noticioso que no alto da sua primeira columna inserisse diariamente em grossos caracteres o seguinte memorial:—O POVO PEDE ENSINO. OS PROFESSORES PRIMARIOS PEDEM PÃO.

Em logar d'isto vemos a imbecilidade em duas linhas sobre o estado de saude da real familia.

E' tudo notavel.

—Corre, com visos de verdade, que as famosas cartas do *Centro misto republicano hispano-portuguez* foram elaboradas por ordem do governo, o qual sustenta d'este modo o estado de inquietação da burguezia credula.

E' enganoso.

—Com os boatos da saida proxima do actual ministro do reino—A. R. Sampaio—do poder, coincide o de immediatas violencias, exercidas pelos seus collegas de hoje sobre os homens que em Lisboa mais se têm distinguido pela sua rebellião aos decretos do Estabelecido.

Ha todas as razões para suppor que só a presença de Rodrigues Sampaio tem impedido o cair da mascara regeneradora e monarchica. Caia de uma vez!

—Um jornal ridiculo que se publica em Lisboa sob o titulo de *Crença Liberal*, redigido por um homem que é na rua o alvo dos apupos do rapazio e que serve de intermediario em negocios amorosos(1); esse papel em que collaboram mais um irmão do citado redactor e alguns sujeitos desconhecidos, apresentou ha dias um projecto razoavel, que é a meu ver uma larga synthese de projectos occultos e tenebrosos: *frigor os republicanos*.

Ha de ir longe este homem; tem os requisitos necessarios para a vida publica num paiz como este:—é mau e tolo e, sobre tudo, *accumula*...

Nada mais por hoje.

S. P.

O auctor do opusculo — *O escolho da Republica*, envia-nos a seguinte carta:

Cidadãos redactores.

O *Tribuno Popular* d'esta cidade, sentindo-se ferido, muito e muito, nas suas susceptibilidades *theologicas*, pelo opus-

(1) Pedro d'Alcantara.

culo — *O Escolho da Republica*, lembrou-se de, com toda a força da sua raiva, tocar a rebate contra o dicto opusculo e contra mim. Não lhe era só bastante pôr-se á frente das beatas e santarões para, em côro, entoar a ladainha anathematismica (elle bem sabia que eu me ria d'isto); e então para produzir maior effeito, não só adultera umas cousas e confunde outras, como bem lhe convem, mas recorre ao seu espirito inventivo, em que parece ser riquissimo, e assaca-me algumas *pias* calumnias.

Sei d'isto, e mando na sexta feira ultima um communicado á redacção d'aquelle periodico para restabelecer a verdade, esmagar o calumniador e pôr bem patente a *má fé* de que estava envenenada a local, em que se tocava a rebate.

O procedimento do *Tribuno Popular*, em relação á satisfação que devia á verdade, corresponde perfeitamente á provocação que fez. Diz elle, pois, no seu numero de sabbado ultimo:

«Recebemos uma longa correspondencia, assignada por Silvano Marcão, que não podemos publicar, entre outros motivos, por não satisfazer ás exigencias da lei.»

Provavelmente esses outros motivos são algumas *beatificas* hypocrisias, não?

Em quanto ao motivo com que elle quer cortar a questão em relação á não publicidade do communicado, parece-me ter mais de subtil e sophistico, que de verdadeiro. A grande lei, neste caso, era a do brio, da honra e boa fé—o cavalheirismo, e então pergunto se esta lei não existe para s. s.?

O publico desapaixonado que veja, pois, a *boa fé* do *Tribuno Popular* a este respeito.

Pela publicação d'estas linhas ficarvos-ha muito grato,  
28 | 4 | 73.

O vosso correligionario  
Silvano Marcão

## NOTICIARIO

A imprensa de ambos os paizes tem-se occupado de um certo club republicano iberico e tem feito grande bulha com este pretendido club, que de um momento para o outro poria em risco a independencia portugueza, no dizer d'esses homens. Os indignos instrumentos de que um certo numero de folhas periodicas do paiz têm lançado mão para desaoreditar a vizinha republica levam-nos a crer que o tal club é uma d'essas sublimes invenções com que os habeis manejaes da calumnia e da *má fé*, pretendem indispor a opinião do nosso paiz contra os homens que se acham á frente dos negocios publicos na Hespanha; homens que a uma elevada intelligencia unem um nobre caracter, um espirito de dignidade superior ás mesquinhas concepções dos nossos politicos tacanhos. Como estamos na brecha, iremos observando a marcha d'este negocio, e depois pediremos contas severas aos indignos factores de taes boatos. A republica está muito acima d'essas pequenas cousas. Talvez o tenebroso espirito das nossas chancellarias por aqui ande. Estamos para ver mais essa indignidade, que talvez lhes custe cara.

A republica em Hespanha avança e conquista cada dia novas adhesões da parte da opinião; o carlismo diminue cada vez mais. Os seus *condottieri* são derrotados por toda a parte. Gaballs, o laureado pela prodiga mão do tyrano, com o titulo de conde de Berga, já se não sabe aonde pára. D. Af-

fonso fugiu para a França com todo o seu estado maior.

Que resta ao pretendente? Ir lavar as mãos com agua beuta e commungar em nome do altissimo e descançar até que um anjo lhe venha annunciar a hora de ver da novo a Hespanha em chammas.

Cousas da religião!... cousas da monarchia!...

Muitos jornaes francezes publicam a seguinte declaração, que é importantissima:

«Em presença das adhesões publicas que da parte de alguns membros do conselho municipal de Paris, tem encontrado a candidatura official, julgamos do nosso dever fazer conhecer tambem a nossa opinião. Não votaremos no sr. de Rémusat. Convençidos de que a politica de equívoco, inquietando o paiz, é o verdadeiro obstaculo ao desenvolvimento do trabalho, dos negocios e da prosperidade publica, não podemos votar no membro de um gabinete, cujos actos tem sido inspirados por essa politica, e cujos projectos constituintes ameaçam, mesmo neste momento, a integridade absoluta do suffragio universal e a liberdade da futura Assembléa. Queremos dar força ao governo, mas uma força que elle possa empregar no serviço da republica, e não contra os interesses democraticos. Votaremos no antigo *mairé* de Lyon, Barodet, cuja candidatura significa: *Respeito das franquias municipaes; dissolução da Assembléa; integridade do suffragio universal; convocação de uma Assembléa unica, só a qual poderá, pela amnistia e levantando o estado de sitio, apagar os vestigios das nossas discordias publicas.* (Seguem as assignaturas): Allain-Targé, conselheiro municipal; Arraut, Cadet, Cantagrel, E. Chevalier, Clémenceau, Cérat, Denizot, Dumas, Dupuy, Floquet, Frébault, de Hérédia, Jacques, Jobbé-Duval, Leneveu, Lackroy, Loiseau-Pinsin, Nadaud, Perrinelle, Banc, Thulic, Vauthier.

A isto só resta acrescentar que o grande republicano venceu a eleição por 180 mil votos.

Alegre-se a democracia por obter mais este triumpho.

Acha-se entre nós o actor Cesar de Lacerda e sua esposa. Vão dar algumas veztas no theatro Academico.

## EXPEDIENTE

**Por motivos especiaes não pôde este jornal ter uma publicação bisemanal. Os srs. que assignaram por um trimestre ficam em consequencia d'isto considerados como assignantes por um semestre.**

Pedimos aos cavalheiros a quem enviamos o jornal, o favor de nos remetterem o 1.º numero, no caso de não quererem ser nossos assignantes.

A's illustres redacções dos varios jornaes a quem enviamos o nosso pedimos a troca.

**No deposito de Sabão, situado na rua da Sophia n.º 59 e 61 vende-se avulso este jornal e ahi se recebem assignaturas.**

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . 300 reis, semestre de 30 numeroes. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 30 reis.—Anuncios 30 reis cada linha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couroça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 8 DE MAIO

N.º 2

## POLITICA PORTUGUEZA

Estamos em momentos decisivos, em momentos em que a sciencia politica tem altos deveres a cumprir, extremas infelicidades a evitar.

Pois que a fecunda experiencia da historia nos veio mostrando que os povos, em todas as suas evoluções, hão sellado as grandes obras de regeneração com grandes dôres, com grandissimas afflicções, como se um Ahriman impetuoso, um espirito terrivelmente sinistro pairasse incessantemente sobre as lutas psychologicas da alma, acompanhando-a em suas creações; hoje, que grandes acontecimentos se preparam, que um novo dia geniastico annuncia uma nova luz á consciencia do genero humano, não será bom, e, sobre tudo, não será justo que a sciencia vá desbravando o terreno, abrindo a estrada, por onde em breve teremos de caminhar?

Sim; ao espectáculo do desmoronamento de uma civilização, que foi grande, que fez as delicias de nossos paes, que nos embalou no berço juntamente com a voz suavissima de nossas mães, mas que agora temos de combater, porque já não possui energia e fecundidade, sufficientes para encher nossos corações, alargados pelo calor intellectual que dilata successivamente as espheras do espirito humano; em face da dissolução politica e economica que ameaça as bases organicas, os modos de ser da sociedade em que vivemos, é necessario que os pensadores desinvolvam natural e regularmente os germens do mundo que ha de vir, mais bello e esplendido, porque será mais livre, mais justo, porque terá uma consciencia mais pura, uma idéa mais elevada da dignidade do homem.

Alguns, ignorando as leis da natureza e da sociedade, desconhecendo o movimento que precipita as coisas com velocidade superior ás nossas previsões, allumiados por uma luz que os inibe de ver bem ao longe, e ás vezes seduzidos, dominados mesmo pelo interesse; procuram

transformar as phases transitorias da marcha da Humanidade em phases permanentes, fazendo do *statu quo* um estado perfeito, um viver edenico.

São estes os que trazem as grandes afflicções aos povos; os que, em vez de lhes prégar as realidades, embora asperas, mas salutaes, preferem erguer um coro suavissimo de melodias, que os adormecem temporariamente para acordarem em seguida mais terríveis, inflamados pela colera que se gera em um coração illudido, colera que, transportada á vida pratica, produz as grandes tempestades sociaes, as revoluções, os julgamentos severos e audazes dos crimes de uma epoca inteira.

A qualidade de homens republicanos impõe-nos o dever de ser mais francos, de trazer ao mundo aquella grande virtude de esclarecer nossos irmãos; virtude que os systemas monarchicos nunca comprehendieram, contrariamente ao systema democratico que a insere entre as suas idéas fundamentaes.

A sociedade portugueza está enferma, está minada por grandes vicios, agitada por encontradas paixões, ansiosa de melhor estado, ancia mal definida, mas real, filha de necessidades também reaes, que affectam as suas condições de vida, os seus modos de ser. Quem alliviará de tão grande responsabilidade a politica miseravel d'este paiz? Quem ousará erguer a voz em pró dos nossos homens publicos depois do espectáculo vergonhoso de quarenta annos de lutas inglorias?

Os povos vivem de paz, de fraternidade, de harmonia; sustentam-se pelo amor; florescem e desinvolvem-se pelo equilibrio dos interesses individuaes e collectivos; moralisam-se pela educação; educam-se pela liberdade.

E como seria possivel tudo isto, que é bom, que é justo, quando o ideal dos nossos partidos politicos foi o odio, a vingança, a guerra systematica aos homens, o desprezo pelas idéas novas, a reacção contra o futuro, o que lhe acarretou grandes

desgostos, privando-os de força moral, de confiança na opinião publica, juiz inflexivel a cujas decisões não é possivel escapar?

O que resta das ruidosas orações com que enchestes nossos parlamentos? Que principios de vida inoculastes na alma d'este paiz, que silenciosamente tem esperado pelas vossas reformas? Como respondestes á geral anciedade de bem estar moral e material, que o povo portuguez ganhou, depois de emancipado da tutela escandalosa do absolutismo, depois de purificado da immunda lepra do jesuitismo e monarchismo tradicional?

Não temos resentimentos pessoaes, não vimos animados de indignação; obedecemos á consciencia, que nos impõe a obrigação de dizer a verdade, de apresentar com toda a independencia o que foi, o que é, o que pode ser a politica portugueza, inspirada pela realza, e o que deve ser, inspirada pelos principios da democracia.

Vamos pôr as mãos sobre as chagas de uma sociedade. Não importa. O cauterio é impossivel sem conhecer a origem do mal. E os males sociaes são aquelles que têm uma cura mais difficil. Devéras custa dizê-lo; mas diante das pretensões de uns tacanhos publicistas, que no estado de cousas, como traduzindo fielmente as aspirações da actualidade, não é possivel ficar calados.

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Consolida-se a republica em Hespanha. Expurgando-se dos antigos elementos monarchico-radicaes que a maculavam, derrotando por toda a parte o carlismo barbaço e carniceiro, começa o periodo organico que a ha de constituir definitivamente. Presente-se desde já o ardor das gran-

des lutas, o entusiasmo e a fé viva da constituinte, que ha de sem duvida abrir uma epocha nova nos annos da Peninsula hispanica. D'ella ha de brotar a luz, a sciencia e a instrucção que nos deve regenerar, e pôr á frente das nações do continente.

D'ella ha de partir o brado que tem de lançar por terra esta velha e decrepita monarchia, que tantas desgraças trouxe a este pequeno paiz, chamado Portugal.

Renovar-se-hão os periodos passados da nossa gloria maritima e commercial.

E' fatal esta evolução das pequenas nações, as quaes, quando se guiarão unicamente pelo bom senso e pela politica natural, seguirão sempre as grandes em todas as manifestações do espirito e da actividade humana. Portugal effectuará a forma politica da Hespanha; será a federação republicana do occidente da Iberia, porque para a Hespanha já não resta duvida que será a republica federal a sua forma politica definitiva. Esta idéa está no animo de todos e até já os partidos moderados não sentindo appoio algum na opinião publica se abstem de ir á urna, se é certo o que referem as folhas de todos os partidos. O que denota tudo isto? E' que a republica unitaria e centralizadora, a monarchia com Carlos VII. com Montpensier, com o principe Affonso, com uma restauração Isabelina e Saboyana, a monarchia com qualquer familia, desapareceu completamente em Hespanha.

Debalde os defensores do throno e do altar se esforçam por demonstrar que esta abstenção da urna nestes momentos tão criticos em que se trata de refundir uma sociedade pelos fundamentos, não é um signal de fraqueza ou covardia, mas sim um passo de bom senso, uma especie de medida preventiva para não causar revoltas e commoções violentas.

Causa riso vel-os discorrer assim. Elles que não tem vivido até hoje senão da insidia, de traição e de revoltas; elles, que

## FOLHETIM

### NOITE NAPOLITANA

E meia noite: a abobada estrellada  
No mar unido espelha os diamantes;  
Napoles dorme triste e sosegada  
Ao som das frescas aguas murmurantes.

Os guinchos d'um engenho estrepitantes  
Vibrando vão a brisa perfumada;  
Não gemem as guitarras soluçantes  
As canções d'amorosa serenada.

As Julietas, tremulas de pejo,  
Deram a face ao aprazado beijo,  
E as janellas fecharam-se aos amores.

A praia é solitaria: na bahia,  
A lua, reflectindo-se, alumia  
Uma lancha de tristes pescadores.

## GUERRA!...

(ESPRONCEDA)

Ouvis? é o canhão. Meu peito, ardendo,  
O cantico de guerra elevará,  
E ao echo rouco do canhão, vencendo,  
A lyra do poeta vibrará.

Contemplo o povo, que a orgulhosa frente  
Levanta já do pó em que jazia,  
Altivo em seu valor, omnipotente,  
O terror da insolente tyrannia.

Rumor de vozes sinto;  
Vejo no ar o flammejar d'espadas  
E desfaldar bandeiras;  
E repetem o som as escarpadas  
Rochas dos Pyreneos;

A Cadiz estremêce o fundamento;  
Scintilla em seu aspecto

O fogo marcial, que lambe o peito,  
E em generoso acento

A PATRIA E A LIBERDADE erguem aos ceus,

Oh! ao grito da patria,  
Companheiros, vôemos,

Estas armas vibremos,  
Que intrepida nos dá.  
Depois, em nossos braços,  
Ufanos a enlacemos  
E ao mundo proclamemos:  
«A Hespanha é livre já.»

Vede-os, vede-os, em sangue,  
E em lagrimas banhados,  
Rirem dos desgraçados,  
Gozar em nossa dôr!  
Oh! fim sómente ponha  
Sua morte á contenda,  
E cada golpe accenda  
Em nós maior rancor.

Oh! sempre, doce patria,  
Pura alma generosa!  
Liberdade! pod'rosa  
Magia tu nos dás!  
Teus inclitos pendões,  
Que tu, Hespanha, agitas,  
São as rubras fitas—  
—Raios do iris da paz—

Em meio d'esse estrondo  
Do bronze pavoroso,

Teu grito prodigioso  
Se sente resoar;  
Esse grito a que as almas  
Stremecem de alegria,  
O nome que essa impia  
Catelya ha de matar.

Quem ha, oh! companheiros!  
Que ao bélico redobre  
Não sinta o peito nobre  
Com jubilo pulsar?!  
Oh vede, scintillantes,  
Como nuncios de gloria,  
Reflexos de victoria,  
Nas armas rebrilhar.

As armas! cidadãos! morte aos carlistas!  
Do sangue infiel, oh! com bramido horrendo  
Profundos rios vão ao mar correndo,  
E todo o Oceano, atônito, contemple  
Suas margens pelejadas  
Desse sangue traidor purpleadas.

Ruja o canhão; o cantico de guerra,  
Povos livres, fazei já retumbar!  
Vêde! descendo á opprimida terra,  
A liberdade os ferros vem quebrar!  
C. DE C.

não têm vivido até hoje senão a conspirar pela liberdade contra a monarchia, e pela monarchia contra a liberdade; elles, que têm accendido infinitas vezes a guerra civil no seio da patria, abstem-se de entrar na luta, porque não desejam originar perturbações! que logica e sobre tudo que consciencial!

O que é essa nova constituinte, dizem elles, senão um composto de delegados dos clubs federaes?

Que auctoridade pode ella ter perante todo o paiz?

Este systema é commodo para argumentar: tem só um defeito; pecca pela base: é falso.

A columna foi sempre a arma predilecta dos partidos conservadores.

Vinde cá, reaccionarios e monarchistas: pois se vós sois a maioria; pois se vós é que sois a representação nacional, porque não ides á urna onde tendes a certeza de vencer?

Não está toda a Hespanha em paz pela parte dos republicanos? Quem vos intimidada? Vamos, vamos, á urna, á urna!

E' tempo de acabarmos com estes subterfugios; sede francos: dizei que o systema monarchico morreu para sempre em Hespanha a 11 de fevereiro de 1873, e que hoje a vossa voz se perde no deserto sem deparar um peito sobre que echôe.

Dizei, pelo contrario, que sois despresados por todos, dizei que já ninguém vos attende nem ouve as vossas supplicas e imprecções contra a nova forma de governo; reconhecei que a Hespanha não podia viver n'aquella continua mutação de homens politicos, passando diariamente da liberdade ao despotismo militar, d'este ao fanatismo religioso e inquisitorial; assim degradada aos olhos da Europa durante 40 annos de governo constitucional, assim impobrecida e tornada uma das mais miseraveis nações da raça latina.

Por isso virá a constituinte. Ouviremos de novo a voz dos Padilhas e de João Bravo.

O palacio das camaras será a imagem do que foram as antigas côrtes de Castella e Aragão; e o que outr'ora não puderam fazer estas, pugnando por seus fóros e privilegios, conseguil-o-ha hoje aquelle. A justiça na historia gasta séculos para realisar-se, mas a final soa para ella a sua hora. De Hespanha passemos a França.

Ahi triumphou nas ultimas eleições supplementares o partido avançado da republica.

Em Pariz venceu Barodet por uma grande maioria. Esta eleição exprime a necessidade de mais clareza e decisão no governo da republica franceza. E' uma resistencia ao governo transitorio do mr. Thiers; e denota bem que se entra no periodo definitivo da republica. A França deixará de apresentar então esse espectáculo vergonhoso e iniquo dos fusilamentos, que ha 3 annos estamos presenciando com uma barbaria e insensatez, propria de quem só não possui entranhas.

No departamento das Bocas do Rhodano venceu tambem o candidato republicano, Lackroy, contra Federico Passy, conservador. A mesma coisa succedeu em Bordeaux, no Marne e em todos os mais departamentos onde houve eleições supplementares, excepto num, o Morbihan, onde o candidato legitimista obteve uma pequena maioria.

Em Inglaterra desinvolve-se desmedidamente o partido republicano e falla-se numa manifestação á favor da republica hespanhola.

As nações do norte e oriente da Europa occupam-se actualmente com a exposição de Vienna d'Austria que se abriu ha pouco. Sómente ainda algumas nações se acham representadas e entre essas conta-se a nossa.

E' impossivel que sendo o sr. Fontes ministro e presidente de ministros não tomasse uma parte activa neste objecto que se accomoda tão bem com o seu paladar de festas, espectaculos e cavalhadas.

*Carta de Luiz Blanc em resposta ao convite feito pelos centros, parisiense e republicano, para assistir ao jantar particular, offerecido por aquellas associações, em commemoração do dia 21 de setembro anniversario da abolição da realeza em França em 1792.*

Senhores e caros compatriotas— Retirado da França só hoje recebi o vosso convite fraternal. Não poderei achar-me em Paris no dia 21 em que deve ter logar o banquete para o qual vós me convidades.

Será preciso que vos exponha o pesar que eu sinto?

Tive sempre como muito util a celebração pacifica dos anniversarios que relembram um triumpho do direito. Essas festas da intelligencia manifestam o valor tradicional dos principios que pretendem glorificar. Perpetuam a memoria d'aquelles que foram os seus soldados, os seus apóstolos, ou os seus martyres. Servem para medir sobre a estrada das idéas o caminho percorrido e a distancia que falta a percorrer. São, como que, uma resurreição do passado a bem do presente e em attenção pelo futuro.

Terriveis têm sido, desde 21 de setembro de 1792 as provações por que tem passado a idéa republicana: mas essas provações attestam que ella tem força e vitalidade.

Associada durante a revolução franceza a todos os esforços da luta a mais gigante que tem assumbrado a humanidade e abalado o mundo—perseguida violentamente durante o primeiro imperio—banida pela restauração—combatida tenazmente por Luiz Filippé—meio afogada no sangue de junho em 1848—reduzida pelo segundo Bonaparte a aguardar em silencio a sua hora, a idéa republicana, vencida algumas vezes, calumniada sempre, provou exuberantemente que ella é indomavel. Mas o que ella tambem provou, é que no dia das supremas angustias o seu poder era o unico para o qual a nação inteira naturalmente appellava. Qual foi em 1792, perante a Europa colligada contra nós, e em 1870 depois do desastre de Sédan o grande brado levantado pela França? A patria está em perigo: Viva a Republica!

Tanto é verdade que a Republica, o regenerador por excellencia em tempos normaes, é em tempo de crise o unico governo salvador! Há pois tanta ingratição em maldizel-a, como loucura em atacal-a.

Eu disse loucura em atacal-a, porque se alguma conclusão se pode tirar da historia moderna da França, é que o primeiro imperio, a restauração, o governo de julho, o segundo imperio não foram no drama da conquista da liberdade senão entre-actos; pois que o movimento dos espiritos se desenvolveu durante esses tempos por modo continuo e rapido embora ás occultas, e se a França pareceu querer adormecer monarchica, foi para despertar mais republicana.

Seibam-no pois os realistas: a republica, cujo nascimento os nossos annunciavam em 1792 aos povos do velho mundo, nasceu immortal.

Se mais uma vez conseguissem retirar-a da scena (o que será impossivel) uma revolução em breve a reconduziria inevitavelmente. Isto comprehende-o hoje todo aquelle que não está obcecado pela paixão de lançar-se impensadamente ao meio de novas agitações; é isto ainda que explica a irresistivel diffusão do sentimento republicano no nosso paiz.

Cada dia se torna mais clara a causa da ordem, bem como a da liberdade.

Gloria aos bravos que a 21 de setembro de 1792 nos legaram esta dupla victoria para a continuarmos e completar! No proximo 21 estarei pelo coração e pelo pensamento convosco e com todos aquelles que nesse dia beberem como vós, á memoria dos fundadores da republica e ao

estabelecimento definitivo do regimen republicano.

Saude e fraternidade, 16 de setembro de 1872

Luiz Blanc

## ADHESÃO POLITICA

(Aos redactores da REPUBLICA PORTUGUEZA)

Filho da geração actual, com as crenças e o entusiasmo da mocidade, que é sempre a primeira a acompanhar as evoluções progressivas do espirito humano, considero dever impreterivel saudar, intima e fervorosamente, o apparecimento do jornal do partido republicano, em Coimbra; facto jubiloso para os que professam do coração as idéas avançadas da democracia, e em cujos peitos se multiplicam as mais nobres aspirações pela causa do bem, do justo e da moral.

Estou do vosso lado, corajosos lidadores da idéa nova, e ufano-me de alistar-me nas vossas fileiras sem que alguém possa, com verdade, increpar-me de ser hoje, em politica, o que não fui hontem. Tenho vivido fora do contacto dos partidos, que ahi se degladiam systematica e vergonhosamente. Appellidam-se monarchicos, e, consoante com o credo symbolico da realeza, tenho visto que se occupam mais com o engrandecimento pessoal e da conquista do poder, embora á custa de muita intriga e muita baixez, do que do bem estar da sua patria, da felicidade dos seus concidadãos, da propagação dos principios de equidade, justiça, moralidade e reformas uteis. Esses partidos, ou, antes, essas facções que ahi se hostilizam, não pelo triumpho de uma idéa santa, noble e digna, não pelo amor á causa do progresso da humanidade, expressado em tantas concepções brilhantes, mas sequiosos pelo ouro pel do mando, pela cubiza do prestigio auctoritario; essas facções—convencam-se os incredulos—ainda que o espirito moderno dos povos não se insurreccionasse já contra as instituições monarchicas, concorreriam bem depressa, pela sua falta de fé politica, pelos desgramentos e planos artificiosos das suas administrações, tão infelizmente conhecidas, para a queda da monarchia, ao abrigo da qual se encheram de honras e proventos para mais cedo a comprometterem.

E agora, que começam talvez a ter remorsos da esterilidade das suas lutas; que vêem em caminho de organização o partido republicano em Portugal, que presenciaram o resultado significativo das eleições supplementares em França, e que estão em vespuras de assistir ás eleições da Hespanha livre, é natural que, para entibiar os nossos esforços, ou menoscarbar as nossas intenções, tenham a pretensão de se inculcarem á altura das necessidades da epoca, compenetrados apparentemente dos desejos de procederem ás reformas sociaes, que descuraram, para terem tempo de tratar de si, dos seus compadres e dos seus amigos!

E' tarde, porém! Os partidos monarchicos vão perdendo a força, porque vivem desconceituados e estão gastos.

São conhecidas as suas tendencias, completamente oppostas ás idéas do tempo de hoje, que não transige com a tradição e menos com velharias absurdas, mas que segue a onda revolucionaria do progresso, trabalhando para que se approxime a hora de uma completa regeneração social. Para que ella se dê, é necessario que a democracia erga aqui desafogadamente a sua bandeira, leve bem longe a sua propagação, faça visiveis as suas idéas e os seus trabalhos. Democracia e monarchia, são, quanto a mim incompativeis. Onde houver realeza, não pode deixar de haver servilismo. E a democracia apostolisa a egualdade perante a lei, não admittit aulicos perante o poder. Ha finalmente um abysmo

entre a caducidade das monarchias e a effervescencia da democracia.

A' republica está por tanto reservada uma missão de todo o ponto seria e grave: dirigir o movimento revolucionario da idéa nova, educar o povo para o tornar conscio dos seus deveres e direitos, para o fortalecer nas suas aspirações de liberdade, para o encaminhar em todos os committimentos que tenham por fim o bem-estar social, de que anda tão afastado.

E' tempo de tirar ao povo as algemas da ignorancia; é tempo de o ver investido da soberania em que lhe fallam os partidos monarchicos para o explorarem, não para o protegerem! São como os padres, que, dizendo sempre que o seu reino é lá em cima, aproveitam habilmente a realidade cá em baixo!

O partido republicano, em Portugal, tem muito que trabalhar para levar a cabo a sua obra. Não ha de, porém, sossobrar porque, quando no seu começo não tenha a força, tem a vida, tem a mocidade com todo o ardor das suas idéas livres e todo o entusiasmo das suas convicções e aspirações generosas. Faça elle bem patente o seu programma, no qual sejam principios fundamentaes: o desenvolvimento da instrucção popular, a ampliação de todos os direitos individuaes; a garantia e a liberdade de associação; proclame a liberdade de consciencia, e ponha em acção outras necessidades inherentes ao organismo sadio de uma republica com ordem; e verá que não lhe faltam adeptos, nem deixará de acompanhar menos dignamente a Europa pensadora no empenho constante em que labora de transformar as sociedades, escravas de hontem e opprimidas de hoje, em povos livres de amanhã.

A Republica Portuguesa iniciou e desenvolverá, pelo decurso do tempo, o programma do partido, de que é orgão na imprensa.

Completamente identificado com a indole d'este jornal, até onde cheguem os humildes recursos da minha intelligencia, esporearei, com a lealdade e o desassombro dos vinte annos, a causa que elle advoga.

Lisboa.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

### O QUARTEL DE CAVALLARIA EM BRAGANÇA

Dizia o *Diario Popular* de sexta feira 2 de março, referindo-se á proxima sahida do regimento de cavallaria sete, de Santarem para Bragança, que o quartel d'esta cidade era um casarão velho completamente em ruinas e donde se tirou ha tempo um corpo de cavallaria porque o edificio ameaçava dar com os habitantes em vasa-barris.

A redacção d'esta folha que é na maioria composta de mancebos d'aquella provincia, tem a declarar ao illustre collega salvo o respeito que lhe deve a sua opinião, uma das mais independentes do nosso paiz, que não foi bem informado das condições de solidez e salubridade em que se acha aquelle aquartelamento. Não é palheiro nem velha ruina, nem o sitio, sobre que está assente, é local de imundices.

Eleva-se sobre uma collina sobranceira á cidade, é arijado, ventanoso até. As construções são novas geralmente, e o unico defeito no nosso intender, que possui, é ser talvez apoucado para ahi poder estacionar um corpo completo; mas para isto há remedio: augmenta-se ou tem-se sempre esquadroes destacados, como se faz com muitos outros.

O collega talvez fizesse estas observações, porque talvez ainda se lembrasse da grande mortandade dos cavallos, quando o regimento esteve alli pela primeira vez; mas isto teve outras causas, as quaes são hoje do dominio do publico brigantino.

Os cavallos não morriam por falta de condições higienicas ou climatericas; o caso é mais singular, morriam á fome.

Em quanto ao que o collega diz com respeito aos incommodos da viagem e ao peso com que sobarregam os povos com

os aboletamentos, estamos de accordo, que é um grande mal; mas nada prova que este regimento ou outro, não deva estacionar em Bragança; em primeiro lugar, porque as rações de pão e mais comestíveis para os cavallos são mais baratos do que em qualquer outra parte; em segundo, ainda porque o próprio local do quartel se presta a manobras militares, pela sua posição que domina a cidade e a defende, por um lado, de todo e qualquer ataque exterior.

Agora só mais duas palavras.

Não nos admira que o collega não tenha sido bem informado a este respeito, pois que, quem falla d'esta provincia entre nós, é como se fallasse da Laponia ou da Conchinchina. Nenhuma ha que tenha sido tão despresada.

O governo constitucional que é o reinado do ouro dos grandes capitalistas das cidades, mancomunados com o lixo e mercantilismo das intelligencias, tem produzido em todos, todos os mesmos resultados. Embellezam-se as grandes cidades à custa das provincias e das pobres aldeas para que suas srs. mamons do dinheiro, para que suas excellencias os srs. nababos passeiem commodamente nas suas veloses e vistosas carroagens.

Theatros, ruas de asphalto, magnificos palacios, festas publicas de regosijo nacional, corações, dinheiro para viajar sua magestade e os seus filhos e seus netos, os bisnetos e as suas tias e os seus tios e o seu bisavô, toda a parentella real, emfim desde D. Affonso Henriques, desde talvez o rei David, tudo paga a pobre provincia, tudo paga e nada d'isto possue. Para não a descontentar de todo vae-se visitar um dia por desfastio.

Em recompensa de tanta dedicacão, a capital ou as capitais começam por ignorar o que se passa na provincia. A provincia é para a capital uma terra de exploracão, uma coisa de conquista; tira-se-lhe o mais que se póde. A provincia é bagueado que, quanto mais se exprime, mais como rende. Quem mais dá?

E apparecem logo os Torquemadas politicos, os Campilhos e mais, que lá põem a pobre provincia, cada qual por sua parte, em hasta publica.

A provincia de Traz dos Montes parece que foi talhada de molde para ser o retrato odioso do perverso effeito da accão deletéria da monarchia. A monarchia tem-na deixado absolutamente esquecida. Nem estradas, nem caminhos de ferro, nem instrucção, nem estabelecimentos de credito publico, nem escolas de instrucção, nada absolutamente nada: eis o que a monarchia tem dado á provincia de Traz os Montes. Eu não me admiro que toda a mocidade academica coimbricense e do Porto e de Lisboa, d'aquella provincia seja republicana, o que me espanta, o que me custa acreditar, é que ainda haja lá um monarchista.

Uma reles estrada de Villa Real até Bragança, levou mais de vinte annos a construir-se. O caminho de ferro chegará lá no dia do juizo final se a monarchia continuar a existir. O lyceu de Bragança está reduzido a 2 professores que não sabem nem podem saber, porque não tem habilitações para ensinar tudo, embora as tivessem, vedava-lh'o o tempo. Uma provincia populosa e extensa como é, todavia não possue um unico jornal.

Alli passa tudo desapercibido; só os factos immensamente escandalosos chegam a ser do dominio do publico. A maior parte das pessoas não sabem ler. O clero participa d'esta anestesia commun.

E não se diga que o terreno é maninho, ou pouco productivo, que os seus habitantes são de trato rude e de faculdades pouco intellectuaes, nada d'isso. A causa é outra. É a ignorancia, e só a ignorancia que a monarchia faz em roda de si, porque lhe convem, que é a causa de tudo isto.

Esta provincia é rica, abundante em cereaes, vinho, azeite, castanhas, fructas e legumes; podia exportar uma grande quantidade de todos estes objectos, mas a monarchia não lhe faz estradas; e os seus productos não vão abastecer os mercados publicos. A terra não póde produzir tanto, como devia, porque o cultivador não sabe e a monarchia não o ensina a cultivar.

Os filhos d'esta provincia podiam ser felizes, accumulando algumas economias

para a velhice, mas o que o bom regimen propou, livrou das despezas, lá o leva a monarchia para sustentar o seu fausto; a capital para embellezar os seus theatros, as suas ruas publicas, os seus palacetes onde hão de viver os monarchas, ou seus ministros; lá se gasta em espionagem e corpos de policia, lá é dado debaixo do nome de lista civil para o rei ir viajar ou sua tia, ou seu tio, ou seu pae, sua avó, visavó, teteravó e toda a linha em fim de sangue real. A. M.

## BIBLIOGRAPHIA

Compendio de Poetica e Estylo

por

J. SIMÕES DIAS

De passagem vamos hoje fallar num livro, em que já de ha muito deveramos ter tocado. Releve-se-nos, á conta de boa vontade, o involuntario espaço que mediou entre a recepção da obra e a sua modesta apresentação.

É um trabalho de escola, vá-se já dizendo. Escripito para os lyceus, principalmente, não pode, como compendio que é, tornar-se superior em linguagem e em idéa, á intelligencia, ainda pouco desinvolvida, dos alumnos que frequentam as aulas secundarias. E isto mesmo comprehendeu, decerto, o sr. Simões Dias, procurando ser claro, e agradável, sobretudo.

O compendio de Poetica e Estylo é, pois, um trabalho novo — se assim nos podemos exprimir. Aos preceitos aristotelicos, antepõe elle, e com razão, a doutrina de João Paulo, de Schiller, de Leibniz, de Herder, de Hegel, etc. Facilmente notará isto quem quizer attender á bem elaborada classificacão das suas composições poeticas.

Não obsta, porém, este juizo a que nós lhe notemos defeitos, e defeitos gravissimos, talvez. Causa muito para espantar se nos afigura ter o seu auctor encetado este trabalho pela analyse da faculdade do bello, concluindo-o depois pela critica da poesia, em geral. Pois o bello não será, por ventura, uma derivacão da arte? Então como quer o sr. Simões Dias definir o bello, ignorando completamente o ramo de conhecimentos a que elle deve pertencer? E demais a mais, nestes estudos, onde o methodo e a systematisacão, tudo valem e tudo podem, como poderemos nós deixar de ter uma noção de esthetica, afim de mais logicamente atingirmos o nosso fim? Queremos crer que o sr. Simões Dias abstrahisse de uma deducção, rigorosamente metaphysica, mas não poderemos jámais acreditar que o seu espirito em demasia illustrado e claro, muito de proposito se furtasse a estas exigencias de uma boa critica, sã e racional.

E que ninguém veja nestas linhas uma censura, ou por ventura uma malquerença para com o trabalho do auctor. Longe de nós semelhante proposito. O livro é bom, claro e util. Satisfaz rigorosamente ás condições de um compendio, e tanto lhe basta, creio eu.

Entre nós é tanto mais digno de elogio um livro d'esta ordem, quanto é certo que são rarissimos aquelles que abundam nas exigencias do programma official, e saciam a vontade do povo que deseja ser instruido e que tem direito a sel-o. Mais um motivo, sem duvida, para nos congratularmos sinceramente com o auctor d'este trabalho. E aceite o sr. Simões Dias o nosso parabem, que é leal e verdadeiro, como o sentimento que o inspirou.

MAGALHÃES LIMA.

LISBOA, 5 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Escassez absoluta de novidades. O periodo da minha primeira correspondencia

que diz respeito ao *Diario Illustrado* produziu uma questão pessoal. Tomo do periodo em questão a absoluta responsabilidade e nesta data escrevo ao director do *Diario Illustrado* neste sentido. Do resultado darei conta opportunamente.

—Os jornaes *reaccionarios-liberaes* proseguem na sua *propaganda* contra a revoluçãõ de Hespanha. Não escasseiam os insultos e os vituperios: é uma nova feição da critica da historia.

No fim de tudo a terra governada pelo chicote do sr. barão de Zezere devia ser mais attenciosa para com a patria de Castellar e Figueras.

—Não produziu o desejado escandalo o livro do sr. José Gomes Monteiro sobre *Os criticos de Fausto do sr. Castilho*; obteve porém, um triumpho singular com a apreciacão *erudita* da sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão... Sempre o lado comico!

—Sobre o mesmo livro espera-se em breves dias um trabalho notavel do sr. Graça Barreto e refutações dos srs. Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos.

—A *Fraternidade Operaria* tracta da reforma dos seus estatutos em sentido descentralizador.

—O *Diario Popular* colloca o *Diario Illustrado* na galeria em que figuram a *Nação*, a *Patria* e o *Direito* e dá-lhe ao mesmo tempo umas lições de historia moderna. É tempo perdido.

—A bemaventurada *Nação* recebeu com a impassibilidade de velha beata-ex-devassa o desmentido vigoroso do nosso collega e amigo Magalhães Lima sobre as calumnias por ella arremçadas ao illustre redactor da *Correspondencia de Coimbra* o sr. dr. M. E. Garcia. A palavra é alli de pouco peso.

—Está em Lisboa o dr. Pessanha Povoia um dos mais illustres caudilhos da idéa democratica no Brazil e homem de vasta illustracão. Vem a Portugal, tratar de assumptos relativos á exposicão portugueza no Rio de Janeiro.

—A *Bibliographia Critica do Porto* insere no n.º 7 um artigo vigoroso do sr. dr. Theophilo Braga sobre os *Opusculos* do sr. A. Herclano.

—Projecta-se a fundacão d'um jornal socialista. Deve sair em breves dias. É redigido por pennas vantajosamente conhecidas nas pugnas da *idéa nova*.

Nada mais por hoje.

S. P.

A academia de Coimbra veste hoje de lucto. A uma fatalidade inconcebivel succedeu a mais desastrada de todas as calamidades. E que o tumulo acaba de occultar para sempre um cadaver, e um cadaver querido de todos os corações generosos e de todas as almas bemfazejas. Para nós eclipsou-se o sorriso de um irmão e deixou de escutar-se a voz de um amigo sincero. Pobres paes que o choram, e infelizes irmãos, que, neste momento solemne, lhe enviam uma derradeira e sentida saudade!

Falleceu na segunda feira, pouco depois das 8 horas da noite, o estudante do 2.º anno juridico Antonio de Barros Coelho e Campos. Filho do sr. Francisco de Barros Coelho e Campos, de Vizeu, e sobrinho do sr. Luiz de Campos, deputado, — possuia o fallecido moço todos os predicados que distinguem todo o homem de bem. Ainda joven contava elle apenas 19 annos incompletos.

É profunda a dôr para que assim possa exprimir-se. Aos seus honrados paes e a todos os seus amigos nos associamos do intimo d'alma, enviando-lhes estas poucas palavras de consolacão, cuja unica valia é, sem duvida, a lealdade que as dicta. E acceitem-n'as todos que é real a nossa mágoa!

## NOTICIARIO

Dizem-nos que virá brevemente a esta cidade o talentoso escriptor Luciano Cordeiro.

Amo certa mulher que não avisto Senão de longe em longe na janella, Sendo minha tenção casar com ella, Tenção que fiz e de que não desisto.

É a melhor mulher que tenho visto. Alta, morena, grandes olhos... bella! Mas, com medo dos homens que se pella, —Cartas, mais cartas, e não passa d'isto.

A principio gastei bem bom dinheiro Com o gallego nesta contradança, Mas depois variei de portador.

Devo ao Thomaz Antunes a mudanca, Que me arranjou um bom alcoviteiro No jornal que o tornou commendador. (Do *Espetro de Juvenal*.)

Consta-nos que o sr. Carneiro, estudante do 5.º anno de direito, fará brevemente uma conferencia numa das salas do Instituto de Coimbra. Versará especialmente sobre a refutacão do systema philosophico de Augusto Comte.

Esperamos pela conferencia para julgar

Foi solemne na terça feira, o enterro do infeliz Coelho e Campos. Além do acompanhamento de quasi toda a academia, recebeu o cadaver a despedida de dois condiscipulos e amigos; fallou o sr. Antonio Candido Ribeiro da Costa e recitou o sr. Antonio de Macedo.

Uma cousa sómente nos contristou: foi não ver alli os lentes do segundo anno!

O caixão conduzido pelos estudantes do segundo anno, era acompanhado pelos srs. Antonio Jardim, Mendonça Cortez, Luiz Jardim e Julio de Vilhena.

Honra a estes a quem a academia se confessará eternamente reconhecida e grata.

No curso do 3.º anno juridico devem começar na proxima segunda feira, as discussões relativas aos diferentes pareceres dados, para exercicio academico, pelo sr. dr. Garcia. Está na mesa o 1.º que diz respeito ao *territorio e populaçãõ nas suas relações com a organisaçãõ administrativa*, de que é relator o sr. Magalhães Lima.

Foram prohibidos pela congregaçãõ do Index os seguintes livros: — *Biblia desvelada. O dia seguinte ao da morte, ou a vida futura segundo a sciencia. Os direitos civis e a liberdade religiosa dos catholicos. O homem e o animal.*

E ainda querem que os tomem a serio. Santa gente...

Recebemos, e egualmente agradecemos, o folheto *Cervantes e Portugal*, escripto pelo sr. Carlos Barroso. Chama-lhe este cavalleiro curiosidade litteraria, e é dedicado ao respeitavel dr. E. W. Thebussem, barão de Thirmenth.

Vamos tambem ler.

Consta-nos que o sr. Silvano Marcão, auctor do folheto — *O escolho da republica*, vai brevemente publicar um livro — *Nobreza e clero*, onde dará maior desinvolvimento ás doutrinas por elle apresentadas no sobredito opusculo.

Tem progredido bastante a *escola de tiro*, fundada ultimamente nesta cidade, por iniciativa do sr. dr. Mendonça Cortez. Além de uma utilidade manifesta, recommenda-se esta empresa pelo grande desinvolvimento hygienico que d'ahi poderá provir aos seus frequentadores.

Verificou-se no sabbado a recita annua de cada no theatro Academico: — *O chaile de Cachemira, As pragas do Coronel e as Commoções*. Tanto o sr. Cesar de Lacerda como a sr.<sup>a</sup> Carolina Falco mostraram mais uma vez o distincto logar que occupam na scenã portugueza.

Morreu em Versailles a esposa do grande revolucionario e pamphletista Henrique Rochefort.

Depois de escripto o artigo *Affirmação Política* no numero antecedente d'este jornal, tivemos occasião de examinar um excerpto das *Farpas*, em que se seguia uma doutrina opposta.

Não podemos ficar silenciosos ante a indiferença politica affirmada pela redacção d'aquelle folheto; e perguntamos-lhe se ella ou alguém pode comprehender que se realice algum principio, que se traduza praticamente alguma idéa, sem que haja um meio adequado em que possa desenvolver-se?

A redacção das *Farpas* quer a resolução do problema economico, quer que se preocupem os animos com a questão social; mas sempre queriamos saber como isso se podia realizar, quando a formula politica é insufficiente para garantir o direito.

O problema social em sua maior amplitude é a realisação pratica da justiça, e sendo a forma de governo o meio adequado á sua realisação em uma dada epocha, como poderá haver quem imagine a resolução dos principios da justiça actual em uma forma de governo de ha dois seculos?

As *Farpas* poderão comprehendel-o; mas nós aconselhamos-lhe que, para não serem *farpeadas*, *farpeem* apenas; e que nos auxiliem mostrando-nos a queda da sociedade actual pela desmoralisação que nella lavra, e que não se lembrem d'affirmações.

De uma *preciosidade litteraria* de Lisboa, que por ali corre para vergonha do senso commum e das letras patrias transcrevemos o seguinte:

«No artigo de fundo do novo jornal a *Republica Portuguesa* encontramos o seguinte periodo que não deixa de ser curioso.

«Para ser espirito humano, para ser espirito progressivo é necessario ser espirito social e para ser espirito social é necessario ser espirito politico.»

Por este caminhar em *espirito*, onde iria parar o collega senão põe ponto final ao periodo?

Mais abaixo lê-se:

«...descarregaram a consciencia do homem, porque tiraram de cima de seus hombros o peso insupportavel das religiões».

Até aqui só se tirava de cima dos hombros o fato, ou indo mais longe, algum frete. Agora são as religiões que saem de cima dos hombros. Isto naturalmente é figurado, e quer representar a Biblia e o Alcorão, que são dois livros pezados.

O que não comprehendemos, é como aliviando as costas se alivia a consciencia. Aceitando a inversa, isto é, que carregando as costas se carrega a consciencia, começamos a ter o maior dó dos pobres gallegos, que todos os dias ali vemos ajoitados por essas ruas.

Pobres consciencias compostellanas como ellas não irão?»

Os redactorsinhos, dignos de figurar nos quadros liluputianos do immortal Swift, não comprehendem isto. Basta...

São d'este quilate as graças e as prodigalidades, com que a *santa* monarchia ainda hoje beneficia o povo:

«Generoso governo! Apertado pelo desgosto dos contribuintes e pelas reclamações dos jornaes, resolveu dividir a cobrança da contribuição industrial em duas prestações. Querem saber como? A primeira prestação pode ser paga desde 25 de abril até 25 de maio, a segunda desde 25 de maio até 25 de junho!

Isto é na verdade zombar com os contribuintes. Sendo o pagamento em duas prestações, devia ser de seis mezes o intervalo entre estas; o governo concede um mez.

«E este mesmo governo tem auctorisação para dividir o pagamento das contri-

buições industrial e pessoal em quatro ou mais prestações com grandes intervallos. Não usa d'essa auctorisação favoravel aos interesses do fisco e commoda para os contribuintes! Concede-nos em troca um mez de prazo!

«Grande generosidade, para não dizer grande zombaria!

«Mas se o governo alardeia que tem trez mil contos em cofre, porque dá tão pequeno prazo sem vantagem d'elle nem dos contribuintes?»

O sr. Bulhão Pato prepara um novo livro que deve sahir proximamente. Já ha muito havia elle sido annunciado e denomina-se *Satyras e Cantos*.

Queremos crer que o auctor da *Paqueta*, apresentando-se novamente em scena, nos dará um trabalho digno, e não uns vestigios d'esse lyrismo inepto, que por ali anda ainda invocado por uns certos sujeitos cabeçudos e sem vocação pronunciada.

Do *Diario Popular* transcrevemos o seguinte:

«Calcula-se em 12 milhões de dollars o valor das propriedades destruidas pelo terramoto que reduziu a ruinas a cidade Nueva San Salvador.

Como o nome indica, era uma cidade nova. A capital primitiva fôra fundada por Alvorado, um dos officiaes de Cortez, em 1528. A 16 de abril de 1854 foi inteiramente arruinada, e os seus habitantes resolveram edificar uma cidade nova n'outro local. A Nueva San Salvador tornou-se uma cidade de 16:000 habitantes, em posição florecente, a distancia de 15 milhas do porto da Libertad.

Todo o territorio do districto em que assenta aquella infeliz cidade é um solo vulcanico perigosissimo, apesar da formosura da natureza e da sua prodigiosa fecundade. O seu nome originario significa «Terra dos ricos.» A população d'aquella republicasinha é quatro vezes mais numerosa que a dos outros estados da America central.

A joven capital supportou, num espaço de vinte annos, uma revolução politica e um assedio. Uma das coisas mais extraordinarias na historia d'aquellas regiões equatorias é a rapidez com a qual o povo repara os seus desastres. Já as auctoridades resolveram reedificar a cidade, mas não parece que escolhessem outro sitio mais seguro e menos perigoso.»

Tem sido apreciada, com maximo interesse e curiosidade, a questão levantada entre o sr. dr. Garcia e dr. Motta Veiga, relativamente ás diferentes escolas philosophicas, que hoje se degladiam nos domínios da sciencia. Versa a questão principal ácerca do *positivismo contemporaneo*.

Espera-se nesta cidade o distincto poeta Luiz de Campos, que ha pouco sahiu do hospital da Estrella, em Lisboa, onde se havia recolhido, afim de tratar-se de uma grave enfermidade.

Seja bemvindo o illustre hospede e amigo.

Do *Diario Popular* transcrevemos o seguinte:

«Para se fazer idéa da actividade desenvolvida em Paris pelos amigos e partidarios da candidatura Rémusat, bastará dizer que encheram as esquinas da grande capital com 865:000 cartazes aproximadamente, profissões de fé, adhesões, tiras com o nome do candidato, etc.

Os partidarios de M. Stoffel affixaram 100:000 profissões de fé e 300:000 tiras com o nome do candidato bonaparte-legitimista. Da profissão de fé de M. Barodet foram tirados 150:000 exemplares, e o

nome d'este candidato foi impresso, sem mais adjectivo em 300:000 tiras. Se todas aquellas folhas de papel, em numero de *dois milhões e quatrocentas mil*, fossem coladas em seguida umas das outras, ficaria uma tira de 800 kilometros de extensão, isto é a distancia entre Paris, Lisboa, Alexandria, (Italia) e Hanover. Collocadas umas em cima das outras, formariam uma pilha de papel de trinta metros de alto.

Pode ainda fazer-se outro calculo que realmente um bom collador de cartazes afixa 36 por hora; se tivesse que afixar sosinho aquelles 2.400:000 folhas de papel, gastaria n'esse trabalho 71:428 horas, ou 2:974 dias, ou oito annos, trabalhando de dia e de noite, bem entendido.

O papel gasto em cartazes com as taes candidaturas parisienses pesava ao todo 240:000 kilogrammas. Em Paris chegou a faltar colla para tanto cartaz. Só um deposito vendeu 20:000 kilogrammas. Pôde chamar-se a isto o pequeno lado das grandes coisas humanas».

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

«Diz-se que se fundou em Lisboa uma associação, que tem por titulo—União republicana de Portugal.

Parece que entre os artigos principaes da sua constituição ha as seguintes disposições:

Ocultar o conhecimento dos membros principaes á associação em geral, que obedecerá aos dictames de certos delegados; e promover o cumprimento exacto das ordens do conselho geral, que juntas directoras farão observar nas secções em que a associação será dividida.

As pessoas que fazem propaganda para essa associação, dizem que ella tem por fim preparar o espirito publico para a transformação politica que os acontecimentos da Europa possam por ventura operar no paiz; e firmar uma politica eminentemente liberal, mas essencialmente conciliadora, não só para merecer a confiança dos partidarios da idéa que a associação defende, mas para captar o respeito dos proprios adversarios.

Por todos os caminhos se vae a Roma, mas com juizo e prudencia, isto dizemos, a serem certos os boatos de que damos conta.»

O *Diario Illustrado*, narrando ultimamente um assassinato, praticado por um republicano, concluiu ser essa, em geral, a pratica da democracia.

Lamentamos profundamente que a par de semelhante ignorancia, seja tamanha a má fé.

De toda a parte nos chegam adhesões á idéa nova que apostolamos na imprensa. E' prova evidente que ella está já no animo de todos. Nós não somos senão um dos seus mais humildes defensores.

Recebemos e agradecemos o livro *Cinco Dias em Madrid* do nosso correligionario politico o sr. Albano Coutinho Junior. Vamos ler e fallaremos depois.

### Despachos telegraphicos

A *Gaceta* publica a ordem do dia do general Nouvilas. Diz que a republica não decidirá nunca da sorte do exercito por surpresa; o ministerio submeterá á constituinte as grandes reformas que projecta; a nação proclamou a republica e a constituinte a organizará; os soldados devem seguir os chefes com subordinação e zelo, terminar a guerra civil e affiançar a ordem.

A *Gaceta* publica uma mensagem das corporações das Canarias, expressando a sua fidelidade á Hespanha, e negando a existencia de partido separatista naquellas ilhas.

Foi posto de parte o projecto do general Nouvilas, de tornar para o norte, em vista do decrescimento da insurreição.

Hontem houve demonstração das sociedades democraticas de Londres protestando contra a attitudo do governo a respeito de Hespanha, e pedindo o reconhecimento da republica e a suppressão da junta carlista.

## EXPEDIENTE

O primeiro numero da nossa folha acha-se esgotado.

Pedimos aos cavalheiros a quem enviamos o jornal, o favor de nos remetterem o 1.º numero, no caso de não quererem ser nossos assignantes.

A's illustres redacções dos varios jornaes a quem enviamos o nosso pedimos a troca.

No deposito de Sabão, situado na rua da Sophia n.ºs 59 e 61 vende-se avulso este jornal e ahi se recebem assignaturas.

## ANNUNCIOS

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

POR

Luciano Cordeto

EDITORES, Pacheco e Carmo, LISBOA

500 reis

SILVA PINTO

### HORAS DE FEBRE

A' venda nas principaes livrarias — 300 reis.

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO

### O ESPECTRO DE JUVENAL

Saiu o n.º 4

A' venda na livraria Academica, Calçada.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre . . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre . . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 15 DE MAIO

N.º 3

## POLITICA PORTUGUEZA

A noite é magestosa, mas existe uma potencia mais brilhante. Esta potencia é a aurora.

A Democracia é a grande aurora, que desponta sobre o horisonte social apoz a longa noite das tristezas monarchicas. Muitos fecham os olhos a esta luz esplendida; subtraem a alma a esta redempção.

Nós somos moços. Sentimo-nos animados pelo calor do espirito moderno. Respeitamos a auctoridade de nossos adversarios. Ha, todavia, uma auctoridade mais elevada—a auctoridade dos principios. Diante d'ella não se pôde recuar, porque, cedo ou tarde, não o duvideis, necessariamente se ha de impôr.

Dirigimo-nos á politica portugueza, aos partidos monarchicos, que, em uma demanda de quarenta annos, tem esfarrapado ingratamente a toga d'este paiz, que nos ficou ensanguentada pelas atrocidades infames d'aquella aguia altiva, d'aquelle sombrio poder, chamado absolutismo, que, durante tantos seculos, para vergonha nossa, teve a direcção da historia.

E dirigimo-nos a elles, porque são elles os que, nestes graves momentos que vamos atravessando, nestas horas de seriedade e critica, procuram reter a marcha das novas idéas, aniquilar os productos da nova civilisação,—illudindo o espirito do povo com suas reformas, com seus tacaños sophismas;—estragando-lhe o coração pelo odio ao que é justo, ao que é bom;—reduzindo-lhe a vontade a uma machina destinada a receber passivamente a influencia de forças estranhas.

Pois que! Não nos dizem todos os dias nos seus jornaes, não o affirmam cathoricamente nos seus discursos, não o es-

palha uma opinião publica artificial e miseravelmente organizada pelos seus esbirros, que tudo o que somos, tudo o que valemos é filho de sua energia e fecundidade? E a nova geração que lida e trabalha, que procura fontes mais puras para saciar a sede de justiça, horisontes mais esplendidos para sentir o influxo de uma nova luz? Essa é votada, como aquelles grandes criminosos da antiguidade, á vingança das furias infernaes; é anathematizada em nome da ordem e bem estar, como se a ordem e o bem estar fossem as mesquinhas concepções dos nossos homens publicos, as desigualdades politicas da actualidade, as perturbações economicas, as mystificações religiosas, os sophismas desordenados de uma certa philosophia que se apresenta com pretensões a regular theoreticamente os destinos dos paizes!

Nós, dizeis, pertendemos lançar a sociedade no abysmo; vós, sois os que, com mão carinhosa e espirito compassivo a ides amparando contra ataques tão injustos!

Nós, somos os espiritos sinistros que andamos accumulando sobre a atmosphera moral da Humanidade as pardacentas nuvens, precursoras da grande tempestade; vós, as almas beneficicas que incessantemente a purificaeis para evitar a descarga!

Nós, somos utopistas aventureiros, que vagueamos pelas regiões elevadas dos principios, em que se gastaram aquellas nullidades, chamadas Boudha, Socrates, Christo, Descartes, Galileu, Washington e todos os reformadores do mundo; vós, sois os venerandos paes do desinvolvimento juridico, moral, politico e economico da sociedade moderna!

E no fim de tudo essa sociedade por vós regulada apparece-nos como um

organismo sem vida, sem bellas aspirações, sem um elevado sentimento...! Apparece-nos morta. Morta sim, porque o vosso desinvolvimento juridico, moral, politico e industrial foi uma mentira, e ainda é um escaqueo com que atiraes ás faces d'este desgraçado, d'este pequeno, d'este eterno martyr da historia—o povo.

Juridicamente que desinvolvimento operastes? Que fizestes da nossa sociedade? Uma sociedade licenciosa, uma sociedade incapaz de realizar as grandes leis da sua natureza, que constituem a dignidade do homem.

A licença não é a Liberdade e ainda menos a Justiça. Onde estas começam, acaba aquella. A Liberdade e a Justiça, idéas purissimas que formam a alma do direito, e que em futuro proximo farão a alliança de todos os povos, estão acima d'aquelle sentimento baixo, que só accommette sociedades acostumadas a presenciar espectaculos de decadencia, de abusos e violação.

Não desinvolvestes o sentimento da Liberdade e da Justiça, mas em compensação codificastes os maiores absurdos, as maiores arbitrariedades, os maiores erros que a vossa pequena concepção vos suggeriu.

Formastes um codigo organico, que, segundo a vossa propria confissão, era apenas um meio transitorio de satisfazer duas tendencias inconciliaveis—o passado e o futuro. Por isso, esse codigo, essa carta, essa alforria do escravo está moralmente condemnado, e praticamente desprezado.

A vossa administração não foi um systema regular, ordenado e inspirado nos principios superiores que devem ditar ao homem a escolha da sua constituição social. Não foi o palladium da individualidade juridica da communa; mas sim uma

criação artificial, irregular, barbara, análoga quasi áquella administração romana que fazia das suas provincias vastos campos de exploração, abertos á avidez de seus proconsules ou pretores.

Esta falta de precisão e Justiça trouxe-nos essa legislação administrativa, babel immensa de leis, portarias, decretos, regulamentos, officios, provisões, que demonstram bem a capacidade legislativa dos nossos partidos monarchicos.

As grandes questões de philosophia do processo, a organização judicial, baseada sobre a gratuidade da justiça, a collectividade dos tribunales, a universalidade do jury, a independencia absoluta dos magistrados, a sua effectiva responsabilidade, a simplificação das formalidades, tudo isto que é importante, que é necessario, ficou supplantado debaixo da carregação immensa de leis, que fizeram do processo uma chicana miseravel, um *pandemonium* de contradições.

A legislação civil,—viciada pela influencia ecclesiastica; a criminal,—pelas tradições penaes, que nos legaram systemas injustos; a commercial,—pelos prejuizos economico-politicos, que ainda separam as nações; formam um todo sem harmonia, sem regularidade, e, sobretudo, sem aquelle espirito de Justiça e Liberdade, que é privilegio do systema democratico.

Agora pergunto-vos:  
Que fizestes para o desinvolvimento juridico da sociedade portugueza?

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Os jornaes da capital inserem todos um telegramma d'onde se vê que é favoravel aos republicanos federaes de Hespanha o

## FOLHETIM

É uma poesia de occasião esta que vai lêr-se. Filha do momento, não podia ella, de certo, inspirar-se em moldes rigorosamente classicos e obrigatorios. Nasceu, como nasce o canto do rouxinol ao resurgir da aurora. Espontanea e eloquente, como tudo o que dá o coração e o enthusiasmo revolucionario, resente-se ella, naturalmente, da brevidade da concepção e do rápido triumpho de uma nova causa, hoje aclamada e vencedora. E é esse tambem o seu maior elogio.

Por muito tempo deixou o sr. Manoel d'Arriaga de acceder ao nosso pedido, não consentindo na sua publicidade, sem grande repugnancia. Devemos-lhe, comtudo, esta fineza que tomaremos sempre á conta de uma amizade desinteressada e leal. E a gratidão é agora tanto mais justa, quanto maior foi o esforço e o sacrificio.

MAGALHÃES LIMA.

## A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM HESPANHA

Como o indio que o sol saúdava outr'ora,  
Hoje a minha alma alegre e enthusiasmada  
Pela patria do Cid,  
Saúda o facho da esplendente aurora,  
Que illumina na villa coronada  
As torres de Madrid!

Das sombras da cadúca monarchia  
Surge, por fim, que esplendido contraste!  
O astro inspirador  
Das republicas d'hoje; e que harmonia!

Nasce espontaneo e bello como da haste  
As pétalas da flôr!

C'os direitos da nova sociedade  
Um rei, vendo a corôa incompativel,  
A põe nas mãos do povo;  
E o povo heroico, á voz da liberdade,  
Converte-lhe esse objecto despresivel  
No sol d'um dia novo!

Oh! povo heroico e nobre! é devéras  
Bem grato para mim vos tributar  
Esta homenagem publica;  
Que é grande o povo, quando tem Figueras,  
Salmeron, Pi y Margall e Castelar  
Por chefes da republica.

Hoje não ha nem grandes, nem pequenos,  
Não ha reis, nem conquistas, não ha escravos.  
Como outr'ora os christãos,  
Hoje os povos, pacificos, serenos,  
Perdoando entre si milhões d'aggravos,  
Se abraçam como irmãos.

Oh meus sonhos esplendidos, ha pouco  
Tidos no mundo, como vãs chimeras  
E vãs ingenuidades...  
Convertendo em vidente o pobre louco,  
Começa a florir nas primaveras  
De esplendidas verdades!

resultado de todas as eleições do districto de Madrid. Diz-se que o resultado de todas as candidaturas será de 350 federaes, 40 da opposição de todos os partidos. Nós já o previamos anteriormente.

Os jornaes hespanhoes vem prenches de manifestações dos candidatos federaes.

Todos elles tratam de definir a republica federal. Num d'esses documentos diz o sr. Joaquim Martins de Olias, eleito pelo districto del Palacio.

«Hei sido, sou e serei sempre democrata, porque reconheço os direitos naturaes da personalidade humana, inviolaveis para todos os poderes publicos e extensivos a todas as aggregações do organismo social. Hei sido e sou republicano, porque intendo que o governo deve ser do povo, pelo povo e para o povo. Hei sido e serei sempre federal, por que creio que a nação hespanhola deve constituir-se em harmonia com os principios geraes do direito e não segundo systemas arbitrarios e absurdos.

Segundo o meu modo de ver a republica federal é uma forma de governo imposta pela natureza á nossa peninsula. Ella consagra a liberdade para cada individuo; e nas relações de uns para com os outros, assenta sobre solidas bases a soberania do individuo, da familia, do municipio, do cantão e do estado; determina as proprias e variadas funcções d'estes organismos livres e autonomos, bem coordenados entre si, como se fossem estados de direito, creados por contracto.

Importa fazer uma declaração patriótica e solemne.

A republica federal mantém e afirma a unidade nacional e a integridade de territorio.

Não consente essa unidade monstruosa e ficticia da monarchia, nem a tyrannia absurda da republica centralisadora, porém, deve proclamar sempre a unidade que se alcança, mediante eguaes principios fundamentais, por instituições politicas, formadas sobre bases permanentes de caracter, usos e idioma, e por leis que asseguram os direitos de todos e regulam as relações interiores pelos principios imutaveis da ordem social.

Que dirão a isto os monarchistas, e todos os reaccionarios, e os republicanos unitarios que proclamam *urbi et orbi* que a republica federal é a anarchia, a dissolução da patria e não sei quantas outras cousas tetricas!

Que responderá, sobre tudo, a isto o sr. Teixeira de Vasconcellos que ainda ha pouco dizia no seu jornal que a proclamação da republica federal seria a morte da nação hespanhola, começada a fazer-se e unificar-se no tempo de Fernando e Isabel e seguindo no mesmo caminho até nossos dias? Não sabemos se este escriptor dizia isto a serio, ou se era para contentar os seus leitores monarchicos. A nós quer-nos parecer que o redactor do *Jornal da Noite* fazia espirito, ou então era ignorancia: escolha.

Nem podia ser d'outra maneira, porque rectidão, justiça, desinteresse e sentimentos liberaes ninguem lhe nega a s. ex.ª

O decano dos republicanos de Hespanha D. Orense, diz num manifesto inserido no *Justiciero* que opta pela candidatura que lhe offerece a villa de *Palencia*.

Occupa a imprensa franceza o conteudo de duas cartas politicas, uma de Emilio Girardin, publicada na *Presse*, outra de Casimiro Perier, onde se declara que a republica que pode convir á França é a republica radical e dos homens da esquerda.

Tanto Perier como Girardin são publicistas eminentes e as suas opiniões tem feito grande impressão na opinião publica.

Os periodicos do vizinho reino apontam

mais uma victoria ganha contra os carlistas pelo general Velarde. O general apanhou-os no bosque de Pabilla e em duas horas de fogo fez-lhes 65 mortos, 18 prisioneiros e tomou-lhes armas e munições.

No dizer da *Egualdade* os jornaes zorrillistas fazem grande alarme com a victoria ganha pelos carlistas na acção de Eraul. Assim lhes faz conta atterrar os animos para vêr se empolgam de novo o poder, unico fim a que miram.

A perda de 40 homens, 40 filhos da republica, é um facto que a todos os republicanos deve pungir profundamente, mas não é desastre irreparavel. Como esta tem ganho os republicanos muitas victorias sobre os carlistas. O que ha a censurar neste facto é a falta de previsão do general Navarro. E' necessario que a republica nomeie generaes conspicuos que mandem diante de si bastantes batedores e reconheçam o terreno para não serem surpreendidos de noite, como aconteceu nesta occasião.

De um velho liberal, conhecido de nós todos, mas que por modestia occulta o nome, recebemos as seguintes:

### CARTAS POLITICAS

Amigos redactores.—No primeiro de maio do anno da graça de 1873 foi inaugurada por vós uma nova e memoranda epocha politica!

Bem vindos sejaes!

E' a sentinella perdida da avançada liberal que vos saúda!

Retrocedámos um pouco: um retroprospecto politico tem seu lugar, para fixar as idéas e para ligarmos com o passado o presente, que prepara o futuro...

Num penhasco isolado no meio do Oceano Atlantico, na Ilha Terceira, baluarte immortale da Liberdade Lusa, as reliquias do partido liberal tinham ganho a celebre batalha de 11 de agosto de 1829, ficando completamente derrotadas as phalanges do usurpador D. Miguel, no seu desesperado esforço...

«Um por um caem na contenda ingloria.

«Deshonrados cadaveres,

«Tropheu ignobil, que desdenha a gloria,

«Que á corda do patíbulo

«Roubou com pejo a espada da victoria!»

Garrett.

O general Marinho, director do carbonarismo portuguez, discutindo com seus amigos (*bons cousins*) os diversos alvites para a redempção liberal da mãe patria, propoz que se recobrassem os differentes territorios ultramarinos, que na Europa, Africa, Asia e Oceania ainda attestavam o grão poder do antigo Portugal, constituindo com elle—a *Republica dos Estados Unidos Portuguezes Ultramarinos*, começando pelo *Archipelago Açoriano*...

Constituamo-nos, dizia elle, em nação, maritima, que já fomos, e Portugal (o continente) quando muito bem quizer descartar-se do seu tyranno... que se descarte, mas se preferir viver sob o azorrague e cacete, que viva... e deixemol-o á sua vontade...

Não foi seguido este alvite, excepto na iniciação da redempção liberal, em todo o archipelago açoriano, onde se organisou a expedição dos 7500 bravos, que desembarcaram nas praias do Mindello, sob o commando do celebre D. Pedro IV, duque de Bragança.

Não se seguiu o alvite do eminente homem politico, mas o principio ficou em pé, como pensamento elevado, digno do Portugal dos seus tempos heroicos, em que os portuguezes:

«Por mares nunca d'antes navegados,  
«Passaram ainda além da Taprobana.»

Este pensamento, parece-nos, deve ser o thema obrigado do novo jornal a *Republica Portuguesa*.

A nação portugueza, ainda hoje, é uma nação de primeira ordem nas suas provincias ultramarinas, especialmente em Africa.

A extensa linha da costa do continente de Portugal e, sobre tudo, o magestoso porto de Lisboa, completam a prova, de que Portugal deve ser, primeiro que tudo, uma nação maritima e commercial. Porque não o ha de ser? Ha de sê-lo, se o quizer; mas ha de sê-lo pela resolução firme, inabalavel, e vontade heroica de um povo, que na sua onda progressiva já se avantajou a todos os povos civilizados.

Em que estado se achavam então os povos do norte, que hoje se ufanam de formar a vanguarda da civilização? no estado de semi-barbaria...

A rica e fluente lingua Portugueza era fallada desde a capital da sua gente, a formosissima Lisboa, até ás ilhas do immenso archipelago do Oceano Pacifico. Nenhuma das linguas gutturaes ousava competir com o harmonico idioma de Camões.

Correram os tempos... a onda retrograda, especialmente produzida pelo obscurantismo religioso e politico, quasi que nos levou á beira do abysmo, em que esteve a ponto de sumir-se a nossa autonomia de nação!

Raiou o dia 24 de agosto de 1820, e o povo portuguez acordando do profundo lethargo em que jazera por alguns seculos, sacudiu o jugo da escravidão, a que o haviam reduzido o estúpido absolutismo dos seus governantes, o predominio do clero fanatico, e o protectorado interesseiro dos alliados...

Mas o grito heroico, depois de muitos esforços dos portuguezes liberaes, foi a final soffrido pelo clero immoral e pela aristocracia occa; os sentimentos patrioticos da parte mais illustrada da nação foram escarnecidos pela estulticia do povo rude, infrene, servil e fanatico, que, miseravel instrumento de seus senhores, acclamava frenetico os *direitos inaufereis* do monarcha absoluto!!!

A briosa e heroica mocidade academica da universidade de Coimbra, lavrou então o mais estrondoso protesto, que ia custando a vida a muitos dos seus mais benemeritos que puderam salvar-se com a solução diplomatica da Abrilada, em que D. Miguel se ensaiara para tyransar a sua patria.

A narração dos sublimes esforços, que desde então tem sido praticados pelo povo portuguez seria demasiado longa.

Basta dizer, que o sangue de milhares de martyres tem regado a arvore da liberdade... No assedio memoravel da invieta cidade do Porto o partido liberal provou pelas mais assombrosas gentilezas de valor, que Portugal, a patria de tantos heroes, era digna da redempção liberal, que lhe recusara tenazmente o partido retrogrado, immundo e torpe!

Disputava-se em 1824, se Portugal estava ou não preparado para o regimen liberal! Os absolutistas ferrenhos sustentavam que Portugal não estava educado para as reformas liberaes, as quaes requerem educação propria e especial!

Este sophisma miseravel, que os monarchistas de hoje repetem, com uma compunção que faz dó para nos convencer, de que o povo portuguez não está educado, não está disposto ou preparado para o regimen republicano... tem sido discutido até á saciedade, sendo pulverizado até não deixar subterfugio ou replica.

Sophistas politicos, egoistas encartados, corruptos, que haveis vivido e viveis á custa d'este bom povo portuguez, sabeis quem foi que nos educou para o regimen liberal? Foi D. Miguel, o tyranno sanguinario, com os seus caceteiros, com os seus algózes, com os seus sicarios do mais hediondo obscurantismo!

Pois bem... quem ha de agora educar-nos para o regimen liberal por excellencia—para o regimen republicano?

Garrett, o principe dos poetas da epocha liberal, responde por nós na sua obra—*Portugal na balança da Europa*, parodiando o pensamento do primeiro orador da Grecia culta, do grande Demosthenes: «*Cedo vos fareis vós mesmos outro Philippe, se, como até aqui haveis feito, continuardes a cuidar assim das vossas cousas.*» Em vez de outro *Filippe*... substitui outro *Miguel* e o pensamento de Garrett e o nosso ficará completo.

Quem ha de ser o nosso educador para o regimen republicano? quem ha de ser o predestinado para vir agora representar o papel de *Filippe*... ou de *Miguel*?

Responda por nós um dos actuaes ministros, que foi vogal do directorio carbonario, quando se reorganizou este rito reduzindo os trez graus a um só, e creando phalanges de muitos milhares de homens, armados e municados, promptos para expulsar do poder á primeira voz do commando, o conde de Thomar.

Até outra vez.

*A sentinella da liberdade no paiz dos Hottentotes.*

### ANOMALIAS POLITICAS E SOCIAES

Nestes tempos de terrivel anciedade, nesta hora solemne em que nos horizontes sociaes se agglomeram sombrias nuvens, presagiadoras de desencadeadas mas tambem de brilhantes auroras para os dias de amanhã, era necessario pensar em erigir o pára-raios das coleras do povo para que a purificação da athmosphera moral da sociedade se realisasse sem a fulminação dos corruptos, sem o derramamento de sangue, sem o lucto das familias.

Era necessario instruir o povo, educal-o, formar-lhe o sentimento e a intelligencia, para que a humanidade não córe pelo sangue inutilmente derramado.

Era preciso illucidar-lhe o intendmento para que na hora tremenda das supremas angustias o povo, o unico soberano, praticasse a justiça e não a vingança.

A tarefa é ardua, por isso ella incumbe aos poderes sociaes.

Tem-se dito que em Portugal os homens do poder nada tem feito. Nós não faremos o mesmo; seremos justos, embora pareçamos severos. Têm feito alguma cousa: conseios de todos os processos infames para aviltar o povo, os homens da monarchia tem ensaiado um systema de eleição servil, viciada na espontaneidade dos homens sensiticos.

Esperavam que o sentimento da liberdade, profundamente radicado no coração do nobre como do plebeu, do senhor como do servo, do burguez como do proletario, se deluiria no aviltamento da dignidade do povo: enganaram-se; o sentimento da liberdade é como o diamante, que, embora, caído no lodaçal não é, por isso, menos precioso, as qualidades que fazem d'elle um objecto estimavel, não soffrem ao contacto do lixo; o sentimento da liberdade é assim: debalde ensaiarão todos os meios dissolventes. A liberdade não periga. O sentimento da dignidade propria que elles têm pretendido aniquilar no povo, podem conseguir amortecer-o por algum tempo, mas quando o povo nos comprehender, a nós, que lhe fallamos em liberdade, a luz se fará no seu espirito, para conquistar-a; ha de tornar-se digno d'ella, ha de amar a liberdade. Nesse dia, que não vem longe, o triumpho será certo, e vós, homens do Homem-Rei, que quizestes nublar a consciencia do povo, roubando-lhe a instrução que lhe devieis, desmoralizando-o com o vosso falso systema de eleição, caireis sob a execração geral.

A accusação de assassinos da liberdade que nós aqui formulamos contra os homens do poder, vê-se, nem é futil, nem infundada; mas o systema eleitoral não é o unico elemento corrosivo que elles têm empregado. Ha mais.

Elles não ministram san instrucção ao povo, mas espargem por essas terras de Portugal jesuitas-missionarios a mãos cheias; não consentem que o verbo eloquente dos democratas-socialistas troveje no Casino para que o povo, ouvindo-o, não sacuda o torpôr que lhe paralysa os movimentos, mas condescendem em que essa cohorte de vampiros, esses jesuitas negros executores de pretensões infernaes contra a liberdade, aggravam ao povo o peso das velhas cadêas do fanatismo e superstição religiosa. E o que fazem esses homens, esses missionarios aqui onde o christianismo tem por crentes todos os portuguezes, por apóstolos uma gerarchia organisada desde o cura d'alma até ao patriarcha? O que fazem em Portugal esses jesuitas expulsos pela realza do seculo passado, cuja lei de expulsão não foi revogada? O que fazem esses homens dos quaes só a presença é um attentado contra as leis da nação, e, por tanto, contra a segurança publica? Conspiram, todos o sabem, todos o dizem; só os homens do poder de hontem e de hoje fingem ignoral-o.

E' que no dia das transacções seriam capazes de fazer bom mercado das suas convicções constitucionaes, atraioando este aventureiro de raça pelo aventureiro da conspiração.

Se lhes não cabe a accusação de pouco politicos, cabe-lhes a de immoraes. Com esta politica indecisa possuem o rei, que fazem mover a seu prazer com temor de perder a corda pelos manejos da reacção ultramontana-miguelista, que elles não reprimem, embora tenham nas suas mãos o poder da lei que deve punir os crimes de lesa-nação, como os de lesa-inviolabilidade.

Do rei exigem a referendação de todas as tropelias commettidas e por commetter; aos reaccionarios pede-se-lhes o assassinato moral das massas, o obscurantismo das intelligencias, a resignação toda do proletariado e o voto para o deputado d'elles.

Estão quites. Ora este systema de dissolução moral empregado pelos homens do poder para nos lançar na degradação do baixo imperio, miseravel e torpe pelos meios que elles empregam, ha de ser impotente.

Hoje a humanidade vive dos principios politicos-sociaes, que inspiraram as brilhantes revoluções da França em 1789 e 1848; hoje é impossivel retrahir a sociedade aos tempos da censura, da inquisição, do assassinato em nome de Deus, do roubo, do incendio, do crime, por todas as formas do possivel, pois que a lei fatal da historia dirige os acontecimentos moraes sempre no sentido de maior progresso.

Se esses homens, que se dizem propugnadores da ordem, querem impedir os dias dolorosos e violentos das revoluções, entrem afoitos no caminho da moralidade, regeitem essa politica imprudente por sua intransigencia degradante, pelos meios infieis de que se servem.

A ordem social não é a uniformidade das manifestações sociaes, não se traduz pela imposição das leis restrictivas da liberdade individual e collectiva; a ordem assim produziria a egualdade pela escravidão de todos perante o governo, faria das nações vastos campos de vanidade em que os cidadãos se moveriam á vontade do poder; a espontaneidade desapareceria das manifestações do genio; mas esta concepção da ordem é falsa.

A ordem deve co-existir com o progresso com a harmonia dos interesses, mas sem o sacrificio d'uns aos outros; a ordem suppõe a diversidade, a distincção dos elementos ordenados, mas tambem a justiça nas relações d'esses elementos entre si.

A actual organização social é uma flagrante contradicção da ordem e da harmonia. Politica, economia, justiça, administração, tudo, tudo está profundamente viciado e carece de reformas radicaes, as unicas salutaes e efficazes, quando, como agora, o mal vai fundo.

Aonde está a justiça na organica social? Politicamente temos na Carta Constitucional uma lei organica attentatoria da liberdade de consciencia; temos a representação nacional viciada pela existencia da camara alta, que nada significa, ou melhor, que significa um estorvo ás pretensões do povo e uma illegitimidade pelo modo da sua formação; temos um rei, que, como objecto de luxo, é uma superfluidade financeira, como um poder social é a contradicção da independencia dos poderes sociaes.

O rei pelo exercicio do veto contradiz a independencia do poder legislativo; pelo exercicio do direito de perdoar que a Carta lhe concede, contradiz a independencia do poder judiciario; nomeando e demittindo o poder executivo a seu prazer, contradiz a independencia do poder executivo. Isto quer dizer, o rei tem por norma o arbitrio da sua vontade, a moderna representação constitucional não vale mais que os Estados Geraes em França antes de 89 ou as côrtes portuguezas no antigo regimem; hoje como d'antes o rei pode fazer o que bem quizer, sem por isso se poder dizer que sae fóra da lei fundamental.

Na organização economica, tão pouco se encontra a justiça na distribuição, a harmonia na produção.

A produção bem como a apregoada concorrência economica é cega e anarchica; a distribuição é a retribuição quasi exclusiva do capital, o trabalho tem apenas o sufficiente para a reparação da machina—homem.

Isto é a verdade, mas isto é horrivel; por isso este systema social que não traduz o principio da justiça em nenhuma das suas diversas faces d'organização, torna-se hoje impossivel, ha de cair; trabalhamos por derrocal-o.

A. R.

Do nosso illustrado amigo Candido de Figueiredo, recebemos o seguinte communicado. Agradecemos os esclarecimentos que o auctor se dignou fazer-nos, tomamos a dizer-lhe, que em nada julgamos dever alterar a noticia dada no nosso ultimo n.º acerca dos lentes do 2.º anno juridico. Houve consciencia no que se escreveu e isso nos basta.

Meus prezados amigos e illustres contemporaneos.—Vi a commemoração funebre que, no vosso jornal, fizestes do fallecimento do meu chorado amigo o academico Antonio de Barros Coelho de Campos. Agradeço-vol-a, por mim, e por aquelles a quem mais feriu a inesperada perda do desventurado moço.

As vossas palavras denunciaram-me, ainda uma vez corações generosos que tomam como suas as dôres alheias, mas o vosso noticiario obriga-me a uma rectificação.

Dizeis que vos contristou não ver no sahimento os lentes do segundo anno. Ainda que a não comparencia dos illustres professores desse motivo a reparos justificaveis, antolha-se-me que a responsabilidade do facto seria mais minha do que d'elles.

Foram feitos por mim os convites para o prestito; mas esses convites limitaram-se apenas aos alumnos dos differentes cursos universitarios, porque a tanto me auctorisava a minha confraternidade academica; e não dirigi convite a membro algum do corpo cathedratico, por que não taxassem de ousadia o meu procedimento, e porque na historia da vida academica, não vi costumes que abonassem tal ousadia.

Aqui tendes os factos. Não convidei os lentes, nem d'isso me arrependi por ora. Se apesar de tudo, insistis no reparo, d'ahi lavo as minhas mãos, e vá a responsabilidade a quem toca.

Aperta-vos cordealmente a mão o vosso apreciador e amigo  
S. C. 10 de maio de 1873.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## BIBLIOGRAPHIA

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

POR

LUCIANO CORDEIRO

Como todos os trabalhos de Luciano Cordeiro, é este tambem um trabalho consciencioso e digno. Filiado na escola liberal não sacrifica o auctor a sua consciencia «no altar das conveniencias.» E assim nos apparece elle mais uma vez «estando onde sempre esteve, onde sempre quiz estar e onde está ainda, perfeitamente satisfeito consigo mesmo.

Trata-se da questão do privilegio do banco de Portugal. Discute-se o projecto ou «Bases para o accordo entre o governo e o banco de Portugal» que a portaria de 30 de novembro e a assembléa geral dos accionistas em sessão de 16 de dezembro ultimo approvaram.

Na redacção e no pensamento d'este projecto ha dois factos a considerar por sua natureza e consequencia diversos, mas infelizmente reunidos e confundidos.

Estes dois factos são:

1.º A prorogação por vinte e quatro annos do privilegio e monopolio do banco de Portugal, concedido pelo governo: de emitir no districto de Lisboa, isentas de sello, notas pagaveis á vista do portador, em moeda metallica corrente no paiz, e d'outros. (Bases 1.ª, 2.ª, 6.ª, etc.)

2.º Um contracto oneroso pelo qual o banco de Portugal empresta ao governo 1000 contos em suprimentos de 150 contos, com hypotheca de titulos de divida fundada de valor calculado sempre 5 p. c. abaixo do que tiverem no mercado os titulos d'aquella natureza, e juro de 6 p. c. sujeito á elevação da taxa que o banco, de 1 de janeiro de 1877 em diante poderá determinar como lhe aprouver, para o que desde então fica completamente livre. (Base 5.ª)

Estas distincções, que só de per si valem bem uma synthese, não resistem á critica mais ligeira e imparcial.

É sobretudo uma offensa á liberdade de industria que nós temos a discutir. A existencia de um privilegio absurdo e repugnante accusa sufficientemente um vicio governamental. Era mister destruil-o; e para isso se levantou, cheia de coragem e abnegação, a voz austera de Luciano Cordeiro.

«Os bancos—dizia ha pouco um mui illustrado publicista—são os logares de perdição em que os paizes pobres e ambiciosos se arruinam, trocando a sua pequena riqueza real por uma riqueza contingente e ficticia, abdicando o trabalho e criando o jogo, dando dinheiro e recebendo papeis.»

É assim é realmente. Nada prova tanto—e com tamanhas desvantagens sociaes, infelizmente,—o dominio burguez sobre o elemento industrial e agricola, como são os bancos na actualidade. Por elles se desinvolve a usura em larga escala; e a usura está sendo inquestionavelmente, uma das maiores perdições entre os povos latinos, e, quiza, entre todas as nações civilizadas.

Mas a nossa questão é o privilegio do Banco de Portugal. Restringiu-se portanto, a sua area. Nessa restricção, porém, não podia, por modo algum, desprezar-se o confronto com algumas das demais nações europeias. E fez-se não só historica, senão tambem estatisticamente. Reconheceu-se quanto nos era dâmnoso semelhante projecto, e condemnou-se em nome da consciencia e da liberdade. Isto basta, cremos nós, para darmos um resumo do livro e mais que tudo uma prova da sua util leitura.

Ao sr. Luciano Cordeiro ficou-lhe o desafogo de uma boa acção praticada, e a nós a consciencia da justiça defendida.

Nem mais nem menos é preciso, para

se conquistar um merecido logar, entre os que trabalham de boa fé, e animados dos verdadeiros sentimentos de igualdade.

*Trez Mundos* é o titulo de um formoso trabalho, devido á penna elegante do sr. D. Antonio da Costa. Proximamente diremos em folhetim o que se nos afigura, acerca do merito da obra, limitando-nos por agora a agradecer ao seu auctor a sua obsequiosa offerta.

O sr. dr. Julio de Vilhena, bem conhecido entre nós, pela sua elevada intelligencia e pelo seu entranhado amor ao estudo, acaba de publicar um bello trabalho sobre as *Raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia no direito portuguez*. O curto espaço que mediou entre a recepção do livro e o agradecimento, que hoje fazemos, não nos permite ainda uma mais larga noticia, acerca do seu incontestavel merito. Reservaremos para mais tarde o seu estudo e a sua critica.

O sr. Cesar de Sá fez o favor de nos enviar um trabalho dramatico, original seu. É uma comedia—drama, em cinco actos, representada, com applauso, no theatro de D. Luiz de Coimbra, e intitulada-se—*Amores Malditos*.

Agradecemos.

MAGALHÃES LIMA.

### AOS LEITORES DO DIARIO ILLUSTRADO E DA REPUBLICA PORTUGUEZA

A inserção, na correspondencia lisboense da REPUBLICA PORTUGUEZA, d'um periodo allusivo ao DIARIO ILLUSTRADO, provocou da parte d'esta folha reclamações violentas e um emprazamento á redacção da REPUBLICA acerca da responsabilidade da mesma correspondencia. A esse emprazamento julguei dever responder assumindo a responsabilidade do facto, em carta especial e exclusiva ao proprietario do DIARIO ILLUSTRADO, o sr. Pedro Correia.

Desde este momento assumiu a questão um caracter puramente pessoal. Evolveu-se nas linhas da correspondencia o nome isolado e a personalidade d'aquelle cavalleiro, contra o qual não me anima algum sentimento—e a collectividade redacção e o espirito de redacção eclipsaram-se de todo.—Eu nada tinha nem sabia contra elle.

A questão pessoal, pois, terminou em explicações cortezes e numa carta por mim dirigida unica e exclusivamente ao proprietario do DIARIO ILLUSTRADO, seguida de explicações d'aquelle senhor.

Parecia que devia terminar aqui a pendencia. Terminou. Succede, porém, que, d'esta serie de factos, parece ter surgido uma serie de interpretações pouco verdadeiras e, diga-se mais, pouco lisongeiras para quem em todos os momentos da sua vida tem luctado em combate desigual, mas animado de boa fé, e cheio de coragem e de abnegação, em favor do que a sua consciencia lhe indicou com o ideal absoluto do Justo e da Verdade.

Estas interpretações, que se traduzem na suspeita de falta de firmeza, ou ainda na tibieza, que é de muitos, em sustentar em todos os terrenos as opiniões firme e conscientemente expendidas na arena da imprensa jornalistica, não foram concebidas pelos que supportam com amizade a rudeza de caracter do homem que firma estas linhas, em attenção á austeridade da sua crença; formuladas ante estes homens, só arrancariam um sorriso de compaixão pelo accusador; formuladas perante o accusado, só produziriam um sorriso de desprezo; mas desde que os factos se tornaram do dominio do publico, arvourou-se este naturalmente em juiz, e, mau grado as aberrações da maioria, é ainda a opinião publica o unico tribunal que pela logica inexoravel do instincto póde merecer do homem de principios uma leal e serena explicação.

É uma explicação que venho dar.

(Continúa.)

(Do nosso correspondente)

Organisou-se, finalmente, em Lisboa na passada semana um centro republicano federal. É composto de homens novos, impollutos e cheios de vontade. Vae-se publicar o programma em breves dias.

Como se vê, esta dynamização de Babilonia começa a dar signaes de vida no caminho da regeneração. Já era tempo.

Vá-se dizendo já que não têm faltado ao novo centro os apodos dos moços de esperanças. Tão novinhos e já.....

—O *Jornal da Noite*, noticiando o livro do sr. José Gomes Monteiro—*Os Criticos do Fausto do sr. Castilho*,—faz votos pela vinda da refutação. Vae ser satisfeito em breves dias. Exulte o seu amor proberial pela justiça e pela verdade.

Ha na local do *Jornal da Noite* um periodo que julgo util transcrever. É o seguinte:

«Para fallar de qualquer obra é necessario pelo menos lê-la. Entendel-a tambem não é máo, embora se tenha visto algumas vezes que nem a todos parece absolutamente indispensavel.»

Tem razão. A's vezes dá-se o caso até com simples romances. Ha tempos um jornalista *distincto*, fallando de um livro qualquer de Charles de Bernard, chamava a este escriptor um *segundo Balzac*. Se não estivesse adiantado em annos o citado jornalista era caso para se lhe chamar—moço de esperanças.

E, a proposito, me ocorre dizer, depois de lêr a opinião do *Jornal da Noite* sobre o respeito que se deve aos velhos, que ha uma velhice mais digna de irrizão que de respeito; velhice hypocrita e mentirosa: hedionda velhice!

—Segundo a opinião singular de uma dama que por vezes se dedica ás letras, «a actividade humana desinvolve-se e o progresso caminha na vanguarda da civilização.»

Isto tinha de vir, já se vê, no *Diario Illustrado*... e veio.

Sempre impagavel!

—O systema de espionagem legalisada vae creando raizes.

—Ouvimos que foi entregue no governo civil uma serie de apontamentos acerca dos frequentadores de um estabelecimento publico para onde *uma alta personagem* dardeja olhares terriveis na sua passagem magestosa.

Vá-se dizendo que os apontamentos consistem, pelos modos, em reflexões amargas sobre as «idéas subversivas» de F... e a necessidade de pôr cobro aos impetos de determinados rebeldes.

Teremos segunda «conspiração»? Contra o senso commum e a moralidade é ella permanente. Em fim, vamos lutando. Ha de vir a claridade.

—Gomes Leal, o poeta da *Canalha* e da *Tragedia do Mal* vae publicar um poemeto intitulado *A Missa Negra*. Tive enesejo de ouvir-lhe algumas estrophes admiraveis. Não quero tirar aos futuros leitores da *Missa Negra* o prazer d'uma surpresa; por isso me abstenho de reflexões sobre a indole d'aquella notavel composição.

—O *Diario de Noticias* entrou numa phaze de bom comportamento. Supprimio o *movimento socialista* e os *liquidatarios sociaes*. Bonito menino!...

—Sairá até o dia 20 do corrente o 5.º numero do *Espectro de Juvenal*.

—O sr. Theophilo Braga concluiu o volume da *Historia Litteraria sobre a Vida de Camões*. Têm impedido a sua publicação obstaculos puramente materiaes (de typographia, etc.)

—Recommendo-lhes as correspondencias parisienses do *Commercio do Porto*, firmadas por *Benedict H. Revoil*. São ad-

miraveis de furor comico contra o partido republicano francez. E' um modelo de *atrabilis* de ordeirão; a peor de todas.

—Os nossos homens publicos passam sem novidade em sua importante saude.

—Recommendo-lhes o opusculo intitulado *Inquerito Postal*, de Antonio Macedo Mengo. Leiam aquella enumeração de desafôros e abusos de confiança e indiquem-me um meio *mais seguro* de correspondencia.

—O *Jornal do Commercio* dá noticia d'um proximo sarau do paço. Haverá espectáculo e o sr. D. Augusto desempenhará um dos papeis do actor Taborda. Para muitos é isto objecto de mofa. Creio que não deve sê-lo. E' bom que os membros das reaes familias vão aprendendo alguma profissão mais digna que a de viver á custa do alheio trabalho. Quem sabe se o sr. D. Augusto será um dia um bom comico?

—Nada mais por hoje. S. P.

Temos recebido de todos os pontos do paiz numerosas adhesões á idéa que advogamos na imprensa. Por falta de espaço não podemos publicar-as, como desejavamos.

Egualmente declaramos aos cavalheiros que nos tem pedido permissão de collaborarem, que a *Republica Portuguesa*, que appareceu para dar unidade ao partido e desinvolver o seu programma, tem as suas columnas patentes a todos os apóstolos da idéa nova da democracia.

## EXPEDIENTE

**Os nossos Illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.**

**O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da REPUBLICA PORTUGUEZA, — Couraça de Lisboa, 87.**

## NOTICIARIO

No sabbado, 10 do corrente, teve logar a ultima recita dada pelos srs. Cesar de Lacerda e Carolina Falco. Subiu á scena o seguinte espectáculo: *Cynismo*, *Scepticismo* e *Crença*, original do sr. Cesar de Lacerda; *Quem abrolhos semeia...* do sr. Castello Branco e *O Primo Ernesto* imitação. O espectáculo agradou e foi grande a concorrência.

O proverbio do sr. Castello Branco figurou-se-nos antes uma imitação do *Lenço Branco* do que verdadeiramente uma originalidade.

Com o titulo de *Sciencias e Artes* deve encetar-se proximoamente, nesta cidade, uma nova publicação *artistico litteraria* de que são redactores os srs. Magalhães Lima e A. Bettencourt Rodrigues.

Sahirá o primeiro numero por todo o mez de maio.

Fomos brindados ultimamente com 5 exemplares do *Panorama Photographico de Portugal*, correspondentes aos cinco

mezes do corrente anno, já decorridos. E' seu redactor o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, cuja tenacidade e estudo, bastante tem concorrido para o feliz exito de tal publicação. Ao agradecimento, que é sincero, juntaremos ainda o louvor que é, sobretudo, merecido e justo.

AOS PAES DE FAMILIA.—Ha dias encontramos-nos portas a dentro do Seminario Episcopal d'esta cidade.

Sabe-se que esta casa á qualidade de estabelecimento theologico reúne a de casa de educação litteraria, mesmo para individuos que se dedicam a estudos seculares.

Não fallaremos hoje da educação phisica, litteraria e scientifica que alli se dá; da tolerancia em materias politicas que alli se pratica; vamos simplesmente delatar aos paes de familia um abuso que os reverentes administradores d'aquella casa praticam, e que o prelado consente, senão auctorisa.

No centro do refeitório existe uma mesa cujos logares só podem ser occupados pelos *fidalgos*;—ora nós perguntamos a suas reverendissimas se a divisão, que fizeram dos seus educandos, em *fidalgos* e *plebeus* tem o seu fundamento nas doutrinas de egualdade pregadas pelo divino Mestre;—nós quizeramos ainda saber, o que significa a magnanima sollicitude de vossas reverendissimas, que vos leva a recomendar aos servos da casa, que os alimentos mais nutritivos e melhor cosinhados sejam levados á meza dos *fidalgos*!

—Saibam-no vossas reverendissimas: a questão não é de *barriga*, a questão é d'um insulto que fazeis em vossa casa aos educandos, que não vos apresentarem cartas de nobreza ou proteções para um emprego melhor que aspiraes.

Senhores padres, esse logar de honra, essas atencões *exclusivas* para os grandes da terra não vol-as ensina o Evangelho, nem a historia das vossas comunidades da idade media, quando a corda de esparto ligava os rins dos vossos frades sem distincções de rico e pobre, e a mesma tunica amortalhava o homem fosse elle um rei.

Pois olhae: se os precedentes das vossas doutrinas não auctorizam as vossas praticas, a Revolução, o espirito do seculo não vol-as consente. Despi o servilismo que vos avilta, e sêde christãos.

Temos recebido e agradecemos a troca dos diarios federacs hespanhoes.

Egualmente agradecemos o favor dos nossos collegas contreraneos que se têm dignado trocar com a nossa folha. Entre estes contavamos o *Diario de Noticias*, desde, porém, que sahiu a lume o n.º 2.º da *Republica Portuguesa*, o collega deixou de trocar. Provavelmente fez-lhe má impressão a leitura do nosso jornal.

Sentimos...

*El Justiciero* de Madrid, publica a circular do governo aos eleitores. Por falta de espaço não podemos dar publicidade a este valioso documento, onde se vê o cunho do gigante da tribuna hespanhola.

Diz que o governo não se pode dirigir aos partidos, porque deve ser o fiel da balança entre todos elles; mas que se pode dirigir aos eleitores. Diz que é preciso purificar o regimen eleitoral deixando a todos ampla liberdade e tornando-se o governo unicamente sustentaculo da ordem. Diz que nunca as eleições foram tão livres, porque nunca até hoje deixaram de intervir as auctoridades administrativas. Diz que o faz assim, porque o governo republicano não é d'um homem ou d'uma facção, mas o governo de todos e por todos; e porque deseja que na camara existam representados todos os partidos como se encontram lá fóra.

Por fim conclue:

Se das alturas serenas, onde devem permanecer os governos, alheios por sua natureza aos digladeios dos partidos, pudesse dirigir-se a estes, o governo dirigirse-hia aos que sempre hão pugnado para sustentar a liberdade na nossa patria, e recordar-lhes-ia que a abstenção insensata só pode conduzir a conspirações reaccionarias, e estas se lograssem triumphar, o que é impossivel, só poderiam trazer a dictadura, um grande eclipse para a liberdade; ou a restauração, uma grande vergonha para a patria.

A republica está definitivamente unida á liberdade. A sua causa é a causa do progresso.

Salvando-se a republica salva-se o direito; succumbindo a republica, succumbe com ella o direito.

A republica é a unica taboa de salvamento sobre que pode assentar-se a liberdade.

Para isto reuni-vos, hespanhoes, com socego; discuti com liberdade; inteirae-vos de todos os problemas que agitam as sociedades modernas; elegei os homens que vos inspirem mais confiança pela pureza das suas intencões e pela exaltação do seu patriotismo. Arbitros soes, hespanhoes, do vosso pensamento e do vosso voto. Se, por despeito, ou por temor não o depositaes na urna, não culpeis ninguém pelas consequencias que este suicidio moral pode trazer-vos: culpai-vos a vós mesmos. O governo confia na sensatez do povo hespanhol, confia na serenidade do seu juizo, e espera que attendendo ás inspirações do seu pensamento, á voz da sua consciencia, acertará em formular os grandes principios da civilização moderna, e com a victoria d'estes principios robustecerá o direito de todos e a grandeza da nossa amada patria.»

O *Diario Illustrado*, em descredito da gravura em Portugal, nem por isso se avantaja na redacção. Segunda feira trazia uma anecdota obscena, cuja transcripção litteral é impossivel fazer-se em jornal de provincia. A devassidão elevada ás alturas de apostolado é privilegio da capital. Onde está o rei está a côrte. A graça é que a surpresa feita a certos namorados em questão proveiu da allusão feita pelo *illustrado* jornal aos recursos que o *Diario de Noticias* offerece á reciproca tendencia dos sexos. O incolor é alli citado em gripho, como quem diz:—«Lá elle é que faz estas coisas...»

Fraternidade, amigos! Fraternalidade!... Em politica e mercancia litteraria sois dignos da monarchia e da sociedade que vos tolera... *Arcades Ambo!*

Consta-nos que brevemente serão recitadas, no theatro do Principe Real, em Lisboa, as duas poesias, ha pouco publicadas—*A Canalha*, de Gomes Leal, e *Ad Combate!*, de A. Bettencourt Rodrigues. D'aqui felicitamos os dois poetas pelo triumpho dos seus trabalhos.

Dizem-nos que o mimoso poeta das *Miniaturas*, Antonio Candido Gonçalves Crespo, vai dar-nos mais uma prova do seu talento e amor ás letras publicando um novo livro intitulado—*Quadros*.

Bem vindo seja!

Em congregação da faculdade de direito resolveu-se pôr ponto no dia 21 de corrente.

Dizem-nos que se acha em Coimbra o infante D. Augusto e seu pae.

O tempo está bom para viajar. E' necessario consumir o dinheiro que paga a nação a quem nada faz. Vamos, meus amigos, é gastar e divertir em quanto é tempo e não se esgota a paciencia publica. Abstraindo d'isto regosijamo-nos por termos suas magestades entre nós. Pois não!

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 reis, semestre. . . . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 22 DE MAIO

N.º 4

## A MONARCHIA GARANTE A LIBERDADE?

Diz-se por ahí á boca cheia, e a imprensa periodica já se tem feito órgão d'esta opinião, que a monarchia constitucional garante e concede todas as liberdades; dá amplo desenvolvimento a todos os direitos individuaes e é uma forma governativa accommodada ás exigencias e aos progressos da epocha.

Precisamos ver até que ponto é verdadeira e exacta esta opinião.

As questões, que dizem respeito á liberdade, são questões fundamentaes. Por causa da liberdade se tem operado todos os movimentos revolucionarios na historia da humanidade e até nos annos das sciencias. A reforma foi implantada na metade da Europa ao grito de viva a liberdade de consciencia. A cabeça de Carlos I em Inglaterra rolou do cadafalso ao grito de viva a liberdade politica e civil. A revolução franceza, essa ponte por onde passaram os povos do mundo antigo para as sociedades modernas, operou-se ao som estrepitoso e prolongado da proclamação de todas as liberdades, desde a que desligava o servo da terra e o constituia proprietario até a que lhe dava uma consciencia juridica e religiosa tornando o homem completo.

Os monarchistas ligam grande importancia a esta questão, porque sabem que hoje mais do que nunca precisam de liberdade os povos, os quaes tem sido martyres d'ella, combatendo a seu favor, dei-

xando os seus membros e os seus ossos apodrecidos nos campos de batalha.

Este ponto, pois, precisa ser aclarado; é necessario ver se a monarchia é a grande mãe que por todos nós reparte amor e dedicação paternal, se a todos abraça, consola e dá pão como fazem os nossos verdadeiros paes. ou se pelo contrario é a madrastra intractavel que só nos tributa despreso e odio.

Perguntamos, pois, de novo: coexistem com a monarchia a liberdade?

Todas as faculdades do homem são direitos subjectivos, porque não ha nenhuma acção que elle possa praticar moralmente que não seja um direito. Todos os direitos são poderes e não ha nenhum poder que não seja uma liberdade. Debaixo d'este ponto de vista vejamos que direitos ou que liberdades concede a monarchia.

O homem tem direito a viver. O direito á vida traz consigo o direito ao trabalho como subordinado: este traduz-se pela liberdade industrial.

Eu pergunto-vos, monarchistas, pela vossa constituição onde existe o direito ao trabalho? Eu pergunto-vos: como pode elle subsistir quando o trabalho suppõe a materia prima e os instrumentos de trabalho, e estes estão unicamente nas mãos dos capitalistas?

O homem é inviolavel na sua consciencia; é uma individualidade, subsiste por si; ninguém por tanto sem o offender, pode intrometer-se na sua esphera, a qual é traçada pela orbita das suas faculdades. Tem

direito por tanto a pensar como quizer, e ninguém o pode obrigar a adoração de qualquer ente, cuja existencia lhe repugne.

Isto chama-se liberdade de pensamento e liberdade de consciencia.

Em que artigo da nossa carta, monarchistas, subsiste a liberdade religiosa? qual a lei que garante a liberdade de pensamento? Ou se a ha, quem mandou ha pouco tempo fechar as conferencias do Casino?

O direito, á egualdade deduz-se da conformidade da natureza humana entre todos os homens, da sua finalidade e dos meios ou aptidões para a realizar. Este direito traduz-se na maxima liberdade para todos.

Pergunto-vos, monarchistas, onde existe no vosso código fundamental, a egualdade, quando elle expressamente diz que o rei é irresponsavel e superior todos os homens?

As faculdades do homem devem ser applicadas aos fins contidos no fim geral da humanidade. Estes fins consistem na realisação pratica do bem, da moralidade, da sciencia, da industria e da arte. As forças do homem individualmente considerado são fracas para tudo isto e o homem precisa do principio da associação. Formará tantas associações quantos os fins particulares que se proposer, a associação politica, scientifica, industrial e artistica.

O direito de associação, e a faculdade de poder usar d'elle, é pois o maximo dos direitos, porque sem a sua existencia não se realiza nenhuma condição de vida para o

homem. E' uma necessidade tão urgente como a de comer, beber ou dormir. E' um direito individual por tanto. O homem satisfaz-o como os outros direitos individuaes sem pedir auctorisação a ninguém, assim como come ou dorme sem que o estado lhe marque as horas para exercer estas funcções.

Ora, eu pergunto aos defensores da monarchia: existe o direito da associação permanente sem a auctorisação do governo?

Uma das conquistas da moderna civilisação e da sciencia economica é a liberdade de commercio, a livre troca. E' este um principio sobre que assentam socialistas e economistas; é esta uma verdade que no campo da sciencia ninguém ousa já negar: onde se encontra pelas nossas leis a liberdade de commercio? Como ella pode subsistir com uma rede de alfandegas em toda a linha da fronteira hespanhola e sobre toda a costa do oceano? Como ella pode subsistir com uma immensa quantidade de barreiras, espalhadas por todo o nosso paiz, onde cada producto para passar d'um extremo a outro do reino paga muitas vezes mais do que é o seu valor?

Eis ahí pois a liberdade que nos dá a monarchia. Nós chamamos-lhe a negação d'este direito, veja o povo quem é que tem razão.

Se liberdade se lhe pode chamar é a liberdade do privilegio e de poucos. A liberdade do rei dominando sobre todos. A liberdade de isenção de imposto, para certa classe, para os prestameiros do es-

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### AS RAÇAS HISTÓRICAS

DA

PENINSULA IBERICA E A SUA INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ

POR

Julio de Vilhena

É uma tentativa de philosophia da historia, e uma tentativa que vale bem por um trabalho completo. Traduziu-se rigorosamente um ideal de critica moderna. Nem mais nem menos é preciso, para accreditar um livro, que todos os direitos tem hoje á benevolencia da opinião publica, e ás aclamações dos poucos que por cá estudam com sinceridade e convicção.

Entre outras circumstancias, é a questão de raça um elemento de civilisação, como o clima e o territorio. Saber, porém, como as diversas raças se foram succedendo umas ás outras, investigar bem o predominio de qualquer d'ellas sobre uma dada nacionalidade, observar attentamente a corrente das emigrações porque foram passando e a serie de phenomenos que deram lugar,—tal é em poucas palavras, o trabalho do sr. Vilhena.

Ainda que, no estado actual da sciencia, haja uma impossibilidade mais ou menos relativa, de se determinar, com verdadeira accentuação e imparcialidade, a influencia historica das raças nas insti-

tuições sociaes da Europa,—é, comtudo, certo, que de muitas e controversas opiniões, temos todavia a considerar duas importantes migrações:—a migração aryanica e a migração semitica. Qual d'ellas concorreu mais para a civilisação europeia? quaes os seus caracteres, a sua indole e o seu grão de perfeição? em que sentido, e sob que estranhos elementos se operou a revolução d'estas duas raças? qual a sua religião, o seu direito e a sua litteratura? qual, em fim, a origem das nossas leis, do nosso progresso e da nossa sciencia?

Isto examinaremos, com rapidez, tendo sempre em vista o bem elaborado trabalho do sr. Julio de Vilhena.

É ponto averiguado, não só physiologica, senão tambem historicamente, que os sentimentos, a iniciativa, as aspirações das raças aryanas são inquestionavelmente muito superiores ás qualidades que revestem os povos de origem semitica. Assim, Renan, citado pelo sr. Vilhena, nota e com razão, que, entre os povos semiticos, o instincto religioso é superior á intelligencia politica. Comparando-os depois com os povos aryanos—diz elle ainda—que á raça semitica lhe falta a iniciativa scientifica e philosophica, sendo tambem certo que o caracter intellectual dos semitas é todo negativo, sem aptidão para as concepções geraes e abstractas, o que se manifesta exuberantemente, na sua linguaagem, na sua religião, na sua poesia, e nas suas instituições politicas. Ora, sendo isto assim, é claro que, mesmo á primeira vista, não podemos deixar de conceder uma legitima superioridade á raça aryanica.

Mas, remontando ainda á origem dos diversos elementos de civilisação, e combinando com elles o sentido em que se operou esta evolução historica—que na critica moderna tem o nome de migração indo-europeia, somos forçados a optar pela unidade de um centro de criação, o que mais confirma e corrobora, sem duvida, a exactidão do nosso juizo.

Que importa, que os povos semiticos tentassem fundir-se por mais de uma vez com os phenicios, carthaginezes e iberos, se o predominio era notavelmente reconhecido no elemento aryanico?

Provam-no as tradições historicas, litterarias, religiosas, e tudo quanto póde constituir a rigorosa expressão de uma nacionalidade.

Com estes principios bem se deixa ver que aceitamos o romanismo em toda a sua amplitude. Estamos de accordo, com o sr. Julio de Vilhena na parte em que elle discute o mosarabismo, como elemento secundario nos povos peninsulares. Nos foraes, sobretudo, é impossivel desconhecer a influencia romana nesta parte da peninsula. Tão notavel e obvia se nos figura que não escapa á mais ligeira analyse. E em nosso favor protestam agora a ethnographia e a linguistica, as quaes, como a philosophia da historia, vão passando já do estado de elaboração ao estado de realidades scientificas e juridicas.

Ao trabalho do sr. Vilhena podem muitos objectar a ausencia de um espirito vigorosamente generalizador e philosophico. Quem attentar, porém, nas 138 paginas de que se compõe o livro, facilmente reconhecerá a impossibilidade de semi-

lhante exigencia. No entretanto—diga-se já de passagem—ha paginas nesta obra onde eloquentemente se revela a benéfica luz do criticismo moderno. A nosso ver está neste caso o capitulo IV, o qual, tratando da idade-media, só de per si constitue um verdadeiro acontecimento litterario.

Dispensavam-se um grande numero de citações, é verdade, e nomeadamente as de muitos poetas latinos, cujo merito está longe de corresponder ás aspirações da nossa epocha, em tudo scientifica e historica. Mas ainda neste ponto foi o sr. Vilhena intencional e concludente. A inutilidade, ou antes a pequenez do archivo fica demasiadamente provada em face da moderna philosophia da historia. Vê-se que Tito Livio fóra outr'ora um bom narrador, que hoje não pode nem deve satisfazer. E assim com muitos outros igualmente.

É limitado o espaço e o tempo escaçca. Se, como é provavel, voltarmos novamente á liça, mais nos deteremos sobre o assumpto, que por todos os motivos se torna digno d'isso.

Antes de concluirmos, porém, bom fóra que nos applaudissemos mutuamente em face d'este famoso movimento litterario, que hoje, se vae operando nos dominios da academia coimbricense. E com orgulho o deveramos fazer.

Ao sr. Julio Vilhena deve caber uma grande parte d'este orgulho, que para elle é gloria e para nós triumpho.

Coimbra, 73.

tado, e os seus grandes rendeiros. A liberdade religiosa para os catholicos apostolicos romanos.

Para os demais homens chama-se tudo isto liberdade da miseria na industria; sufocação das aspirações do coração em materia religiosa; a morte da iniciativa individual pelas peias à livre associação em direito publico e commercial; estrangulamento do pequeno industrial e do camponez entre as garras do fisco.

Parece-nos ter d'este modo respondido ao *Jornal da Noite* a proposito da questão por elle levantada, se a monarchia garante a liberdade; e ao mesmo tempo ter-lhe retrocado as palavras que elle põe na boca do conde de Ericeira, para combater a opinião d'aquelles que já em 1640 se lembravam entre nós de proclamar a republica, mas que o não fizeram, porque os portuguezes padecem por falta de união e doe-lhes mais que a desgraça propria a fortuna alheia.

Assim, pois, servindo-nos das proprias palavras do nosso adversario teremos a republica, porque a monarchia só faz a fortuna alheia, e ao povo portuguez doe-lhe mais que a desgraça propria esta fortuna.

Mas se este argumento não é tão forte como á primeira vista parece, apresente-lhe-hemos outros no numero seguinte e ao mesmo tempo lhe havemos de demonstrar que a republica é a unica solução para Portugal.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Foi solemne o acto eleitoral na Hespanha. A grande nação apoz os despotismos theocratico-monarchicos, apoz as injustiças que encheram de luto a sua historia, teve occasião de afirmar desassombradamente a Republica, a unica forma politica compativel com a dignidade do homem, e unica applicavel a um povo livre.

E affirmou-a. Debalde os adversarios de todas as cores e partidos, tanto nacionaes como estrangeiros, se esforçaram.

As calumnias miseraveis que uma imprensa mais miseravel ainda levantou; as mentiras forjadas pela má fé e ignorancia; os odios, as vinganças de uns tantos saltadores que pelos montes de Hespanha vão dando a viva prova do que é o absolutismo; as maquinações vergonhosas da phalange radical; as impudencias da phalange conservadora; tudo isso ficou esmagado debaixo da manifestação serena, conscienciosa e cheia de virtude, com que a Hespanha republicana repellio o anathema de ingovernavel atrahido sobre ella pela monarchia.

Hoje que resta aos partidos conservadores? Uma arma apenas, a unica que maneja bem a reacção—o sophisma.

Pelo sophisma ali está ella procurando attenuar um tão brilhante resultado politico, procurando demonstrar que as eleições estão longe de traduzir a vontade nacional. E sabeis porque? Não é por falta d'ordem e ainda menos de Liberdade. É por falta de votos! De maneira que a monarchia amadeista fundada por uma camara, que representava a vontade de 600000 cidadãos era legitima, e a Republica sancionada por 1.359.147 votos não é legitima! Sêde consequentes monarchicos, e tu, povo, não te illudas.

É escusado duvidal-o. A monarchia morreu na Hespanha. Pouco importá que a imprensa conservadora o queira occultar. Os factos da historia estão acima das nossas paixões, dos nossos interesses, das nossas miserias. São como aquelles grandes rochedos que resistem impassiveis ás grandes tempestades da natureza.

Acceitae a Republica, homens de todos os partidos, que as phrases injurias nada

conseguirão. O movimento da idéa é irresistivel.

A reacção theologico-carlista está quasi aniquilada, graças á actividade e aos talentos militares de Nouvillas. Este valente general, de consciencia limpa e vida impolluta recebeu a improba tarefa de gastar a sua pericia em perseguição de uns certos cabecilhas, chamados Fristany, Nustarat, Quizco, Lizarraga, Saballs, Sabarriegos e outros, que são dignos interpretes do credo absolutista. A dynastia amadeista não deixou na Hespanha outro legado, legado triste, legado amargo, mas salutar porque veio mostrar aos descen-tes as virtudes regeneradoras da politica republicana e a incapacidade da politica monarchica. Neste ponto Nouvillas é bem superior ao duque d'Aosta.

Acceitae a Republica, homens de todos os partidos.

Tambem a imprensa conservadora procurou amedrontar os espiritos com uma certa intervenção estrangeira na Hespanha, e especialmente da Inglaterra. A tal respeito transcrevemos da *Equaldade*:

«Dos boatos desatinados e ridiculos propalados pelos diarios conservadores é, sem duvida, mais desatinado o que se refere a intenções sinistras da Inglaterra sobre Cadiz, Ceuta e até sobre provincias inteiras do Meio Dia da Hespanha. As phrases dos mencionados diarios são uma verdadeira offensa á illustração e senso comum de seus leitores, pois, por ignorantes e estupidos que fossem, haviam de saber que a Inglaterra, ameaçada de graves perigos na Asia, proxima a perder na America o protectorado sobre o Canadá, minada já pelo elemento revolucionario e recessa do seu incremento na Irlanda, não sonharia ao menos comprometter-se em arriscadas aventuras num paiz que os inglezes, nossos companheiros na guerra da Independencia, são os primeiros a conhecer quão grande energia possui para defender seu territorio.»

Esta linguagem da *Equaldade* é a de toda a imprensa seria e conscienciosa, que faz justiça á opinião publica da Europa, não dando credito a um facto que poderia produzir uma conflagração em todo o continente. O espirito inventivo de certos jornaes, que não pensam assim, vê as cousas d'outro modo. Suppõem amedrontar os adeptos da visinha Republica. Enganam-se. Mentiras não aterram ninguém.

Na França as eleições foram decisivas. A reacção de todo o mundo ficou assombrada. Tinha razão. Os brados que partem da França costumam ser tremendos, mas salutaes. O povo francez é severo no castigo, mas tambem exemplar na correccção. E severa será de certo a futura constituinte d'aquelle grande paiz, que sustenta no occidente o espirito da Revolução, o espirito da Liberdade. Agora já não ha que duvidar da direcção que leva a corrente politica na patria de Danton. Fallou pelas grandes bocas de Paris e Lyon.

Quem tem olhos veja, e quem tem ouvidos ouça, em quanto é tempo.

A agitação religiosa é grande na Italia. Possui o Papa e Garibaldi, o catholicismo tradicional e o espirito liberal, o seculo XII e o seculo XIX, as trevas e a luz. A luta era fatal. Existe hoje mesmo no seio do parlamento, onde o projecto de lei acerca da suppressão das ordens religiosas, tem levantado grandes tempestades.

Na Inglaterra a onda democratica vae sempre crescendo. Se é o paiz dos burgoezes, é tambem o dos operarios, dos lutadores infatigaveis nos grandes dias da Revolução. A republica hespanhola acha grandes echos na patria de Shakespeare. O governo tem de ceder, e o reconhecimento official é infallivel.

A Hespanha e a França estão republicanas, a Italia e a Inglaterra caminham para lá a passos gigantes. E nós? Adoramos um homem, um rei, um systema, que não tem vida, moralidade e economia. Somos felizes como os cadaveres nos tumulos. Temos o repouso.

## LIBERDADE DE ENSINO

Vae para dois annos, que este paiz assistiu a um dos maiores escandalos praticados nestes ultimos tempos pelos governos monarchicos, sob a direcção irresponsavel do rei constitucional.

Convem não esquecer, que estava á frente do poder o sr. marquez d'Avila e Bolama, esse eterno conservador, esse benemerito da patria, no dizer dos seus afieitados, que o honram e contemplam á todos os instantes como um vulto legendario!...

O que se prescinde de historiar agora com largueza, porque vive na memoria de todos e soffreu a critica dos espiritos elevados, é o documento a que o sr. marquez ligou o nome—já nessa epoca e ainda hoje celebre pelo longo tirocinio da sua vida politica, que não produziu nunca um rasgo de fecundidade ou uma inspiração siquer de reforma util—referendando uma portaria embeccil, que mandava amordaciar a palavra a uns poucos de batalhadores ousados e talentosos que, no *Casino Lisbonense*, tentavam expôr, em conferencias democraticas, o resultado dos seus estudos nas diversas manifestações da sciencia moderna; a livre exposição das suas idéas, a verdade das suas crenças e a fé entusiastica dos seus principios progressistas!

E fecharam-se as portas do *Casino Lisbonense*, não em presença de um processo legalmente formulado, não em virtude dos prelectores desactarem os poderes constituidos, ou menosprezarem o espirito ordeirão das instituições menos livres, que nos embaraçam e entibiam, mas em nome do mais revoltante despotismo, da repressão mais violenta á liberdade do pensamento, á liberdade da palavra, á liberdade de reunião!

Que não passe desaperecebido dos seus biographos e dos seus incensadores este facto das chronicas da vida politica do sr. marquez d'Avila, para que mais tarde o povo saiba quem lhe aplanou o caminho para a conquista das liberdades individuais, que elle espera com anciedade suprema!

Nada conseguiram os protestos dos prestimosos cidadãos, que tomavam parte nas conferencias, e de outros que, pela afinidade de idéas e de pensar, se lhes associaram.

Uma fracção da imprensa, a mais livre e conscienciosa, mas que infelizmente não forma a maioria do jornalismo portuguez, stigmatizou, como entendeu, o proceder indecoroso do governo. Aos homens de aspirações grandes e generosas, aos propugnadores das idéas avançadas do seu tempo, coube, ao menos, esse oasis por entre as torturas que agitavam o seu espirito! Ficou-lhes ainda mais outro desafogo. Um protesto concentrado, mas eloquente de indignação pela tarefa d'aquelles que tiveram a ingloriosa coragem de defender no parlamento a portaria brutal, que prohibiu as conferencias democraticas, em Lisboa, no mez de junho de 1874.

Hoje, como hontem, a situação é a mesma.

Não está no poder o senhor de Bolama, mas estão dirigindo os destinos do paiz outros homens capazes das mesmas repressões, susceptiveis, no pequeno ambiente das suas idéas, das mesmas prepotencias.

Isto não são affirmações vagas. O caso tão notorio de haver-se, por ordem da auctoridade, invadido por uma simples suspeita de crime, a residencia de um homem de bem, enxovalhando-o no que elle tem

de mais precioso—a honra: as prisões arbitrarías no theatro de S. Carlos por uns espectadores patearem, no uso pleno dos seus direitos, uma dança intoleravel, e finalmente o processo da revolta, um dos documentos mais escandalosamente forjados pela situação monarchico-regeneradora; todos esses factos, não querendo apontar outros, provam o espirito de liberdade que a inspira, e o que pode esperar-se dos actos governativos de uma tal facção politica.

Outro qualquer grupo monarchico, que a substitua, em quanto existir o actual systema de um constitucionalismo caduco, não dará ao povo mais largas garantias de liberdade, nem mais benefico derramamento de luz;—não lhe ha de inocular os principios democraticos, terá receio de ver os povos instruidos, porque não lhe convem que sejam livres. A esses grupos está visto que affronta sobre modo a doutrina de J. Simon:—«Uma liberdade nunca é perigosa, e, quando parece perigosa, é que lhe falta o contrapeso d'alguem outra!»

Torna-se portanto evidente que só o partido republicano, pugnando com extremo ardor pela conquista e realisação de um certo numero de regalias e liberdades, que os partidos monarchicos engeitaram, e já agora não estão á altura de promulgar, poderá dar ao povo o que de direito lhe pertence, o que é reclamado pelas circumstancias e necessidades da epoca revolucionaria, que atravessamos.

Uma das regalias de que o povo portuguez carece urgentemente é a Liberdade de ensino. Ha de, por via d'ella, ganhar a instrucção que hoje lhe cercam os governos monarchicos, entregando-o á tutoria de uns pseudo-professores, miseravelmente pagos, e ao cuidado dos sacerdotes imbecis de uma religião official, completamente desconceituada.

E, para que não mais se dê o vergonhoso acto de ser coartada a livre acção da palavra aos amigos dedicados da democracia, é mister declarar guerra franca, mas leal, ao espirito reacçionario dos partidos monarchicos, porque, mesmo os que se apreçoam liberaes, consentem que as suas auctoridades protejam os inimigos da imprensa livre, e vão de accordo que se vede a entrada aos jornaes de politica mais avançada em um dos principaes estabelecimentos de instrucção publica do nosso paiz.

Confie o povo, pois, na idéa nova, dê-lhe força, collocando-se do lado d'aquelles que advogam a causa da liberdade e do progresso em todas as suas formas esplendidas, movidos pelo amor da convicção e pelo exemplo pertinaz dos paizes mais adiantados, e em maior grau de prosperidade. Faça isso, e conquistará pela politica democratica da Republica as liberdades que a monarchia não quer ou não pode dar-lhe.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

ALBANO COUTINHO JUNIOR.

AOS ELEITORES DO DIARIO ILLUSTRADO E DA REPUBLICA PORTUGUEZA

(Conclusão do numero antecedente)

Do mesmo modo que uma nação deixando de contribuir, pelos seus trabalhos scientificos ou artisticos, para a civilização geral (e abstenho-me por patriotismo, de citações), perde o direito á sua independencia, e o que mais é, ao respeito dos outros povos, assim uma instituição se desautorisa no dia em que prova cabalmente a sua inutilidade no meio em que foi estabelecida. No dia, porém, em que além de inutil para o fim moral que motivou a sua criação, affirma evidente e cabalmente o prejuizo criado pela sua existencia, essa instituição exhaustora-se e os seus membros tornam-se culpados do crime de lesa-civilização, se era missão civilizadora a que primitivamente se arrogara.

A instituição a que allude é a imprensa jornalística. Uma das fracções que mais se

distinguem na senda do aniquillamento moral d'este povo é o DIARIO ILLUSTRADO.

A ignorancia assustadora e caracteristica do povo portuguez; o seu rebaiamento moral aos olhos da Europa culta; a negação absoluta pelo trabalho e pelo estudo sério; a indiferença ironica e zombeteira com que assiste diariamente ao aviltamento dos seus homens publicos e ao seu proprio aviltamento, constituem um quadro animador para quem vê no jornalismo uma industria auctorizada pelas leis do reino e pela irresponsavel lei do costume. Para os que julgam que o jornalismo é um sacerdocio, é arido o terreno, e são immensos e insuperaveis os obstaculos a vencer. É preciso uma crença arreigada e profunda na grandeza da propria missão, para não desanimar ante os apodos dos imbecis e dos que a Verdade prejudica. A estes é defezo o favor publico; são os martyres; são para a maioria uns *atrabiliarios cimentos*.

—Se hoje lavro este protesto perante bom numero dos que verão nelle allusões claras e formaes, é porque confio num lampejo do instincto publico para ouvir esse protesto.

A missão do DIARIO ILLUSTRADO é quasi indifinivel: Não sei se deve cair sobre elle toda a condemnacão, ou se é unico responsável d'estas aberracões e publico, que as sustenta e anima. Nesta epoca de transição convulsiva e temerosa, que agita as sociedades modernas, funda-se na capital d'este paiz uma folha diaria, destinada á propagação das charadas, das gravuras ineptas e dos folhetins irrisorios, e essa folha é recebida de braços abertos como ideal do jornalismo austero, imparcial e sisudo!

Surge a revolução de Hespanha. Os homens iminentes d'aquella nação generosa luctam heroicamente, inspirados no mais santo patriotismo, por conduzir através d'escolhos sem fim a nova e agitada republica a um estado de serenidade que a todos os seus membros permita e faculte o exercicio dos seus direitos e deveres. A nossa imprensa aprecia de diversos modos o procedimento d'aquelles homens. Extremam-se os campos, e entre os campees da rotina e das trevas distingue-se, pelos seus insultos ao governo hespanhol, o citado DIARIO ILLUSTRADO.

Um jornal de interesses não tem opiniao em assumptos d'esta ordem, nem direito a erguer a voz; mas tem ainda menos o direito de comprometter o paiz, que o sustenta, para com uma nação visinha, e o de comprometter a dignidade do povo portuguez, que o protege e subsidia.

Insisto no subsidio. É o subsidio da ignorancia e da estupidez. Logico, no fim de tudo.

Não proseguirei; tratava-se apenas de formular terminantemente a minha opiniao acerca do DIARIO ILLUSTRADO, desprendido de contemplicões por um determinado membro d'essa redacção e explicanda formalmente o sentido, para muitos mysterioso, das minhas palavras.

Nada se diz de novo. Afirma-se, porém, em voz alta o que é preciso que se afirme.

Lisboa, 8 de maio, 1873.

SILVA PINTO.

LISBOA, 20 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Realisou-se no theatro de D. Maria II a festa artistica da actriz Virginia.

A proposito d'este facto, insere o Paiz de 15 do corrente um folhetim, firmado pelo sr. Gervasio Lobato e sobre o qual me permittirei algumas reflexões.

O sr. Lobato, moço de esclarecida intelligencia, segundo os que o conhecem, elevou o seu papel, no folhetim alludido, á altura de *historiador do theatro portuguez*. Isto impõe obrigações. Vejamos como as desempenhou o sr. Lobato.

Elle confere á actriz Virginia o diploma de *actriz á mais completa*, etc. do nosso theatro. Não discutirei o facto. O que é certo é que o sr. Lobato, depois de chamar á actriz Emilia Adelaide—a *estrella polar do nosso palco* e á actriz Emilia das Neves—a *sublime actriz que poucas rivales*

encontrará na Europa, e a ambas—a *primeira actriz portugueza*, não pode estabelecer prioridades em absoluto a proposito de Virginia.

O sr. Lobato, a quem muito preso, não levará a mal a minha estranheza ante as suas gratuitas affirmacões. O que me parece é que a *historia do theatro portuguez* devia estar longe d'isto.

Creio que está, no fim de tudo...

Por isto, permitta-se-me que manifeste, mais uma vez, a minha opiniao, singela, mas invariavel, acerca da actriz Virginia. Ella é hoje a primeira actriz do theatro de D. Maria II e,—á parte o grande vulto de Emilia das Neves,—posso, receiar que me acoimem de leviano, exprimir uma opiniao, que é de muitos, chamando-lhe—*a primeira actriz portugueza contemporanea*.

Á critica, incluindo a que se preza de severa, nunca fez justiça ao talento admiravel da nossa illustre *ingenua*.

E' d'essa abstenção que resulta, talvez, o progresso da actriz Virginia. Possa ella proseguir no seu caminho de gloria, a coberto dos elogios banaes, mais para temer do que as censuras injustas.

—Em S. Carlos foi á scena a *Morganzinha de Valflo*, em beneficio da Pasquali. Foi uma lição para o nosso publico o desempenho do principal papel. Oxalá que de futuro as nossas platéas sejam menos prodigas em applausos, afim de não se exporem a um cruel desengano e a um arrependimento completo no momento dos confrontos.

Pasquali foi surpreendente. Além de uma estrondosa ovacão, teve a opiniao *desfavoravel* do *Jornal da Noite*. Deve estar satisfeita a illustre artista.

—Publicou-se o primeiro trabalho em resposta ao livro do sr. José Gomes Monteiro *Os criticos de Fausto*; é o folheto de Graça Barreto, que na minha ultima correspondencia lhes annunciavi. Intitula-se: *Lição a um litterato*. Depois da longa serie de ineptias que temos supportado aos defensores do sr. Castilho, nesta questào, deleita-nos este trabalho de Graça Barreto. É uma lição severa e completa.

Termina do seguinte modo: «O que ninguém pode ainda contar é o tempo que sobreviverão estes homens (os da confraria official) ao seu mestre, porque o mestre d'elles morreu... Sim, elle está morto, e d'esse sepulchro em que o guardaram não resurgirá ao terceiro dia, nem ao terceiro millenio.

«Podem vestir-o de todas as armas, e qualquer dos seus discipulos, como prova de reconhecimento, ou testemunho de consciencia, pode transformá-lo em Babeica; elle, porém, montado e equipado, com a sua lança na mão, não destruirá estes infieis, porque não teve vizões como o Cid, e quem não ganhou campanhas em vida, não alcançará victorias na morte.»

—O maior successo da semana foi o julgamento do processo em que era réo o sr. Alfredo Julio de Brito e auctor o sr. Marianno Ghira. O resultado é bem conhecido e bem digno de reflexão. E' sobre tudo elequente. O desmoronamento é geral. Caem de dia para dia as mascaras dos deusas; mas a orgia vai proseguindo. Quando terminará?

—A proposito, convem notar que reina o mais profundo silencio sobre o inquerito postal, em tempos annunciado. E' mister não affrouxar nas reclamações contra aquella fonte de corrupção. Já que surgiu alli um homem honrado e corajoso a protestar contra as infamias inauditas alli praticadas á sombra de uma revoltante impunidade, é preciso que a voz d'esse homem encontre ecos de sympathia entre os homens independentes e dignos.

Venha pois o inquerito! A indiferença apparente pode ser cumplicidade. No dia em que nos convenceremos da existencia real d'este facto não pouparemos os seus auctores. Se o jornalismo é, na sua maioria, o symbolo do mais completo descaramento, proteste esse publico de quem ella se diz orgão; proteste em nome dos seus interesses, da sua bolsa ameaçada e da sua dignidade calcada aos pés!

Quando a grande collectividade perdeu os restos do pudor mal vai a cada um dos seus membros, embora se abriguem á sombra d'essa collectividade. Esta indiferença, toda nacional, pode ser descrença, é certo, mas pode ser covardia.

—Espalharam-se ha dias em Lisboa uns pasquins *republicanos*. Pelo estylo e porque atravez a pelle do leão se entrevia a orelha collossal do asno, é licito crer que os pasquins em questào são da fabrica governamental. Já entraram no terreno dos miguelistas; querem agora enlamear o terreno opposto.

Estão, porém, já conhecidos.

—No theatro do Principe Real foram recitadas, no sabbado, perante um numero publico, as poesias de Gomes Leal e Bettencourt Rodrigues:—*A Canalha* e *Ao Combate!* Houve delirio. Gomes Leal teve uma ovacão e o seu collega foi chamado com enthusiasmo. Não pôde apparecer por estar ausente.

—O *Diario de Noticias* descobriu um duplo suicidio no caso de um individuo que, depois de assassinar uma mulher, se suicida!

A moral e o senso commum se não podem suicidar-se são objecto de tentativas de assassinato bem frequentes.

—O *Diario Illustrado* continúa a expôr o seu estadal de dispartes illustrados aos olhos do tolerante publico da Parvozia.

—Nada mais.

S. P.

## LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

*Os Heroes da Arte* é um opusculo de 32 paginas, publicado em Lisboa, e devido á penna distincta do sr. Pessanha Povoá, advogado no Rio de Janeiro. Escusado se torna aqui encarecer o merito d'este trabalho, cujo fim evidente é tornar conhecida entre nós a litteratura brasileira. Ao sr. Pessanha Povoá, pois, cabe a maxima gloria nestas e outras publicacões. Brevemente o esperamos entre nós, e então lhe diremos com mais desassombro o que pensamos, acerca do assumpto.

O sr. Graça Barreto acaba de publicar um opusculo de incontestavel merecimento, cujo titulo é—*Lição a um litterato*. Agradecendo já, e muito particularmente, a remessa do exemplar que se dignou enviar-nos, esperamos occasião mais opportuna, afim de sobre a materia expendermos a nossa humilde opiniao.

MAGALHÃES LIMA.

## NOTICIARIO

Proximamente vamos entrar num assumpto que deve ser de grande interesse para as classes operarias d'esta cidade. Teremos de occupar-nos da organisação da Associação dos Artistas, e mostrar os seus defeitos e a necessidade que ha de a transformar, para bem d'esta classe numa sociedade cooperativa de trabalho, ou de consumo, tornando-a semelhante á *officina social* de Lisboa creada por iniciativa da Fraternidade Operaria.

Lá fora, em França e Inglaterra, existem muitas d'estas associações; e agora nos lembra uma enjos resultados são maravilhosos, a associação dos *justos gastadores* de Rochdale em Inglaterra. Cotria um anno de inverno rigorosissimo, o anno de 1843; escaceava o trabalho. Os justos gastadores de Rochdale, depois de lutarem muito tempo com a miseria e terem esgotado todos os recursos para augmentar os salarios; e todos tornando-se infructiferos lembraram-se de um expediente maravilhoso; não podendo augmentar a receita diminuíram a despeza. Nada era mais facil: bastava comprar por junto os alimentos indispensaveis á vida e repartil-os em seguida pelos associados pelo preço do custo. Para realizar esta tentativa decidiram que cada um entraria cada semana, pouco mais ou menos, com 40 réis. Eram vinte oito socios no fim do anno de 1844, a sociedade possuía já um fundo de 700 francos. Empregaram metade d'aquella quantia na compra de sal, farinha, assucar e manteiga. Allugaram uma loja que mais parecia uma furna do que estabelecimento. Alli, cada sabbado, á luz mortica de um can-

dieiro miseravel, cada um dos socios ia desempenhar, por sua vez, o officio de vendedor a retalho.

Foram-lhe prosperos os ventos, creceu o numero dos associados e augmentou indefinidamente a sua riqueza. Hoje conta milhares de socios e muitas officinas de produção.

Fundou escolas, possui uma rica bibliotheca e varios estabelecimentos e foi o modelo de 332 associações espalhadas por toda a Grã-Bretanha.

No anno de 1863 possuía já um capital de um milhão e setecentos mil francos. Os socios eram por esta occasião 4:000. Não será possível em Portugal propagar estes exemplos? Depende de vós, artistas.

A redacção d'este jornal agradece aos srs. padres gerentes do seminário de Coimbra as honras que lhe dispensam distinguindo-o entre todos os papéis com os seus anathemas e esconjuros.

A *Republica Portuguesa* tinha apenas visto a luz da publicidade quando a censura ferozmente estúpida lhe fulminou pena de interdicção de entrada naquelle estabelecimento de instrucção (?)

Que pretexto allegais para ter condemnado no vosso *index* este jornal sem o ler? —presentistes pelo cheiro que elle verberaria o parasitismo inepto e corrupto? Não vos enganastes. Assim fica salva a vossa tolerancia, srs. padres.

## PERFIL

Tem umas formas vis, originaes, E a face gorda, sensual e media Lembra os monstros ideacs da Edade-media Nas gotteiras das velhas cathedraes,

Elle passeia á noite, ao luar, ao fresco Sobre o asphalto das praças ruidosas, E, ao vê-lo, pasmam as multidões curiosas Ante os caprichos de um feroz grotesco...

Sua negra historia de paixões impuras E' narrada com extranhas aventuras E o prestígio das cousas dissolventes:

Perdeu-se *alli* mais um barão disforme —Por consumir todo um thesouro enorme Com uma venus dos paizes quentes:

A. B. R.

O *Diario Popular* inseria ultimamente nas suas columnas uma bibliographia critica, devida á penna do sr. Sousa Viterbo, estudante de medicina na escola de Lisboa. Fallava este sr. em *digesto e ordenacões*, como quem bebe um copo d'agua. Discutio os opusculos *juridicos* do sr. visconde de Paiva Manso, seguindo o exemplo de uma *celebre* senhora que escreve folhetins no *illustrado Diario* da capital. Por cá folheiam-se e estudam-se as ordenacões, durante cinco annos, e ainda assim difficilmente se falla nellas, e muito menos se faz uma critica a qualquer *opusculo juridico*.

Mas, perdão, esquecimo-nos involuntariamente de que estava em scena o talento *encyclopedista* do sr. Sousa Viterbo.

O seu a seu dono...

Dizem-nos de Lisboa:

Na noite de 17 do corrente mez foram recitadas por dois moços curiosos, no theatro do Principe Real, em Lisboa, as vigorosas poesias que tanto têm dado ultimamente que falar:—*A Canalha*, de Gomes Leal, e *Ao Combate!* de A. Bettencourt Rodrigues.

O publico recebeu-as debaixo do maior enthusiasmo, victoriando unanimemente a idéa democratica e revolucionaria dos dois poemetas.

A poesia de Bettencourt Rodrigues teve especialmente uma ovacão esplendida.

O povo manifestou com effervescencia os seus sentimentos republicanos, pedindo *bis* e applaudindo cheio de phrenesi as estrophes finaes:

A luta irmãos! á luta!... Democratas Poisae o pé sobre as cabeças chatas Das viboras reaes!

Felicitemos os talentosos-poetas pelos seus recentes triumphos, e regosijamo-nos porque a idéa republicana ganhe sempre, onde quer que se manifeste, a adhesão e as sympathias de todos os espiritos livres e independentes.

Os alumnos do 5.º anno de direito, prestes a abandonarem os bancos da universidade, escolheram o local da *Lapa dos Esteios* para se dar o abraço da despedida. Acaba hoje a vida de rapazes para 88 mancebos que durante cinco annos viveram na mais completa camaradagem, e muitos dos quaes não tornarão a ver-se.

Sobre os bancos da universidade se formam as convicções e se filiam os alumnos nos diferentes partidos militantes, mas isto não impede que nos reunamos, porque não é o pensamento que alli nos chama mas sim o coração. D'aqui, pois, nos congratulamos com tão feliz idéa e de modo nenhum faltaremos.

Já chegou a Coimbra o quadro photographico dos estudantes do 5.º anno juridico.

As photographias dos diferentes academicos na generalidade parecem perfeitamente exactas. Cada retrato traz em volta o nome e naturalidade.

No cimo do quadro apparecem tambem os retratos dos lentes do 5.º anno junctamente com o do decano da faculdade e o do prelado da universidade.

Recebemos uma carta do sr. Albano Coutinho, datada de Mogofores.

Por falta de espaço e por não ser nosso o protesto a que se refere o sr. Albano Coutinho, pedimos desculpa da sua não publicidade.

No entretanto acabamos neste momento de remetter o seu escripto aos verdadeiros redactores do protesto.

Tambem agradecemos profundamente as palavras lisonjeiras que em carta particular se dignou enviar-nos s. ex.ª

Os padres directores do Seminario de Coimbra tomaram a peito o bloqueio do mundo exterior para que as idéas novas não grangem adeptos nas suas casas. Para mais facil se tornar a tarefa envenenam o coração da mocidade, que dirigem, com os odios infernaes da *Nação, Bem Publico, etc.*, para com todas as instituições liberaes; ministram-lhe uma sciencia sedicã, um fanatismo estúpido, uma superstição degradante, uma intolerancia feroz.

Bem disse o nosso correspondente da capital para o ultimo numero d'esta folha, que é necessario ensinar um officio aos reis e aos filhos de reis. Os jornaes estrangeiros noticiam a morte d'um filho do ultimo imperador indigena do Mexico. Exercia em Paris ultimamente a profissão de taverneiro. Este facto deve fazer pensar na sua sorte aos que hoje mais ganham e menos fazem.

Ao menos se lhes fosse deixado, a alguns que nós conhecemos, depois de destronados, exercer este mister, ainda se dariam por muito satisfeitos.

Lê-se no *Jornal da Noite* de domingo, 18 do corrente:—*Rosas Pallidas*, por D. Guiomar Torresão, etc., etc., etc.

«O retrato, sim porque o livro da sr.ª Torresão traz o seu retrato; o retrato d'uma formosa senhora á frente d'um livro é por certo condição valiosa para quantos a conhecem e presam, e para os admiradores dos seus escriptos, que não tenham a honra de a conhecer, mas tem o inconveniente de demorar a leitura.» Sr. Teixeira de Vasconcellos, estas phrases já não ficam bem na bocca d'um velho, embora seja um velho cavalheiro (sic.)

«Tudo isto faz lembrar aquellas façanhas que era necessario praticar nos tempos da cavallaria andante para desencantar uma princeza ou conquistar um talisman, guardado por leões e elephantes e defendido por mil outros impedimentos.

«Nós já vencemos tão gratas difficuldades.»

E ainda o diz. Isto não se escreve sr. Teixeira de Vasconcellos. Faça-o mas não o diga. Pela boca perde o peixe, e depois o pudor das mais senhoras..... e o publico e a idade de v. ex.ª...

Quem está continuamente a dar conselhos aos moços não pratica d'estas acções, nem vem assoalhar-as para a praça publica. Mais moralidade sr. Teixeira de Vasconcellos. Se não foi v. ex.ª que escreveu esta local, reprehenda os seus creados.

A reacção levanta-se desenfreiada por toda a parte; o seminario d'esta cidade, a cargo d'um prelado, que gosa de creditos de liberal, parece ser um dos focos.

Nesta casa, que se diz ser de instrucção, foi expressamente vedada a entrada ao *Diario da Tarde* e á *Republica Portuguesa*. Em compensação usa-se plenamente do *Diario Illustrado*. Tem razão; a instrucção ministrada por aquelles senhores é sempre... charada.

No dia 6 do corrente houve uma audiencia celebre na comarca de Loulé. Julgavam-se varios individuos accusados por terem insultado o administrador que foi d'aquelle concelho o sr. João Maria Lopes de Macedo. Foi advogado de defesa o nosso amigo e correlligionario Marçal d'Azevedo Pacheco, talento robusto, intelligencia clara. Fez um discurso brilhante, que foi uma gloria para a democracia.

A este respeito diz o *Jornal de Lisboa* do dia 13.

«As informações que temos em relação á discussão criminal a que nos referimos são todas concordes em assegurar que o sr. Marçal Pacheco, no seu brilhante discurso, procurara expor a grande lucta que em todos os tempos se tem travado entre a liberdade individual e a auctoridade collectiva;—como a historia d'esta lucta constitua o fundo da historia politica de todos os povos;—descreveu os grandes males que resultam á sociedade d'este antagonismo e como era necessaria a auctoridade, mantenedora da ordem, e preciosa a liberdade, iniciadora do progresso; e accrescentou que a unica solução possivel para este problema social, o mais tremendo de todos elles, era o fazer-se a auctoridade respeitar não pelas baionetas, mas sim pela dignidade dos seus, moralidade e honra do seu proceder.

«A palavra fluente do sr. Marçal Pacheco, e a oração que pronunciou, notavel pela forma, e pela correcção da phrase, levaram o convencimento ao animo do jury que absolveu os reus, ficando d'esta forma registrado no tribunal da comarca de Loulé um discurso que poz bem em relevo os subidos dotes intellectuaes do defensor dos réus.

«E' largo o horizonte que se apresenta ao sr. Marçal Pacheco: e para lamentar é que tão distincto advogado não deixe a pequena villa onde se encerrou, procurando tribunaes onde o seu talento fosse mais apreciado. Se assim fôra por certo que dentro de pouco o seu nome seria inscripto nos annaes da advocacia como um dos seus mais notaveis membros.

Morreu da idade de 76 annos o grande batalhador Stuart Mill. Era um dos maiores publicistas da actualidade.

O problema das relações entre o individuo e o estado; o problema da emancipação da mulher foram principalmente os que mais attrahiram a attenção d'este pensador, cuja morte foi uma perda para a liberdade, de que era strenuo defensor.

Cumpre-nos hoje agradecer a boa recepção que o publico tem feito á nossa folha. Continuamente temos estado a augmentar o numero da tiragem.

Todos os numeros anteriores se acham esgotados. Este acolhimento não o attribuímos senão ás profundas raizes que encontra hoje entre nós a idéa democratica.

Continuamos a agradecer aos cavalheiros que nos saudam e felicitam.

O honrado pae do desventurado academico Coelho de Campos mandou distribuir o seu retrato e o do seu filho fallecido, por todos os estudantes do 2.º anno juridico.

Principiou na segunda feira a farça irrisoria e ridicula dos diferentes sujeitos, implicados na revolta.

E' mais uma preciosidade d'estes nossos governos constitucionaes.

Por falta de espaço não damos hoje publicidade á carta que nos enviou o vigilante Sentinella da liberdade no paiz dos hottentotes. Irá no proximo numero, assim como muitos outros escriptos que ficam em nosso poder.

Começou a publicar-se em Lisboa, um novo jornal satyrico, intitulado *Cabrio*. Parece imparcial, não obstante o titulo.

Agradecemos a remessa e aceitamos a troca.

Falla-se com insistencia no proximo casamento do grande tribuno Emilio Castellar, actual ministro dos estrangeiros em Hespanha.

Em Birmingham, houve ultimamente um meeting de quatro mil pessoas, afim de felicitar o governo hespanhol pela sua transformação politica. Já chegou a Madrid o republicano encarregado de entregar a felicitação, e dizem que partira para Lisboa, depois de ter conferenciado com Castellar. No seu regresso prepara-lhe o partido federal uma estrondosa ovação.

Produziram grande sensação no mundo scientifico as revelações feitas pelo sr. dr. Garcia ácerca do sr. Motta Veiga, no ultimo numero da *Correspondencia de Coimbra*. Que dirá a isto o José Maria do *Bem Publico* que tambem foi á mesma vinagreira?

As nullidades altivas têm sempre quedas desastrosas....

Os chefes carlistas prohibiram terminantemente, sob pena de morte, a circulação dos jornaes liberaes, de que em rigor se póde dizer serem donos absolutos.

E é isto o que faz o carlismo, e é isto o que quer a reacção, e é isto o que pretende a immoralidade arvorada em virtude....

Maldição! eterna maldição! sobre a cabeça dos devassos...

Ha dias que começou no 3.º anno juridico uma discussão interessante sobre o relatório apresentado ao mesmo curso pelo nosso collega Magalhães Lima. O relatório trata da sociologia applicada á administração publica. Acha-se escripto com vigor, e, não obstante a sua pequena extensão, occupa-se de muitas questões vitales, que a nossa epoca trata de desinvolver pelos dados da sciencia positiva da administração auxiliados pelas sciencias naturaes.

Têm fallado sobre este objecto muitos dos academicos do 3.º anno: os srs. Frederico Laranjo, Queiroga, Fernandes, Julio Pereira da Costa e Luciano Monteiro. O nosso collega Magalhães Lima respondeu no fim a todos aquelles que o combateram.

Consta-nos que o sr. Frederico Laranjo aventara alli a opinião que toda a philosophia se torna num religiosismo. Parece que este modo de ver as coisas contradiz todo o progresso da humanidade, pois a historia nos diz que todos os progressos no mundo social foram conquistados lutando contra as religiões; e foi este facto que levou Augusto Comte, e antes d'elle Vico, a dividir toda a historia em 3 perio-

dos: o periodo religioso, o metaphisico e o positivo.

Em fim pode ser que o sr. Laranjo visse as coisas a outra luz, á luz d'uma sciencia sophistica, chamada a sciencia theologica que infelizmente domina ainda muitos espiritos. A historia, porém, não se faz pela imaginação. A historia é critica.

É completamente falsa a noticia propagada por alguns jornaes da capital, ácerca da proxima continuação do jornal o *Trabalho*. Suspendeu, é verdade, por um tempo certo e determinado, mas não chegou ainda o periodo da sua resurreição.

## EXPEDIENTE

Os nossos Illustrés assignantes que sahrem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da **REPUBLICA PORTUGUEZA**, — Couraça de Lisboa, 87.

## ANNUNCIOS

### AS RAÇAS HISTORICAS

DA  
**PENINSULA IBERICA**

E A SUA

INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ

Por

Julio de Vilhena

Á venda na livraria do sr. Cabral — Calçada — 500 reis.

### DOS BANCOS PORTUGUEZES

Por

Luciano Cordeiro

EDITORES, Pacheco e Carmo, LISBOA

500 reis

### TREZ MUNDOS

Por

D. ANTONIO DA COSTA

E' um volume de 357 paginas, nitidamente impresso.

Á venda nas lojas de livros da Imprensa da Universidade e dos srs. Melchiades e Pires.

Preço..... 600 reis

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO

### O ESPECTRO DE JUVENAL

Sahiu o n.º 4

Á venda na livraria Academica, Calçada.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra — Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis. — Para ás Provincias — Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis. — Aviso no proprio dia 20 reis. — Anuncios 30 reis cada linha. — ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Assigna-se: — Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61. — Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

FOLHA SEMANAL

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

QUINTA FEIRA 29 DE MAIO

N.º 5

## REPÚBLICA ÚNICA SOLUÇÃO PARA PORTUGAL

No artigo antecedente demonstrámos que nenhuma especie de liberdade legitima podia coexistir com a monarchia e vimos por ultimo que ella fazia sómente a fortuna alheia, isto é, a fortuna de poucos. Estes corolarios nem merecem a honra de refutação; não ha ninguem sendo perguntado que não diga que a felicidade, o bem estar e a fortuna, devem ser patrimonio de todos. Hoje vamos demonstrar que a republica é a unica solução possível para Portugal.

Ha 40 annos que se estabeleceu entre nós o regimen monarchico-constitucional.

Auxiliou-nos directamente a Inglaterra, indirectamente o governo francez de Luiz Philippe nesta empresa.

Portugal, todavia, mostrou alguma iniciativa e deu signaes de vida.

O parlamento tornou-se uma grande tribuna e por lá passaram as grandes paixões e as grandes tempestades de 89. Passos Manuel, José Estevão, Garrett e Rebello da Silva, foram os grandes tribunos e as grandes almas, que tentaram galvanisar, que galvanisaram por algum tempo este híbrido systema, que mistura indifferentemente os vicios da monarchia com as grandes virtudes e as grandes bellezas do regimen republicano.

Os eximios tribunos desceram ao sepulchro com grande lucto da nação portugueza, não tanto por causa dos immensos

serviços que prestaram á causa democratica, como pela grandeza dos seus corações. O systema para ahi se arrasta hoje, sem uma alma e um coração que lhe dê vida. O parlamento tornou-se num antro, onde só vegetam paixões ignobes, e o systema, porque era falso, em vez de desenvolver-se e progredir, segundo as leis da vida e da natureza, tem ido decahindo e o seu estado hoje é o d'um corpo em putrefacção.

Demonstrou-se mais de uma vez em sciencia politica como se demonstra em biologia, que os monstros não vivem.

O que virá apoz este estado?

Não vacilamos na resposta. Se em 1830 Portugal, não obstante o vigor das paixões e das crenças, não obstante a fé cega nos homens politicos d'essa epocha, se não livrou da influencia estrangeira, hoje muito menos o pode fazer. Resta, pois, que será um juguete e um polichinello. Mas de quem? Será da Inglaterra e da França como succedeu em 1830? Será objecto da alchimia politica dos gabinetes da Allemanha e da Italia? Sêl-o-ha da Hespanha? Eis ahi a questão.

Da Inglaterra não é possível; ella perdeu todo o prestigio moral desde que presenciou de braços crusados a dilaceração de duas poderosas nações, ella já nem tem força para sustentar na obediencia o seu immenso e dilatado mundo de colonias: ella não pode entrar em complicações politicas, porque teme o forte rival e gran-

de inimigo d'alem do Oceano. A França, por via da sua posição no centro da raça neo-latina, não pode sair do papel de mediadora sem offender as leis da justiça. A Allemanha e a Italia estão muito desviadas e por tanto só de longe nos podem dominar. Resta por tanto a Hespanha. Temos os mesmos costumes, fallamos a mesma lingua com pequenas differenças de acentuação e terminações, e sobre tudo somos irmãos. Andamos sempre juntos na conquista da gloria d'alem mar. Aguçamos e açacalamos junctamente as nossas espadas contra os mouros; temos soffrido e experimentado as mesmas mutações politicas; crusamos centenas de vezes as familias reinantes; os cavalleiros de Castella vinham a servir o rei em Portugal, os de cá passavam muitas vezes para Hespanha. Madrid e Lisboa formavam, para assim dizer, uma só côrte; e se algumas vezes esta paz e harmonia se quebrou foi producto da ambição d'alguns monarchas que não das affinidades sentimentaes dos dois povos. Segue-se de tudo isto que somos arrastados pela força das circunstancias extremas para a republica; e para salvarmos a dignidade e a iniciativa proprias e não se poder dizer lá fóra, que nos vieram dar a liberdade como nos lançam em rosto os inglezes, só nos resta proclamar a por mera força da nossa vontade autonoma.

Financial e administrativamente tam-

bem somos encaminhados para o porto de salvamento da republica; financialmente, porque o governo republicano é mais barato do que outro qualquer conhecido, e não coiremos no absurdo que ouvimos ao ministro da fazenda, que, embora a nossa receita não seja igual á despeza, pode todavia egualar-se todos os annos com um emprestimo do qual se paga simplesmente o juro, como se por este systema se vivesse muito feliz e nós não pagassemos já dez mil contos de juros ao credito publico; administrativamente, porque só na republica se pode dar a descentralização e é principio assente nesta materia que a maior parte dos empregos sejam gratuitos como succede hoje com os juizes eleitos, regedores e camaras municipaes; e por tanto, acaba essa rede immensa de empregados diffundidos por todo o paiz, verdadeira praga de gafanhotos, que levou um escriptor francez a crear para elles um nome chinez, o *mandarinato*.

Agora pode o *Jornal de Noite* insinuar á vontade, com a boa fé que todos lhe reconhecemos, que a republica é a desordem, que não dá mais liberdade nem garante melhor o trabalho do que a monarchia, nem merece a pena, pelo simples facto de as republicas serem da moda, correr os riscos e accidentes d'uma mudança; pode dizer uma e mil vezes que quem está bem deixa-se estar, que jámais responderemos a quem não encara nenhuma questão de

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### TRES MUNDOS (1)

POR

D. Antonio da Costa

I

Feição propria e independente tem a historia moderna.

Os factos isolados, que na antiguidade, constituíam narrações eloquentes, foram substituidos no mundo actual pelas verdadeiras causas do progresso. Out'ora narrava-se, hoje investiga-se. O que hontem era um symbolo é agora uma idéa. O *alpha* e o *omega* dos metaphysicos, todo individualista, theorico e abstrato, vai cedendo o campo ás realidades positivas, organicas e experimentaes, que, presentemente, encaminham as sociedades modernas a um novo ideal, mais pratico e legitimo.

Assim, pois, a historia é uma evolução. Uma evolução que tem a sua forma objectiva por meio da revolução, assim como

(1) Por não concordarmos em muitos pontos com o formoso trabalho do sr. D. Antonio da Costa, somos forçados a extrair de um livro nosso inédito—*A Revolução e o Futuro*—uma larga introdução, que ao mesmo tempo constitue uma pagina de philosophia da historia. Figurou-se-nos que assim melhor ficariam justificadas as considerações posteriores. Sirva-nos, pois, de desculpa a boa intenção com que obramos.

a politica a teve por meio da administração. E como evolução é a historia subjectiva, ideal, synthetica.

Determinar, porém, com verdadeira imparcialidade, o modo porque cada civilização concorreu para a civilização geral; induzir de factos particulares o facto constante e permanente; generalisar a toda a humanidade o que é privativo do individuo, da familia, da corporação, da communa, etc.:—tal é e tal deve ser presentemente a verdadeira missão da philosophia da historia.

Retrocedamos um pouco.

#### II

Depois de atravessado alternativamente o periodo naturalista—de que Hobbes e Malthus são verdadeiros interpretes, na ordem das idéas—chegou o homem ao conhecimento racional da sua existencia.

Conscio de si e dos elementos que o rodeavam procurou elle emancipar-se do presente pela contemplação do passado e pelo anseio do futuro.

A' similhança do prurido, que, de longe se manifestara no primeiro ser creado, de profundar a materia, que tão directamente lhe impressionava os sentidos, nasceu tambem neste o desejo da investigação e a necessidade de por si só, remontar a um certo numero de principios, cuja solução lhe satisfizesse, senão immediata, pelo menos mediatamente, a curiosidade que devorava.

Notam-se aqui já duas epochas: uma instinctiva e animal; outra consciente e subjectiva.—E' a espontaneidade cedendo o lugar á reflexão.

Incapaz de longas abstracções, o ho-

mem mergulha primeiro no seio immenso da criação com a qual se identifica plenamente. E' desconhecido o eu. O pantheismo, absorvendo todos os seres animados, dentro de um circulo mais ou menos acanhado de variadas sensações, cria o polytheismo, o fetichismo, a polygamia, e todos aquelles elementos complexos da philosophia oriental, cuja variedade seria longo enumerar.

E' este o periodo *theologico* ou ficticio de que nos falla Aug. Comte, ou ainda o *divino* de Vico. Em religião a forma vale tudo. Inda, Vichnou e Siva formam a trilogia indiana, cuja essencia é *Indra*, a suprema irradiação, a luz suprema, lambendo com seus raios purpurinos as comas das montanhas, por onde o alegre pastor quotidianamente conduz o rebanho amigo.

Na arte predomina a *plasticidade*. A caravana, percorrendo os areas sombrios da Asia Menor, symbolisa o commercio. No Egypto, a pyramide, primitiva expressão da propriedade rural, acariciada pelas aguas do Nilo, forma um soberbo contraste entre a tyrannia dos pharaós e a humildeza de seus vassallos.

Vem a Grecia. E' uma synthese o seu trabalho; um equilibrio entre a forma e a idéa. Concentrado em si, o homem, quasi esquece o elemento externo que lhe dera o ser. Ao passo que as cosmogonias do oriente se nos revelavam num certo mysticismo unitario e especulativo, a Grecia declara-se abertamente pelo antropomorphismo, ao qual posteriormente succede a philosophia estoica.

Tudo isto e ainda a resurreição do direito de cidade—se direito se lhe podia chamar—tornaram esta civilização digna de um estudo sério e aturado. E tanto

que Roma mais tarde só veio completar, ou, melhor, continuar esta famosa *Odysseia*, cujo principio pertenceu a Homero e cujo termo ficará eternamente ignorado.

O individuo, porém, acanhado nos limites da familia e da cidade, aspirava a um centro mais vasto, onde melhor e mais livremente podesse exercer a acção das suas faculdades e a tendencia das suas aptidões. Pela unidade que Roma felizmente soube imprimir ás sociedades gregas, em virtude do seu genio de conquista e eminentemente centralizador, realisou-se a noção de Estado, onde o individuo nada era, quando a elle não pertencesse.

Porém o estado era pequeno ainda, e os homens lutavam sempre.

Entre o mundo barbaro, que depois appareceu e o mundo romano, já então decadente, eleva-se o mundo christão, synthese da civilização greco-romana.

Começam aqui as lutas da idade média e com ellas uma legitima aspiração a um estado melhor—a *nacionalidade*, que teve uma brilhante aurora com a revolução politica do seculo XVIII.

A nacionalidade, porém, não era nem podia ser um ideal de perfeita harmonia politica. Provaram-n'o as revoluções de 1830 e de 1848 em França, e attestam-n'o agora exuberantemente as lutas sociaes que por toda a parte se travam e que não são mais do que um novo ensaio, confirmado pela historia, e reconhecido pela justiça universal, para uma outra e mais completa revolução, cuja eterna divisa será—*Humanidade*.

E' esta a lei da historia, são estes os gritos da sciencia.

(Continúa.)

face e fuge sempre pela tangente, como se diz em linguagem mathematica, para não ser esmagado perante o peso dos principios.

Pode accumular sophismas sobre sophismas que não havemos de ser nós quem os desfaremos; deixamos esse encargo para as gerações futuras e concluimos como s. ex.<sup>a</sup> numa critica litteraria a um nosso amigo: «quem bem fizer a cama, bem se deitará nella.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Precipitam-se os acontecimentos com velocidade superior ás nossas previsões. O organismo das sociedades modernas trabalhado por grandes vicios, agitado por movimentos oppostos acha-se vesivelmente em um periodo de decomposição, que não é possível evitar, porque diante da força occulta que arrasta a Humanidade todos os obstaculos são inuteis.

Paralysar a sua marcha é um absurdo. A loucura dos que tal tentaram encheu o mundo de desgraças, dando a certos momentos da historia esse caracter profundamente tragico, que attribuiu a existencia de muitas gerações.

Isto é simples, isto é claro.

E, todavia, que vemos e observamos?

Na Hespanha a horda carlista, anathematizada pela indignação de um povo inteiro, que se sente animado pelo moderno espirito da Liberdade, continuando a alimentar o Minotauro do despotismo com o sangue dos patriotas apanhados nos seus postos em defeza da honra da patria, em defeza dos direitos do homem proclamados na vida pratica pela grande escola que trouxe ao mundo a democracia, que ensinou ás sociedades a verdadeira formula politica—a Republica.

Mas esses furiosos selvagens têm uma egide misteriosa que os lava de todas as impurezas, de todas as violações feitas á dignidade humana. Sabeis qual é? É a benção apostolica, é o consenso tacito e expresso do chefe visivel do catholicismo! Matar, roubar e no fim de tudo sentir-se penetrado pelo benefico influxo da divina benção! Cousas monarchicas, concepções theologicas!

Homens de todas as classes abri os olhos se tendes em alguma conta a dignidade da especie.

Mas o carlismo vac em decadencia, apesar dos boatos terroristas com que a imprensa conservadora tem amedrontado os espiritos. Não o dizemos nós, dil-o um jornal insuspeito, di-lo o *Diario de San Sebastian*. «Pela nossa parte affirmamos que as facções não têm crescido; que Doregaray não tem nem 8, nem 7, nem 6, nem 5:000 soldados; que a guerrilha de Lizarraga não consta de 4:000, mas sim de 600 homens; que não desembarcaram mil fusis; que a guerra se sustenta á custa dos erros do paiz e que logo que haja uma boa direcção do exercito, actividade e desejo de perseguil-os apesar das exageradas noticias, bastarão dois a tres golpes para reduzil-os a nada». Eis como um jornal conservador do vizinho paiz aprecia o tal movimento theologico-carlista. Depois dos gritos levantados pela imprensa conservadora em seguida á acção de Eraul, de importancia muito secundaria já nos não admiram os exaggeros que por ahí lemos todos os dias.

Na França, naquella França revolucionaria, naquella França de 93, a athmosfera politica nublou repentinamente. Isto encheu de susto os que tinham saudado com entusiasmo a politica indecisa de Thiers, que nunca se admite e principalmente em momentos decisivos, em momentos em que uma sociedade procura organizar-se sobre novas bases.

A expiação de Thiers começa agora. É o fructo que lhe deu a arvore da direita, são as legítimas consequencias de um

proceder errado, de umas conciliações impossiveis, porque onde ha antagonismo de principios, ha antagonismo de vontades.

O radicalismo é, em politica, a unica theoria verdadeira. Os que pensam d'outro modo desconhecem a experiencia da historia.

Quem tem a responsabilidade da queda de Thiers? Na hora do perigo só achou a seu lado o partido republicano, o partido que elle desgostou continuamente pelas suas medidas conservadoras, pelo seu rigorismo para com os revolucionarios de Pariz, e pelas suas vergonhosas transacções com o centro direito da Assembléa. E, apesar de tudo, esse partido não o abandonou, não teve uma mão machiavellica para o ferir, com quanto muitas occasiões se lhe proporcionassem. Ainda assim é aluchado de partido desordeiro!

De que lado está a cordura, a lealdade e a prudencia?

A substituição de Thiers pelo general Mac-Mahon não nos amedronta. A monarchia é impossivel. É arvore que não cresce no terreno movediço das revoluções.

Sabemos que Mac-Mahon é honapartista, e, sobre tudo, amante das Krups. Não importa. Acima d'estes sentimentos individuaes está a vontade collectiva de um povo que têm o desejo da Liberdade. Podem assentar no throno um homem, um descendente das familias reaes, mas isto servirá apenas para em breve fazer brotar mais pura de todos os corações a idéa republicana. Desengane-se a reacção. O mundo não desanda.

Da *Egualdade* transcrevemos a breve e eloquentissima felicitação que dirigiu o presidente do conselho executivo do cantão federal de Berna, o sr. Jollissaint, ao grande orador e distincto ministro dos negocios estrangeiros em Hespanha, e bem assim a resposta d'este ultimo.

O presidente do conselho executivo do cantão de Berna ao sr. Castelar, ministro dos estrangeiros da Republica Hespanhola.

Sr. ministro—Aproveito a primeira occasião que se me offerece para dirigir-vos as minhas sinceras felicitações e recordar-me ao mesmo tempo á vossa memoria. Jámais olvidamos o brinde enthuusiasta que pronunciastes pela occasião do banquete official do *Congresso da Paz* em setembro de 1869.

Recordamo-nos sempre das vossas poeticas palavras de despedida.

«Vamos, dissestes vós, fundar a republica em Hespanha.»

Alegramo-nos que essa previsão se tenha cumprido, e fazemos votos pelo triumpho e prosperidade da nossa nova irmã, a Republica hespanhola.—Jollissaint.—Berna, 1 de maio de 1873.

### RESPOSTA DE CASTELAR

Sr. presidente:

Recebo com satisfação a vossa affectuosissima carta; consolação para as amarguras que envenenam aqui a vida publica.

Não era necessario avivar-me a memoria, estando, como está, presente a vossa amizade no meu coração. O ministro não esquece que tvestes para o desterrado em sua desgraça, distincções jámais ali tributadas ao poder e á fortuna.

E' verdade; eu assisti ao Congresso da Paz com a idéa fixa no problema dos tempos modernos, o problema de unir a auctoridade com a liberdade, e a necessaria estabilidade das sociedades humanas com as republicas democratas e progressivas, as quaes são o natural organismo d'aquelles povos, onde morreram as monarchias por uma decomposição interna, como succedeu em Hespanha.

E' verdade, eu annunciei então que a

Republica visitaria a Hespanha; era necessario estar cego para não ver com verdadeira antecipaçao a sorte reservada ás leis democraticas depois da ruina dos reis historicos; mas eu creio ter dito tambem por essa occasião que não era a revolução, senão a propaganda, o modo de chegar á Republica; que não estava a sua base nas barricadas das ruas, senão na tribuna dos parlamentos. Aonde existe, como entre vós, e em Hespanha, a liberdade e o sufragio universal, a revolução material, a revolução armada equivale a um crime e a demencia. Por isso eu me oppuz nestes ultimos tempos com todas as minhas forças á revolução, aguardando paciente da logica dos factos o resultado que retardava a impaciencia dos que se julgavam mais fortes.

A fundação da republica pode depender de trez ou quatro homens valorosos, habéis e eloquentes, a consolidação todavia não depende em verdade senão do povo. E agora me toca de todos os modos dizer ao povo hespanhol de todas as partes que ha só um meio de consolidar a republica, é renunciar aos usos da força, e da violencia, esperando tudo da liberdade e do sufragio, para que a ordem publica seja na sociedade tão inalteravel como é a ordem phisica no universo.

Tenho esperança e hei tido fé. Esta esperança seria realidade se eu pudesse mostrar ao povo hespanhol a vossa republica, o vosso respeito aos magistrados, a vossa obediencia ás leis, a vossa regularidade e socego no proceder, o senso pratico das vossas reformas, a ordem inalteravel nas ruas, a ordem moral nos animos, o culto ás grandes recordações historicas, a vossa renuncia a todo o processo de força, o vosso zelo pelos interesses legitimos, a severidade d'um povo verdadeiramente republicano em fim.

Assim é, pois, que das minhas largas peregrinações pela Europa, eu que tanto amo as artes, não recordo com amor, nem os esplendores da civilização de Paris, nem a grandeza do trabalho de Londres, nem as maravilhas da arte em Roma e Florença. O que me lembra, porém, com saudade, e até certa inveja, é a liberdade das vossas instituições, tão pura como o ar das vossas montanhas, tão firme como o granito do vosso solo. Queira a providencia livrar-nos a nós todos, hespanhoes, d'estes periodos de agitação, febre de revoluções continuas, e trazer-nos a paz, a ordem e estabilidade indispensaveis no seio d'uma livre, verdadeira e prudentissima republica.—O sempre vosso

Emilio Castellar.

## CARTAS POLITICAS

### O carlismo hespanhol

Que é o carlismo em Hespanha?

O carlismo, visto á luz da philosophia, é a encarnação do espirito reaccionario, retrogrado ou feudal; o carlismo, em pleno seculo XIX é o grito de revolta contra o progresso da humanidade, contra o aperfeiçoamento das raças humanas.

Allemaes orgulhosos, que vos jactaes de representar a raça mais apurada da especie humana (ou do genero humano...) como é que combinaes essa excellencia de dotes intellectuaes e moraes com a sujeição ao jugo feudal em que viveis?!

Aos que julgarem deslocada a nossa apostrophe no assumpto, que escolhemos para esta carta, responderemos, que nós ferveilha na mente a noticia da coadjuvação em homens, dinheiro e materias de guerra, que os catholicos allemaes, os *chouans* francezes e *torys* inglezes, estão continuamente enviando aos carlistas...

O carlismo em Hespanha é o desafio a todo o transe do absolutismo, do regimen da força, da fogueira, da inquisição, do sacrificio humano no altar dos druidas...

com o regimen da emancipação liberal. Pouco importa a forma, a essencia fica sendo a mesma: ou se assassina o homem na força, na guilhotina, ou se fusile, ou se asse na fogueira, ou se frija na certã dos inquisidores ou se immole no altar dos deuses druidicos... é sempre, essencialmente, o mesmo sacrificio da antropophagia!

O nosso pensamento fica ainda mais claro na seguinte proposição:

O *miguelista* em Portugal, o *carlista* em Hespanha, o *chouan* em França, o *tory* na Inglaterra, o partidario do *antigo regimen* em todos os paizes civilizados, constituem uma só e mesma especie... e ainda assim fazemos de generosos, concedendo-lhes a denominação da especie, em rigor sómente reservada para os individuos *normaes*, e não para os anormales, degenerados e *microcephalos*.

Não nos illudamos; a luta sanguinaria que se trava actualmente no paiz visinho, é a mesma lucta que ainda á pouco se travou nos Estados Anglo-Americanos, lucta gigantesca, em que um milhão de homens armados hasteavam a bandeira da escravidão, negra, prostituida e ignobil bandeira! Essa lucta immensa, em que o cidadão obscuro... o immortal Grant, hoje presidente da primeira das nações civilizadas, conduziu as phalanges liberaes até aos muros da Richmond rebelde, essa lucta estupidamente considerada como a *guerra do algodão*, era, como a de hoje em Hespanha, a lucta da democracia com o privilegio, do regimen liberal com o regimen absoluto ou feudal. Quantas vezes ao ler os profundos artigos da *Independencia Belga* sobre esta guerra gigante, exclamavamos: Será possível que em pleno seculo XIX a bandeira liberal seja suplantada pela bandeira servil? Não é possível e não foi, porque os separatistas, os falsos republicanos, torys distarçados, vestidos d'azul branco, como diriamos em Portugal, tiveram de ceder aos heroicos e sublimes esforços dos republicanos convictos.

A mesma exclamação repetimos hoje. Será possível que em pleno seculo XIX e depois de consolidado o regimen republicano na nação heroica anglo-americana, será possível, que a raça servil dos carlistas hespanhoes abafe o principio da liberdade?! Não é possível. E' a nossa resposta, a nossa intima convicção, e convicções intimas não se refutam.

Não sei se as nossos singelas palavras passarão a raia hespanhola, não sei se a expressão humilde do nosso pensamento terá a honra sublime de chegar ás mãos d'algun dos eminentes apóstolos da republica, Orense, Py e Margal, Castellar... Ousâmos, ao menos, dizer que o altivo apóstolo da nossa imprensa republicana, a sua profunda convicção ha de ecoar na imprensa hespanhola e na dos Estados Unidos da America.

A nossa opinião é a do presidente martyr, do grande Lincoln, na sua mensagem. Os Estados Unidos, norte-americanos, dizias elle, constituídos numa das mais poderosas nações do mundo, hão de assistir de braços cruzados á interferencia dos monarchas da Europa, que se fazem solidarios, para sustentar os seus sicarios, os seus partidarios, suplantando o grito da emancipação liberal, onde quer que elle appareça? e os Estados Unidos hão de deixar abandonados os seus correligionarios em qualquer parte do globo?

Não pode ser, não deve ser.

Ao governo da nação norte americana assiste o mesmo direito que aos monarchas da *(soi disant)* santa alliança! Se estes se confederam para abafar o grito da liberdade... liguem-se as republicas da Suissa, da Hespanha, da França com a sua aliada naturalissima dos Estados Unidos norte americanos numa confederação solidaria, intima, constituindo a *santa alliança da liberdade*.

Solidarismo liberal, democracia solidaria... seja o rotulo da bandeira de todas as nações republicanas.

Chovam as libras dos *emporocraticos* torys inglezes nas bolsas famintas dos carlistas... recebem homens, armas e munições dos incorrigíveis chonans francezes e dos ferrenhos catholicos da Allemanha; não nos aterram todos estes esforços solidarios, não desesperamos da causa democratica dos nossos visinhos, mas é indispensavel que os Estados Unidos da America reconheçam, que é sua a causa da democracia, porque se está pelejando em Hespanha.

Anunciem muito embora os arautos da imprensa assalariada monarchica, que o encontro na exposição de Vienna dos tres imperadores, da Russia, Allemanha e Austria não é fortuito, mas tem por fim premeditado concertar uma nova *santa alliança*, destinada a impedir a demagogia popular... não nos atemorizam as bravatas dos corruptos assalariados dos senhores feudaes! ha de chegar-lhe a sua vez.

As variedades e subvariedades numerosas das raças allemãs... (porque não ha uma só) nem sempre poderão resolver as suas questões internas, as suas complicações de familia com a emigração em massa para os Estados Unidos...

Para os tres grão senhores feudaes... tem a democracia pura a sua guarda avançada no seio da Allemanha... elles bem o sabem! e por isso têm feito concessões liberaes infinitesimaes... ás *pinguinhas*... como quem pretende engodar creanças!

Não se illudam!

O tempo avança no meio das tempestades, já o dizia Duprat.

O retrocesso é impossivel.

Escusam de aturdir-nos com os excessos demagogicos... o problema importantissimo mas difficilimo da *egualdade social* ha de resolver-se para bem da humanidade e não para proveito *sómente* de milhares de discolos, que nem entendem os seus direitos, nem sabem defendel-os.

Até mais ver.

A sentinella da liberdade no paiz dos *Hotentotes*

D'ellas não vivido essas facções que abi radeam e têm sido o sustentaculo da monarchia.

D'ellas se serviu ainda agora o ministerio, que se appellida regenerador, dando o caracter de seriedade a uma coisa ridicula, para ter entretido por algum tempo o espirito publico, para retemperar os animos timoratos, por ventura extranhos a estes enredos capciosos, para emfim pretextar viver mais socegradamente á sombra dos applausos entusiasticos ao chefe do estado, que *reina e não governa!*

Caiu-lhe, porém, a mascara; rompeu-se-lhe o veu, o repellente veu que alguns mezes conseguiu encobrir aos olhos dos menos perspicazes os tramas artificiosamente armados ao effeito pela actual politica monarchico-regenedora.

E caiu: de que modo? Provando-se, que geram mezes nas cadeas do Limoeiro — e é sabido que não ha meio no actual systema de serem indemnizados dos incommodos porque passam uns cidadãos injusta e despoticamente pronunciados como conspiradores; uns cidadãos aos quaes não appareceu um unico dado que fizesse prova em juizo, de que eram reus do crime que lhe imputavam! Mais ainda. Viu-se, pelo depoimento d'algumas testemunhas de accusação, que, não obstante estarem ao serviço da espionagem do governo, e serem por este largamente retribuidas — e tu, oh povo! sobrecarregado de desproporcionaes tributos! eram as primeiras a corroborar o votos d'aquelles, que nunca tomaram a serio a *conspiração* de julho, e os proprios que denunciaram ao tribunal e ao publico, que o principal elemento de conspiração e dissolução neste paiz é a immoralidade dos governos monarchicos, muito especialmente quando, para se equelibrarem no poder, lançam mão das maiores indignidades, e atiram á face da nação com documentos do theor do processo da revolta.

Depois de tudo isto, era inevitavel e foi logica a absolvição dos que se viram sentados no banco dos reus.

Certa, evidente e eloqente foi a condemnção do governo!

Ah! mas com estes e outros exemplos, com os escandalos de todos os dias, que a monarchia nos apresenta, ganha a causa do povo, a causa democratica, a causa da Republica. Estão a dar-lhe força estas interminaveis peripecias de um systema que vive a vida dos desalentados. A opinião publica, essa, vai manifestando-se, e não perde occasião de preparar o caminho para uma era nova, precursora da aurora esplendida que traga para este paiz redempção pela liberdade e moralidade — o governo do povo pelo povo, a republica, emfim, que possa por uma vez estancar os vicios das monarchias, que estão em latitudinario desaccordo com o espirito livre e independente das modernas sociedades.

Albano Coutinho Junior.

#### LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Saiu um livro ha tempos promettido: *Portugal e o Socialismo, exame constitucional da sociedade portugueza e sua reorganisação pelo socialismo*. E' um trabalho de merecimento devido á penna do sr. J. P. de Oliveira Martins. Para maior economia publicar-se-ha esta obra em cinco fasciculos. O primeiro, que ora agradecemos e annunciamos, comprehende, além d'outros, os seguintes capitulos: — *Theoria da revolução — A Sociedade e o Estado — Da necessidade de revolução no seculo XIX — Caracter d'essa revolução — Phisionomia politico-social da nação portugueza — Phisiosophia da ideia do Estado — Conservação, reacção e revolução*. Ficam ainda em via de publicação os n.º 2, 3, 4 e 5 fasciculos: *A revolução e a industria; a revolução e o credito; a revolução e a propriedade; a revolução e a politica*.

Em quanto não fallamos do livro, o que tencionamos fazer dentro em breve, é bom que de passagem se advirta que ao sr. Oliveira Martins pertence já hoje um alto triumpho pela vasta proficiencia com que tem levantado estes estudos em Portugal. A *Theoria do socialismo*, de que esta obra agora é complemento, é uma prova bem evidente do que lealmente deixamos dito.

MAGALHÃES LIMA.

#### Reacção e democracia

Continúa a propaganda jesuitica na igreja das Theresinhas; continúa Loyola a fallar pela bocca de seus successores, que nunca foram melhores do que elle.

Custa a crer que se ouçam com attenção, e achem echo em almas que respiram a athmosphera da liberdade do seculo dezenove, as idéas hypocritas e palavras envenenadas de fanatismo, legitimos fructos d'uma religião sem vida.

Ha dias entrei naquella igreja, detive-me a ouvir um padre que estava fallando na capella mór; era um padre novo, gordo, de palavras melifluas e voz insinuante; fallava da Virgem Maria, referia a vida da mãe de Deus com promeneiros de quem a havia presenciado; fallava de macerações e penitencia, de jejuns e orações, e de mil outras cousas de que só sabe fallar um jesuita. Estava rodeado de mulheres, que, pelo trajó, pertenciam á classe chamada do —povo— a que tem de ganhar pelo trabalho assiduo o pão de cada dia; de mulheres casadas, que têm uma casa de que cuidar, um marido e filhos a attender.

O discurso durou sem duvida uma hora, fallou-se muito, mas no meio de tantas palavras desoladoras sobre o inferno e sobre o mundo, nem uma só que recordasse á mulher seus deveres de virgem, de esposa e de mãe.

Oh! E' triste ver assim prostituida a educação da mulher; é triste vê-la correr peserosa para a igreja, em vez de a ver occupada no trabalho domestico, educando e moralizando seus filhos e dando exemplo d'assiduidade a seu marido.

E' triste ver assim rebaixado o nivel intellectual, quando todos nós queremos ver elevadas ao grau de illustração possivel todas as camadas sociaes; é triste ver assim viciada a educação, base de todo o solido progresso.

No decurso da oração ousou aquelle homem profanar a phrase — bem da humanidade. Eu bem sei quaes foram sempre as vossas idéas, eu bem sei quaes foram os fructos da vossa intolerancia; Papa ou S. Domingos, Loyola ou Torquemada fostes sempre os mesmos. Obrigastes com os vossos projectos tenebrosos os imperadores do Oriente á perseguição e morticínio; matastes em massa os Albigenses, fizestes a Saint-Barthelemy, matastes cem mil pessoas e abençoastes os algozes, que se chamavam reis de França. Fostes os cúmplices das dragonadas; os promotores iniquos de quarenta annos de perseguições surdas e subterraneas, em que os opprimidos jaziam debaixo do peso da *caridade* hypocrita de um homem, que pesava tanto como a França; e debaixo do vosso, que pesaveis como todo o catholicismo; matastes a Hespanha e Portugal pela inquisição e ignorancia; supprimistes a Italia, extinguindo-lhe o espirito nacional; tentastes assassinar a Hollanda com as vossas perseguições; abatestes a França, inoculando-lhe o genio passivo; e não matastes todo o germen de progresso, porque não conseguistes arrancar de todo ao homem aquillo que se chama pensamento.

Depois d'isto ousais ainda fallar em — bem da humanidade, — em caridade e mansidão e não vos lembraes de que hoje e sempre o progresso amaldiçoará a vossa humanidade que é o assassinio; que a fraternidade rejeitará a vossa caridade; e a dignidade, a vossa mansidão, que é o servilismo.

Democratas, não abandoneis a brecha; entre vós e a reacção não ha, não pode haver treguas, porque ella é o passado e vós sois o espirito do seculo, porque ella sentis no peito a creença do futuro, e ella para saciar toda a vossa sede de progresso, offerece-vos sómente a agua-benta, e no banquete da civilisação o cadaver decomposto do passado.

C. L.

As linhas que abaixo seguem, foram escriptas no exilio por Eugenio Pelletan, e dadas á estampa no periodico — *L'Homme*; rigidido em Jersey, não só pelos republicanos francezes que sobreviveram ás hecatombes de Paris, praticadas pelo ultimo Napoleão para suffocar a Republica, que tinha tido a generosidade de lhe abrir as portas da França e acreditar as palavras traioceiras de um membro d'essa familia cujo caracter saliente é a ambição, e cujo systema é a corrupção, raça mil vezes maldicta que já tinha assassinado a primeira Republica; mas redigido tambem por outros illustres campeões da Republica nas diferentes nações de Europa, expatriados ou proscriptos do mesmo modo — Victor Hugo, José Mazzini, Luiz Kossuth, etc.

Nós transcrevemol-as para que se veja quão differente é o espirito militar da Republica do espirito militar da realza; differença que se reconhece bem no dito patriótico de um outro illustre filho da grande Revolução, joven como Hoche e roubado á Republica pela metralha, o general Marceau; *pacifiquemos a França*, dizia elle na sua correspondencia ao governo da Republica, *e depois quebremos as espadas*.

Só os reis e a tyrania é que precisam de sobrecarregar os povos que os soffrem, com todos esses aparelhos bellicos chamados exercitos permanentes, que não só nada produzem, mas exaurem e seccam as suas mais bellas fontes de riqueza. A Republica não troca a charrua ou a serra e o malho pela espada senão quando a patria está em perigo; e é, por isso, que só ella produz homens como Washington, Hoche e Marceau.

O que vamos ver é, como tudo o que sae da penna de Eugenio Pelletan, perfumado de fragrante suavidade e nobre de pura elevação; é, por assim dizer, uma vista de olhos, rapida, e muito rapida, lançada sobre a memoria do grande homem cuja morte (aos 29 annos) foi talvez a maior desgraça que a democracia tem soffrido. Se elle tivesse vivido, estaria hoje toda a Europa, sem talvez mesmo exceptuar a Russia, republicana e não teria em pé nenhum só throno! Bonaparte nunca poderia ter dado largas á sua horrivel ambição, os seus planos teriam sido irrealisaveis, ou melhor, impossiveis. E' por isso que a historia tem fortes suspeitas de que Hoche morreu envenenado por esse soldado coroadado, esse homem só grande na ambição, na dobrez e na corrupção, systema que a execranda familia bonapartista herdou pois do seu fundador, e que tanto á risca tem sabido seguir constantemente!

Lazaro Hoche nasceu de pobres camponezes, numa aldeola, proximo de Versailles, em 1768. Quando rebentou a grande revolução (1789), era um infeliz sargento; passados quatro annos, o Comité de salvção publica (cuja alma era Robespierre e Carnot) fê-o general: tinha 25 annos. Foi dos generaes da Republica o que vibrou mais valentes golpes na famosa colligação que os reis de Europa tinham feito, entre si, para proteger os seus nefandos interesses matando a revolução: coube-lhe derrotar os allemãs e os austriacos. Pacificou a Vendea, e de tal modo se houve nesta desproporcional, assoladora e sanguinaria guerra civil, accendida pela religião e assooprada com toda a força pela intolerancia barbara e fanatismo calculado dos padres e frades, secundados pelos aristocratas, feridos, como aquelles, funda-

mente nos seus abusos pela grande revolução; de tal modo se houve, que os proprios vencidos o chamaram pae, e vencidos e vencedores foram accordes em lhe dar o nome de *pacificador*. Só elle ponde prestar este grande serviço á sua patria e á Republica acabando com a formidavel guerra fratrecida, pois que outros generaes famosos da Republica tinham sido impotentes para isso antes de elle ir tomar o commando do exercito republicano na Venda.

A sua divisa era: *Res, non verba, causas, e não palavras.*

Morreu, oh! dôr! aos 29 annos no commando dos exercitos da republica contra os austriacos; suspeiando-se depois, como já dissemos, de que foi envenenado por Bonaparte, a quem Hoche esmagaria logo que este deixasse cair a mascara para assassinar a Republica. A presente geração levantou uma estatua ao grande homem, em Versailles, cidade proxima da pobre aldeia, sua terra natal.

No numero seguinte apresentaremos as eloquentes palavras de Palletan.

LISBOA, 27 DE MAIO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Caiu oficialmente a mascara da confraria Fontes, Sampaio e companhia no processo da revolta. Reconhecida a innocencia dos pseudo-conspiradores,—não porque escasseassem os espiões devassos e desafortados,—o nosso publico deu uma lição severa aos tyrannetes da Parvonía, applaudindo com enthusiasmo o principal criminoso—visconde de Ouguella—á saída do tribunal.

Houve *morras* aos espiões. Os partidarios do novo systema governativo desceravam ao ouvir estas manifestações. No fim de tudo tem seus inconvenientes o ser tratante...

O symbolico barão do Zezere, orador e estrategico distincto, achava-se presente no acto da manifestação publica. Pareceu a alguém que o attentado publico seria punido com rigor, attendendo aos olhares sinistros do intelligente *general*.

S. ex.<sup>a</sup> foi misericordioso e não houve fuzilamentos...

—O *Jornal da Noite* mostra-se irritado porque o sr. visconde de Trancoso attribuiu a fins mephistophelicos algumas reflexões suas sobre os jurados. A folha nocturna perdeu a cabeça, d'esta vez, e descompoz o seu adversario. Más linguas dizem que é caso de lhe terem tocado na ferida... O que é certo é que o povo riu á custa do jornal nocturno. Que não seja esta vez a ultima.

—Sain hontem o 5.<sup>o</sup> numero do *Espectro de Juvenal*. Tomo a liberdade de annunciar-o porque só duas folhas jornalisticas se dignam fazel-o. São coherentes—os cavalheiros do silencio...

—O *Diario de Noticias* saiu das suas attribuições, todas domesticas, para declarar que um centro republicano de Lisboa encomendou gorros phrygios. A Parvonía tremeu. A côr vermelha incommoda muito as maiorias e tanto que—já não côram.

—Os *impollutos* do correio geral publicaram um folheto em resposta ao do sr. Antonio Mengo. Á cautella, é anonymo, já se vê. Ainda não fiquei tranquillo d'esta vez sobre o destino dos valores confiados áquella administração.

Venha o inquerito se ainda ha restos de vergonha! Queremos ver desenrolado este sudario. Depois do sr. Ghira tivemos o governo. Venha o correio geral!...

—Em D. Maria II continúa a expôr-se ao publico a *Magdalena* do sr. Pinheiro Chagas. Depois da *Judia* a *Helena*; depois

da *Helena* a *Mzgdalena*. Ha de ir longe o sr. Chagas por este caminho. A imprensa *illustrada*, JÁ SE VE, engasgou-se em encomiastico tom. São dignos uns dos outros.

—O sr. Osorio de Vasconcellos, entidade tragi-comica da politica e da litteratura nacional, *tambem* defendeu o livro do sr. José Gomes Monteiro. Só lhes faltava este desastre, ao auctor e ao *critico*...

Escreve tambem, JÁ SE VE, no *Diario Illustrado*.

—Continuam varios papeis publicos a animar-nos com *especimens* curiosissimos de litteratura feminina.

Ha dias a *mui distincta* litterata portugueza—a sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão, fallou-nos de *Roma*, naquella *Roma onde surgiram Alcibiades, Hyppocrates, etc.* (!)

Isto veiu, JÁ SE VE, no *Diario Illustrado*. Attendendo a que a muitos leitores d'esta correspondencia parecerá incrível o facto, aqui deixo registado o *Diario*: é o de 17 de maio de 1873.

Depois de escrever aquillo, a sr.<sup>a</sup> Guiomar Torresão chamou ignorantes a Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos...

O *respeitavel publico* que vá aprendendo á sua custa.

—Entre os factos burlescos da actualidade distingue-se uma carta *litteraria* do sr. Ernesto Biester ao sr. Camillo Castello Branco, inserta no *Diario Popular*. Tem propriedades d'um narcotico e alguma coisa de persevejo em pleno inverno: tem mau cheiro e não tem succo.

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Recebemos uma carta do sr. Frederico Laranjo, a proposito do debate travado no 3.<sup>o</sup> anno juridico sobre o relatorio do sr. Magalhães Lima, annuciado por nós, a qual carta não publicamos por lhe faltar seriedade sciencifica, e porque vem com uns ares de auctoridade, e dogmatismo que não estamos costumados a tolerar e não admittimos em discussão alguma.

Para bem da verdade devemos dizer, todavia, que fomos mal informados quando dissemos no numero anterior que s. ex.<sup>a</sup> tinha dito que toda a philosophia se tornava num religiosismo. O que o sr. Laranjo disse foi: «a philosophia d'uma epoca converte-se em religião na epoca seguinte.» (!) Assim fica corrigida a verdade.

O artigo de fundo do numero 1.<sup>o</sup> da nossa folha, devido á penna elegante e profunda do nosso collega, Alves da Veiga, foi vertido para a lingua hespanhola por um dos redactores do *Justiciero*, eloquente e radical diario federal que vê a luz publica em Madrid. D'aqui agradecemos ao collega esta consideração e ao mesmo tempo as phrases lisonjeiras que nos dirige.

Começamos a receber o diario hespanhol—*La Opinion* que se publica em Jerez de la Frontera. Advoga tambem a republica federal, é jornal noticioso e traz bons artigos. Agradecemos a troca.

Temos recebido immensos escriptos bem elaborados na generalidade, de diferentes cavalheiros e mancebos do paiz, mas que, em virtude da periodicidade semanal da nossa folha, não temos espaço para publicar.

Muitos já nos tem lembrado o alvitro de a tornar diaria. Vejam os cavalheiros que nos honram com os seus trabalhos e locuções se nos suggerem alguma feliz idea, de maneira que possamos satisfazer a todos.

Alguém viu offensa directa á sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torresão na nossa local do ultimo numero da *Republica* sobre o *Jornal da Noite*.

Temos a declarar a quem assim nos julgou, que não foi nossa intenção dirigir a minima offensa áquella escriptora, que não temos a honra de conhecer, mas que passa para nós por uma honesta senhora. Quem se quiz vituperar ahí foi uma imprensa inepta e banal que accusando a recepção d'um livro, em vez de fazer critica justa e desinteressada, se entretém com phrases de sentido duvidoso a elogiar o retrato da sua auctora. Nada mais temos a dizer sobre este objecto.

Vai partir brevemente para Braga o nosso particular amigo e excellente poeta humoristico João Penha. Vai passar as ferias de ponto na terra da sua naturalidade. Brevemente apresentaremos aos nossos leitores um espirituoso folhetim que nos foi promettido por este original escriptor.

Neste momento só lhe desejamos uma feliz viagem e que na Roma de Portugal se livre do odio dos Marnocos e companhia, porque estes eximios varões não gostam senão dos poetas que cantam a Virgem Santa ou o coração de Maria.

O sr. A. Bettencourt Rodrigues, está escrevendo um novo poemeto cujo titulo é *Gomorra do Occidente*.

## PHANTASMAS

Andam sempre inquietos, farejando,  
Pelos trevas da noite humida e fria,  
O tórvo drama da legião sombria  
Que se soppunha, ha muito, conspirando.

Não descansavam um só momento; e quando  
Avistavam em rua mais desvia  
Algum vulto, que em sombras se envolvia,  
Seguiam-lhe seus passos, vacillando...

Até que um dia se aclarou o mysterio  
Que perturbava o doce ministerio,  
Como explosões dos sonhos tenebrosos:

Sabendo-se que apenas conspiravam  
Uns vermes collossaes que se occultavam  
No craneo dos ministros receiosos.

Continuamos a admirar a protervia dos padres do seminario de Coimbra.

Levantamos neste jornal um protesto contra o proceder infame d'aquella gente para com os educandos, e *elles* nada tiveram a responder. O espirito inquisitorial d'aquellas *corujas* foge da luz, mas nas trevas das suas *tocas* cenobiticas chamam a interrogatorios os pensionistas da casa, dirigem-lhes perguntas cavilosas para averiguar se algum d'elles commetteria a inconveniencia de se queixar, de pronunciar uma palavra, de que podesse resultar o conhecimento dos factos que nós franca e lealmente havemos registado. Não, padres; levais caminho errado, por cá tambem ha victimas das vossas grosserias, mas a quem a vossa educação envenenada não amorteceu, felizmente, o sentimento da dignidade propria.

Não são as confissões extorquidas pelo temor aos pensionistas da vossa casa que vos hão de salvar na opinião publica, porque todos sabem que a vossa *santa* indignação não trepidaria diante da pena de expulsão, applicada a todo aquelle que tivesse a franqueza de vos lançar em rosto a vossa indignidade; e depois nem todos estão seguros se vós ficariéis por alli...

Quem vos verbera é a opinião d'aquelles que vos conhecem e que podem fallar sem rodeio da prepotencia e das vossas vinganças *fradescas*.

Agora um conselho, padres; não renoveis processos inquisitoriaes, não tortureis os rapazes que seria em vão; o *inimigo*

que conhece todas as vossas *mazellas* está cá fora, *extra-muros*; senhores padres!

No entretanto nós cá estamos para afoutar a indignação publica no que for vileza, corrupção, crime ou immoralidade.

Os actos da faculdade de direito, commecam amanhã, sexta feira 30 de maio.

No 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> anno, como é costume, entram 4 a exame por dia. Do 3.<sup>o</sup> anno por diante costumam entrar sómente dois; mas consta-nos que no 3.<sup>o</sup> este anno se altera a ordem e entrarão 3 por dia. Oxalá que este exemplo se seguisse tambem no curso do 5.<sup>o</sup> anno, que é o maior da faculdade, e, entrando sómente dois por dia, não poderão os actos acabar senão para o fim de julho.

O grande poeta Guilherme Braga, acaba de publicar no util e bem rigidido *Diario da Tarde*, uma estupenda producção poetica, dedicada á sombra mortifera e pestilencial que desaparece, do papa Mastai, que não é senão Pio IX. Principia assim:

Ergue-se a Liberdade á borda do teu leito,  
O' Papa Mastai, como um phantasma escuro,  
E, em quanto a mão de Deus te peza sobre o peito,  
Manda a tua sentença aos eccos do futuro:

Quem foste? O padre-algoz! Luz transformada em treva!

Amor feito rancor! Perdão feito vingança!  
Devorava a Polonia o Czar—urso do Neva!  
Napoleão-bandide arcabusava a França...

Chamaste a Reação, e ao vêr-te algoz da Italia,  
Ao vêr-te armado e forte, a hyena, a hyena exangue,  
Foi soffrega lamber-te a rubida sandalia  
Porque a tua sandalia, ó padre, tinha sangue!

As estancias que se seguem são soberbas, possuem altivez de pensamento e grande primor de fórma:

Deram-te por ministro um lobo fero e cru;  
Entregaste o poder naquellas mãos impuras,  
E, hoje, que vaes morrer, abrem-se sepulturas  
Só para te bradar: «Maldito sejas tu!»

«Maldito sejas tu!» gritam as enxovias,  
O exilio, que soluça, o poste, que gotteja!  
«Maldito sejas tu!» clamam as gemonias  
Em que tu transformaste os carcereiros da Igreja!

Ouçamos as duas ultimas quadras que representam a voz da natureza conspirada contra o passado, contra o despotismo politico e papal, e saudando ao mesmo tempo o alvorecer da liberdade em Hespanha, França e Italia:

Meu sol dos Pyreneus aos pincares assoma,  
Dos Apeninos surge, em fogo os Alpes banha!  
Cedo te irei salvar do teu jazido, ó Roma!  
Como a França salvei! como salvei a Hespanha!

Vai! para sempre... adeus! São horas de partir!  
Dos velhos crentes rei, logar aos crentes novos!  
Chamam-te vermes mil, accenam-me mil povos!  
Espera-te o Passado! Aguarda-me o Porvir!

Saudamos o nosso correligionario politico, o sr. Guilherme Braga, por tão esplendida producção.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sabrem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redacção da REPUBLICA PORTUGUEZA, — Couraça de Lisboa, 87.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Aviso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.<sup>o</sup> 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 6

## POLITICA PORTUGUEZA

Não nos iludamos. A monarchia está gasta.

O grande seculo XIX, que veiu ao mundo após o movimento progressivo de tantas civilizações, após a existencia mais ou menos atribulada de tantas sociedades, já não pode viver d'aquelle velho espirito politico que fez as delicias de nossos paes, cujas aspirações demasiadamente empiristas lhe não deixaram ver o segredo d'estas occultas forças, chamadas direitos individuaes, que são as bases sobre que se apoia o moderno edificio da Democracia.

Como os vegetaes das florestas virgens, apesar da sua robustez, não resistem ás tempestades da natureza, a monarchia, com todas as suas tradições, com todos os seus defensores, não pôde resistir ás tempestades da historia.

São horas tristissimas aquellas em que uma instituição secular é eliminada do código da Humanidade; em que uma nova idéa desloca da intelligencia a sua antecedente.

Na madrugada dos grandes dias genésicos ha sempre grandes aflições sociaes. Não admira. E' um mundo que se vai, é uma crença que desaparece, é um todo de sentimentos, de interesses e de paixões que, em um dado momento, nos abandona.

Por isso, o esforço desesperado dos sectarios da monarchia; as suas exclamações vehementes e apaixonadas; os seus gritos leoninos; as suas criticas envene-

nadas, as calumnias e má fé, não são para nós causa de impressão ou estranheza. Vemos nisso uma virtude logica. E' um estado porque passa sempre o espirito quando acometido por fortissimos desgostos.

Aonde estará o homem que não lance um grito de indignação contra aquelle que ousar aniquilar a sua obra?

Logo, não temos a descer, não podemos descer da nossa dignidade litteraria e scientifica, a responder a esse informe amontoado de pequenas coisas, de miseraveis argumentos formulados, em regra, por quem desconhece as leis que regulam as sociedades politicas, e, o que mais é, por quem tem interesse na manutenção das injustiças actuaes.

A dignidade da Democracia impõe-nos o dever imprescriptivel da dignidade de discussão.

Dissemos aos partidos monarchicos, dissemos á monarchia que o seu desinvolvimento juridico tinha sido uma mentira. Ninguém nos respondeu. Pois bem. Hoje affirmamos-lhe que o seu desinvolvimento moral foi uma vergonha, uma demonstração inconcussa da sua impotencia regeneradora. Sim; moralmente a politica monarchica evidenciou de uma maneira brilhante as tristes consequencias a que leva um systema sem vida, sem base racional, sem ideal scientifico.

E se quereis provas olhae para a sociedade em que vivemos. Aparece-nos uma sociedade sem energia de sentimentos, sem entusiasmo de convicções, sem pu-

reza de crenças; uma sociedade ignorante e rachitica, que impassivel assiste ao espectáculo desolador das lutas mesquinhas dos nossos Quixotes politicos, dignos interpretes de um systema decrepito, illuminado pelos clarões sinistros de uma historia profundamente manchada pelas suas iniquidades.

Como seria possivel neste systema, que faz a apothose ridicula de um individuo, o levantamento moral da sociedade?! Como ousaes lançar aos quatro ventos da publicidade heresia tão grande, politicos descarados? Ainda vos não convenceram tantas ineptias?

Interrogae a consciencia dos homens honrados que ella vos responderá.

A moralidade de um povo desinvolve-se pela instrucção, e a instrucção fornecida pela realza em Portugal, digamol-o sem reboço, é uma criação miseravel, eivada de prejuizos de todas as qualidades, acanhada na forma, falsificada na essencia, por elementos desacreditados e visivelmente oppostos ás tendencias mais puras e elevadas do espirito moderno.

Em vez de procurar inspirações nas fontes limpas da consciencia, da razão e da historia que são a alma do progresso no seio das sociedades humanas, a instrucção monarchica tomou para polo de suas doutrinas uma certa e determinada idéa religiosa, um certo e determinado credo politico, economico, juridico, litterario e artistico, o que deu em resultado um proselytismo ignobil e, sobre modo, injusto.

Não ensinastes o Bem, o Bello, o Des-

interesse, o Dever, mas em compensação desinvolveistes o amor pelos interesses particulares de um corrilho, legitimos ou illegitimos, não importa.

O fecundo instrumento destinado a afirmar, pela deslocação do erro, as idéas verdadeiras, unicas capazes de realizar a harmonia que é a lei suprema da sciencia e da natureza, converteu-se nas vossas mãos em arma de partido, alimentando os antagonismos moraes na sociedade com as idéas intransigentes de uma seita, com os principios exclusivos de uma escola que se julga depositaria permanente do grande patrimonio da verdade.

Terriveis foram as consequencias d'este modo de ver as coisas. Quando na vida pratica se pretendeu organizar sobre taes bases um systema de instrucção publica tudo foram desordens e inconveniencias. Os legisladores ficaram desconcertados. Não desanimaram ainda assim. Architetando leis contraditorias, reformas abstrusas sem uma idéa elevada, sem um principio synthetico e racional, que lhe desse unidade, foram preparando esse edificio da nossa instrucção, que ahi está para vergonha eterna de um systema e dos homens que o representam.

Uma babel de legislação e um povo ignorante: tal é a resultante final do desinvolvimento intellectual imprimido pela monarchia. Sabemos que os seus adeptos não dizem isto; que o cofre dos elogios não se lhes esgota. Mas acima dos seus sentimentos individuaes está a nua e cruel realidade, impondo-se ás consciencias honra-

Mas a humanidade livre e igual, carecia tambem de ser irmã. E' pois o seculo XIX, o seculo da fraternidade, ou melhor o seculo da humanidade, como suprema lei e synthese suprema.

Demonstra-o a philosophia da historia pelo eterno principio das simplificações.

Com effeito, examinando as instituições dos diferentes povos, vemos que todo o fito da nossa politica deve ser aperfeçoar, simplificar, dirigir. Assim a polygamia foi substituida pela monogamia, o polytheismo pelo monotheismo etc. Neste ultimo termo de simplicidade, que, para Emilio de Girardin, se cifrava na democratização—abolição de tutela civil e religiosa,—e para Proudhon, na anarchia—o governo da consciencia, ou não governo, segundo a origem scientifica da palavra,—é que deve residir a grande lei do progresso, na historia.

Por esta gradação se vê que as diferentes esferas sociaes, livres, autonomas, solidarias e subordinadas umas ás outras, constituem um prototypo de harmonia universal chamado—Humanidade. Administrativamente poderíamos talvez formulal-o do seguinte modo: «O individuo livre na familia, a familia livre no municipio, o municipio livre na provincia, a provincia livre no estado, o estado livre na nação, a nação livre na humanidade.»

Decomponhamos cada um d'estes termos.

### IV

O individuo, quando considerado origem e fim da sociedade, é uma das maio-

res aberrações da politica moderna. Expressão do poder feudal ostenta-se elle ainda hoje pelo egoismo exaggerado, cujo caracteristico economico é a luta entre a burguezia e o proletariado. E se nas antigas civilizações era o estado quem absorvia o individuo, agora, pelo contrario, é o individuo que tende a absorver o estado.

Consequencia fatal d'este principio é o amor da patria, já de si um triste preconceito social. Por mal comprehendida conserva a patria um lugar que lhe não pertence, alimentando as guerras de nação para nação, e atrophiando as humanas industrias, em virtude de um exclusivismo absurdo.

Dois individuos de differente sexo agrupados, formam a familia.

O que a familia é, ninguém o ignora. A reforma, porém, não deve estar longe. E' mister muita mais liberdade e muita mais igualdade, afim de que ella se torne um poderoso instrumento de educação social, e nunca um juguete de paixões e de interesses mesquinhos, como actualmente succede.

O municipio, complexo das familias, é a questão da maternidade que para ahi corre escarnecida e ludibriada, a questão da instrucção que ainda entre nós não tem realidade positiva e séria, a questão da industria exploradora e do artista vilipendiado, a questão do trabalho infamado e da ociosidade glorificada; o municipio, em fim, é a questão da miseria que só de per si constitue o grande livro da população.

Depois do municipio vem a provincia,

a pobre desmantelada, que, sem nada gozar, tudo presta á corte, onde dormem em flacidos leitos os satrapas da devassidão e da immoralidade. Pobre viuva é ella coitadinha! para quem os sorrisos são o pão amargo da desventura e as lagrimas o triste consolo dos abandonados. Para a capital fizeram-se os theatros, e os caminhos de ferro, e os telegraphos; a provincia que gema em silencio. E' uma lei dos nossos governos; assim o querem e assim o mandam. . . em quanto o direito fór a expressão de uma maioria inepta e corrupta.

Por seu turno ostenta-se o estado, como inutilidade e prejuizo. A anarchia não carece do estado, e na transição que para ella se ha de operar, por meio do principio federativo, deixa o estado de ser a tyrannia de maior número, e por tanto a expressão das monarchias constitucionaes, afim de se tornar um governo livre, autonomo, solidario. Uma differença palpavel. Em vez da Hereditariade, da irrevogabilidade e da irresponsabilidade teremos a elegibilidade, a revogabilidade, e a responsabilidade.

E'a proposito vem o fallar-se nas nações.

Garantia da realza são ellas a fomentação da guerra da conquista e da expoliação. E tanto é verdade que as nações não têm a sua realidade juridica por meio do estado que a cada passo as vemos alteradas, segundo o arbitrio dos principes, e a ambição dos governos.

### V

Do que acima expozemos claramente

## FOLHETIM BIBLIOGRAPHIA TRES MUNDOS

POR

D. Antonio da Costa

(Continuado do numero antecedente)

### III

A Grecia, fundando a cidade, adquiriu materialmente a idéa de liberdade, que Lutero mais tarde desinvolveu pela revolução religiosa.

Roma — dizem — teve um grande defeito, que deveras concorreu para a sua decadencia. Conquistou sempre. Mas a conquista, como aspiração, fortalecia a unidade, e a unidade preparava, por seu turno, a democracia universal, do mesmo modo que Napoleão I o fez outr'ora e Guilherme da Prussia o faz actualmente:— um, unificando os povos de origem romana, afim de estabelecer a democracia latina; outro, unificando os povos do norte, afim de consolidar a democracia germanica.

Cada um, por opposta vereda, santificava uma idéa, que, todavia, lhes surgiu involuntaria e espontanea, como a evolução social d'onde ella brotava.

Não se comprehende, porém, a liberdade sem a igualdade. E, por isso, se levantou o brado da revolução no seculo passado, o qual, coroando a igualdade, inaugurou definitivamente a epoca das nacionalidades modernas.

radas e sacando-lhe esta interrogação tremenda: «que fizestes durante tanto tempo para o levantamento moral d'este paiz, homens de todos os partidos monarchicos?»

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

### Côrtes constituintes hespanholas

Convocaram-se as côrtes constituintes de Hespanha na capital d'este paiz, como estavam annunciadas no dia 1 de junho.

Recebeu os novos constituintes a villa coronada ao som de musicas e aclamações estrepitosas da parte de todos os particulares e da parte do exercito. Alli se encontraram reunidos os homens encanecidos no serviço da causa republicana, os defensores das nossas ideias, e os que se alistam debaixo da nossa bandeira, os quaes auxiliados pelo entusiasmo e pelo exemplo da primeira e segunda republica franceza, e animados por suas virtudes e pelos seus conselhos, hão dedicado a sua intelligencia e a vida ao serviço da democracia. Alli estavam como diz a *Egualdade*, os activos e consequentes republicanos da provincia que, a despeito das perseguições dos Narvaez e dos O'Doneis, dos Sagastas e Gonzalez Bravo, têm feito circular os nossos periodicos, organizar comités e extenderam a nossa doutrina e formaram emfim o nosso partido.

Momento solemne é este em que o povo hespanhol se vê pela primeira vez reunido livremente sem a pressão de ninguém. Nós vos saudamos d'este canto do occidente, ó nobres paes da patria, que ides alicerçar o futuro da Hespanha sobre a base de perfeita egualdade, liberdade e fraternidade; e esperamos com verdadeira impaciencia o resultado dos vossos trabalhos. Alliviae a triste situação dos opprimidos; dae liberdade aos escravos, instrução aos nescios, moralidade aos maus, ensinae a todos a serem verdadeiros cidadãos, suprimi odios e rivalidades de classes, pregae o amor e dedicação como fazia o Christo; sede o farol e a luz da virtude, o heroismo e o esforço no meio d'essa nação de bravos, Lembrae-vos que sois os descendentes d'esses grandes mar-

se deixa ver que a humanidade é unica, admittindo, todavia, divisões, assim como o corpo humano que, sendo unico, tem braços e pernas, e assim como a alma, que, sendo unica, é identica, immortal e espirital.

Mas estes termos, assim combinados, livres, autonomos, solidarios,—como já dissemos, e agora repetimos,—em vez de se negarem, pelo contrario, concorrem ainda mais para um prototypo de harmonia universal, que se chama *Humanidade*.—Subsistem e subsistirão sempre como as raças, como as linguas e como as escolas philosophicas.

Pois a raça aryana que é hoje superior, não só philosophica, historica, e ethnographicamente, senão tambem pela unidade de um centro de criação, excluirá por ventura a raça semitica?

Pois a lingua franceza que é hoje universal, pretenderá acaso negar a existencia de outras linguas europeas?

Pois o positivismo que é agora a escola predominante será, por seu lado, a perfeita negação do theologismo e da metaphisica?

Não, nunca!

Mas, o que ha entre todos estes elementos, é uma certa e determinada harmonia, um laço de reciproca subordinação, cujo sublime resultado é a grande lei, hoje dominante em philosophia da historia: a *liberdade na solidariedade*, a *unidade na multiplicidade*, isto é, um perfeito equilibrio entre interesses geraes e interesses particulares, fonte d'onde evidentemente deve dimanar o futuro social.

tyres da liberdade, para quem até hoje ainda não houve um Esquiros; os Padilha e João Bravo, os quaes ao ouvir pronunciar a sentença de morte por traidores e alborutadores dos povos, respondiam forte e corajosamente—*mientes tu, y aun quien te lo mando dizir*.

«Traidores não, mas sim zeladores do bem publico e defensores da liberdade da nação.»

Que lhes falta para serem verdadeiros legisladores? Talento e saber? Não têm elles um Castellar e um Salmeron? Tatica e previdencia politica? Não contam elles entre si um Figueras e um Orense? Esforço militar e guerreiro? Não tem a republica pelo seu lado um valente e esforçado Novillas, um Contreras, um Pierrad, um Vellarde e tantos outros cujo plano formado desde ha muito é pacificar a Hespanha e quebrar as espadas?

Nada tem por tanto a receiar a republica em Hespanha e os seus legisladores podem ser independentissimos e legar ao mundo uma constituição modello de todas as constituições possiveis.

Estas foram sempre as nossas ideias sobre a constituição hespanhola, e agora nos alegamos porque vemos que não fomos illudidos,

Os jornaes hespanhoes já trazem a synthese das reformas, approvadas pelo centro da camara em sessão extraordinaria e o seu conteúdo é o que existe de mais livre, humanitario e de mais justo no mundo: proclama-se a liberdade de consciencia, isto é, a liberdade de cultos, a republica federal, a liquidação social em quanto á divida da monarchia, a abolição da pena de morte, a instrucção obrigatoria, a autonomia do municipio e da provincia, a revisão dos titulos possessorios, a gratuitidade da justiça, a indemnização quando o reu é absolvido em crime particular ou publico, emfim, construe-se um novo mundo social em Hespanha.

Reuniram-se em Hespanha as côrtes constituintes no dia 1 do corrente mez, e procedendo-se á votação da mesa provisoria saíram eleitos os deputados seguintes:

Presidente, José Maria Orense, por unanimidade.

Porém administrar a cousa, que é comum, não é governar o homem que é livre e tem direito a sel-o. E por isso dissemos que o principio *federativo* devia ser a transição para a anarchia, isto é,—a superioridade universal legitimada pela instrucção,—a lei natural garantida pela necessidade, e não pela legalidade, expressão facticia e quasi sempre contradictoria com a lei natural e com a fé,—o saber em vez do poder,—a superioridade em vez da auctoridade,—a força immaterial dominando a força material.(1)

E para isso trabalhamos com fé e coragem.

### VI

O trabalho do sr. D. Antonio da Costa, posto que litterariamente notavel, não satisfaz com tudo a um ideal de critica moderna. Restringiu-se demasiadamente a sua área. Em vez de uma synthese, espontanea, evolutiva, por assim dizer, encontramos nós nos *Tres Mundos* uma narração, vasada nos moldes classicos da litteratura latina.

Não! eu não creio que a conquista fosse uma causa de decadencia entre os povos latinos, mas antes uma gloria, justificada pelas circunstancias de uma nacionalidade poderosa. Roma acabou, como acabam todos os paizes do universo. Depois de elaborado e realiado o seu principio praticamente que lhe restava mais no mundo?

Era forçoso dar logar a outrem, aliás seria o progresso interrompido e retardado.

(1) Emile de Girardin—*La politique universelle*. Proudhon—*Du principe fédératif*.

Vice-presidentes:—Rafael Cervera.—Eduardo Palanca.—Manuel Pedregal.—Francisco Garcia Lopes.

Secretarios:—Ricardo Bartolomé Santamaria.—Santiago Soler y Plá.—Ricardo Lopez Vazquez.—Angel Armentia.

Os salteadores de D. Carlos continuam a infestar a Hespanha; os padres de trabuco, os Santas Cruzes, os assassinos e ladrões á mão armada, continuam a devastar a infeliz Hespanha. Mas ó padres, ó parasitas, olhae que vos chega a hora; olhae para as constituintes que, se as propostas d'ellas não mentem, breve ficará a Hespanha livre da Egreja e então já não terá o infame D. Carlos padres trabuqueiros, nem infames salteadores, pagos por estes para assassinar creanças, velhos, mulheres inermes como o temos visto e presenciado desde que appareceu infestando a Iberia essa carniceira matilha de assassinos e ladrões, cuja ultima proesa foi a morte ignominiosa com os tratos mais que inquisitoriaes dos desgraçados irmãos Dionisio Arruti e Pola, e Vicanor, surpreendidos, indefesos pelos barbaros sicarios do rei de direito divino.

Arruti era sargento e o capitão da sua companhia dirigiu uma sentida carta a varios jornaes a proposito da morte d'estes dois infelizes; é um protesto vehemente d'um coração lacerado pelas iniquidades, praticadas por estupidos fanaticos e barbaros canibae; respira-se nella dôr e sangue, ha nella sobre tudo a vingança, palavra tão doce quando a compaixão não encontra echo no peito inimigo. Vêde:

### Aos chefes dos carlistas

Contra todo o sentimento da humanidade, sem ter em conta consideração alguma de dignidade, haveis assassinado vil e cobardemente a Dionisio Arruti e Pola, sargento da 3.ª companhia de moveis, e a seu irmão Nicanor, a esses dois homens, que surpreendidos por alguns de vossos barbaros sicarios, haveis feito morrer, não fuzilando-os, senão ás pauladas e ás bayonetadas, dando-lhe um verdadeiro e horrivel martyrio.

Todos sois igualmente culpados; todos estaes cobertos de infamia, porque todos auctorisastes um crime repugnante e digno dos defensores da inquisição.

dado. E os povos barbaros, como todos os povos, não foram mais do que continuadores d'aquella civilização, cujo berço esplendido fôra o Oriente. Attestou-o a *Reforma*, por elles promovida e todas as revoluções que após ella caminharam.

Tambem não é rigorosamente verdadeira a parte que o sr. D. Antonio da Costa attribuiu ao christianismo.

A' luz da sciencia moderna é o christianismo uma bella poesia, cheia de encantos e seducções, que, a nosso vêr, está bem longe de corresponder ao movimento de uma epoca, qualquer que ella seja.

Uma doutrina que santifica a pobreza, a miseria e a ignorancia, não passa de uma abstracção mystica e, por ventura, de uma phantasia original. E a prova é que jámais passaram de theorias as doutrinas dos apostolos, e que os seus systemas, encerrados nas catacumbas, só tarde viram a luz e ainda assim definhados e rachiticos.

*Educador social*, o christianismo. Não pode ser. A educação é principalmente filha do *meio* em que vivemos, e o christianismo não era d'este mundo.

A propria revolução franceza, que dizem ser filha d'elle, não o é. Nunca o espirito da encyclopedia foi religioso. Nunca Voltaire, Mably e Rousseau se lembraram do christianismo senão para o refutar.

Assim, pois, entendemos que o christianismo não é um mundo, e nem sequer um movimento social; que aos barbaros do norte pertenceu a iniciativa das mo-

Aquelles, que suppunham que havia entre vós um Lizarraga, que por ter per-tencido ao digno exercito hespanhol, podia ser ao vosso lado outra coisa que um assassino miseravel; os que o julgavam capaz de praticar alguma coisa que não fosse uma indigna cobardia, já abriram os olhos e têm-no conhecido; saberão já que Lizarraga como Dorregaray, como Olo e Martinez não valem mais que o selvagem Belcha e o feroz Santa Cruz. Todos sois eguaes, porque todos sois assassinos e cobardes, que, em vez de nos buscar frente a frente, mataes só aos que colheis por surpresa desarmados; porque não sois capazes de vos pôr ao alcance dos tiros das nossas armas.

O vosso comportamento determinou o nosso. Não vos imitaremos no sangue innocente; porém não esperéis vós de hoje em diante nem misericordia, nem perdão quando se realizem os nossos vehementes desejos de encontrar-vos: tendes-nos ensinado que vos devemos tratar como bestas feras e não esqueceremos a lição.

Vinde procurar-nos á frente de vossas hordas, se a tanto vos atreveis, já que não se conta entre vós um que tenha o valor de vir procurar-me só; vinde, para que com o vosso sangue possamos vingar a deshumana morte dos nossos amigos.

!!! Vinde, cobardes assassinos!!! Eu vos derrotei com forças eguaes a todos, ou só um a um. De todas as maneiras quero provar-vos e vol-o provarei cedo ou tarde, a differença que existe entre os cavalheiros e os assassinos.

Em quanto respirar um atomo de vida serei vosso fidalgo inimigo.

O capitão da companhia de Arruti, a 3.ª de voluntarios moveis da republica.—*J. Cantillo*.—Oyarzun, 23 de maio de 1873.

Em França, como os nossos leitores sabem, foi derribado da presidencia da republica o velho e sagaz Thiers e substituido pelo marechal Mac-Mahon. A politica do primeiro era de transigencia entre os partidos, a do segundo é acentuadamente conservadora. Falla em immensas reformas e a mensagem do trabuqueiro Mac-Mahon respira sangue e vinganças.

dernas conquistas da civilização, e que a Roma coube de direito essa mesma iniciativa das modernas conquistas da civilização, em virtude da sua unidade politica e da sua centralização imperial.

E, de passagem, convem dizer, que em relação ao mundo barbaro, foi o trabalho do sr. D. Antonio da Costa precipitado.

Em duas palavras: era mister generalisar mais; estabelecer uma certa unidade de evolução, e por ella moldar o estudo d'estes *tres mundos*; induzir depois a lei especial, que presidiu ao ser de cada um d'elles, e formar assim uma synthese real, positiva, organica.

No entretanto forçoso é confessar que ao auctor dos *Tres Mundos* cabe uma justa gloria de consciencia, de trabalho e de reflexão. Poucos ha que o imitem em Portugal, diga-se com franqueza. E isso bem se deixa ver no modo desinteressado como elle trabalha para o bem da humanidade (não disse patria, por coherencia do que ahi fica exposto).

E' um livro digno de ler-se; em Portugal, principalmente, onde estes estudos sobremaneira escasseiam e faltam.

O que acima dissemos é um acto de franqueza e de lealdade, que esperamos será tomado na devida conta pelo sr. D. Antonio da Costa, cujo talento e estudo muito respeitamos e admiramos.

Agora um sincero aperto de mão e uma nobre felicitação, filha do nosso enthusiasmo e da nossa sympathia.

Coimbra, 1873.

MAGALHÃES LIMA.

O seu reinado ha de durar tanto como o d'uma campanha moderna.

Como não sabe fallar e não pode subir á tribuna, como o seu predecessor, fez-se ou quer-se fazer irresponsavel. E' um rei sem tradições; ora se os reis com ellas se não podem conservar, como o fará este unicamente formado nos acampamentos?

A sua queda é infallivel brevemente. Todos os olhos já se dirigem para Gambetta, o grande tribuno, a grande alma da França que se não fosse a traição d'um Basaine tel-a-ia limpado d'uma invasão estrangeira. Ninguem com direito lhe pode hoje disputar o logar de primeiro estadista d'aquella nação. Esperemos, porém, os acontecimentos. Parece que tudo corre bem, até ha já quem falle numa restauração napoleonica.

Nas demais nações europeias, é tudo uma paz podre.

## A MONARCHIA

(A PROPOSITO DO SR. GHIRA)

Sejamos generosos! Não cusparamos sobre as cinzas d'aquelle cadaver d'uma reputação. No dia em que temos de registrar a morte moral d'um homem, cobrimos o rosto de contristados; mas no caso presente (1) ha largo ensinamento para o publico e materia para largas reflexões.

Haverá ali o estímulo para os que vão luctando? Apraz-nos crê-lo.

Será lição proficua, aquella, para os miseraveis que a opinião de ha muito condemnou? Ousamos emittir uma duvida.

O desmoronamento da fortuna d'aquelle homem é o symbolo do proximo desmoronamento d'uma instituição. A queda d'aquelle individuo precede e justifica o baquear da *collectividade*. E' eloquentissimo aquelle factio. As vozes abafadas dos que outr'ora aclamavam aquelle protegido da Fortuna, distinguiram-se nas expansões d'uma indignação tanto mais violenta, quanto mais contida até áquelle momento pelo servilismo e pela hypocrisia. Foi lugubre, mas foi grotesco. As faces de muitos empallideciam aos gritos da consciencia importuna quando os labios se abriam em sorrisos insultantes para o homem cahido no opprobrio, ou em phrases banaes de adulação para os que apressaram aquella ruina.

Crêmos no instincto publico. Crêmos nos homens moços, apesar das aberrações sem fim que se nos antolham hoje e sempre no meio do nosso labor. Crêmos na sinceridade de muitos; mas antes que os nossos braços se abram para acolher o protesto *indignado*, perguntamos a nós mesmos se por detraz d'aquelle colera não existe o terror, e observamos os rostos dos protestantes pedindo-lhes a revelação d'aquellas almas.

E' por isso que não vamos maré abaixo dos encomios e dos ultrajes; é por isso que contemplamos com indifferença igual e com igual desdem o tram da mocidade caduca e o da velhice pueril; é por isso que não saudamos todas as câs, nem repellimos todos os neophytos. Neophytos somos nas luctas inglorias e obscuras da vida, mas não no viver honrado e na independencia que martyrisa.

Cahiu aquelle homem, é certo. Severa lição aquella! Quantos escandalos perpetrados e nem sequer suspeitados! Quantas infamias commettidas! Que silencios vergonhosos, tambem! Que longas contemporizações! E como só o factio d'uma pendencia pôde trazer á luz do julgamento publico aquella série de miserias profundas!

Cinco ou seis cargos importantes exercia aquelle homem. . . Escandalosa violação de todos os direitos, que só pode realisar-se neste meio *real*, apodrecido e miseravel, onde uma realza carcomida tenta equilibrar-se sobre os corpos gangrenados

d'um funcionalismo corrupto, d'um exercito insubordinado, d'uma burguezia estúpida, d'um jornalismo sem pudor, d'um clero sem vergonha, d'um professorado sem sciencia, d'um povo sem imputação!

E atropellam-se os escandalos colossaes no meio d'este monumental escandalo da «Sociedade portugueza monarchica e catholica romana», e suffocam-se pela vozaria dos mercenarios os gritos de indignação raros que por ahí surgem, e derrama-se nesse povo predisposto a nuvem negra e temerosa da ignorancia fanatisada e do preconceito hediondo.

Um jornal da capital (1) confessava ha pouco que—o que somos devemol-o á monarchia. Para novidade veio tarde. Já o sabiamos. A espionagem legalisada e recompensada é privilegio d'um governo monarchico. O escandaloso patronato que consiste em empregar os parentes nas repartições publicas, fazendo-os subir postos no exercito, ao passo que atropellam em escandalosos concursos os seus collegas no funcionalismo; tudo isto, emfim, são bellezas do governo; são instituições monarchicas, talvez. O redactor principal do *Jornal da Noite*, na alternativa em que o collocamos, de concordar pelo seu silencio em que—tudo isto é *INFAME*, ou de protestar energeticamente defendendo estes factos, não cortará o nó gordio da questão, optando por uma das opiniões a formular, mas a sua opinião deve ser ouvida, e convenientemente registrada. Ha de sê-lo.

O que temos é da monarchia. Já o sabemos. Temos as repartições publicas dirdas na sua maioria por analfabetos e por homens de asquerosos precedentes. Temos a transferencia de uma para outra repartição imposta como *castigo* a homens que não podem decorosamente occupar um logar decente numa sociedade decente. Temos uma repartição publica (o Correio geral) da qual confiámos parte dos nossos haveres, e onde, segundo a exposição feita por um dos seus empregados, os nossos haveres correm o perigo de serem *ROUBADOS*, e temos em resposta ás reclamações d'esse empregado, para que se proceda a um rigoroso inquerito, as evasivas mais suspeitas applicadas á realisação d'esse inquerito. Temos ainda as ironias da imprensa stulta, ou desaforada, applicadas ao digno e corajoso empregado, que, só entre os seus collegas, teve a nobre audacia de chamar a attenção do publico para aquelle monumento de vergonha eterna.

O que temos é da monarchia. Estamos certos d'isso. Convencidos estamos de que o escandaloso processo instaurado pela opinião publica ao sr. *Marianno Ghira* é apenas o primeiro d'uma longa serie de escandalos monumentaes da mesma ordem; isto se o descaro proverbial das altas espheras não confiar na indifferença publica para conservar-se neutral, e se o mais corrompido e gangrenado dos publicos não sentir despertar a consciencia do perigo á beira do seu aviltamento! . . .

SILVA PINTO.

(Espectro de Juvenal)

## General Hoche

Em fim, achei-o; eil-o! Hoche é o heroe da Revolução. Depois d'elle, é preciso retirar a craveira; porque o heroe não é aquelle que ganha uma batalha, mas bem aquelle que ganha uma batalha por uma idéa. Uma hora de presença de espirito no meio da metralha, e eis ahí uma victoria. Se a victoria fizesse o heroe, ser-se-hia heroe, na verdade, a muito pouco custo. Quem não ganha a sua victoria, pequena embora, neste mundo com um grão de inspiração? E, por Deus, estae tranquillós! Dumouriez ganhará a sua e Pichegru tambem, e este outro e aquell'outro. De tal modo que de victoria em victoria, por conta da Revolução em appa-

rença, qualquer perguntará bem depressa onde está a Revolução.

O heroe da Revolução é pois para qualquer que tem a gloria de pôr a idéa acima do factio e a convicção acima dos toques de trombeta e de clarim, o general que, vencedor ou vencido na fortuna como na desgraça, sente que leva consigo a espada d'essa Revolução, põe a sua vida em penhor nessa Revolução, eleva-se por ella, cae com ella se ella deve cair, serve essa causa tres vezes sagrada, com o seu sangue, é ainda muito pouco, mas com o seu pensamento todo inteiro, sempre, quando mesmo sob a injuria, sob a injustiça, se tanto fôr preciso, sem contar um minuto, sem mercadejar a sua dedicação, general sob o campo de batalha, cidadão no dia seguinte, abaixando respeitosamente a sua espada diante da estatua da liberdade.

Tudo isso, fel-o Hoche, no rapido relampago do seu destino. Eis ahí porque a sua viuva é a maior viuva do mundo inteiro. Mais eu contemplo esse mancebo saído, de improviso, do povo para ser o genio armado do povo, mais eu lhe acho alguma cousa de *Jeanne d'Arc*, uma especie de *mens divinior*, a alma da patria. Sem educação, sem experiencia, por que eu não sei qual visão interior e qual voz mysteriosa, sob a tenda do bivac, elle comprehende o primeiro na fronteira, que é preciso crear a estrategia pela inspiração, o methodo pela *Marselheza*, e acabar de uma vez com a guerra lenta de Frederico, a guerra pedante, a guerra formulada, a guerra classica, a guerra de evoluções, a guerra de marchas, de contra-marchas, a guerra de manobras, a guerra de aparato. Toma a divisa de Danton: a audacia; e salva a Revolução. A reflexão deve preparar, dizia elle, e o raio executar.

«Pelo que ouço dizer dos vendeanos, escrevia elle ao general Leveneur, eu vejo que os seus chefes conhecem o verdadeiro e unico modo de combater que convem ao francez: o choque. A coragem igual mesmo com notavel inferioridade de organização, acreditae que a impetuosidade do arrojo assegurará a victoria. Os rebeldes correm como enraivecidos sobre os canhões e tomam-nos porque nós permanecemos friamente nas nossas linhas. Ignora-se que é preciso que o soldado francez avance ou recue, e que, forçal-o á immobibilidade, é condemnal-o a ser batido?»

Hoche tinha fé na victoria, porque elle tinha fé na Revolução. Sob a influencia d'esta idéa, accieita aos vinte seis annos o commando do exercito do Mosella. Era tomar os dados na mão e jogar a sua cabeça. Vencer ou morrer, não havia outra alternativa. Nunca, talvez, generalteve mais terrivel sorte a correr. A fronteira estava devassada. Landau estava bloqueada, o exercito estava disperso, e, porque não o dizer, desmoralisado por uma serie de revezes. Em fim Saint-Just estava presente, com o seu canhenho na mão, a vista fixa sobre os generaes para surprehender na passagem qualquer descuido ou qualquer traição. Hoche, desde o primeiro dia, faz passar a sua alma no exercito. O nosso novo general, dizia-se de todos os lados é joven como a Revolução, e robusto como o povo, nós vamos marchar para a frente. Hoche marchou para a frente, e perdeu a batalha de *Kayserslauten*. A Convenção, como por uma especie de presciencia, felicitou-o da sua derrota. Para aprender a vencer, dizia *Turenne*, é preciso ter sido vencido. Pouco tempo depois, Hoche batia o inimigo e desbloqueava Landau. Elle tinha esta vez o segredo da victoria.

Depois d'esta victoria, Hoche escreve ao Comité de salvação publica que, o fim da campanha estando attingido já, elle pede para depôr o commando do exercito do Mosella. Repelliu o inimigo, isso lhe basta. Pode reentrar no seu logar agora. Bello tempo, idade de ouro da França nova em que a patria santa reinava só no coração do soldado. A gente queria fazer pa-

rar o tempo nessa data para ver eternamente esses jovens vencedores, hontem homens do povo, desfilar de peitos abertos, entusiastas e graves sob os seus cabellos lizos e os seus penachos tricolores, através do fogo, com as bandeiras agitadas e cair, e morrer, e pôr a mão sobre o seu coração, e gritar uma ultima vez: Viva a Republica! Foram felizes aquelles; não conheceram a tentação. Porque Moreau não teve desde então o seu tumulo na Allemanha?

(Continua).

EUGENIO PELLETAN.

Chamamos a attenção do publico para o communicado que abaixo publicamos.

Desmascarar os hypocritas, patentear-do á sociedade os vicios com que pretendem enganar-a e ensinar o verdadeiro caracter dos homens, que traiçoeiramente abusam da boa fé dos que o não conhecem de perto: eis uma das principaes obrigações da imprensa justa e rasoavel.

Dirigindo-me, pois, a este campo, só tenho em vista fazer conhecer a todos o procedimento, já agora bem avaliado do padre . . .

Não remontarei ao principio da sua vida; longa é a cadeia de escandalos; muitos são os factos, aliás indignos, que poderia apresentar ao exame do publico. Começarei em 1872.

Alguns paes mal informados collocaram este padre no principio do anno lectivo de 1872 a 1873, como director de seus filhos, sujeitando-se e remunerando pontual e superfluamente todos os cuidados da alimentação e da instrucção.

Não fallarei hoje da alimentação, pois que todos sabem em Coimbra as côres com que os subordinados do padre . . . pintam o modo, porque elle os tracta diariamente.

Em quanto á instrucção, não podia decerto o sr. padre . . . miguelista ferrenho, abster-se mais de expender aos seus caloiros as theorias mais reaccionarias e intempestivas do governo legitimo, defendendo com todo o calor o jезuitismo e a inquisição! . . . a Inquisição, defendida por um homem, que se tem por *intelligentissimo*, e em pleno seculo 19!! . . . Pois já não te lembrás, padre, do caso de ainda ha pouco teres entrado numa igreja, e juncto dos altares, onde hoje impiamente celebras a tua missa, descarregares sobre a fronte d'um teu collega as mãos pesadissimas? Não pensas em que a inquisição te faria logo o seu auto de fé, para depois seres queimado irrevogavelmente? Desgraçadissimo padre . . . que nem sequer sabes onde tens os miolos! . . .

Mas deixemos isso, que outras coisas ha mais dignas de importancia.

Um tio teu, a quem deves immensas obrigações, collocado em más circunstancias pecuniarias, pediu-te para lhe acceitares um filho em casa, e tu, que julgavas, que pelo unico factio de lhe dares de comer, podias exigir tudo d'elle, quizeste fazer do pobre rapaz o mesmo que tu és: teu primo, que tem mais honra que tu, não quiz sujeitar-se ás accões infames que lhe mandavas praticar; e tu que fizeste? Recorreste á força bruta; lançaste mão d'um ferro do teu leito e com elle massacravas todos os dias o corpo, ainda fragil, do teu infeliz primo; e elle, que mais não podia soffrer tamanhas injurias, foi obrigado a fugir-te de casa. É assim padre que o Christo, cujo ministro és, te manda viver? É essa a caridade que o Evangelho te manda ensinar?

É assim, *honradissimo* padre, (como tu mesmo te apellidas) que se castigam os que estão a nossos cuidados?

Porém passemos ao mais.

Lembras-te, padre, do dia 4 de Maio?

(1) Processo do sr. *Marianno Ghira*.

(1) *Jornal da Noite*.

D'aquella tarde que tam amorosamente passaste com uma tua creada?

Não te recordas já de lhe haveres dito que eras homem como os outros, e que só tinhas inveja de que ella se sorrisse para os demais estudantes, que tinhas em casa? Não tens lembrança de quereses seduzir aquella rapariga, que tão nobremente regeitou as tuas promessas indignas e que hoje declara publicamente a hediondez das tuas acções? Não previas talvez que ella viesse a referir tudo a quem agora te está fallando? Porém não é esta a primeira que fazes; mais te podia eu contar, padre corrupto, indigno ministro de Deus, de quereses convencer os que contigo viviam, da nobreza do teu character e de que essas mulheres, que tu procuras com ancia, eram as proprias, que se namoravam de ti e te procuravam por toda a parte!... Que terás que responder a quem tam justamente te declara infame? Queres as provas? Vem, que eu te as mostrarei com abundancia de todas as tuas gallantes acções!... Vem a este campo se ainda tens cara para te apresentar nelle, e eu te desmascararei já que assim o quizeste.

LISBOA, 4 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Começo hoje pela narração d'uma gentileza palaciana digna de publicidade. Também pouco mais direi, escasseando as novidades e não me achando resolvido a noticiar o estado de saude dos nossos barões e conselheiros.

O caso é o seguinte:

Ha poucos dias recitou-se no theatro do Principe Real a *Canalha* de Gomes Leal e *Ao Combate!* de Bettencourt Rodrigues, em beneficio. Dias antes fora a beneficiada entregar ao paço um bilhete de camarote. O chefe do estado não compareceu, mas compareceu alguém de sua casa.

No dia immediato ao do espectáculo foi a beneficiada ao paço em busca de resposta, naturalmente a importancia do camarote.—Foi recebida por um olympico sujeito, que, depois de miral-a com curiosidade, lhe perguntou:

—Não foi na noite do seu beneficio que se recitou a *Canalha*?

Em seguida á resposta affirmativa, sua excellencia pronunciou as seguintes palavras:

—Pois o povo, que está tão adiantado, que lhe dê dinheiro! Cá não ha!...

Eu acho bem pensado e bem dito. Assalta-me, porém, uma duvida. E' sobre a firmeza d'esta boa gente. Fallarão elles sempre em voz de baixo? Outros, mais solidamente firmados no pedestal, deram-se por felizes e honrados quando o povo lhes permittiu que coraessem com o barrete phrygio, em dia de tempestade, as cabeças louras da regia estirpe. Os insolentes deviam ler a historia... se sabem ler. Vae fecunda em ensinamento a epoca. Caloteie-se, depois dos fornecedores de viveres, os beneficiados dos theatros publicos, mas modere-se a linguagem, senão por vocação ao menos por prudencia! Tenham entendido!

—No dia 28 de maio annunciara-se a recitação da *Hespanha Livre*, de Guerra Junqueiro, no theatro do Gymnasio. O governador civil auctorisara o escandalo. A' hora, porém, de começar o espectáculo o sr. commissario geral da policia, D. Diogo de Sousa pediu que lhe mostrassem a poesia e depois de lél-a prohibiu que fosse recitada.

São espertos, não ha duvida! Este systema de repressão ha de trazer-lhes o resultado que desejam. A pobre cabeça do

sr. Fontes com estar muito velha nem por isso toma juizo. Os negocios amorosos, os espiões, as pomadas e as revoltas goradas são de muito peso para aquelle Bismark de capellista!

—Sabiu o programma do *Rebate*, órgão do partido republicano federal. É em parte excessivamente moderado. Pede a *liberdade de pensar*, entre outras!

Isto seria applicavel aos mandamentos moscovitas, entre os quaes ha um que diz: *não pensarás contra o czar*. Em quanto a mim penso da nossa realza e dos nossos cousas que nem se escrevem; isto sem esperar pela liberdade de pensamento.

Creio firmemente que o intelligente barão do Zezere não penetrará na minha consciencia.

—A escassez de novidades e máo estado da minha saude obrigam-me a pôr termo á minha correspondencia.

S. P.

## NOTICIARIO

Recebemos e agradecemos o n.º 12 do anno XVI do *Instituto*. Contém:

*As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia na jurisprudencia portugueza*, (4.º artigo)—por Julio de Vilhena.

*Sophismas e reacções de Socrates*—por J. Frederico Laranjo.

*Noções de geometria discriptiva*—por José de Saldanha.

*Phantasia* (poesia)—por Luiz Carlos.

*Sempre noiva*—chronica eborense—por A. Filipe Simões.

*A ermida do Calvario no Bussaco*—por A. M. Simões de Castro.

*Bibliographia*—obras offerecidas ao *Instituto*, por A. A. da Fonseca Pinto.

*Instituto de Coimbra*—extracto das actas de diversas sessões.

O nosso amigo o sr. João de Paiva estudante do 5.º anno do direito, acaba de publicar uma sentida poesia, offerecida aos seus queridos condiscipulos, e recitada perante a maior parte na *Lapa dos Esteios*, local escolhido por elles para o abraço da despedida.

Inspirado do sitio aprazivel, do arvoredo, do canto das aves e da saudade indifinivel que desperta em nós a hora da tarde, a harmonia de todos os elementos da natureza, esta poesia é como que a expressão do sentimento e dos affectos que esperimentavam todos os que assistiram áquella despedida fraternal e amiga de perto de 100 mancebos.

A poesia consta de 28 instancias e exprime perfeitamente o pensamento do seu auctor. Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido e fazemos votos que o sr. João de Paiva continue cultivando as bellas artes, porque não fazem mal as musas aos doutores.

Ao ex.º sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos redactor do *Jornal da Noite*, a proposito da sua critica das poesias ao *Combate* e a *Canalha*.

É cedo ainda? não. O povo, a escoria, 'Sta cançada do peso das correntes, Com que os papas e os reis, hybridas gentes, O prenderam ao choche da Victoria.

Prender o mar! pigmeus, esquecendo a Historia, Esqueceram que ao rugir d'ondas fermentes O mar um dia absorve os continentes Entoando a canção de eterna gloria.

Chegou o dia do Castigo ao Crime Erga-se o povo á voz da Liberdade E despedace o jugo que o opprime!

Que outro sol illumina a sociedade, Descrevendo em fogo a lenda sublime Do Bello, da Justiça e da Verdade.

Ha dias que não recebemos La *Opinion*, nem o *Justiceiro*. Algumas vezes te-

mol-os recebido com atraso. Não sabemos a quem attribuir esta falta e por isso a deixamos aqui mencionada.

Diz a *Egualdade*, que a auctoridade portugueza deu ordem para que se busque um deposito de armas, que Sabariegos tem occulto na fronteira da Galicia. Não sabemos se o facto é exacto. A nós parece-nos que não, porque o governo portuguez tem mais de carlista de que de republicano.

Recebemos o 5.º n.º do *Espectro Juvenal*. No corpo do jornal trescemos um magnifico artigo sobre a monarchia a proposito do processo do sr. Marianno Ghira. É uma pagina, digna de ler-se, esta do nosso talentoso correspondente da capital.

Todo o opusculo faz revelações importantes, dignas de serem-se e conclue assim: « á hora em que terminamos o 5.º n.º do *Espectro* ainda existe o *Diario de Noticias*, o *Jornal da Noite* e o *Diario Illustrado* ».

Houve no dia 30 de maio uma audiencia celebre na comarca de Arganil. Julgava-se o ex-administrador Cruz Aguiar, accusado por suppostos crimes politicos cometidos nas passadas eleições. Foi defensor do reu o intelligente e sympathico mancebo Lopo Vaz de Sampaio e Mello, que tinha sido seu antigo condiscipulo na Universidade. Noticias recebidas d'aquella terra affirmam-nos que fora admiravel o discurso de defeza, tanto sentimental como logicamente considerado. Nem menos era de esperar de quem tão boa reputação tem no mundo litterario.

Folgamos de archivar este acontecimento, que foi uma gloria para o advogado e um triumpho para o reu, accusado por uma facção politica de poucos creditos.

Entre nós a politica não dá outros resultados. Um homem honrado está na impossibilidade de se introduzir n'ella sem sair manchado. É que os systemas pelas suas idéas de regeneração ou dissolução estão acima das tendencias particulares dos individuos.

Consta-nos que o actual bispo d'esta diocese acaba de vender a um francez, especulador em objectos antigos e raros, os pannos de raz, que guarneciam as tres salas principaes do paço episcopal. Segundo nos informam, estes pannos são de pinturas primorosas, de subido valor artistico, muito raras e de grande antiguidade. Representam um bom capital; e o actual bispo com uma vergonhosa ignorancia do valor d'aquelles objectos vae vendel-os por 45 libras (202\$500 rs.) O comprador já os tem encaixotados e parece que exulta de contente. Poderá, se o negocio parece que deixa 500 por cento ou mais.

Eis os elementos que actualmente compoem a Assembléa Nacional franceza:

*Extrema direita*—Tem 53 deputados, á frente dos quaes está o duque de Rochefoucault Bisaccia.

*Reunião da direita*—Este grupo é formado por 144 membros, e está presidido por Lacy. É o grupo mais importante da direita. N'elle figura o ex-ministro da Justiça, Dufaure.

*Reunião do chamamento do povo*, Esta fracção compõe-se de 28 bonapartistas. É presidente o antigo ministro de Napoleão 3.º, Rouher.

*Centro direito*—Contém 124 deputados. Foi presidido por Saint-Marc-Girardin, fallando-se agora no ex-ministro Goulard para tomar aquella posição.

*Reunião dos republicanos conservadores*. É formado por membros dissidentes do

centro direito e contém 77 membros, sendo presidente Cazimiro Perier. É o grupo republicano que mais afinidade tem com o monarchico.

*Centro esquerdo*.—Tem 86 deputados sob a presidencia de Christophe. N'elle está o ex-ministro Remusat e talvez Thiers.

*Esquerda republicana*.—É esta fracção formada por 145 membros republicanos por convicção e tradições. É presidida por Fourcaud e n'ella se acha filiado o ex-ministro J. Simon.

*União republicana*.—Compõe-se de 73 deputados republicanos radicaes inimigos da politica conservadora, intransigentes com tudo o que retardar a constituição definitiva da Republica franceza. É presidida pelo deputado Payrat, e augmenta em cada eleição. N'ella figuram Gambetta, Royer, Barodet.

O nosso collega da redação, Magalhães Lima, retirou para Aveiro, terra da sua naturalidade, onde vae passar as ferias de verão.

D'ahi continua todavia a colaborar para a nossa folha.

Fez acto do 5.º anno juridico o nosso amigo José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso. Assistiu ao acto um grande concurso de pessoas e algumas senhoras: Fallou eloquentemente, e sem elogio immedecido, que não estamos costumados a fazer a ninguem, podemos dizer que foi um acto distincto. O sr. Pedroso parte agora para a Chamusca, terra da sua naturalidade.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de participar á redação o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

O importe das assignaturas das provincias deve ser remetido, em estampilhas ou vales do correio, á redação da REPUBLICA PORTUGUEZA, —Couraça de Lisboa, 87.

## ANNUNCIOS

MAGALHÃES LIMA E SILVA PINTO  
O ESPECTRO DE JUVENAL  
Sahiu o n.º 5

A' venda na livraria Academica, Calçada.

AS RAÇAS HISTORICAS  
DA  
PENINSULA IBERICA

E A SUA  
INFLUENCIA NO DIREITO PORTUGUEZ  
Por  
Julio de Vilhena

A venda na livraria do sr. Cabral —Calçada—500 reis.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 reis, semestre. . . . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redação da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPUBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 7

## POLITICA INTERNACIONAL

Agora sim que a monarchia morreu definitivamente na Hespanha. Arruinada já pela sciencia, desacreditada nas consciencias mais puras, batida pelo espirito moderno, desapareceu do campo da lei, onde miseravelmente se sustentava ainda.

Sobre esse cadaver illuminado pelos clarões sinistros de uma historia cheia de ignominias, ergue-se a nova Hespanha, a Hespanha republicana, a Hespanha que emigralhou o ultimo elo da cadeia real, a ultima gargalheira de um grande escravo.

O dia 8 de junho, em que a Constituinte affirmou conscienciosa e serenamente a forma mais elevada da Democracia—a Democracia federal, é o maior dia que tem visto este povo, este herdeiro desgraçado dos prejuizos religiosos e politicos, do espirito envenenado de Loyola e das praticas tyranicas de Filippe II.

Saudemos essa aurora esplendida que cedo illuminará tambem o horisonte da nossa patria.

Admiravel espectáculo nos está dando a nação vizinha! Quando a experiencia da historia parece attestar que o homem só dá um passo para diante apoz muitos e dolorosos sacrificios, alli as correntes que ligam o espirito moderno ás tradições do passado quebram-se repentinamente e sem grande agitação.

A pena de morte que ainda mancha os codigos de povos chamados cultos vai desaparecer para sempre.

A escravatura que é uma vergonha na especie, além de ser uma revoltante injustiça, vai ser abolida. O sol da Liberdade começa agora para muitos pequeninos que gemeram o peso das suas desgraças durante a longa noite da monarchia.

Os privilegios judiciaes, que são uma negação da idéa de justiça, idéa purissima que não admite excepções, serão inteiramente extinctos.

As gerarchias revoltantes, que foram

sempre o apanagio dos systemas reaes são abolidas. A Democracia só existe com a Igualdade: repelle toda a idéa de casta.

A separação da Igreja e do Estado, que é um dos pontos fundamentaes sobre que se agitam as sociedades modernas, é proclamada em toda a sua extensão. Aquella unidade fatal que levou os exercitos da ambição pontifical e imperial a virem ás mãos, já ás ordens de Filippe Augusto, de Henrique VIII, de Hildebrando, termina hoje na Hespanha, na terra do catholicismo por excellencia. Tanto é certo que as virtudes regeneradoras de um systema estão acima das circumstancias praticas de um povo.

O suffragio universal, que é o unico instrumento capaz de originar uma representação nacional com os caracteristicos de total e livre, é solemnemente declarado.

O ensino elementar, base de todo o desinvolvimento moral e economico de uma sociedade bem organizada é declarado obrigatorio e a cargo dos estados.

Os monopolios que tendem a fazer o estado omnipotente, auctoritario e burguez são supprimidos inteiramente, com excepção dos serviços publicos, que elle toma como encargo e sem espirito de especulação.

Os privilegios, as isempções, as loterias, as direcções das armas, as capitaniaes generaes, os impostos sobre a locomoção por caminho de ferro, os bilhetes domiciliarios, as licenças de caça e pesca, etc., todo este cortejo de calamitosas restricções á Liberdade individual, e afrontosos ataques á moralidade publica vai ser suprimido por essa Constituinte que nos promete dias admiraveis, dias semelhantes aos d'aquella grande Revolução Franceza, que abalou thronos e imperios e que ainda hoje prosegue ávante.

An avant. dizemos nós aos democratas hespanhoes, que não ha lugar para descançar neste itinerario do homem para a Liberdade e para a Justiça, que são as leis naturaes e positivas da sociedade.

Realisae pacificamente essas gigantescas

e sublimes reformas. Depois que se mal-diga a Democracia.

A Revolução já não tem razão de ser na Hespanha. As conquistas pacificas da critica e da sciencia acabaram com o seu dominio.

A reacção theologico-carlista amaldiçoada pela consciencia de um povo, é hoje inteiramente impossivel. Por isso os jornaes da visinha nação nos annunciam já a decadencia d'aquelles pobres escravos de um systema sem ideal para a intelligencia e para o coração.

Curcula ferido, Dorregaray ferido e subordinado, Elio cheio de inveja e odio contra Dorregaray, Santa-Cruz recalitrante,—Carlos VII escondido ou talvez morto; são symptomas visiveis do esphacelamento do partido carlista, que não póde viver muito tempo, porque lhe falta a vida moderna, a alma da civilização actual.

As grandes virtudes republicanas continuam animando a esquerda da Assembléa de Versailhes. Em quanto a direita victoriosa apenas por 14 votos se vae enfraquecendo pelas suas divisões e subdivisões, a esquerda concentra as forças e prepara uma resistencia tenaz e audaciosa, tanto na urna, como na Assembléa.

Parece definitivo que Thiers, Gambetta, e Grevy tomam a direcção das fracções republicanas, que hoje se acham unanimes no pensamento de rebater as pretensões monarchicas da direita.

A attitude das grandes cidades dá-lhe energia sufficiente. A patria de Danton não ha de dar ao mundo o espectáculo de um retrocesso: recuar é impossivel.

A. V.

Não podendo publicar na integra por falta de espaço o artigo que nos enviou o sr. Bruno sobre a MONAR-

CHIA E A REPUBLICA, ahí vão os principaes periodos.

«Republica:—abençoada sejas tu. És a mãe de Wasington, de Hoche e de Castelar. Ao som da Marselhesa, os teus guerreiros guiados por Hoche e por Westermann ensinaram a ser livre á Europa feudalizada. Inspiraste a Rouget de l'Isle as estrophes ardentes do canto da Marselhesa, sopraste a Victor Hugo os Miserables e deste a Castelar a eloquencia de Demonsthenes. Quando Castelar se ergue, tu sorris-lhe e elle sobe á tribuna e esmaga com a sua eloquencia arrebatadora os sacerdotes do despotismo. A tua divisa, oh Republica, é grande e nobre e christã. Sellou-a o sangue do justo nas pedras do Golgotha, estampou-a o sangue dos martyres nas paredes do Santo Officio».

«Ao directorio governativo hespanhol»

Senhores—Proclamastes a Republica que é o ideal sublime da perfeição governativa, a applicação pratica do sentimento inexpugnável da alma humana, o sentimento da liberdade. Applaudimo-vos do fundo d'alma e consenti que este nosso applauso vá provar os sentimentos democraticos da mocidade estudiosa portugueza.

Estais cercados de perigos, senhores; de todos os lados conspira contra vós o velho mundo das prepotencias e vilesas. O despotismo feroz dos reis absolutos, representado em Carlos VII, ameaça-vos com as suas garras damnadas; por outro lado alguns hespanhoes degenerados tentam chamar do exilio o filho da expatriada. Lutai, senhores, reprimi os assassinos da liberdade e mostrai ao mundo que sois grandes e generosos. Os padres, esquecendo-se de que tiveram por mestre o homem grande do Golgotha, esforcem-se por provar que se recordam bem das licções dos Torquemadas, e de trabuco em punho incendeiam as estações do caminho de ferro.

Vós, senhores, mostrai ao mundo a grandesa das idéas republicanas, quebrai, como Lincoln, as gargalheiras dos escri-

e em seguida as disensões intestinas da parte dos magnates, foi occupada pelo lado opposto ao da invasão das hordas do norte pelas populações arabes, raça não menos incommunicavel e pura do que a raça germanica.

Os soldados da cruz, levados de vencida pelo alfange dos sarracenos, retemperado ao calor do sol do oriente, fugiam á maré montante que do Estreito e das alturas do Calpe ia subindo e alagando os campos até aos despenhadeiros das Asturias. Parou a onda porque não ha forças extremas na natureza e ahí se formou o refluxo que havia de fazer descer a corrente ao seu leito natural, não se affectuando todavia sem tempo. A invasão arabe cobriu de ruinas a maior parte do solo hispanico, partindo do oriente para o norte. Em Cova Donga formou-se a resistencia a impulso d'um esforcado guerrilheiro que na historia leva o nome de Pelagio. A terra de Hespanha, de que os sarracenos ficaram senhores em uma só batalha, foi depois disputada palmo a palmo por Affonso I, Affonso II, Fernando I, e mais,

até Affonso VI, até Fernando e Izabel, ultimos reis que acabaram com esta guerra de oito seculos, guerra que se por algum tempo cessava, como diz o sr. Herculano, era para recommençar com mais força e vigor. Todavia a extincção da raça arabe não se fez na peninsula sem que d'ella ficassem vestigios profundos, assim como quando uma cheia invade os campos não se retira para o seu leito sem que deposite na terra os elementos fertilisadores, o humus vivificante que lhe augmenta a riqueza e a força productora. D'aquella raça combinada com o fundo permanente da peninsula nos vem a tolerancia de que em parte gosamos hoje, o lado impresional, o profundo senso das nossas canções populares, esta tendencia para as artes e para a musica, caracterista de todos os povos meridionaes.

Mas senão desaparecerão todos os vestigios da sua acção, a raça arabe tocara todavia o zenith do seu desenvolvimento na peninsula e a sua grandesa começava a declinar. Seguiam-se as batalhas ganhas pelos christãos, os assedios, as cidades

capitulavam, a cruz erguia-se triumphante já em mais de metade das Hespanhas no tempo de Fernando Magno. Com a conquista de Toledo por seu filho e as victorias que se seguiram na Andaluzia e no reino de Valencia ganhas pela parte de Fernando, e tão funestas ao islamismo, o dominio dos mouros na Peninsula, limitou-se a uma parte da Andaluzia, ao reino de Granada e a uma parte das provincias de Murcia e Valencia.

Os estados christãos são pelo lado contrario em numero de quatro, o estado da Navarra, que não tardará a separar-se em parte da unidade Hespanhola para juntar-se a France; o estado de Castella e Aragão, que ficam unidos e formam o nucleo da monarchia hespanhola; o reino de Portugal em fim separado de Castella no tempo de D. Affonso VI.

Todos estes estados se fundiram com o correr dos tempos na monarchia hespanhola, excepto Portugal que soube até hoje conservar a sua autonomia.

O Aragão reuniu-se a Castella pela

## FOLHETIM

## HESPANHA

### ESBOÇO HISTORICO-POLITICO

Depois das successivas invasões da raça phenecia, carthagineza e romana, que casou o seu sangue e trocou os seus usos e costumes com a raça celta, stracto fundario das raças europeias; depois da invasão barbara, sobrevinda pelos fins do seculo V, a qual cingia e apertava cada vez mais o imperio romano pelo norte num circulo de ferro, até succumbir despedaçando-se contra as hostes de Ataulfo, Atila, Gesénrico, Theodorico e Alaricus, senhoras por fim do campo da victoria, que era todo o continente europeu, porque se pelejava ao mesmo tempo em todos os pontos, a Hespanha, denominação que os historiographos antigos davam a esta parte do globo, comprehendida entre os montes Pyreneos, o oceano atlantico e o mediterraneo, depois d'um dominio dedois saculos da raça goda,

vos, parti, como Victor Hugo, as tabuas do cadafalso, riscai do numero dos espectaculos o *espectaculo* vil das corridas de toiros; em fim praticai as grandes obras que só inspiram as grandes idéas.

Se o conseguirdes, sereis abençoados pelos seculos futuros, oh apóstolos do progresso!

Roma papal e Madrid da realza, o Vaticano e o palacio dos coroados, o padre e o rei por vezes têm dado ao mundo o spectaculo d'acções ignobes. Mostrai vós todos, oh republicanos, que a republica, como grande principio, só produz grandes acções.

Grande bandeira da republica:—és nobre e santa. Arvorada por Hoche e por Westermann, ensinaste á Europa o codigo da liberdade. O teu distico é sublime e singelo, como o distico que o ditou:—*liberdade, egualdade, fraternidade*:—Acolhei-vos todos á sua sombra, e que ella se desfralde sempre ovante ao sopro das grandes idéas.

E conclue pelos dois esplendidos trechos de E. Quinet e Victor Hugo que representam a execração universal da intolerancia religiosa e lavram a sentença de morte da Igreja.

—«Dante, duas vezes condemnado á morte e sua casa arrasada. Arnauld de Bresse, queimado vivo.—João de Padua, queimado vivo.—Savonarola, queimado vivo.—Platina e os academicos de Roma, torturados.—Machiavel, torturado.—Spinoza, afogado.—Bonfadio, decapitado e queimado.—Collenucio, estrangulado.—Tibertus, decapitado.—Carnesechi, Paleario, queimados vivos.—Montalsino, estrangulado.—Dominis, queimado vivo.—Jordano, queimado vivo.—a Vanini, foilhe arrancada a lingua e queimado vivo.—Campanella sete vezes torturado e encarcerado vinte e sete annos.—Sarpí, apunhalado.—Berni, envenenado.—Tasso, encarcerado sete annos numa cellula de loucos.—Galileu, torturado e encarcerado perpetuamente.—Pallavicini, decapitado.—Giannone, encarcerado vinte annos.—Tenevelli, fuzilado.—Mario Pagano, enforcado.—Conforto, enforcado.—O resto ou melhor a continuação pode-se ler nas *Prisões de Silvio Pellico*».

Isto de Edgar Quinet bastava. Mas ouviremos tambem Victor Hugo na assembléa legislativa em 15 de Janeiro de 1850. Diz o grande auctor dos *Miseraveis*:—Ah! conhecemo-vos! nós conhecemos bem o partido clerical. E' um velho partido que bem tem pugnado. E' elle quem faz a guarda á porta da orthodoxia. Foi elle que descobriu para a verdade esses dois estados admirandos, a ignorancia e o erro. E' elle quem prohibe á sciencia e ao genio ir além do missal; é elle quem quer fechar o pensamento no dogma.

Todos os passos que a intelligencia da

Europa tem dado, têm-os dado ella bem contra a vontade d'elle. A sua historia está escripta na historia do progresso humano mas está escripta no verso.

Têm-se opposto a tudo. Foi elle quem mandou achibatar Prinelli por ter dito que as estrellas não cahiriam. Foi elle quem poz Campanella sete vezes a tractos por ter affirmado que o numero dos mundos era infinito e entrevisto o segredo da creação. Foi elle quem perseguiu Harvey por ter provado que o sangue circulava. Por parte de Josué, prendeu Gallileu; por parte de S. Paulo, encarcerou Colombo. Descobrir a lei do ceo era uma impiedade; achar um mundo, uma heresia. Foi elle quem anethemathizou Pascal em nome da religião, Montaigne em nome da moral, Molière em nome da moral e da religião».

BRUNO.

## MANIFESTO

DA

### UNIÃO REPUBLICANA DE PORTUGAL

#### AO PAIZ

Em seguida começamos a publicar o manifesto da União Republicana de Portugal ao Paiz, o qual nos foi enviado de Lisboa.

Depois de acabado de enserir diremos qual é a nossa opinião sobre elle.

«Quando desassombradamente e estranhos a quaesquer preocupações ou paixões politicas, lançamos um ligeiro golpe de vista sobre toda a superficie do globo, não podemos deixar de admirar quão profunda é a agitação que existe em todas as sociedades que nelle habitam.

As causas essenciaes d'essa grande agitação é evidente que estão na sua grandeza em perfeita relação com a perturbação e transtorno que d'ellas derivam.

E com effeito! é grande, é mesmo espantosa a ponto de confundir a razão, a lucta tenaz e desesperada de todas as paixões pequenas e ignobes e o desequilibrio e contradicção manifesta de todos os interesses que devem constituir a unica e verdadeira base da ordem social.

O velho mundo, ou antes a velha Europa parece querer renascer do poder ferreo dos governos arbitrarios e fanaticos, a que desde remotos tempos tem estado curvada, e despedaçando o elo que a prendia á cadeia com que ha sido ferida a sua honra e a sua liberdade, caminha naturalmente para a conquista de todos os direitos negados até hoje.

É certo que a existencia moral da desorganisação que affecta todas as nações, deriva a sua principal causa da má ori-

gem dos governos e das instituições politicas.

Depois das mais duras, e das mais tristes lições da experiencia, em que os thronos, ou o poder monarchico tem com as suas loucas vaidades e insanos caprichos pezado sobre os destinos das nações e rebellado contra si o espirito de todas as sociedades livres, eis que a palavra Republica, resôa em todos os angulos da terra!

E que singular não é o spectaculo que se apresenta ás nossas vistas! O Universo parece abalado nos seus eixos; os fundamentos das sociedades humanas estremecem; o mundo moral e politico agita-se! tudo presagia enfim a approximação de prodigiosos e extraordinarios acontecimentos, e como consequencia a resolução dos mais transcendentos e importantes problemas sociaes.

O mundo d'uma a outra extremidade exclama: Republica, ou os direitos do homem; e ao magestoso ecco d'este brado unisono dos povos que se estende ás extremidades mais remotas, ouve-se ao longe o ruido subterraneo dos thronos que ameaçam desabar; sepultando nas ruinas tantas vidas uteis e tantos cidadãos illustres!

É que nada pôde embaraçar a carreira maravilhosa da civilisação e da liberdade; ella com toda a magestade e revestida da sua prodigiosa força e auctoridade arroja para longe todas as resistencias; é, finalmente, a lei soberana que não encontrando limites senão nos confins da terra, arrasta apoz si o mundo inteiro.

E na verdade, só homens desvairados por violentas paixões, ou allucinados pelo mais encarniçado fanatismo politico, podem deixar de distinguir o mais evidente e assignalado triumpho da soberania dos povos contra o poder absurdo e caduco da realza.

Atravez da agitação, ou do movimento grandioso de todos os povos cultos, vemos despontar para o norte da Europa a approximação dos seus potentados, ou esse pacto ou alliança dos tres imperantes contra a liberdade universal.

Mas é nossa opinião que hoje pouco ou nada podem taes projectos ou machinações; força alguma material, por mais poderosa que á primeira vista pareça, pôde abafar ou adormecer o espirito das modernas sociedades.

Teria sido por certo de mais utilidade para todas as testas coroadas, se, em lugar de organisarem exercitos numerosos, roubando assim á agricultura e ás industrias tantos braços uteis e dispenderem avultadissimas sommas com os instrumentos da destruição e da morte, tivessem reflectido e estudado os males que desde longos tempos affligem os povos á frente de cujos destinos se acham: assim teriam com certeza evitado tantas ruinas e tantos males.

As aspirações legitimas dos povos, nunca se suffocam, e quando, por momento, ellas parecem adormecidas, depois apparecem, revelando-se em toda a plenitude da sua grandeza e magestade.

economico de cada villa ou cidade. Alli se viu como muito bem diz E. Raymond no seu livro *Espanha e Portugal*, a quem seguimos, o exercicio d'um direito publico inteiramente novo e sem exemplo em toda a idade media; um justo organismo de garantias nacionaes, verdadeiras e imponentes. A acção e poderio das suas côrtes era vastissimo: dava força executiva ás leis, declarava a guerra, lançava os impostos.

Aquelles que se julgavam offendidos pelas suas decisões, dirigiam as suas petições, não como humildes servos, mas sim como cidadãos e homens livres e convencidos do poder e efficacia do poder representativo. O presidente da assembléa era tirado da classe dos cavalheiros e via-se o rei ir ajoelhar perante elle e ouvir da sua bocca: *nós que valem tanto como vos y que valem mas do que vos, os hacemos nuestro rey y señor, con tanto que guardéis nuestros fueros y libertades, si no, no*.

Castella ficou a perder de vista do Aragoão neste ponto e tornou-se impotente

A historia da humanidade, e até a boa razão, nos está claramente dizendo que os povos nunca se rebelam contra os governos quando se acham felizes e bem administrados; e neste caso, os especuladores politicos, ou empreiteiros de revoluções são sempre recebidos pelos povos com ironia e desprezo; porém, taes sacerdotes ou apóstolos da desordem realisam sempre seus repugnantes e abominaveis projectos, desde que os governos desconhecendo, ou querendo desconhecer, toda a magestade da sua tão importante como gloriosa missão, vão de encontro aos interesses legitimos dos povos atacando as suas franquias e as suas liberdades.

As facções monarchicas que até hoje têm disputado o dominio sobre este desgraçado Portugal, intropecendo a sua marcha progressiva e civilisadora, sem principios claros e diffinidos de politica geral, mas unica e exclusivamente representantes de interesses individuaes, e inculcando-se ousadamente interpretes da vontade nacional, têm sido não ha duvida por meio das mais falsas manobras os verdadeiros agentes da propaganda republicana. A semente da republica tem sido, pôde dizer-se, por elles lançada á terra, com a continuação de tantos erros e de tantos desvarios.

E na verdade, parece, depois de tão aturados e repetidos trabalhos, realisar-se o ideal d'esses homens que calculada ou erradamente se alcuñaram liberaes.

(Continúa).

Mensagem dirigida pelo partido republicano do Rio de Janeiro a Castelar e resposta d'este:

Senhor D. Emilio Castelar:

«O partido republicano do Brazil, por meio dos abaixo assignados, sauda a Republica hespanhola na pessoa de um de seus mais gloriosos e admiraveis apóstolos da democracia moderna.

Vimos com jubilo e orgulho o triumpho incruento da Republica na altiva e nobre Iberia, patria de altissimas personalidades, que devem servir de exemplo á humanidade sobre tudo á grande familia latina.

Estava destinado á generosa e valente nação hespanhola abrir um novo e fecundo precedente, consagrando a liberdade em todo o mundo civilisado.

Cá de longe d'este hemispherio, em que veio guarnecer-se o direito dos povos contra a oppressão do privilegio, enviamos ao povo hespanhol nossas cordeas e entusiasticas felicitações.

O Brazil espera ancioso que o progresso das nações civilisadas e livres irradie sobre as massas populares a luz, e que aos seus vivificantes raios acabem de espargir-se entre nós os grandes sentimentos de vossos patrioticos corações.

para defender as suas instituições politicas. Os reis unificaram-se bem cedo neste reino com a auctoridade e constituíram por sua vontade o *conselho supremo* de Castella, tribunal sujeito ao rei e que foi o primeiro passo para a unidade monarchica e para o despotismo moderno, depois que pela morte de Isabel e Fernando as redeas do governo das duas nacionalidades, que por uma especie de previsão contra os excessos da realza os dois povos quizeram que vissem separados na administração, vieram a cair debaixo da acção oppressora da fera manopla de Carlos Quinto.

Assim acabou este mundo da idade media hispanica, tão dividido e equiponderado em todas as suas forças, tão previdente em todas as suas leis, usos e costumes locais, mas que nada lhe valeram, porque acima da vontade dos povos nesta epoca dominava a força dos salafrios e couraceiros d'el-rei e o fogo das chammas inquisitorias.

(Continúa)

ALV ES MORAES.

morte do seu rei Martim no anno 1410, o qual não deixando successão, este pertenceu de direito ao infante de Castella, D. Fernando, neto de D. Pedro IV, rei de Aragoão.

A Navarra, as duas Sicilias, o Roussilhão e as ilhas Baleares reuniram-se ao Aragoão, em virtude de crimes de familia e de successões mais ou menos mediatas. D. Alfonso V succedeu a D. Fernando neto de D. Pedro; substituiu-se nos direitos de sua thia D. Joanna, rainha das duas Sicilias, elevou ao throno da Sicilia, seu filho, duque de Penafiel, já rei de Navarra pelo casamento com D. Branca, filha herdeira de Carlos III; casou em segundas nupcias com Joanna Henriques, mulher avara e cupida que, na ancia de ver os filhos do seu leito preferidos aos do primeiro matrimonio de seu marido, se desfez d'elles pelo veneno e pela tortura; seu filho Fernando o catholico, pode tomar posse pacificamente d'este modo de toda esta grande parte das Hespanhas.

Assim, depois do consorcio de Fernan-

do com Isabel, os catholicos, a Hespanha christã ficou formando os dois estados de Aragoão e Castella com administrações e justiça separadas, posto que debaixo d'uma só corôa e d'um só ceptro.

Cada um d'estes reinos tinha costumes locais e particulares que eram as suas leis, e era constituído d'um caracter differente.

O aragonez era altivo e distinguia-se pelo excessivo amor pela liberdade e pela egualdade; possuia em grande escala os sentimentos cavalheirosos da idade media. Este instincto levou-o bem breve a transformar os antigos concilios nacionaes, verdadeiros parlamentos dos nobres e dos clergos, em assembléas populares, onde se achavam representadas todas as ordens do estado *clero, nobreza e povo*. Surgiram em seu seio essas communidades de trabalhadores, chamadas *irmandades* que tentaram nessa epoca regular já o governo da sociedade, não pela politica da força, das armas e das intrigas palacianas, mas sim pelas condições do trabalho e pelo estado

O nosso amigo e correligionario o doutor Ferro Cardozo vae por nós e em nosso nome com a missão de apertar a vossa destra em signal de apreço e fraternidade por parte de todos os republicanos brasileiros.

Rio de Janeiro, 16 de março de 1873.

Directorio do partido republicano: Joaquim Saldanha Marinho, José Maria do Amaral, Augusto Toanin.—Pela redacção da *Republica*: Francisco Cunha, G. Boscayvo, Pompilio de Albuquerque.—Pela presidencia do club federal: Augusto Cesar de Miranda Azevedo, André Lobo.»

Castelar respondeu á mensagem com esta carta:

«Madrid, 1 de junho de 1873.—Joaquim Saldanha Marinho, presidente do partido republicano federal no Brazil.

Recebi com viva satisfação a vossa mensagem, na qual felicitaes a nação hespanhola pelo novo passo dado no caminho do progresso.

Muito temos trabalhado para trazer a Republica, e muitissimo necessitamos trabalhar ainda para consolida-la.

As virtudes do povo hespanhol unidas com a sua moderação asseguram-nos de que a obra fundada com grande esforço se manterá com grande gloria.

As difficuldades são muitas, porém, não nos abandone a crenga em nossas idéas e a confiança no futuro. Anima-nos tambem a amizade que todos os povos cultos, que todos os homens de alma elevada como vós, nos mostram amizade que serve de compensação aos nossos grandes trabalhos e de consolo ás nossas intensas dôres.

Queira a providencia que nossos votos relativos á Hespanha se cumpram, e que os povos latinos de um e outro continente mostrem ser tão perfeitos cidadãos como foram heroicos soldados e audazes navegantes. Communicae estes sentimentos ás commissões que felicitaram o governo hespanhol e ajuntae-lhe o testemunho da minha profundissima amizade.»

Emilio Castelar.

## BIBLIOGRAPHIA

Devemos hoje ao obsequio do sr. Domingos Manuel Fernandes uma *biographia politico-litteraria* do visconde de Almeida Garrett.

Espinhoso é o trabalho e dura a tarefa. Já por vezes tentada, nunca se conseguiu o almejado effeito. Veiu o sr. Domingos Manuel Fernandes emprender o que nem Rebello da Silva, nem Gomes d'Amorim, nem Alexandre Herculano, tiveram a coragem de fazer.

Defeitos graves tem o seu livro, diga-se com franqueza. A linguagem é por vezes desigual e o andamento da biographia cede frequentemente a logares escusados e inuteis.

Mas o que convém saber é que o sr. Fernandes esteve só em campo, com o auxilio da sua boa vontade e da sua tenacidade.—Levado isso em conta ficam, até certo ponto, desculpados os muitos erros do seu livro, acerca dos quaes volveremos a fallar mais de espaço.

MAGALHÃES LIMA.

## Noticias de Evora

Informam-nos de Evora que na estada de sua magestade o sr. D. Fernando e sua feliz esposa, naquella cidade, se passaram scenas dignas de narrarem-se.

Eil-as que seguem:

A condessa de Edla esteve hospedada e seu esposo em casa do sr. visconde de Guedes, com toda a magestade. O pobre bonacheirão de D. Fernando era um humilde servo da vontade de sua esposa.

A sr.<sup>a</sup> condessa viu-se elevada, na antiquissima Evora, á magestade da realza

e respirava bem naquella meio, todo cercado de luxo e das ceremonias da corte. Ah! era ella rainha. Resuscitou as pragmaticas antigas; fez reunir os cortezãos, pol-os em fila, lançou-lhe falla; elles curvaram-se reverentes perante aquella voz metiflua, sagrada, doce, sonora e theatral, e por fim houve o leitor, não côres, não psmes, não titubies, não balbucies, não tremas, que ainda podes ter alguma filha que faça o mesmo, porque a heretriedade monarchica vai passando de moda, houve o classico, o nepotico, o absurdo, o impossivel, o servil, o versalheano e chinez *beija mão*. Sr.<sup>a</sup> condessa de Edla, v. ex.<sup>a</sup> já não anda em dia com os livros das pragmaticas modernas. Estamos na epoca da liberdade; sr.<sup>a</sup> condessa de Edla; agora já se não beja a mão, como nos tempos antigos em signal de respeito e humildade, agora beja-se a face. E devia ter dado a bejar a face, a face, a face sr.<sup>a</sup> condessa. Hoje os códigos do bom tom são substituidos pelo código dos amantes; é necessario amar os nossos subditos para que elles nos amem a nós, a nós, sr.<sup>a</sup> condessa, que estamos na epoca da liberdade e podemos dizer aos reis e ás rainhas: não queremos beijar-vos mais; podeis-vos retirar.

Para isto os reis devem ser humildes, ou pelo menos eguaes aos subditos, e quando se troquem entre elles beijos devem ser reciprocos.

O beijo é o symbolo do amor entre todos os animaes; beijam-se as aves, os cordeirinhos, os leões, os tygres e as pantheras; todos os viventes juntam os labios, defrontam os peitos, confundem as respirações, entrelaçam-se e apertam-se profundamente, arrastados pelo fluido magnetico da criação e desinvolvimento da especie.

Ora o beijo dado pelo subdito ao rei ou á rainha é tambem o symbolo d'este amor que existe entre o povo portuguez e a familia real, de que v. ex.<sup>a</sup> é digno membro. Porque razão este beijo se não ha de dar como os demais? porque razão os reis não hão de bejar-se como os demais seres da criação? qual o privilegio ou a philosophia d'esta distincção? ou nós nos enganamos muito ou este beijo não diz nada do que significa, porque nos parece uma praxe contra a natureza. Acha-mos justo que se beijem os principes e as princezas, principalmente as princezas, mas que se beijem como a outra gente. Não ha motivo para distincção, e onde o rei não distingue, não devemos nós distinguir.

Propomos por tanto á real camara do paço que substitua o obseleto beja mão pelo beijo mutibocal, isto é, o beijo classico nos labios; ficar-se-há assim sabendo melhor quem tem mais affeição por suas magestades, e bem assim as pessoas que ellas mais amam, porque os labios são o melhor thermometro do amor.

Que importa que o paço se torne numa corte de faunos? Jupiter, e mais era um deus, não presidia a scenas d'esta natureza? a cada um o que merece segundo a theoria são simoniana.

Queriamos já pôr ponto neste logar, mas a carta que temos á vista ainda mol-o não consente; vamos dar aos nossos leitores mais informações sobre a estada de suas magestades em Evora.

Diz a carta que conservamos aberta, que a sr.<sup>a</sup> Edla mandava alli como senhora absoluta e o sr. D. Fernando não passava d'um manequim e um docil instrumento da vontade de Edla. *Tout honneur a tout le seigneur*.

As ultimas informações que nos dão d'aquella terra a respeito dos reaes mandriões é que a sr.<sup>a</sup> condessa mostrou desejos de arranjar uma certa porção de manjar branco para sua magestade o sr. D. Luiz, e para este fim se dirigiu ao sr. Philippe Soure. Antes d'isto já tinha perguntado a este mesmo senhor se não seria facil comprar alli uma casa boa e barata, ao que este cavalheiro respondeu que

boa e barata era difficil de encontrar, e as mesmas duvidas oppoz em quanto ao manjar branco, porque lhe parecia que não era facil encontral-o naquella terra. A sr.<sup>a</sup> condessa de Edla calou-se; e no momento de partir disse para o sr. Soure: adeus, sr. Philippe Soure, apesar das suas continuadas difficuldades cá vai o manjar branco.

Não sabemos o que respondeu este cavalheiro, mas estando no mesmo caso nós responderiamos:

E a casa barata e bonita por pouco dinheiro, encontrou-a minha senhora?

A. M.

## Noticias de Aveiro

No theatro dos Artistas Aveirenses teve logar no domingo, 8 do corrente, uma recita, dada por alguns academicos d'essa cidade. Entre elles vieram os nossos amigos José Trigueiros e Felgueiras (Raymundo). Leveram á scena o drama de Cesar de Lacerda: *Cynismo, Scepticismo e Crenga*, e as duas comedias: *Dois candidatos* e *Para as Eleições*. Distinguiu-se principalmente o sr. José Trigueiros que mostrou decidida vocação para o theatro. E de erer é que elle continue cultivando a arte para gloria de todos nós academicos. Tambem tomou parte no espectáculo, e muito bem, a nosso ver, o quintanista de direito Joaquim de Mello Freitas.

—Acha-se entre nós o nosso honrado amigo e correspondente de Lisboa, Silva Pinto.

—Brevemente deve ter logar um bazar no Jardim de Santo Antonio, a favor dos artistas d'esta cidade.

—José Trigueiros, o heroe da scena de domingo, retira hoje 9 para Coimbra. Abracem-no ahí que bem o merece.

—Falleceu esta madrugada a esposa do sr. João José dos Santos Machado.

Com o nosso communicado, que a benevola redacção da *Republica* inseriu no seu ultimo numero, o padre \*\*\* a quem elle se referia, tornou-se de uma ferocidade, que difficilmente se explica. Serviu-lhe a *carapuça*; e o homem não sabe o modo, mais airoso, de descalçar tão terrivel bota. Depois de ler as nossas palavras ficou como possesso, e fazendo uma gritaria infernal, ora ameaçava os que tem em casa de os expulsar por andarem a referir o que se passava, ora com imprecacões e aleivosias amaldiçoava a penna, que tinha posto a descoberto os seus mais reconditos arcanos. Andava de um para outro lado, sem saber o que fizesse. Nesta conjectura resolveu ir ao seminario, para ahí desabafar com seus amigos e collegas: mas, ó infelicidade, que parece que o persegue por toda a parte!! um seminarista pediu-lhe as *pesetas*, e elle que esperava encontrar alli todos os braços abertos para o receberem, bramava e annuciava centos de artigos que ia enviar aos jornaes catholicos, censurando fortemente as auctoridades d'aquella casa, que consentiam que assim fosse insultado um cidadão, um aristocrata e um padre!! Supponho, porém, que as iras de tão importante senhor estão felizmente applicadas, e só respira vingança contra quem escreve estas linhas.

Padre, porque querias por mais algum tempo encobrir-te com a tua capa de hypocrisia!

Mettes-me dó, meu jesuita, ao ver-te assim cair a mascara, que te escondia o verdadeiro e depravado character, ficando exposto ás vistas desfavoraveis, que agora o publico lança sobre a tua *moralissima* pessoa!...

Fallei nos teus amores; violentei o meu coração e fui obrigado talvez a ir de encontro á moral publica. Mas que queres? Receava que fosses enganar os outros, como me tinhas enganado a mim. Um facto, porém, é bastante; posto que te podesse apresentar milhares d'elles; não o quero fazer.

Bem sei que muito te têm desagradado as minhas palavras, e advinho que terás feito mil projectos de vingança, escripto duzias de artigos para a *Nação*, *Correio da Tarde* e varios outros jornaes d'essa laia, rasgando-os uns após outros, sem jámais achares expressões que castiguem dignamente o *insolente que te calumnia*. Tem paciencia, carissimo padre; não tardará Miguel II, e então a tua vara de inquisidor designará as victimas da tua vingança!! Não se acabou ainda a cal para enparedal-as e cevar o odio que hoje te incommoda!!

Deixemos, porém, estas divagações e passemos ao que importa

Consta-me haveres dito que teu primo, saindo de tua casa, levava consigo certa porção de dinheiro, que te pertencia e com o qual se podia sustentar sem que, os que caridosamente o receberam, fizessem a minima despeza!!!... E' possivel que a tua vileza te leve a ser calumniador d'esta ordem?!! Como te atreves a pôr semelhante stygma na fronte de um teu parente?!! Como provarás o que affirmas e como justificarás perante o publico as calumniosas palavras?!! Não te lembras já, meu infame jesuita, que teu primo saiu, para vergonha tua, indignamente vestido e sem sequer em todos os farrapos, que lhe deixaste levar, ter um bolso em que mettesse o dinheiro, de cujo furto o accusas?

Pensando, porém, o caso, não admira que faça isto quem abre a correspondencia dos estudantes que tem em casa!! Refiro-me áquella carta ou cartas que abriste a um estudante, que ainda conservas em tua companhia, e cujo nome julgo inutil publicar.

Não sabes, padre, que isso é um crime, que o teu subordinado te podia fazer pagar caro e que o proprio D. Miguel castigava com rigor?!!

Julgavas que estas coisas ficariam ignoradas, e que as tuas *fraquezas* escapariam ás minhas pesquisas? Como te vingarás, de quem tão bem como tu, conhece as infames acções que praticas? Acaso esperas ainda as tuas saudosas *pe..pe..se..se..tas..tas..* e fundando o teu jornal miguelista, lançarás nelle todos os dias tremenda verrina, contra quem te falla? ou acercarte-has do teu ferro, para te tornares um Santa Cruz? Pobre louco, que não sabes como te has de sair da alhada em que te metteste!!

Adeus, causas-me dó e não tenho já tempo que gaste com quem demonstrou claramente ser incorrigivel.

LISBOA, 11 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Na ausencia do seu correspondente d'esta cidade tomo sobre mim o encargo de dizer-lhes alguma cousa que pareça digna de menção especial. Afigura-se-me difficil o fazel-o por causa da escassez de novidades.

—Os homens *publicos* da Parvonia vivem em santa confraternidade, embora aos incautos se afigure por vezes o contrario. Elles conhecem praticamente as vantagens da santa harmonia caseira para que robustecem com discórdias intimas os esforços dos obreiros isolados.

Nos homens do campo contrario nem sempre succede o mesmo. O campo devêra ser vedado a quem não possui, sequer, atestado de senso-commum. Não succede assim, de modo que pullulam as varejas importunas e não ha enxotal-as com bom exito.

Deixar lá esses pobres que não são de arraial definido e que vão para onde encontram boa fé a illudir! São fructos bichosos que por si caem...

—O *Jornal da Noite* prosegue na sua propaganda monarchica. Confesso que se fosse propaganda republicana a do digno redactor do *Jornal da Noite* duvidaria do

mim mesmo, da causa porque lucto e de um futuro de melhores dias.

Faça-se justiça! A monarchia tem defensores dignos d'ella. Um homem como o publicista notivago, a quem alludo, derriba uma instituição... defendendo-a.

—O Inquerito ao Correio Geral ainda não surgiu. A' similhaça do seu correspondente effectivo, irei registrando este escandalo monumental. Tracta-se das nossas bolsas ameaçadas e da moralidade offendida. Venha o inquerito!

—A *Revolução de Setembro*, folha regeneradora (sic), que conta na sua redacção um *petit-crève* pateta, e um grizalho grammaticação palerma, isto afora varias aberrações curiosas, *tambem* agora aggride a republica! Chama aos republicanos—*partidarios do systema não dispendioso*.

E' um louvar a Deus! De dia para dia resolve-se affirmativamente o problema de fallarem os irracionais. Resurge a burra de Balaão.

—Continuam a existir em santa paz e perfeita camaradagem o *Diario de Noticias*, o *ILLUSTRADO* e o *Jornal da Noite*.

O segundo d'estes symbolos deu-se agora a forjar noticias falsas, transformando-as em romances quando desmascarado. Onde chegará esta gente?

—Espera-se brevemente a publicação da *Vida de Camões* de Theophilo Braga e dos trabalhos de Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos a proposito das pasquinadas de Gomes Monteiro, Camillos e quejandos. Valha-nos isto!

—Nada de novo, digno de menção.  
F.

## NOTICIARIO

Recebemos um energico protesto do sr. Polycarpo da Silva Lisboa a proposito da prohibição feita pelo commissario geral da policia á recitação da poesia do talentoso poeta Junqueiro «á Hespanha Livre» no theatro do Gymnasio. Termina por estas palavras de uma justa indignação:

«Mas, fartaes-vos, insaciaveis sugadores do suor do povo, que se aproxima a hora tremenda das contas finais, e então, este povo inspirado dos sagrados principios da liberdade, despertará, e levantando a fronte ha tanto tempo curvada pelo despotismo das velhas e corruptas monarchias, terrivel e resolutivo pulsará todos os vendilhões do templo!!!»

O sr. Laranjo publicou finalmente a carta, no *Tribuna Popular*, a que nos referimos no n.º 5 d'este semanario. Como o publico já a deve ter lido, nós nos referimos em tudo e por tudo a ella. O publico que julgue pois.

Nós bem queriamos pôr de parte nesta questão todo o incidente mais ou menos incompatível com a dignidade de uma these scientifica, nós bem desejaramos entrar desde já na essencia do debate, mas, como hoje o espaço nos fallece para tanto e nós queremos responder d'uma só vez ao sr. Laranjo, deixamos este trabalho para o numero seguinte, mas isto sem nos cohibirmos, já se vê, de, ainda assim, apresentarmos aos nossos leitores aquelles periodos da sua carta que mais nos impressionaram.

Somos extremamente sensiveis e não podemos deixar de admirar aquelle pedaço de poesia lyrica em que o sr. Laranjo parece primar. Eil-o: «*corriam-lhe os ventos tão favonios!*» expendia-se-lhe a alma em jubilos tão intimos que é um remorso o ter-lhe convertido os sorrisos do encomio nas rugas de quem dá uma lição!!! Cá registamos sr. Laranjo, aquelle *encomio* do noticiario; isto é que é fardo para conhecer onde está o elogio. Ah! *Farpas, Farpas!*

A par d'este periodo não nos sensibilizou menos aquelle tom de musica porque

começam quasi todos os periodos: Ouça, ouça, ouça. Isto é bello, isto é grandioso, digno de figurar num tratado do sublime e do bello.

Por fim conclue:

«Se a historia e a logica não dizem isto ao noticiario, é que fazem como a musa do conto de Garret, que, para não fallar a certa gente emprestava o seu fato á sua moça da cosinha.»

Agora comprehendemos nós porque o sr. Laranjo na carta que nos dirige não faz senão citar-nos nomes e trechos de auctores; é que pediu emprestada a roupa litteraria com que se nos apresentou.

Quadrou-lhe o exemplo e quiz applicar-nol-o; foi extrema modestia.

Bem nos queria parecer a nós que, quem nos fallava, não era o sr. Laranjo!...

Em fim, o sr. Laranjo parece que tem olhos especiaes, olhos muito grandes, e talvez que nós estejamos enganados.

Desculpem-nos trazer a questão para este campo que nos repugna, mas o sr. Laranjo assim o quiz.

Dito isto, reservamo-nos para responder no numero seguinte ácerca do debate. Creio que se apresentam tres pontos, posto que, mais ou menos ligados na carta do sr. Frederico Laranjo. 1.º a philosophia d'uma epoca converte-se em religião na epoca seguinte; 2.º as religiões não são reveladas por Deus, mas um resultado do espirito humano, a conversão das idéas d'alguns no sentimento de muitos; 3.º a historia umas vezes diz, que se tem feito progressos na ordem social lutando a favor das religiões, outras lutando contra, quando ellas são um elemento de progresso e andamento ou se tornam em retrocesso. Responderemos a cada um d'elles.

Conta o *Jornal de Vizeu* que succedera perto d'aquella cidade uma terrivel catastrophe. A sr.ª D. Ediolinda Esmenia de Alcantara Castello Branco e Froes desaparecera de sua casa; procurou-se por toda a parte e não se encontrava. Por fim uma mulhersinha diz que no dia em que desaparecera ouvira na casa de S. Caetano junto a Ranhados uns lamentos e por fim esta phrase «o futuro é um tumulto, o dia de amanhã um adeus ao mundo.»

Abriu-se aquella casa e encontrou-se um quarto fechado por dentro; arrombou-se, e dentro encontrou-se a sobredita menina asphixiada sobre um brazeiro e perto d'ella um moço esbelto, enforcado. Esta menina pertencia á alta sociedade de Vizeu, era formosa e gosava da sympathia de toda a gente que a conhecia.

O cavalheiro, disfigurado por causa do acido carbonico ainda se não sabe quem é! Estava de luva branca, gravata branca e casaca. Em cima d'uma das mezas encontrou-se um papel escripto que dizia «leito nupcial de dois infelizes» e por baixo estas palavras: «a vida é isto.»

Esta noticia vinha hontem desmentida: é similhante á do Pinhal d'Azambuja. Isto é um desaforo e uma indignidade, é uma especulação immunda. Quem não tem saber, nem talento, nem por outro meio pode chamar leitores, mente á consciencia publica. Não chamaremos d'aqui em diante á imprensa a grande luz da verdade, mas sim o instrumento de *peteiros* e indignos burguezes, especuladores.

Recebemos e agradecemos um romance que com o titulo de—*Os Republicanos* acaba de publicar-se no Porto. Por falta de tempo ainda não podemos fazer a leitura d'elle. Brevemente emittiremos a nossa opinião a respeito do livro.

Recebemos e agradecemos o n.º 6 do *Panorama Photographico de Portugal*, d'este anno.

Esta publicação assignala-se principalmente pela nitidez da impressão. Traz uma photographia primorosa, represen-

tando o *Chalet* modernamente construido no parque do palacio real da Penha em Cintra. A descripção d'esto esbelto monumento artistico é devida á penna elegante e apurada do sr. Vilhena Barbosa subejamente conhecido em assumptos de arte archeologia e corographia antiga e moderna. Temos lido bons trabalhos d'este escriptor que não temos a honra de conhecer, em folhetins no *Commercio do Porto*. Para os nossos leitores poderem julgar da veracidade da nossa asserção para aqui trasladamos alguns periodos d'esta descripção, que mostrarão bem a elegancia da phrase e o apurado estylo do sr. Vilhena Barbosa.

«O mesmo condão, que de um mosteiro pequeno e de fabrica singela fez um paço real esplendido e riquissimo d'arte, assim tambem transformou a antiga cerca monastica, pouco extensa e mais agreste que cultivada, em um parque muito vasto e formosissimo, onde a natureza e o artificio, auxiliando-se mutuamente, crearam muitos e variados quadros de belleza e de admiraveis contrastes.»

«Romperam-se através das rochas largos caminhos macadamizados, que descem dos mais altos pinaculos até aos valles, cruzando-se em todas as direcções por muitos kilometros de extensão, e correndo sempre orlados de arvores, arbustos e plantas rasteiras, de folhagem graciosa e variegada, que se cobre continuamente de lindas flores. Cavaram-se nos valles grandes lagos, o maior dos quaes tem de comprimento 540 palmos e 120 de largura, todos debruados de esbeltas plantas aquaticas, que se abraçam ás fragas musgosas, que se espelham nas aguas, fazendo-lhes parede. Povoaram-se as encostas de densas florestas de variadissimas arvores, oriundas de quasi todas as regiões do globo. Nos serros mais alcantilados, e por entre os penhascos mais inhospitos plantaram-se arbustos, e disposeram-se plantas trepadeiras, que ora fazem toucas de esplendido matiz áquellas penhas ponteadas, ora d'ellas se debruçam e se balançam em vistosas grinaldas e festões. A mão do homem e o poder da natureza estenderam por toda a superficie do parque, exceptuadas as ruas, tapetes de verdura perennemente viçosos, onde a primavera não tem mais que entresachar flores. Nos sitios mais apraziveis, ou de vistas mais encantadoras levantaram-se, para descanso e recreio, diversas construcções, typos de differente architectura, qual d'ellas mais engraçada e gentil.»

«O *chalet* está assentado no valle, em meio de jardins, e é construido inteiramente de madeira e cortiça, no gosto de architectura usada na Suissa.»

«Apesar de estar edificado em logar baixo, é muito aprazivel e desafrontada a sua situação, desfructando-se d'alli perspectivas risonhas e pittorescas, d'entre as quaes sobresae o majestoso panorama do paço real, erguido com tanto garbo e gentileza sobre elevadissimo throno de rochas e de verdura.»

Esta descripção que não podemos publicar na integra por nos faltar espaço não deixa nada a desejar. Muita gente acha estas coisas futeis, mas a nós quer-nos parecer que é util o trabalho em todos os ramos da actividade humana.

Os demais artigos do *Panorama* são firmados por escriptores já conhecidos, taes como o sr. Seabra d'Albuquerque e o sr. Silva Rocha.

Dizem-nos de Mirandella que no dia 3 do corrente se evadiram os presos da cadeia d'aquella villa, por causa do juiz e delegado se terem ausentado da comarca, o que fizeram sem as devidas licenças. Se isto é exacto, julgamos o acto digno de reparo.

Orense foi nomeado presidente definitivo das côrtes constituintes.

Visitou a nossa redacção o jornal hespanhol *La Villa de Gracia*. Agradecemos ao illustrado collega a troca que espontaneamente nos offereceu.

Diz o *Diario da Tarde* que o grande historiador Michelet, já completamente restabelecido, irá acabar na Suissa a *historia do seculo XIX*.

Vai publicar-se um novo jornal socialista em Barcelona; intitula-se a *Justiça do Povo*.

Os cabecilhas carlistas Vallés, Cucala, Quico y Boré estiveram em numero de 800 em Olena. Immediatamente saiu em sua perseguição de Igualada o batalhão de Navarra, porém os carlistas mal os avistaram lançaram-se em prompta fuga. Salteadores e covardes!...

Os socialistas allemães celebraram uma grande reunião em Francfort Sur Mein, e trataram grandes questões relativas ás associações que estão fundando por toda a parte, e protestaram contra a perseguição tyrannica do governo contra ellas e os mais livres pensadores.

As côrtes hespanholas definitivamente constituídas proclamaram a Republica Federal. Só teve dois votos contra.

Pi y Margall foi eleito presidente do conselho de ministros e auctorizado a constituir ministerio por 142 votos contra 58.

Diz-se que o ministerio hespanhol, composto de Pi y Margall, Dias Quintero, Palanca, Massissamana, J. Pedregal, Estavez, Sorni, Tutau e Oreira pedira a sua demissão, menos Pi y Margall, que ficou encarregado de o constituir de novo.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

### AVISO AO PUBLICO

Não é permitido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admissoão nas *gares*, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especiaes com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.º e seus paragrafos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia

M. Affonso d'Espergueira.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Avalso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portuguesa*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 8

## O MANIFESTO DA UNIÃO REPUBLICANA

Como os nossos leitores verão acabamos hoje de publicar na sua integra o manifesto da união republicana de Portugal ao paiz. Promettemos emittir sobre este documento a nossa opinião e é o que hoje vamos fazer.

Um manifesto é uma exposição de principios, o resumo d'uma doutrina elaborada no silencio dos gabinetes, sancionada pela consciencia e pela opinião de todos os que o firmam. Um manifesto é o credo d'um partido, a summa da sua doutrina, um evangelho se parte d'uma sociedade religiosa, um código politico se pertence e se dirige a uma sociedade civil, uma theoria esthetica se tem por fim implantar no paiz uma litteratura nova ou uma nova arte.

O manifesto que temos á vista e que os nossos leitores já leram pretende mudar a forma monarchica que nos rege pela nova forma republicana, posta em pratica ha pouco na Hespanha, ha trez annos em França, ha muitos seculos na Suissa e ha mais d'um nos Estados Unidos. Esta forma governativa é a unica que garante a liberdade do individuo em toda a sua extensão, porque só ella constitue uma verdadeira autonomia, um verdadeiro poder do estado pela simples razão que só ella supprime todos os homens eguaes e unicamente admite para os cargos e empregos da sociedade os que os ganham pela eleição ou pelo concurso.

Esta forma é a mais economica de todas as formas conhecidas, porque só ganha nella quem trabalha, o numero de empregados e o seu ordenado é muito menor, muitos dos seus funcionarios são gratuitos e remunerados sómente pela consideração civica.

Esta forma é a unica justa, porque só nella se encontram os cidadãos investidos com todos os poderes da soberania popular, ponto sobre que assentam hoje todos os publicistas modernos.

E' a unica progressiva e por conseguinte em harmonia com a natureza hu-

mana, porque só ella se accomoda com todas as exigencias da epoca, passando-se successivamente nella conforme o estado de desinvolvimento e os usos e costumes, do unitarismo para o federalismo, ao passo que na monarchia se permanece num centralismo absoluto pela absorção de todos os poderes judicial, legislativo e executivo na pessoa do rei.

Ora o que affirma o manifesto que temos á vista? é republicano unitarista, ou é federal? que liberdades quer para a republica e que liberdades condemna na monarchia? Deseja que o presidente da republica seja eleito directamente pelo suffragio universal ou que seja uma simples delegação das camaras como succede em Hespanha? Quer a descentralisação completa, isto é, a autonomia da parochia no municipio, a autonomia do municipio na provincia, a autonomia da provincia na nação? ou deseja uma republica como a de Thiers onde o presidente é um pequeno rei sem tradições e unicamente com menos ordenado do que um monarcha?

Nada d'isto diz o manifesto e era necessario que o affirmasse, é um defeito que todos lhe notam. O governo republicano carece de principios claros e definidos e ao manifesto está todo o individuo no direito de lh'os exigir. E' necessario ensinar o povo, e não é só com palavras que elle se póde pôr em estado de julgar da melhor forma de governo; principios e factos é o que se exige.

Fallamos com o coração nas mãos e tão francamente que não nos cohibimos a expôr a nossa opinião leal e desinteressada, mesmo sobre os nossos irmãos em principios; nisto nos distinguimos dos partidos monarchicos.

Havemos de ser sempre assim, e tudo o que dissermos ninguem nol-o tome como offensa, jactancia ou rivalidade.

Dizemol-o com custo: magoou-nos que, a par d'uma rigorosa exposição do estado da nossa sociedade, e da desmoralisação profunda que nella lavra, se não apontas-

se ao mesmo tempo o remedio eficaz como poderia ser melhor saneada, e unicamente se nos viesse a fallar dos empregos que no governo da republica não devem, segundo os manifestantes, ser dados aos monarchistas, mas sómente aos republicanos. Isto para nós é o menos. A republica e os verdadeiros republicanos importam-se pouco com os empregos, e para muitos dos quaes pedem até a suppressão.

Em geral o manifesto, devemos dizelo, mostra pouca clareza e determinação da idéa republicana, a qual elle affirma unicamente em these. Isto demonstra a necessidade que ha de entrar no estudo do organismo republicano e de o expormos aos nossos leitores: é o que faremos brevemente.

Possue todavia um grande merito: além de ser a voz d'um partido novo, pugna por uma causa justa, a causa da Democracia.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

Estamos em um tempo de injustiças sociaes, em um tempo de pouca critica e, sobre tudo, de muita má fé. Todos os dias a imprensa conservadora nos vem gritando que a Hespanha está perdida, que este formosissimo paiz abrilhantado pelos esplendores de um bello ceu, pelas tradições gloriosas de muitos heroes, de muitos poetas, e de muitos navegantes, se acha hoje inteiramente dominado pelo satanaz implacavel da desordem. A conclusão que tiram é a condemnação sem mais formalidades da idéa republicana.

Miseravel argumentação é esta. Como concebeis a reforma total de uma sociedade sem a alteração dos velhos elementos politicos, sociaes e religiosos? Como seria possivel a introdução da nova Republica na Hespanha, na terra da monarchia secular sem ao menos haver indicios de desordem?

Confessamos que nos enche de admira-

ção o espectáculo da Hespanha, o espectáculo de um povo operar uma reforma tão profunda e radical nos seus modos de ser sem acarretar maiores perturbações. Aos que nos contradizem pedimos-lhe que nos mostrem na historia, e especialmente na historia moderna da Europa, um exemplo de reforma tão pacifica e ao mesmo tempo tão radical.

Os abalos que tem produzido a joven Republica hespanhola, no momento solemne em que ella trata de organizar-se, são muito menores dos que em periodos normaes nos tem trazido a monarchia, graças ás questões dynasticas, questões de pessoas, que tantas attribuições causaram aos povos.

Ajuntando a isto que a fermentação e a agitação no vizinho reino são em grande parte devidas áquelles miseraveis carlistas mais nos convenceremos de que a Republica não é responsavel do que alli se está passando. As tempestades republicanas levantaram-se nas constituintes. Foram tempestades de principios.

E são os principios que salvam os povos, segundo o pensamento d'aquelle espirito sublime, chamado Mirabeau.

A reacção devia envergonhar-se de tocar em um ponto que é justamente a affirmação mais brilhante das excellencias da Democracia.

O espirito reformador continúa animando os homens que se acham á frente da Republica hespanhola. Foi notavel o discurso do presidente do poder executivo, o sr. Pi y Margall, homem de muita sciencia, especialmente economico-social, de muito talento e, sobre tudo, de muito senso politico. Neste discurso, que é além d'isso uma peça de eloquencia, condensou aquelle notavel estadista as necessidades reaes da sociedade hespanhola e indicou, ainda que succintamente, os remedios para aquelles males. Disse:

Que era necessario a unidade dos diferentes grupos republicanos. Os inimi-

## FOLHETIM

## HESPAÑA

ESBOÇO HISTORICO-POLITICO

(Conclusão)

No numero antecedente vimos como a Hespanha, sendo occupada por successivas invasões de povos, desde os phenicios até aos sarracenos, durante um periodo de mais de mil annos e que se estende até ao seculo VIII da nossa era, esta raça depois de muitos annos de combate com os neogodos é expulsa para a Africa. Vimos constituirem-se as monarchias christãs de Castella, Navarra, Aragão e criarem em seu seio esses parlamentos da media idade que faziam e mandavam executar as leis; e por fim tudo isto desaparecer debaixo da acção oppressora da monarchia absoluta de Fernando e Isabel sob o nome de monarchia castelhana aragoneza.

Como se effectuou esta absorção quaes foram os attrictos que encontrou no seu

caminho o absolutismo para levar a cabo esta empreza do morticínio da liberdade, que obstaculos deparou da parte do povo das villas e cidades principaes, tal será o objecto do que se vae ler.

No seu caminhar incessante do norte para o sul a reacção neogothica, ao passo que ia subjeitando todas as populações e traçando a area da monarchia e a sua auctoridade, da mesma maneira o principio da individualidade e da liberdade, representado nas diferentes cidades do norte, por uma politica de concentração e de interesse, constituindo-se como centro permanente de reacção já contra a monarchia, já contra os sarracenos, e regendo-se unicamente pelas suas leis foraleiras, ia desligando-se do poder absoluto; de sorte que quando a tarefa da expulsão dos arabes para além do Estreito era concluida, com Fernando e Isabel, o municipalismo na peninsula attingiu nessa epoca o seu maior desenvolvimento.

Como já não havia sarracenos contra quem combater e d'onde se auferissem riquezas, porque a guerra foi sempre para

as monarchias uma industria, como as conquistas maritimas ainda não tinham sido inauguradas naquella nação, e como os reis precisassem de grandes sommas de dinheiro para alimentar o parasitismo e o luxo da corte, e as diferentes cidades hespanholas não quizessem concorrer com os seus haveres para taes despezas, e nem ao menos fizessem menção d'ellas nos seus orçamentos de receita e despeza, as monarchias dirigiram contra ellas as armas, quebraram-lhes os foros e privilegios, revisaram-lhes os seus codigos; e aquellas que não quizeram pagar um certo canon annual não poderiam usar d'elles. O que era até alli uma carta politica e um titulo possessorio tornou-se em seguida um contracto emphiteutico, contrahido sem consentimento das partes, isto é, um tributo forçado.

E' bem de ver que as villas e cidades e mais terras que possuissem estas cartas se não subjeitariam de boa mente a esta nova ordem de coisas, a este despotismo infrene que suffocava toda a iniciativa individual e local e reduzia todo o orga-

nismo social a uma machina, onde cada uma das partes era arrastada fatalmente pela vontade do centro impulsor, que era o monarcha.

O espirito da conservação e da alliança é proprio da natureza humana e da sociedade em geral. A vida da humanidade é uma resistencia continua contra todos os obstaculos que a impedem de realizar o ideal para que aspira; luta e vence e nisto está a sua affirmação cada vez mais completa, o progresso e o seu desinvolvimento em todos os ramos da actividade. A associação é o meio porque consegue todos estes fins que constituem a sua felicidade, o seu bem estar, a sua gloria. A associação traduz-se nas relações consanguineas e immediatas da familia, nas das familias umas com outras, no colmado, na aldeia, no burgo murado, na villa e na cidade; nas relações de hegemonia ou de federação emfim d'estes povoados uns com outros.

Ora foi o espirito de conservação que na epoca de que nos occupamos fez levantar muitas cidades de Hespanha, taes

gos são muitos e de certo não deixarão perder qualquer occasião favoravel.

Que era necessario pôr termo á guerra civil, á guerra selvagem que uns poucos de fanaticos, ignorantes, e immoraes andam sustentando em nome de D. Carlos pelos montes da Hespanha.

Para isto propoz o restabelecimento da disciplina no exercito, castigando severamente qualquer insubordinação tanto dos soldados como dos officiaes, e introduzindo a Justiça nos accessos e recompensas. Lembrou tambem a necessidade de suspender as garantias individuaes, porque não se pode applicar á guerra as leis da paz.

Disse tambem que eram grandes os encargos financeiros da Republica, que não tinha recebido da monarchia outros legados além de uma divida enorme e de uma guerra civil.

Apresentou a separação da Igreja e do Estado como uma consequencia logica da Liberdade de cultos proclamada já na constituição de 1869.

Apontou o ensino gratuito e obrigatorio como um ponto fundamental que o partido republicano tinha defendido na opposição e hoje devia legalisar no poder.

Fallou nas possessões e mostrou a impossibilidade de se sustentarem sem gosar das reformas que o espirito moderno da Democracia trouxe á Hespanha.

Das reformas politicas passou a fallar das reformas sociaes e mostrou como as primeiras trazem sempre como consequencia as segundas. Combateu o systema das *grèves* que não servem senão para complicar mais o problema e substitui-o pelo systema de jurys mixtos, constituídos de operarios e fabricantes, para resolverem todas as questões relativas ás condições do trabalho.

Atacou o modo barbaro de atrophiar as creanças, levando-as para as fabricas antes da idade e impedindo assim o seu desinvolvimento intellectual. Disse que se dietariam condições para evitar isto.

Propoz em beneficio dos operarios uma nova forma de transmissão dos bens nacionaes, substituindo a forma onerosa de venda, pela forma de censo.

Este discurso foi muito applaudido, especialmente no ponto em que se referiu ás reformas sociaes.

A cordura, moderação e elevação de idéas que apresenta são uma garantia solida de que a nova Republica, a despeito das malevolencias de uma certa opinião publica, ha de triumphar necessariamente. O povo hespanhol quere-a; ninguem conseguirá arrebatá-la.

Tambem os jornaes chegados de Hespanha nos annunciam a reunião do dia 13 da maioria da camara sob a presidencia

como Toledo, Zamora, Avila e Saragoça contra os reis e o seu poder absoluto e centralizador.

Fez-se em Hespanha um movimento semelhante ao do levantamento das communas no seculo XIII e XIV em França. João Padilha e João Bravo foram os Marcel, os Toussac, Guilherme Cale, que já em Toledo, já em Avila e Zamora pugnavam pela egualdade social e administrativa, pela extensão dos direitos politicos a igual dos direitos civis, e pelo principio da auctoridade publica, transferido da cabeça do rei, para o seio da nação. Tanto Padilha, como Marcel, o chefe da insurreição communa! da meia idade, ambos sonham com a idéa e auxilio mutuo da parte das villas e cidades principaes, e antevêm a forma de o realizar, á maneira d'aquellas republicas gregas que infinitamente devididas em quanto ao governo interno da cidade, formavam uma unidade compacta quando se tratava da defesa commum.

Etienne Marcel escreve e pede auxilio ás *communas* de Flandres, expõe os meios

do sr. Palanca e as reformas que ali se decidiram. São:

1.º Immediata organização da Republica-democratica-federal por meio de uma constituição que consagre e reconheça os direitos individuaes da personalidade humana, e a autonomia dos organismos politicos que vivem dentro do Estado nacional bem relacionados entre si como estados de direito.

2.º Restabelecimento do principio da auctoridade sem offender os direitos individuaes.

3.º Adopção de todas as medidas que sejam possiveis dentro da lei para acabar com a insurreição carlista ou com outra qualquer.

4.º Prompto restabelecimento da disciplina do exercito nacional.

5.º Abolição immediata da escravatura em Cuba.

6.º Integridade do territorio.

7.º Separação da Igreja e do Estado.

8.º Concessão ao governo dos recursos necessarios para a divida do thesouro.

9.º Regulamentação da divida publica.

10.º Nivelção dos orçamentos.

11.º Reformas legislativas que tendam ao melhoramento das classes trabalhadoras e deem condições ao obreiro para que se desinvolva na plenitude do seu ser.

Estas reformas da maioria são tambem as do governo. A' frente d'esta maioria está o sr. Castelar, correligionario politico e amigo particular de Pi.

O ministerio formado de Pi y Margall presidente de ministros e da governação; Estevanez, guerra; Muro, estado; Fernando Gonzalez, graça e justiça; Ladico, fazenda; Sorni, ultramar; Aurich, marinha; Benot, fomento é um ministerio de conciliação, onde estão representadas as duas grandes fracções da camara. Ficaram, portanto, illudidas as esperanças dos que esperavam a guerra civil entre os republicanos.

Esta unidade veio pôr em mais apuros os carlistas, muito especialmente depois do discurso de Pi, das resoluções da maioria e da allocação violenta do ministro da guerra ao exercito.

As ultimas noticias dão como certo que Dorregaray passara uma circular a todos os chefes de columna, ordenando-lhes que seja passado pelas armas o cura S. Cruz, onde quer que se encontre por haver proclamado a republica, mesmo com o adjectivo de catholica. O cura deu aos seus a mesma ordem a respeito de Dorregaray. E assim vae indo a causa carlista em decadencia apezar das continuadas escaramuças com as tropas republicanas de que nos fallam os jornaes da reacção.

Se o carlismo dispõe de muita força, se tem fortes elementos de acção, por que não tem progredido no momento de mais

e o fim da revolução, que era democratizar a França; João Padilha, o chefe da insurreição municipal hespanhola, esforça-se por levantar e fazer aderir a este movimento todas as cidades do centro da Hespanha. Das taboas do cadafalso dirige uma carta a Toledo: «A ti, coroa de Hespanha e luz do mundo; a ti, que foste livre desde o tempo dos godos e que derramaste o teu sangue para assegurar a tua liberdade e a das cidades tuas vizinhas, teu filho legitimo te manda dizer pelo sangue de seu corpo, que se vão renovar as tuas antigas victorias!»

Por que estas victorias de que falla João de Padilha não vieram tão breve como previa este martyr da liberdade?

Porque, pelo contrario apoz elle o seguiram os seus companheiros de armas ao cadafalso, ao potro da inquisição e ás suas horriveis fogueiras?

Ainda aqui a analogia da revolução municipal e cumunaleira entre os dois povos é identica e perfeita. Marcel, secundado a principio pela burguezia e por uma parte da nobreza e clero, descontente com o

agitación e de mais perigo para a Republica, no momento da insubordinação das tropas de Velarde, da queda do ministerio Pi y Tutan, da retirada de Novillas? Pois se realmente não ha progresso mas sim decadencia; o que não acontecerá occultamente no espirito dos proprios partidarios de um homem que anda ocioso pelas romarias dando-se a espectáculo com a joven Blanca, que tão cedo abandonou o caminho da honra?

Continue a reacção embalando-se no fragil barco de suas illusões, que nós cedo teremos o prazer de lhe cantar uma nenia.

Na França, a circular do ministro dos negocios estrangeiros, o sr. de Broglie, é o facto mais importante dos ultimos dias. Este documento nem satisfiz o partido avançado, o partido republicano, nem tambem o partido reaccionario, o partido da legitimidade, que esperava ver uma politica mais acentuadamente favoravel á restauração do poder temporal do papa.

Loucos! Quem se lembraria hoje de semelhante restauração, especialmente em França? A isto chama-se verdadeiramente desatino politico.

Os bonapartistas tambem não andam satisfeitos. A conclusão de tudo isto é facil. O governo cairá brevemente por que não tem politica definida, principios assentes.

## PADRES E REIS

E' certo que a politica tem as suas evoluções necessarias e constantes, como a sciencia o seu accesso gradual no campo vastissimo dos descobrimentos e da investigação.

O que hontem fôra considerado inconcebivel, é hoje uma realidade aos olhos da philosophia positiva.

Assim poderão parecer utopias muitas das idéas revolucionarias, que trazem agitas as sociedades modernas.

Serão verdades algum dia.

Pela leitura aturada da historia fortalecem-se as convicções dos que crêem no aperfeiçoamento do espirito humano, atravez da lucta gigante, de todos os tempos, entre o passado e o porvir.

Não é possivel disfarçar, que estamos assistindo actualmente a uma d'essas grandes lutas.

De um lado, a força instinctiva do progresso, pretendendo elevar o nivel moral do homem pela conquista dos direitos de Liberdade e Igualdade — anciando por transformar em bem commum tudo o que seja privilegio e bem de poucos — tentando, emfim, resolver uma serie de problemas politicos e sociaes, cujas relações es-

rei por causa dos desastres que occasionara a França, pela victoria de Poitiers, foi abandonado por todos, logo que se viu que desejava descarregar golpes profundos nos abusos e privilegios da igreja e da nobreza e sobre tudo alliviar os campos dos immensos vexames que soffriam da parte do fisco lançando uma parte do imposto sobre as industrias manufactureiras e o commercio. Em Hespanha o movimento e a sublevação foi tambem geral e espontanea contra o imperador, que governando d'um canto de Allemanha, opprimia a todos indistinctamente; mas a clerezia e a nobreza, estes dois judas que compromettem todas as causas, desde que viram que a revolução communista lhe cassava os direitos e privilegios que usufruam em quanto as isenções de imposto e que os obrigava a pagar como os demais, abandonaram as cidades e foram pôr-se do lado do imperador; o povo hespanhol que não era adestrado nas armas e nem as suas cidades eram sufficientemente muralhadas teve de succumbir. Mas das suas cinzas resurgirá a Hespanha moderna a Hespanha de hoje.

tão ligadas, não com uma certa sociedade, mas com a Humanidade.

O espirito revolucionario manifesta-se aqui em toda a sua força.

E' o espirito da actualidade: prepara o caminho do futuro.

Do outro lado, apresenta-se-nos o passado com a recordação das suas tradições e a imposição das suas velharias. Quer a realza do direito hereditario, quando não presume expressar a do direito divino. Os povos continuarão a ser vassallos; jámais pensarão nos direitos de homens livres. Será lei a vontade do monarcha, ou, quando muito, a vontade dos seus ministros. Subsistirá o privilegio para os grandes, e a oppressão para os pequenos. Em religião cada um terá a liberdade de obedecer ao Papa e receber o catholicismo como ideal das crenças intimas. Os problemas sociaes permanecerão completamente descurados. Activar-se-á a perseguição aos propugnadores de quaesquer doutrinas, que tenham por lábaro o progresso. Emfim, em politica e religião dominará o «crê ou morre» mais ou menos bem disfarçado, segundo as circunstancias da occasião. Em tudo, e por tudo reinará o espirito do passado!

Chegámos a um dos periodos em que empenham os seus esforços para attingir um fim decisivo estas duas oppostas escolas. Uma chama-se democracia, caracteristico bem notavel do progresso da humanidade. A outra é a reacção, e symbolisa o passado, o espirito conservador, o estacionamento das sociedades.

O movimento revolucionario da idéa democratica tem feito cahir já alguns thronos. Outros estão periclitantes. D'ahi, a necessidade dos monarchas confundirem a sua causa com a causa da Igreja Romana, eterna escravizadora das consciencias. D'ahi, o apoio dos padres, os quaes, por meio do confissionario e do pulpito, exacerbam as más paixões, quando não trocam o baculo pelo arcabuz e vão para as montanhas assassinar os seus irmãos!

Todavia parece, que não deve incomodar aos democratas a alliança entre os reis e os padres, formando o partido reaccionario, que tanto tem dado que fazer á moderna republica hespanhola, que começou a embaraçar a politica republicana de França, e cuja ramificação em outros paises, incluindo o nosso, tenta impedir o triumpho logico da Democracia.

Medita-se um pouco. Contra o veneno do jesuitismo, sabemos que ha um antidoto vigoroso chamado «Liberdade» que cada vez se incute mais no animo de todos os povos, e cujas manifestações formam as paginas eloquentes da philosophia da historia.

Os padres servem-se do confissionario e do pulpito para fins meramente especu-

Á inquisição e á igreja que a perseguiram durante tantos seculos, obrigando dois milhões e 800 mil habitantes pacificos a abandonar os seus lares, sequestrando dois bilhões de valores aos seus possuidores, preferindo 347:452 sentenças em virtude de que foram queimadas vivas 34:658 pessoas, 18:149 em effigie; 249:739 enviadas ou condemnadas a prisão perpetua e a penas infamantes, a Hespanha oppõe hoje a liberdade de cultos, isto é, a desaparição do catholicismo e a abolição da pena de morte; ao injusto, iniquo, dispendioso e corruptor governo monarchico, o sublime, virtuoso e equitativo governo da republica; á acção centralizadora das monarchias da renascença, d'um Carlos Quinto, d'um Philippe II, d'um Philippe III e d'um Philippe V, perante quem succumbiram todas as cidades e seus defensores, a Hespanha oppõe hoje o principio da liberdade municipal e proclama aos quatro ventos do espaço a *republica hespanhola federal*.

Não será este o castigo e a condemnação mais solemne da igreja e da monarchia? ALVES DE MORAES.

ativos: vão allí guerrear e desvirtuar as aspirações dos philosophos, e as idéas dos livres pensadores? Pois bem. Exercem os amigos da Democracia a propaganda anticlerical; instruem o povo no conhecimento dos seus deveres moraes, perfeitamente independentes dos preceitos de qualquer religião imposta. Na falta do pulpito e do confessional, espalhem as suas doutrinas nas palestras, nos jornaes e nos livros ao alcance de todos.

Mas, tratando de applicar estes principios ao nosso paiz, por ventura no actual regimen monarchico, que nos dirige, pode fazer-se isto? Em Portugal, onde a reacção campea fortemente, ha por ventura liberdade para todos? Não ha, de certo.

Cancem-se os que tomaram a peito sophismar as liberdades que gosamos á sombra da monarchia, que não conseguem provar-nos senão que, mais ou menos encobertos, são tambem instrumentos de reacção. E, note-se, eu não temo que a reacção abase o espirito democratico. Combato-a porque estorva tão sómente que a Democracia tenha entre nós um desenvolvimento mais rapido.

Exponho as suas tendencias e os seus vicios para ter mais direito de afirmar o quanto é inimiga das liberdades individuais, o quanto embaraça o triumpho de um certo numero de concepções, que tem por base a Verdade e por fim a Justiça e a Igualdade, principios consubstanciaes do credo da Republica.

E' justo, inteiramente justo, que os padres disfructem os seus direitos de homens livres. Sejam uns os apóstolos do mal; sigam outros o caminho do bem. Evangelisem as virtudes da religião que reconhecem, e, se quizerem, ou lhes convier, sirvam-se do sacerdocio como arma politica. Se tiverem ouvintes missionem as doutrinas mais oppostas á mansidão e á paz universal. Façam tudo isso, com tanto que os outros homens tenham os direitos e possam usar dos meios de propaganda no sentido das idéas rasgadamente demostres que professam. Em quanto isto não for realisavel, poderão dizer-nos que temos muitas liberdades no nosso paiz, mas o certo é que vamos sentindo a falta de algumas das principaes—a liberdade de ensino, e a liberdade religiosa.

Ora, se a monarchia, como estamos presenciando, precisa do apoio da reacção, como pode ser a proclamadora da liberdade de cultos, como pode desligar-se das suas relações com a catholica Roma, como pode declarar guerra ás phalanges intranquillantes do Papa?

Para uma epoca de movimentos é preciso um governo de movimento. Assim se explica porque a forma republicana é hoje o ideal dos povos livres.

E' preciso fazer ver aos impognadores da politica democratica, que a Democracia pensa em mais alguma coisa que na abolição dos titulos de nobreza. Não dá margem a que o espirito reaccionario contamine os povos. Vive pela liberdade, não é exclusivista. A's coisas do céu antepõe as revelações da sciencia positiva. Amaldiçoa a politica ignominiosa e sanguinaria do padre Santa Cruz, e considera o sacerdote respeitavel que mantenha com dignidade as suas crenças religiosas, quer invoque o Deus dos christãos, o Brahma dos povos indiatios, o Allah dos musulmanos, ou o Jehovah dos israelitas.

Pensa, finalmente, em substituir por ousadas reformas os preconceitos das sociedades, onde a realza é uma magestosa inutilidade, ao abrigo da qual prepondera o absurdo, e são menos livres as instituições.

Só assim veremos desfeita a alliança entre os padres e os reis!

Albano Coutinho Junior.

## Duas palavras sobre a imprensa periodica em Portugal

I

O que é e o que deve ser a imprensa actualmente todos o sabem.

Escola é ella quando illumina, lição, quando aproveita, sacerdocio quando moralisa, evangelho quando derrama e santifica acções nobres e generosas.

Mas, entre nós, a imprensa desvirtua-se a cada passo, tornando-se protectora de velhos preconceitos e fomentadora de pessimos systemas.

O jornal é antes de tudo uma agiotagem ridicula. Ou se explora a opinião publica como acontece com o *Diario Illustrado*, ou se defendem tontos prejuizos como presentemente o está fazendo o *Jornal da Noite*.

Ora tal não é nem pode ser a missão da imprensa periodica.

Para apostolar a Verdade e a Justiça é mister primeiro que tudo converter o jornal em órgão imparcial e recto.

Com a mira no interesse simplesmente colhe-se, quando muito, uma companhia sujeita ás leis do interesse e do capital burguez, mas nunca, um batalhador destemido e honesto.

Nunca a imprensa foi mercadoria. As leis da oferta e da procura não podem regular a consciencia humana, aliás teriamos a venalidade em vez da independencia e o parasitismo em vez da auctoridade e do direito.

Outrosim, acreditamos que a imprensa pode e deve *photographar* os acontecimentos diarios e nunca invental-os.

Os dois factos, que, ha pouco se deram ácerca dos ladrões da *Azambuja* e dos dois suicidios de Vizeu, provam, até ao ultimo ponto, um terrivel relaxamento social, garantido pela falta de probidade litteraria e pelo abuso de pennas venaes e torpes.

Quando a prostituição reina em tamanho grau e em tão feroz intensidade é justo que sobre ella chamemos a attenção do publico illustrado.

E' mister destruir de uma vez para sempre esse bando de analfabetos, que hoje nos perseguem sem cessar. E' mister que á treva succeda a claridade. E' mister que nos convençamos energicamente da impotencia de uma sociedade pôdre e carcomida.

E isto em quanto é tempo. Depois será tarde e muito tarde.

MAGALHÃES LIMA.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Existe uma escola em philosophia que demonstra conforme pode, mas principalmente estribada na historia, que toda a philosophia de uma epoca se transforma em religião na epoca seguinte. Conta no seu gremio o socialista S. Simon, o philosopho Darimon e, segundo alguns, tambem os positivistas Comte e Littré. Combatem-na Vico, Proudhon, Condorcet e geralmente todos os naturalistas e livres pensadores.

Escusamos dizer que nos encostamos a estes ultimos, não pela auctoridade das suas pessoas e das suas razões, mas por um estudo reflectido da historia do desenvolvimento da humanidade.

Segundo o testemunho da historia vemos, não só em diferentes povos, mas ainda em cada um separadamente, apresentarem-se tres epocas bem distinctas, o periodo religioso, o periodo heroico-grandioso ou metaphico e o periodo propriamente humano. A India tem sido sempre religiosa, porque nunca se separou naquella paiz o dogma da sciencia. Os vedas são um código de leis, as leis de Manou, são um código de religião. O mesmo succedeu com os livros chamados santos, com a Biblia. Onde se encontra no antigo testamento um livro, um capitulo philosophico? Porque estes dois povos nunca saíram da theocracia e permaneceram sempre num estacionamento completo? A sciencia responde: porque nunca se livraram das religiões.

Agora passemos á Grecia. O povo que a habita assignala-se pela liberdade. A re-

ligião allí é uma mera criação do homem, o sacerdote não é um hierarcha de Deus, é um simples funcionario. Neste paiz em vez de a natureza humana ser modelada pelo Deus eterno, é pelo contrario modelado Deus segundo a estatura humana. A religião foi por tanto allí uma criação artistica. Os cultos do Oriente invadem a Europa, querem estabelecer-se nesta parte e o primeiro acto porque se assignala a Grecia é a guerra contra os deuses. O Prometheu de Eschilo é o symbolo d'essa luta de gigantes. O que succede? é que as religiões não se fundam nunca na Grecia; mas em compensação começa a sciencia a desabrochar, formam-se os systemas cosmogonicos, explica-se o mundo, não pela intervenção divina, mas sim pela combinação dos atmos e segundo o predomínio d'alguns dos elementos da natureza sobre outros, isto é, chega-se ha perto de 3 mil annos ao que hoje a sciencia tem como mais averiguado no campo da philosophia e da chimica. Isto terá sido um mal e um grande damno para a gloria de Deus, mas o certo é que a sciencia, e o progresso social por tanto lucrou com elle. A invasão dos barbaros perturba a ordem natural do desenvolvimento humano, interrompe o progresso da sociedade romana, confunde as luzes, modifica a administração e a propriedade; a religião aproveita-se d'este cataclismo e da ignorancia dos que a promoviam e assenta-se commodamente sobre a Europa como rainha absoluta. O que succedeu? a noite da idade média, a epoca da lepra e da vadiagem, como lhe chama Pelletan. Quando começa a desenmaranhar-se este cahos? quando desponha a liberdade e comecem as descobertas para a sciencia e para as artes?

Quando se põem de parte os livros sagrados e se começa a ler as obras dos sabios da Grecia e se attende ás lições dos sabios demonios de Cordova e Sivilha, quando começa a cisania na igreja pela revolta dos Albigenses, pela heresia de Wiclef, João Huss e Geronimo de Praga, quando Roger Bacon é condemnado por ter ido contra a Biblia, e Galileu contra o Genesis. O que é a reforma? é a meia morte da religião. O que foi a revolução franceza? a sua indiferença e a sua morte. Porque ressuscitou com o imperio e a restauração? por um anachronismo. A formula evolutiva de suppressão continua. O que se lê hoje nos livros dos sabios? atheismo social.

Eis aqui como a historia demonstra que o desenvolvimento da humanidade se tem feito lutando contra ella e ao mesmo tempo que a philosophia se não pode transformar em religião. Philosophia significa o conhecimento dos seres e este ha de existir sempre e para que a proposição fosse verdadeira era necessario que a religião fosse eterna.

O que se afirma e se conclue da generalisação da historia da humanidade deduz-se tambem da historia particular de cada povo. Em Roma em principio todos os actos civis são revestidos de formulas religiosas, o casamento, a emancipação, a compra e venda, a proclamação da guerra, as leis ditadas pela nympha egeria, o arrebatamento de Romulo para os astros, a origem de Roma mesmo, tudo isto é figurado debaixo da religião e d'um symbolismo embruteador. O progresso da sociedade romana consistiu em se ir desligando de todas aquellas formas, elevando-se com Cicero e os philosophos do Portico á unidade de Deus, isto é, á idéa metaphisica e negando por tanto o culto, e rindo-se, como elle o fez, dos deuses; e d'ahi passando com Lucrecio ao naturalismo, com as constituições dos imperadores ao governo da sociedade sem religião alguma; ao concubinato sancionado por Augusto sem formula alguma religiosa e com effeitos civis, segundo as leis d'este imperador; á modificação da escravatura pela idéa de equidade, ao passo que a religião a aconselhava por necessidade. O que

se vê na sociedade romana presencia-se em todas as epochas genesiacas; em todas ellas se observa a divisão que faz Vico de tres periodos *divino, heroico e humano*. Augusto Comte segue-lhe os passos e basta ler o primeiro livro da *philosophia positiva* para nos convencer dos males que a religião tem trazido a humanidade: agora nos recorda uma passagem onde elle diz que bastaram os pensamentos audaciosos de trez ou quatro homens taes como Galileu, Cupernico Keppeler, Descartes, etc., para alluir, para sempre a base das religiões.

O trecho d'este auctor que o sr. Laranjo cita contra nós, nada prova, antes confirma o que nós dizemos.

Se a sciencia, como allí se affirma, determina muitas vezes o espirito religioso isso é ainda uma vantagem da sciencia sobre a religião. Não é a sciencia que, segundo Comte, se faz religião, mas a religião que se torna sciencia; porém como o fundo da religião é ser auctoritaria e por consequencia ir estribar-se onde os seus titulos não possam ser disputados, isto é, ao obscuro passado, o reinado da sciencia na religião é sempre ephemero. Foi d'esta maneira que o christianismo que continha alguns elementos de progresso, bebidos na philosophia da Grecia, os abandonou bem breve e foi filiar-se no antigo testamento, cahos de contradicções e absurdos, livro de religião impossivel para um povo medianamente illustrado.

(Continúa).

A. M.

## MANIFESTO

DA

## UNIÃO REPUBLICANA DE PORTUGAL

### AO PAIZ

(Concluido do numero antecedente)

A Republica democratica moderada, esse facho luminoso e deslumbrante cujo clarão alumia já toda a terra, não significa a ruina e a destruição como em toda a parte e hoje especialmente na Hespanha os seus mais eucarnicados detractores têm pretendido por todos os meios fazer acreditar! a Republica é a origem fecunda da paz, da gloria e da prosperidade das nações; e so a Hespanha, essa nação tão grande pelos seus feitos illustres, se debate ainda no meio de grandes embaraços, depois de ter proclamado á face do mundo os direitos da humanidade até então ultrajados, essas difficuldades penosas provem de ter herdado muitos males e muitos abusos da invilicida e corrupta monarchia.

Os erros de meia duzia de desvairados, que existem sempre em todos os partidos e em todas as sociedades, não pôde confundir-se com o principio politico destinado a constituir a felicidade dos povos.

Portugal, em presença da crise grave e séria que atravessa a Europa e o mundo, acha-se em uma situação difficil e complicada, e que constitue um dos mais importantes periodos de que ressam os fastos da sua historia.

Portugal, no extremo occidente da Europa, constituindo uma parte integrante da peninsula iberica, e não podendo recusar-se a tomar parte no movimento geral das modernas sociedades, deve hoje mostrar ao mundo que, se tempos houveram em que mostrou que alguma cousa tinha degenerado das virtudes e dos nobres feitos dos illustres progenitores, hoje recuperando toda a sua antiga gloria, colloca-se ao lado dos povos esclarecidos, para a reivindicacão dos seus justos titulos e dos seus incontestaveis direitos.

E' necessaria a maior vigilancia para que a republica não seja no seu começo mal encaminhada, admittindo nos seus logares supremos aquelles condemnados pela opinião publica, e que têm sido os sustentáculos da monarchia com todos os seus erros e abusos; um passo d'estes seria a annullação ou a abdicacão completa dos foros e dignidade do partido republicano.

E' conveniente pois, esclarecer bem esta questão para que o povo não continue a ser explorado.

O povo deve, que assim o exigem os seus altos interesses, distinguir os verdadeiros republicanos d'aquelles que indistinctamente abraçam qualquer ordem politica, porque estes são por sua natureza nocivos, por isso que, não duvidam atrair qualquer systema politico com tanto que possam occupar os logares eminentes e passar uma vida regalada.

Julgamos indispensavel alludir a este ponto importante por isso que, depois de tão crueis desenganos, parece-nos ouvir ao longe algumas vozes sinistras e agoureiras que não podem deixar de atribular o espirito d'aquelles que desejam e confiam no triumpho e na estabilidade do systema republicano.

Desenganem-se os homens que até hoje têm servido a monarchia, que não podem, não devem, não hão de occupar os logares eminentes da Republica; estes são para aquelles que, afastados de todas as combinações politicas, apresentam um passado immaculado e de verdadeira fé politica republicana.

A republica não pode ser constituída solidamente sem á sua frente se acharem os seus verdadeiros interpretes e legitimos apóstolos, e com elles unicamente a distincção necessaria, o indispensavel dos homens bons dos maus, dos que trabalham e dos que nada fazem, do justo e do injusto, em uma palavra, a nobreza que se se funda no esplendor das virtudes cívicas e no trabalho honrado, e nunca a que se pretende impôr pela immuniidade e pelo privilegio, que deve ser proscripta e abominada.

A missão da União Republicana de Portugal é eminentemente digna e civilisadora; o seu fim é grande, justo, nobre e generoso.

Os homens que constituem o seu poder central, ou o conselho geral, têm por fim preparar o espirito publico profundamente abatido pela grande serie de erros e desatinos da monarchia, não para as lutas á mão armada, nem para as guerras fratricidas, o que seria uma nodoa indelevel no systema politico, que tem por base o respeito á vida humana e á moralidade, mas sim para usar dos direitos que o principio republicano concede a todos os cidadãos.

Seria até bastante lisonjeiro e honroso para a Republica que a sua appareição pozesse termo ás lutas armadas.

E' necessario revolucionar as idéas da nação, para que o povo possa abraçar com firmeza e dignidade o principio republicano, porque só assim se poderão conjurar todos os elementos que constante e abertamente conspiram contra a justiça e contra a verdade.

Entraremos pois convictos da grandeza da nossa causa e dos direitos que ainda nos restam, nas lides pacificas da imprensa e da urna. Para esse fim, e no momento proprio, chamaremos o povo aos comicios por meio das nossas secções parochiaes.

E' preciso que Portugal diga á Europa que se o systema constitucional foi imposto pela força, a Republica ha de vir pelo progresso das idéas e pela vontade exponente dos bons e leaes portuguezes.

Lisboa 1 de junho de 1873.

O CONSELHO GERAL.

LISBOA, 18 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Cá estou de novo. Não fiz falta, creio. E, a proposito, cumpre-me tributar aqui os meus agradecimentos ao nosso bom amigo F. que tão vantajosamente me substituiu durante a minha ausencia.

—Entre os factos mais dignos de men-

ção, pelo grotesco de que se acham revestidos, convem notar a interpellação (sic) feita pelo DIARIO ILLUSTRADO (sic) á redacção da Republica, sobre a forma do governo federal. Os velhos meninos, que d'alli offendem diariamente o senso commum do publico que os tolera, querem, pelos modos, lição. Entrarão na via do arrependimento? Que edificante quadro!

Têm lá queijadas, dizem. Já os conheciamos na especialidade das pastelladas, na qual deixam a perder de vista os seus collegas incoloros. Continuam zangadinhos com o correspondente da Republica em Lisboa, ein? Verdadeiros monstros de ingratião!...

—Ha dias, um curioso de bom gosto enfeitou com uma porção de ILLUSTRADOS o cachaco de um touro na praça do Campo de Sant'Anna. Houve gargalhada, já se vê. Disse-se que era hespanhol o gracejador. Parece que não é. Querer dar áquelle facto, logico e fatal, a apparencia d'uma reprezalia dictada pelo amor patrio é de um comico desforgiano. Os hespanhoes devem rir muito da guerra (sic) do embonecado jornalsinho.

—A desdentada e manhosa Nação ataca, em duas columnas, a Republica Portuguesa. Aquella pobre tonta já nem vê para onde atira. O resultado é chegarmos ao cabo das duas columnas em questão e não descobriremos um argumento, uma idéa, uma phrase que deixe entrever a sombra d'essa idéa. Arredar, pois, d'alli!

—Vai entrar no prélo um trabalho importante sobre o banco Hypothecario. E' dedicado aos pequenos industriaes, derama bastante luz sobre os mysterios d'aquella instituição burgueza e será vendido por preço que o colloque ao alcance de todas as bolsas. Em boa hora venha!

—Continua a fazer-se esperar a conferencia do sr. dr. Valle na Federação Academica, contra as grèves. E' pena.

—Projecta-se com visos de proxima realisação, a publicação dos Contemporaneos. E' no gosto da galeria biographica de Mirecourt. Encetará a sua carreira com a biographia do sr. Fontes Pereira de Mello, mas não é politica. Seguindo a expressão de Michelet, busca estudar na biographia a sociedade, a humanidade no individuo. Para este fim passará em revista as sumidades politicas, scientificas, artisticas, argentarias que influem na vida publica, etc. Como Mirecourt tem os seus Gerard de Nerval, a revista portugueza buscará collocar ao lado dos vultos que repugniam, aquelles cuja vida pode ser exemplo.

—Terminou os seus dias A Monarchia. Antes de expirar deu-nos uma farçada curiosissima na seguinte noticia:—«Breve-mente encontrar-se-hão na Covilhã os srs. Chagas e Vaz Preto.»—Que eclipse! Pasmam os infinitesimos. Vidal empunha a lyra...

—O sr. Luciano Cordeiro publicou em folheto a sua formosa preleção feita na Federação Academica Lisbonense. Intitula-se: Da Revolução.

O mesmo escriptor vae brevemente a Coimbra. Previno os meus amigos d'ahi que tambem o são d'elle.

—Uma penosa enfermidade de que tem sido victima o sr. Adolpho Coelho, impediu que até hoje fosse publicado o seu trabalho sobre o Fausto dos srs. Castilho e Gomes Monteiro. Sahirá brevemente.

—Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Consta-nos que no Seminario d'esta diocese existe o evangelico costume de obrigar os educandos a comprar os livros na propria casa. Ora estes livros são obtidos pelos gerentes d'este estabelecimento, com grandes abatimentos, sem que, todavia,

isso obste a que a venda se faça pelo preço que teriam sem tal redução.

E chama-se a isto casa de moralidade! casa de religião!

Nós chamamos-lhe casa de commercio, que ali está fazendo concorrência a professores particulares, livreiros, padeiros, etc., etc. Assim já nos não admira que haja dinheiro para fazer expropriações no bairro de S. José; e adornar salas com luxo exquisito e pouco proprio de taes estabelecimentos

Um jornal de Lisboa, que por antithese se chama *Illustrado*, pedia-nos ha pouco uma definição de republica federal. Já muito nos tinha parecido que o collega necessitava d'ella. Havemos de dar-lh'a, tenha a certeza d'isso. Antes, porém, é conveniente que vá colhendo algumas luzes sobre estas coisas de politica, e especialmente de politica republicana, de politica federal. Para isso aconselhamos-lhe a leitura das obras de Proudhon, Tocqueville, Roque Barcia, Vacherot, Stuart Mill, a constituição dos Estados Unidos e da Suissa, o programma democratico do sr. Castelar e muitos outros documentos que andam na mão de todos, e onde singelamente se expõem os principios fundamentaes do federalismo. E' o que por hoje temos a dizer-lhe, podendo mimosear com as taes queijadas os meninos do *illustrado*, que tão incipientes entraram nas lides da imprensa.

Recebemos *La Fraternidad*, jornal republicano-democratico-federal, de Manreza, que achamos escripto com uma grande convicção de principios e com muito luxo de estylo. Agradecemos a troca.

Começou a publicar-se nesta cidade um livro, importante pelo assumpto e pela fama do seu auctor. Intitula-se—*Philosophia da Historia do Christianismo*. E' escripto pelo lente de direito Joaquim Maria Rodrigues de Brito, nome já notavelmente ennobrecido pelos seus trabalhos de philosophia juridica.

Esperamos a appareição da obra para emitir a nossa opinião.

Ratazzi, que tão popular foi durante muitos annos na Italia, acaba de fallecer. Nasceu em 1808 na Alexandria cidade de Italia. Militou sempre na avançada liberal, e foi collega d'aquelle homem notavel, d'aquelle espirito elevado e activo—de Cavour, que teve a infelicidade de por o seu talento á disposição de um systema politico desgraçado.

E' tal o enthusiasmo pela republica e pelos seus homens nas cidades de Hespanha, que a municipalidade de Alicante se propõe variar os nomes de algumas praças e ruas, pondo rotulos tão expressivos como *Castelar*, *Figueras*, *Republica federal* e outros não menos celebrados.

A votação para a presidencia do congresso hespanhol deu o seguinte resultado: D. Nicolau Salmeron, 167 votos; D. Estanislau Figueras, 74; Suner (Senior), 1; Blanc, 2.

O general Pierrad foi nomeado capitão general de Madrid, e Hidalgo governador civil.

O novo ministro da guerra, Estavanez, apenas foi nomeado, dirigiu ao exercito a seguinte proclamação:

Soldados:—Eu não sei se terei forças para desempenhar cabalmente o encargo que a assembléa constituinte me confiou hontem; porém muitos de meus antigos companheiros já sabem que me não ha de faltar nem decisão, nem boa vontade.

O exercito acha-se desde ha muito se-

dento de justiça. A justiça se cumprirá, e o exercito entrará de novo pela senda esquecida da honra.

Se o governo federal, imitando outros governos de funesta memoria, esquecer os seus programmas e promessas, razão haverá para perder a esperança de que o exercito se dignifique.

Porém eu vos prometto, debaixo da fé da minha palavra, que se eu continuar á frente d'este ministerio organizar-se-ha a força publica, modificar-se-hão as ordenanças, restabelecer-se-ha a disciplina e far-se-ha a revisão das folhas de serviço.

Temos valentes soldados, dignos officiaes e brilhantes chefes; podemos fazer do exercito hespanhol um dos primeiros do mundo.

Assim vol-o promette, ao enviar-vos sua cordeal saudação, o vosso antigo camarada.—N. Estevanez.

## A REACÇÃO

(A GUILHERME CRAÇA)

Olhae! como negraja e rastejando, passa, Envolta nuns andrajos e ebria e esfarrapada, E a eterna maldição na face descarnada, A furia do passado, o espectro da desgraça!

Das torpes bacchanas lá traz consigo a taça Que no prostib'lo foi mil vezes esgotada Ao som de muito pranto e muita gargalhada... A serpe inquisidora ao peito se lhe abraça.

Caminha, só, de noite, essa visão tremenda, A soletrar no escuro a sua historia horrenda, E lança em torno a si o olhar torvo, sinistro...

Buscando o lupanar, masmorras, pergaminhos, A força ensanguentada, a argola dos plourinhos. —E traz a tua cruz, no seio impuro, oh Christol!

SIMÃO VELLOSO.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de partilhar a redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

### AVISO AO PUBLICO

Não é permittido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admisión nas gares, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especiaes com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.º e seus paragraphos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia  
M. Affonso d'Espergueira.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 reis, semestre de 30 numeros... 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre... 360 reis, semestre... 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 9

## O DESENVOLVIMENTO ECONOMICO NA MONARCHIA

Não combatemos homens, combatemos systemas. Atacamos a monarchia como forma politica contraria aos interesses e á dignidade do genero humano, e atacamol-a com sinceridade, livres de qualquer prejuizo, porque em nosso coração nem ao menos ha lugar para resentimentos pessoases.

Todos temos direito a pedir ás instituições os seus diplomas scientificos e as suas razões de conveniencia pratica, direito fundamental na natureza do individuo e da sociedade, que ninguem ousará contestar.

Se a impotencia regeneradora de um systema se evidenciar depois de um tal exame, esse systema, ou seja politico, ou seja religioso ou social tem de desaparecer do codigo das instituições vivas, porque as sociedades não se sustentam senão á custa de grandes realidades, que sejam a affirmação positiva da natureza racional e sentimental do ser individual e colectivo, e não uma criação artificial das circumstancias ou a traducção da vontade tacita e expressa de uma individualidade qualquer.

Quando se tratou de desinvolver o principio juridico segundo as etenas bases da Liberdade e da Justiça; quando se quiz organizar a instrucção, mãe fecunda de todos os progressos e especialmente do progresso moral, o systema da realza foi desgraçadissimo, como já aqui provamos; desgraçadissimo porque nos deu em direito uma monstruosidade incomprehensivel, em instrucção um *pandemonium* de regulamentos, de reformas e programmas, eivados de falsas doutrinas que deram em resultado o atrazo intellectual e o abaixamento moral da nossa sociedade.

Por isso, em nome do direito, da ins-

trucção e da moral dissemos ao povo portuguez: a monarchia é impossivel.

Hoje vamos continuar o triste inventario dos bens que ella deixou a este menor, a este pupillo, chamado Portugal, que modestamente vae arrastando o peso de suas desgraças cá ao longe, isolado em um canto do occidente.

As questões economicas são o desespero de todos os espiritos na actualidade.

Quando vemos, por um lado, a philosophia da miseria dizendo—matae o pauperismo, elevae o individuo, restitui ao homem a sua dignidade; quando vemos, por outro lado, a philosophia do direito proclamando a egualdade deante da natureza; quando pressentimos os occultos movimentos que se notam no seio das sociedades modernas, é forçoso que nos convençamos de que tudo isso prende no problema synthetico e fundamental de nossos dias—no problema economico.

As sociedades não vivem só de condições moraes. Como entidades organicas destinadas a realizar uma certa ordem de phenomenos no mundo physico, necessitam tambem de condições materiaes, condições imprescritiveis, que ellas acham relacionando-se com os seres do planeta.

Se em alguma parte da actividade se pode manifestar e se deve manifestar a influencia de um systema politico é por certo no aperfeioamento gradual e systematico dos meios praticos da vida de um povo.

Que fez a monarchia neste ponto? Qual é o desenvolvimento economico do nosso paiz, onde os elementos theocratico e real têm dormido descansadamente o longo somno do seu viver? Como accudistes ás lagrimas das victimas do feudalismo industrial?

Cobre-se-nos o rosto de vergonha, en-

che-se-nos o coração de tristeza ao contemplar tanta miseria, por um lado, e ao ver por outro, a impudencia de certos homens, que pretendem legitimar instituições geradoras e mantenedoras d'este estado desgraçado.

Sim, economicamente somos um povo desprezivel.

Não temos commercio, podendo pela situação geographica alargar as azas pelos horisontes de todos os continentes.

Não temos industria apesar das materias primas nos abundarem e terem de ir ao estrangeiro tomar a forma que as torna aptas para o gyro mercantil.

Não temos desinvolvimento agricola, nós, que possuímos um dos solos mais fecundos e mais bellos do globo.

Não temos no vasto corpo da nossa legislação uma unica palavra sobre organização do trabalho, instrumento fecundo do desenvolvimento industrial dos povos. A sua posição em face do capital é uma posição de inferioridade, quando o espectáculo das modernas perturbações que têm agitado o mundo economico, e os livros dos grandes pensadores e escriptores de philosophia social, nos dizem que essa relação deve ser de egualdade, porque só então se conseguirá um estado racional, harmonico e positivo, que tenha por base as leis naturaes do individuo e da sociedade. Não temos instituições de credito que sirvam de canaes conductores de capital ás classes mais necessitadas e ás industrias mais uteis á vida. A usura pesa com todo o peso da sua injustiça sobre este eterno martyr da historia—o povo.

O feudalismo industrial que substituiu na idade moderna o escravo antigo é o regulador supremo da sorte das classes operarias. Não existem bancos populares, que sejam uma garantia para as necessi-

dades dos pequenos proprietarios, aproximando-lhe os capitais em condições favoraveis, mas em compensação ha bancos privilegiados, ha um banco que tem mesmo o privilegio de dar dentro do districto de Lisboa curso forçado ás suas notas, banco que está fazendo uma concorrência vergonhosa a todas as empresas particulares, que não tiverem a dita de obter graça identica do estado. Faltam bancos populares, falta a prosperidade economica do paiz, mas existe a monarchia e o banco de Portugal! Maravilhosa compensação!

Quem tem a responsabilidade d'esta inferioridade economica? O povo? Não, que o povo portuguez é intelligente e activo como muitos outros povos de grande superioridade commercial.

A responsabilidade cabe a estes regimens que infelizmente têm pesado sobre os povos mais aptos para o progresso commercial, sobre a Hespanha, a Italia, a França, a Grecia, a Turquia, o Egypto, etc.; regimens anti-naturaes, falsos, que contrariarão directamente o espirito de iniciativa individual pelas medidas legalmente restrictivas, filhas de um poder centralizador e auctoritario.

No proximo numero demonstraremos aos amantes da monarchia que a sua forma de governo, origem de todos estes males, está na impossibilidade de os remediar.

Depois diremos tambem ao povo em nome do desinvolvimento economico: a monarchia é impossivel.

A. V.

## PADRES E REIS

I

Uns não valem mais do que o outros.  
O rei devora a nação; o padre explora a consciencia.

vel ultraje do tempo. Quando Wilhem se preparou para sair foi mirar-se ao espelho:

—Estás mui bello, lhe diz Vertua dominando a voz. Esse casaco ainda apurta bem, e esse chapéu parece mesmo que foi comprado hontem.

Os dois amantes parece que tinham summo desejo de se enganarem mutuamente um ao outro sobre a sua triste condição.

Theodoro de Vilhem obteve effectivamente um logar na orchestra de um pequeno theatro onde elle era o unico musico; mas perdeu-o ao cabo de poucos dias. Passou depois por diversos officios, que custavam muito ao seu amor proprio e que mal satisfaziam ás primeiras necessidades da vida.

Dez annos mais tarde este mesmo homem tornara-se o escriptor mais popular de toda a Allemanha.

Nos primeiros tempos Wilhem mergulhou avidamente os seus labios no copo de ouro do prazer e da fama, mas por fim transtornou-lhe a cabeça, caiu numa embriaguez sombria e tediosa. O desgosto correra apez da saciedade. O ruido que se fazia em volta de si aturdia-o. Tinha abandonado a pequena casa do arrabalde por uma rica habitação no centro da cidade.

## FOLHETIM

### A PEQUENA CASA D'UM POETA

(vertido de Esquiros)

Eleva-se num dos arrabaldes de Berlim uma modesta habitação de dois andares, a qual foi habitada ha 50 annos, por Theodoro Wilhem e por sua mulher.

Era um par paradisiaco o d'estes esposos: muito pobres mas muito felizes, chamavam-se Wilhem e Vertua.

Uma tarde que a joven esposa costurava á janella, a agulha não quiz trabalhar e cahiu-lhe das mãos; atirou com a costura para cima do açafate e uma lagrima escorregou-lhe ao longo da face. Ouvira-se neste momento o repique da campainha da escada. Vertua levanta-se, limpa os olhos humedecidos de lagrimas e abre a porta a seu marido com um sorriso adejando nos labios.

—Fugiram-me as horas a trabalhar, meu Wilhem, diz ella, passando-lhe os braços pelos hombros e recebendo em troco um beijo.

—E' verdade, não temos hoje muito boa ceia, mas tambem não temos grande necessidade. Em seguida Vertua foi buscar um prato de batatas cozidas e nozes seccas.

—Tu já não deves ter dinheiro, disse Wilhem sombriamente.

—Tenho sim, respondeu Vertua chinchalhando umas moedas de cobre que tinha no bolso.

—Parece-me que encontrei um emprego, disse Wilhem, mas com um tom de voz que mostrava pouca esperanza. . . se eu quizer tomarei amanhã posse.

—E que logar? perguntou anciada Vertua.

—Foi-me promettido o logar de mestre da orchestra num pequeno theatro. O ordenado não é grande, mas como eu entendo um pouco de pintura poderei preencher ao mesmo tempo o officio de decorador de vistas; em fim como eu sempre tive talento para as lettras, poderei fazer representar facilmente neste theatro as obras da minha lavra.

—Vertua sorriu complacentemente ao ouvir revelar os sonhos dourados de seu marido. O frugal repasto passou tranquillo e alegre. O amor, esse grande creador de milagres, encontrou meio de transmutar em vinho mais saboroso que o das nupcias de Canaan a agua do cantaro de Vertua.

Depois de ceia Theodoro Wilhem mostrou desejos de ir escrever. Vertua não teve força para lhe dizer que não havia azeite para deitar no candieiro.

—Ah! diz ella, está uma noite tão linda

para accender esta misera luz; deixemos estar antes á janella e admiremos as estrellas, esses olhos infinitos de Deus.

Theodoro Wilhem comprehendeu que se via reduzido ao estado do poeta italiano, Turquato Tasso, que deixava de trabalhar á noite «por não ter luz para escrever, non avendo candeie per scriver i versi suoi».

—Ter-me-ia sido bem melhor, pensou elle, continuar com os meus estudos. Occuparia hoje o logar de conselheiro.

—Para que te confranges, meu caro? —Terieis vós ao menos minha querida Vertua, uma creada e vestidos novos, continuou Wilhem, e não andarieis assim como vos vejo envolvida em farrapos.

—Eu não careço de cousa alguma, interrompeu Vertua, com um sorriso que quiz fazer natural. Se não trago os meus bellos vestidos, é porque julgo desnecessario um novo toilette para te agradar.

De manhã Vertua accordou antes do nascer do sol para preparar o almoço a seu marido. Os seus olhares passaram em revista com grande tristeza o desbotado casaco negro, tornado branco sobre as costuras e atravez as mangas, as botas arrebatadas e a gravata desfiada. Começou a brunir tudo e reparou com a agulha aquelles estragos; tingiu as partes desbotadas; todavia não pôde obstar ao irrepara-

Para ambos é igual o fim; para ambos sorri o povo como mina inesgotável.

O que um faz por meio do throno; alcança-o o outro por meio do altar; o que um consegue em virtude do ministro—atinge-o outro em virtude do sachristão.

Ministro e sachristão, sachristão e ministro,—tudo afinal se confunde em uma e a mesma palavra—baixesa, humilhação, covardia.

O rei, ou é Luiz XI, o symbolo da hypocrisia, ou Philippe II, o typo da infamia, ou Luiz XIV, o ideal do despotismo.

Quasi o mesmo é o padre. Ou seja Loyola, ou Claret, ou Santa Cruz,—sempre é a hypocrisia, a infamia e o despotismo que dominam.

O rei tem aduladores, o padre tem fanaticos; o rei tem a *Pompadour* de todos os tempos e de todos os logares, o padre a *soror Theresa* de todos os conventos e de todas as egrejas.

Ao punhal de Jacques Clément e de Ravaiillac corresponde a espada de Napoleão e a auctoridade de Bismark.

A perseguição dos reis importa o aniquilamento dos padres.

Odiados e mal vistos procuram ambos o silencio funebre dos palacios e a sombra sinistra dos mosteiros.

Apontados a dedo pelo povo, a quem opprimem, falta-lhes a consciencia da propria dignidade e o reconhecimento da propria consciencia.

O rei occulta as mazellas do corpo com o brilhantismo da farda, o padre abafa a gangrena da alma sob a roupeta desfiada e apodrecida.

O *regio sceptro* emparelha galhardamente com o *baculo divino*.—Um, opprimindo o povo, é instrumento de vinganças e de anathemas mesquinhos, outro, atrophando o espirito, é symbolo de tyrannia e de maldição.

A hostia, que o padre santifica nos altares, corresponde o sangue do povo, o imposto dos contribuintes, que o rei devora á mesa do orçamento.

Em logar das bullas sagradas tem o rei a esmola nacional.

Da egreja e da camara dirigem-se ambos ao mesmo fim, á mesma orgia.

Um falla em nome da religião, outro da politica; um prêga a virtude, outro o patriotismo; um é fanatico, outro realista.

A synonymia, porém, não desprestigia o factio. Religião e politica, virtude e patriotismo, fanatismo e realismo synonymos são e muito synonymos.

Vertua tomou um dia a mão de Wilhem e disse-lhe:

—Nós já não somos felizes. A felicidade consistia em amar-nos e desde que nos fizemos ricos nós já não nos amamos. Este vil metal, chamado ouro, veio destruir toda a nossa felicidade domestica. Quando eramos pobres eu via-te todos os dias, hoje são outros os que te vêem. Não te chega o tempo para andar d'umas cosas para as outras, toda a cidade te quer em sua casa, todas as mulheres te requestram e eu soffro. Tu mesmo estás contente? Não, meu Wilhem, eu bem te conheço; confessa-me a verdade, esta vida infastia-te, tu choras o tempo em que soffriamos privações amargas da vida.

—Sobra-te razão, Vertua, dizes-me cosas que penso ha muito tempo e que nunca ousei dizer-te. Quando viviamos na pequena casa do arrabalde a necessidade de reagir contra os males de fóra acalmava as agitações do meu cerebro. Esta luta era para mim boa e util. Hoje temo tornar-me louco. Não, jámais eu soffri tanto, como desde que livre das duras necessidades da vida, eu me encontro entregue a mim mesmo. Esta minha cruel imaginação é uma inimiga dez vezes mais insupportavel do que a pobreza. A celebridade mata-me. Já não sou livre desde que sou conhecido. Em fim suffoco

O rei, ignorante por indole e natureza desacredita a causa que o protege, o padre, ignorante por habito e astucia desvirtua o senhor a quem serve e adula.

O rei faz guerra ás nações, o padre faz guerra aos homens.

Symbolo da realza anda o exercito ao par do beaterio, symbolo da hypocrisia.

Na egreja, como no paço, habitam vultos sinistros e tenebrosos.

Procura o padre a mulher por entre as sombras dos confessionarios, em quanto os aulicos as mandam vir ao regio paço.

Especie de gabinete de ministro conserva-se ainda hoje o confissionario como objecto de descrença e de lubricidade.

Nas escadas do altar, como nas escadas do throno, ajoelham os devotos terrivelmente.

O padre ministra as sagradas bênçãos, em quanto o rei fornece o solemne e real *beija mão*.

Nas procissões, como nas festas reaes, ambos são ridiculos e caricatos: um, ostentando o brilhantismo do seu ouro, outro, irradiando o ouro do seu brilhantismo.

O padre é o rei e o rei é o padre.

Um não vale mais do que outro!

MAGALHÃES LIMA.

## POLITICA INTERNACIONAL

Os negocios de Hespanha continuam a servir de thema ás mais encontradas opiniões. Uns, guiados pelos principios superiores da historia que attestam de um modo solemne que o progresso no seio das sociedades humanas se tem verificado á custa de muitos esforços, das lagrimas de muitas mães, do abalo de muitas civilizações, vêm naquelles acontecimentos uma consequencia natural, uma conclusão fatal dos periodos de transformações, dos periodos revolucionarios em que um velho mundo de sentimentos e interesses cae aos golpes de novas idéas, de novos sentimentos.

Outros, dominados por um empirismo que lhe não deixa ver o segredo das occultas forças que sustentam a vida dos paizes; compromettidos diante do espirito de innovação por convicções baseadas em doutrinas velhas e caducas; ligamentados ao cadaver do passado pelos fortes laços do interesse, da conveniencia, do bem estar moral e material; consideram a agita-

sob este manto com que a justiça eterna me sobcarregou para castigar minhas locucas ambições.

—Eu tambem odeio esta gloria como uma rival, por quem tu me deixaste. Desde que lhe abristes os braços nunca mais pensastes em mim. Eu não te peço para a deixares, eu sei quanto te é cara. Maldize-se, mas nunca ha força para abandonar-a. Convencionemos sómente uma coisa. Eu continuei a pagar durante 10 annos o aluguer da nossa antiga habitação do arrabalde de que me fallaste ha pouco, a nossa antiga mobilia, que eu fingi ter mandado vender, encontra-se ainda pela mesma ordem porque nós a deixamos. Voltemos amanhã para este ninho dos nossos amores.

Wilhem apertou estreitamente o collo de Vertua para lhe agradecer, por lhe ter suggerido uma tão feliz idéa.

No dia seguinte levantaram-se antes do nascer do sol e partiram para o arrabalde. Uma doce surpresa os interneceu até ás lagrimas ao entrar nestas duas salletas, onde tinham passado os bellos dias amargos da sua mocidade. As cadeiras de palha eram conservadas como no tempo em que a diligente mão de Vertua ainda d'ellas se occupava.

Vertua abriu o armario de carvalho, que era quasi o unico mobil da caseta.

ção por que está passando a jovem e brilhante Republica hespanhola como um producto da natureza mesma das idéas novas, quando é certo que são as circunstancias em que ellas se produzem que levantam semelhantes tempestades.

Não discutimos a boa ou má fé que possa haver neste modo de apreciar as luctas de uma grande nação.

Pela nossa parte continuamos afirmando que nos não causam a menor sensação as perturbações por que ella atravessa. No seio da Republica ha muitos partidos, porque ha muitas idéas, muitas escholas com principios definidos, com systemas completos de organização, partidos que no momento decisivo em que se trata de afirmar praticamente uma nova forma politica, como succede na Hespanha, têm a estricta obrigação de sustentar no campo da realidade as concepções theoreticas da sua eschola. Fazer o contrario seria uma pessima acção. Mentir á consciencia para agradar a um certo numero de politicos seria hypocrisia intoleravel em qualquer regimen, e muito especialmente no regimen republicano que está destinado a trazer ao mundo as grandes virtudes sociaes, sem as quaes as idéas formosissimas de Liberdade e de Justiça estariam na impossibilidade de tomar uma forma pratica, de se afirmar genuinamente fóra dos dominios da consciencia. Por isso, os ultimos acontecimentos que á primeira vista parecem opposição determinadamente ingrata de uma Assembléa facciosa e profundamente trabalhada por ambições desvairadas, têm uma explicação cabal se atendermos á diversidade de opiniões que professam os varios grupos republicanos.

O ministerio caiu porque era composto de elementos moralmente antagonicos. A sua existencia era impossivel. Já estava previsto. Pi não foi illudido.

Com tudo estes antagonismos moraes, que são antagonismos de principios, não quebram de modo algum a unidade fundamental que liga o partido republicano contra os reaccionarios de todas as côres.

Conservadores não vos regosijeis! No fundo d'aquella agitação existe muita unidade e muita força.

A hora em que escrevemos ainda Pi não tinha formado novo ministerio, ficando interinamente no poder o antecedente. Havia grandes difficuldades em achar homens que podessem conciliar todas as opiniões. Por isso, corria á ultima hora que se formaria um gabinete homogeneo

Sacou a velha farpella de Wilhem, tantas vezes pintada e serapintada com tinta sobre as costuras e passou-a a seu marido para que a vestisse.

—Eu nunca te vi tão bello, lhe diz Vertua olhando com extase. Ella mesma poisou sobre o leite, seu leite de nupcias, os seus vestidos, o veo, o chapéu de veludo, o chaile de cachemira, a saia bordada de renda, para retomar o simples gorro, a saia preta com que tanto gostava Wilhem de a ver outr'ora. Ella preparou em seguida o almoço como nos dias em que não tinham outra creada do que a sua actividade de 20 annos. Pôz na mesa duas colheres de estanho, duas taças de faience de flores e dois pratos de louça grossa. O leite servia na choquelateira e erguia já a branca espuma.

Pela primeira vez, depois de 10 annos, Wilhem tinha appetite. A vista d'aquella casa fazia-lhe bem, um rustico perfume de juventude e sentimento o penetrava até ao coração.

Ambos os esposos estavam sentados, como noutro tempo um defronte do outros A pequena mesa de pinho permitia de se tocarem os joelhos. Foi um almoço delicioso. Voltaram os antigos amores, os corações pulsavam de prazer e a dôr dissipava-se num raio de sol.

Depois de almoco, que foi curto, Wi-

tirado da direita, á frente da qual se acha o grande e excelso tribuno Castelar. A *Discussion* aconselhava mesmo que a escolha fosse feita pelo sr. Pi y Margall em vez de o ser pela Assembléa, porque d'outro modo difficilmente se chegaria a uma unidade de pensamento entre o chefe do poder executivo e os seus collegas. Achamos este processo mais expedito e vantajoso nos momentos agitados porque vae passando a visinha nação, posto que n'isso não vejamos uma politica muito em harmonia com a indole liberal e franca do systema republicano.

Tambem se dizia que no caso de Pi não poder levar ao cabo a tarefa de formar gabinete, seria Castelar encarregado d'esse trabalho. Estamos convencidos de que o grande tribuno que durante tantos annos tem applicado o seu elevado talento e o seu muito saber ao triumpho de tão nobre causa, não deixará ainda de tomar sobre si este novo sacrificio, que o poder é para elle um verdadeiro sacrificio. Esperamos que não será preciso.

Dos bandos carlistas pouco se sabe. O progresso negativo de suas conquistas em momentos tão favoraveis dão bem a medida da sua força.

Miseraveis! Falta-vos o sol da civilização, falta-vos o espirito moderno, que nos campos de batalha vos persegue mais que as balas das chassépots.

Na França continuam os conservadores dirigindo o ultimo golpe ás suas proprias doutrinas pelos erros politicos que diariamente vão commettendo. A circular de Broglie, que não satisfiz a opinião publica na Italia, antes a aproximou mais de uma alliança com a Allemanha; a circular de Pascal, subsecretario do ministerio do interior, aos preleitos sobre o regimen da imprensa; o processo intentado contra Ranc, deputado por Lyon, tem de tal modo desautorado o governo da Republica franceza, que em breve se achará em uma posição insustentavel.

A opinião publica em França está agitada contra a reacção. Prova-o a retirada precipitada do príncipe Napoleão, que veio sondar os sentimentos da *grande cidade* a respeito da dynastia que morreu para sempre nos campos de Sedan.

A. V.

## GUERRA

Do jornal hespanhol *La Fraternidad*.

lhem tirou da caixa o seu violoncelo e repetiu a lição, como quando era mestre da opera. Vertua, que não tinha cantado havia dez annos, acompanhou-o com a voz. Repetia um pequeno fragmento de musica simples e casta e que condizia com o estado da sua alma.

A salleta era toda agitada com os perfumes da musica e do canto. A natureza viera junctar-se a esta harmonia.

Mal, porém, Theodoro tinha acabado este trecho que os applausos estrugem lá de fóra e sobem até ao aposento. Os amigos, ou os curiosos, quem sabe? tinham seguido os passos de Vertua e seu marido.

—Fomos descobertos, balbuciou tristemente o poeta.

—Ai! eu bem o reciei, diz Vertua. E' a fama que te segue.

—O que é isto? não poder ir a gente para onde quer, nem fazer o que deseja sem ser espiado, aguentar com as necedades de todo o mundo sob o pretexto de ser um homem de espirito, ser obrigado a nunca ter repouso na alma nem felicidade sob o tecto de lar nem amor no coração??

—E', responde timidamente Vertua o que todos os homens procuram, é a gloria.

—Este homem tanto tempo perseguido pela desgraça e perseguido agora pela gloria, este Theodoro Wilhem—é Hoffmann.

\*\*\*

que se publica em Manreza, transcrevemos o seguinte artigo, escripto com um grande vigor de linguagem e elevação de idéas. Concordamos com o seu pensamento, que é o pensamento mesmo da Democracia.

—Que monstro é esse que desde o umbral dos primeiros tempos, atravessando por entre o pó dos seculos e enodoando com sangue a historia da humanidade, tem chegado até nós; atterrando com seu aspecto selvagem ao homem novo, dando um desmentido formal á sciencia moderna e negando a philosophia do progresso?

A guerra!

Que poder sobrenatural, que principio vigoroso alenta esse espirito diabolico, essa origem de todas as iniquidades, sobrepostas á razão, ao direito natural, á justiça humana, á lei da vida?

Que monstro é esse, repetimos, debaixo de cuja ferrea planta treme o mundo e se commovem as sociedades em seus cimentos mais profundos?

A guerra!

Fatal palavra, cujo horrivel som leva o terror até ao recanto mais afastado da terra, penetra no opulento alcaçar como na modesta choupana, impressiona as fibras de todos os corações, pesa sobre todos os sentimentos, violenta todas as consciencias, e, posto que em sentidos diversos, occupa todas as imaginações.

Os seus passos rezoam desde as concavidades das montanhas até á immensidade das planices, desde o turbilhão da vida até ao repouso dos sepulchros.

O seu estrepito desmorona os palacios de marmore e faz vacillar as torres de granito.

Seu alento de fogo assola cidades e devasta campos.

A guerra é a destruição em luta aberta com a causa geradora, o principio do mal contra a causa do bem, a obcecção do erro contra a logica da justiça.

O homem, esse ser mais elevado na terra, esse segundo creador do universo, cuja missão consiste em aperfeiçoar a obra da creação, ensinando novos roteiros á in-

telligencia e abrindo incommensuraveis horizontes ao pensamento; esse ser que vai enchendo successivamente as immensas cavidades do espirito humano, transformado em grosseiro instrumento, violando o mais sagrado dos direitos e conspirando contra a mais sábia das leis, vai alimentar com seu sangue o immundo e vetusto espectro que se chama guerra; vai offerecer aquillo que nem a elle mesmo lhe pertence, o thesouro de que elle não pode dispor, a essa sombra vagarosa que atravessa o fecundo campo da produção, as illimitadas regiões da philosophia, ora sobre montes de cadaveres, ora fluctuando em dilatado lago de sangue.

Apparece a guerra e proscree a familia, quebra os laços do amor, aniquilla a arte, obscurece o entendimento, perturba o trabalho, embota os sentidos de uns, arranca as entranhas de outros.

O enervado ancião sucumbe de dôr ao ver desaparecer por entre o fumo da polvora e as torrentes da metralha, o unico thesouro da sua vida, o amparo da sua velhice, o filho carinhoso que o afugentou á sua miseria.

A mãe, esse ser tão sensível, tão delicado, esse manancial inexgotavel de ternura, esse symbolo purissimo do amor mais santo, esse complemento da felicidade humana, que nos abrigou em seu seio, que nos deu a beber o seu sangue, que nos embalou em nosso innocente berço, que perparou nossa intelligencia para o desinvolvimento natural das idéas e guiou nossos primeiros passos no caminho da vida; essa mulher vê-se ferida pela guerra do modo mais brutal e deshumano; essa mulher obtem da sociedade como premio de seus sacrificios, um cadaver ensanguentado e mutilado, em troca do filho de suas entranhas, do ser do seu ser, do pedaço da sua alma.

Eis o que é a guerra, eis a sua obra. Que representa a guerra?

O martyriologio da humanidade, as trevas da ignorancia, o fanatismo do erro, o apoio de todas as tyrannias, a bandeira do crime desfraldada aos ventos mephiticos

da soberba e da injustiça; a negação completa de todos os deveres inherentes ao ser humano, o complemento, enfim, de todas as miserias e maldades que pode conceber um coração de gelo, uma defecção humana em toda a sua deformidade: eis o pallido bosquejo da guerra.

Esse dualismo estabelecido entre a primeira sciencia e o homem primitivo; essa luta barbara iniciada por um Caim contra seu irmão; esse crime de lesa-humanidade que se chama *direito da força*, tem o seu prologo no genesis do mundo; sua historia é tão longa como a do homem mesmo.

Passa uma geração, mudam os costumes, transforma-se a arte, altera-se a sciencia, desaparecem os povos; tudo o que é velho passa e vem ao theatro da vida novas gerações, novos costumes, novas artes, novas sciencias.

Que monstro é esse que resistiu a tantas gerações, a tantos costumes, a tantas artes, a tantas civilizações e a tantas philosophias?

A guerra!

A guerra não tem acabado.

A tyrannia tão pouco.

São os dous effeitos do obscurantismo produzindo a causa do mal, o emblema do odio não extinto, patenteando o privilegio entre os homens, que é o maior insulto á dignidade humana.

Quem tem alimentado o fantasma sombrio da guerra? Quem tem conservado a sua existencia até este seculo de inventos, de luz e progresso?

O throno em nome do *direito divino*; a igreja em nome da *religião*.

Ambos têm escravizado o homem, escarnecido e profanado o templo de Christo.

A guerra ha de acabar, porque tudo acaba, arrastando ao profundo abismo do odio universal esse throno, negação do direito humano, e essa igreja fanatica, mantenedora do erro.

A corôa real e o manto de purpura representam todas as tyrannias, todos os vicios, todas as iniquidades, e por ultimo

o crime da guerra. A guerra ha de acabar.

Temos que dor a ultima batalha, não para legitimar o *direito divino* do throno, não para fanatizar o coração do homem em nome da igreja, mas para desfazer esse falso throno e essa falsa igreja na asquerosa sentina de suas miserias.

E o homem edificará um novo throno e uma nova igreja; um throno para se assentar o povo, unico soberano de seus destinos, uma igreja para trazer ao mundo a moral universal.

E não haverá necessidade para sustentar estes dois grandes principios, de derramar o sangue de nossos irmãos.

E acabará a guerra sua missão destruidora.

F. F. y G.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Demonstramos no numero antecedente que todos os progressos sociaes se têm feito lutando contra as religiões, ao contrario d'aquelles que sustentam que toda a philosophia d'uma epoca, isto é, o seu progresso, se converte em religião na epoca seguinte. Foi nosso fundo de argumentação principalmente a historia. Vimos por aquelle rapido esboço o oriente não entrar na lei do progresso por se não poder até hoje livrar das religiões. Assistimos á formação da Grecia, vimol-a desde principio assignalar-se pela guerra contra os deuses e crear todas as sciencias sem o auxilio da religião e explicar a formação do mundo sem Deus. Depois assistimos ao desinvolvimento da sociedade romana, e vimos como esta pelo progresso das suas instituições civis e politicas se desembaraçou do symbolismo religioso chegando ao casamento civil no principio do imperio por meio do concubinato, sancionado por lei, e ao racionalismo com Cicero por via da guerra que este philosopho fez aos deuses; e por fim ao naturalismo com as obras de Lucrecio e de mais poetas e pensadores. Vimos mais que os progres-

## A REACÇÃO

A URBANO LOUREIRO

Mostrou-se á luz emfim! eil-a que ardendo em sanha —negro bando em tropel—correu pela cidade, tinha no olhar faminto uma alegria estranha, chamava-se reacção a vil monstruosidade.

A' frente um bispo, um velho, em roda mil jesuitas, apóstolos do mal, com gestos piedosos erguendo sem pudor, as suas mãos precitas ás remotas soidões, dos mundos luminosos.

E elle, o successor dos velhos patriarchas, o refalsado guia, ao debandado armento, é hoje amigo e pae dos torpes heresiarchas que lançam para nós olhar sanguinolento.

Para a luta cruel esteve preparando a pleiade infernal da nova inquisição, tambem os lobos maus sabem juntar-se em bando para um dia descer do monte á povoação.

O tenebroso algoz que agora se levanta e que ostenta no andar um magestoso porte é como essa lethal envenenada planta que manda ás solidões o halito da morte.

Viageiro infeliz, que sob o galho umbroso, pendeu a fronte sua, pallida, enfraquecida, não mais ergueu da terra o corpo vigoroso, e em convulsões febris sentiu voar-lhe a vida.

Se acaso, ao pé de vós, o negro arbusto expande, por sob o ceu azul, a delecteria essencia, vereis morrer então quanto ha de bello e grande a vida, a esperanza, o amor, as glorias da sciencia.

Pois nessa terra aonde cresce o liberalismo nos rudes corações dos homens laboriosos havia de aninhar-se o torpe jesuitismo como horda feroz de Caffres sanguinosos?

Erguei o canto, erguendo as liberaes bandeiras! e quando elle echoar nos seios da amplidão quem nos virá lançar ao pulso as gargalheiras e os fogos accender da santa inquisição?

Oh martyres fallae! erguei as vossas lousas vinde contar ao povo a sanguinosa lenda! Ergue-te, Gallileu, da gleba onde repousas e conta João Huss, a tua historia horrenda.

Contae pobres nações a lenda do esterminio a hecatombe sem fim, mais a trama infernal que ergueu sobre um altar a força e o assassinio e veio incendiar a Hespanha e Portugal.

Torquemada cruel, monstro voraz e mesto vós creações do mal, servos da impiedade jámais desfraldareis o lábaro funesto sobre a terra que foi o altar da liberdade!

Aves da escuridão, buscae vossas ruinas poisae nos corucheus das velhas cathedraes, por nós brilham no ceu auroras diamantinas por nós ha sobre a terra os cantos festivaes

por nós brilham no ceu os arcos da alliança por nós brotam da terra as peregrinas flores por nós essa, que agora, é timida creança ha de ser o Jesus, fallando entre os Doutores.

E vós que vos dizeis os filhos mais dilectos do lyrio de Judá, do pallido Jesus, conhecemos-vos bem, oh morcegos infectos successores e irmãos do cura Santa-Cruz!

Coimbra, 25 de junho de 1873.

LUIZ D'ANDRADE

Das sociedades modernas provieram da luta constante que se travou durante 14 seculos contra o christianismo e tiramos como conclusão que todos os progressos sociaes se tem feito até hoje lutando contra as religiões.

A toda esta grande generalisação da historia humanitaria o que é que se oppõe? Alguns pontos isolados e a voz de dois ou tres pensadores celebres pelas suas opiniões, se não pelo seu saber. O primeiro que se destaca é S. Simon, o renovador do socialismo moderno, o creador d'uma religião nova, o proclamador da emancipação da carne e da mulher, o creador d'uma industria nova, a industria consociatoria para o operario por meio dos gremios e cathogorias industriaes, o innovador da associação universal com tres papas, o papa industrial, o papa scientifico e o papa artistico, e acima de todos elles um só e dominando-os a todos, o papa por excellencia, o summo sacerdote, o pontifice maximo da rua Monsigny e Tarenne, o grande revelador que oppunha ás maximas do cenobitismo christão: «mortificai-vos e abstende-vos», esta outra «santificai-vos pelo trabalho e pelo prazer», o sabio que avançava que «todas as instituições sociaes devem ter por fim o melhoramento moral, intellectual e phisico da classe mais numerosa e mais miseravel, aquelle novo profeta em fim, ha muito tempo annunciando desde Platão, Appolonio de Thiane, Themistius, Savonarola, Campanella, Thomas Morus, Morelly, Rousseau, Robespierre e Babeuf—«O mundo esperava um salvador, S. Simon appareceu. Moisés, Orpheu, Numa, etc., organisaram os trabalhos materiaes; Jesus Christo organisou os trabalhos espirituaes, S. Simon organisou os trabalhos religiosos; por tanto S. Simon resumiu Moysés e Jesus Christo; Moysés será no futuro o chefe do culto, Jesus o chefe do dogma, S. Simon será o chefe da religião, o papa»; eis o que diziam os seus discipulos.

O papa sacerdotal era o chefe supremo da egreja sansimoniana, a sua auctoridade era absoluta, elle devia ser o senhor de toda a propriedade do estado. Cada particular não podia possuir por si coisa alguma nem administral-a. Tudo devia passar primeiro pela mão do sacerdote para usar d'ella. O sacerdote maximo não consultava se não a sua vontade, era a lei por excellencia. A familia humana, diz a seita sansimoniana, não deve ser senão uma vasta sociedade de trabalhadores governada por uma hierarchia sacerdotal. «No futuro, diz elle, toda a lei é a declaração pela qual aquelle que preside a qualquer funcção, faz conhecer a sua vontade a seus inferiores e sancionando as suas prescripções por meio de penas e recompensas.» Nada de liberdade neste systema, a theocracia absoluta eis ahi a lei simoniana.

Como é que este sabio foi arrastado para semelhante precipicio? como pôde, pois, o seu systema encerrar toda a sociedade, todo o progresso de 3 mil annos num organismo sacerdotal? qual a lei da historia que o auctorizou a semelhantes corollarios?

Taes são os pontos de que teremos que occupar-nos no proximo numero.

(Continúa).

A. M.

### Noticias de Avelro

Já começou o bazar em beneficio da

Associação dos Artistas. Na primeira noite rendeu 160 ou 170.000 réis.

E a proposito convem lembrar a vantagem de uma sociedade cooperativa de consumo. Este monte-pio conta 10:000.000 réis em caixa. Facil lhe seria desenvolver o seu credito a ponto de crear uma cooperativa com todas as vantagens de que ella é susceptivel num pequeno centro.

A industria aqui é nulla totalmente. Sem iniciativa a terra esterilisa. Bom seria que alguém a movesse para felicidade de seus filhos.

—A sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla é esperada aqui em setembro. Oxalá ella não repita a farçada d'Evora; e, se acaso o fizer, algumas verdades teremos de dizer ácerca da sua vida e da sua pessoa. Ficamos de atalaia.

—Alvorçam-se por aqui os animos com as noticias de Hespanha. Cada um julga ver naquelles factos o descredito da Republica. Melhor lhes fóra ver nelles o descredito do carlismo.

—Fez-se a procissão do Corpus-Christi. Com mais ridiculo não é possivel fazer-se nada. E anda este pobre povo atraz d'aquelles sacerdotes burlescos... Mas o melhor ainda é a boa-fé com que elle aceita estas velharias.

—De resto pouco mais tenho a dizer-lhes. Muita procissão, e muita padralhada—eis o que por aqui temos.

A.

LISBOA, 25 DE JUNHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Saiu o livro do sr. Joaquim de Vasconcellos, *O Consumado Germanista*, a proposito do livro do sr. Gomes Monteiro, *Os Criticos do Fausto do sr. Castilho*. Affirmando os seus vastos conhecimentos sobre o assumpto em discussão, revela mais uma vez o sr. Vasconcellos uma imperdoavel leviandade lóra d'esse assumpto.

O amor do sr. Vasconcellos para com a Allemanha leva-o a conclusões desastrosas sempre que invade os dominios da litteratura franceza. Neste seu livro são victimas do sr. Vasconcellos—Paulo Féval, Dumas filho, Houssaye, etc. Algures foi Baudelaire. Os Hugos, pae e filho, não escaparam á borrasca. Em França apenas lhe mereceram indulgencia Caro e Marmier; isto sem embargo dos plagiatos do primeiro (vide:—Blanchet; *Le Faust de Goethe*, 1860, das deturpações do segundo (Savoy; *Revista do Norte*). Creio sinceramente que o livro do sr. José Gomes Monteiro nunca mereceu refutação, como a não merecem os seus apologistas. Misérias de tal ordem afogam-se no sentimento que as dictou. E' por isso que lamento ver o sr. Vasconcellos descer á arena, por tal motivo, a praticar injustiças revoltantes.

A linguagem rude do sr. Vasconcellos está naturalmente auctorizada pelas provocações burlescas dos seus contrarios. O seu livro constitue uma severa flagellação. Entre as demasias de phrase, que a indignação auctorisa e o arrulhar adociação da hypocrisia covarde não ha que hesitar, creio.

A imprensa, na sua maioria, calar-se-á d'esta vez e o publico apreciará por tal silencio os factos e os individuos. Seja assim. Vã-se, porém, registrando o occorrido e no meio das vergonhosas contemporisações e das baixesas sem nome, oiça-se ao menos uma voz que desprega d'um

lado as conveniencias e do outro as idolatrias.

—Recitou-se no theatro do Principe Real, na noite de 21, a poesia de Guerra Junqueiro: *A Hespanha Livre*. Foi calorosamente applaudida. Até á hora em que escrevo ainda os dictadores não fusilaram pessoa alguma. Esperemos.

—Foram nomeados socios da Academia das Sciencias os srs. Teixeira de Vasconcellos, Chagas e D. Antonio da Costa. Os dois primeiros—effectivos, o ultimo—correspondente. E' natural. O auctor do *Christianismo e o Progresso, Tres Mundos, Historia da instrucção popular em Portugal*, etc., vae no coice (sem epigrama) dos auctores das *Duas Facadas e Poema da Mocidade*. O trabalho sério tem d'estes inconvenientes. Entretanto a Academia continúa a ser coherente.

—O sr. Ferreira de Mesquita, sobrinho do dictador Fontes de Mello, foi nomeado para o logar de vogal effectivo do conselho geral das alfandegas. E' natural. Nem vale já a pena de protestar. Registremos apenas.

—Entre as novidades importantes dadas pelo *Diario de Noticias* avulta a de «ater o chefe de estado disparado alguns tiros em Vendas Novas com uma metralhadora.» Sua magestade anda aprendendo...

E ahi está porque sua magestade não foi heroico em a noite de 19 de maio, no alto da Ajuda: ainda não tinha aprendido. Agora, sim: vão para lá!...

—Continúa a escassez de novidades.

S. P.

## NOTICIARIO

Lemos num jornal da terra que houve ha dias um desaguizado, chegando-se a vias de facto, entre dois estudantes, um do 3.<sup>o</sup> anno juridico, o sr. Alcantara, e outro do 2.<sup>o</sup> anno de pharmacia. Não tinhamos noticia d'este incidente e por isso não demos mais cedo parte d'elle aos nossos leitores.

Não podemos, porém, ficar silenciosos perante o rigor da alludida folha que aconselhava ao prelado d'esta Universidade, toda a severidade contra o sr. Alcantara.

Não sabemos qual dos dois estudantes foi o offensor nesta questão e por tanto nada podemos dizer a este respeito.

Mas a nós parece-nos, embora se tenha usado por um anachronismo, que a carta constitucional não consente que esta questão não é ao prelado da Universidade quo pertence, mas sim aos tribunaes judiciais.

Os estatutos da Universidade estão velhos e caducos muitas das suas disposições acham-se revogadas por leis posteriores tacita ou expressamente.

Hoje não ha foros privilegiados se não aquelles que a Reforma aponta, e lá não vem o fóro da Universidade. E nem podia vir. A primeira condição que se exige, nos poderes do estado, é a logica, deve ella sempre buscar-se nas leis e na vontade, e razão do legislador. Ora se nós formos admittir dois foros que não são herarchicos, o fóro judicial e o fóro universitario, pode acontecer, já tem acontecido, que um individuo fica absolvido num e condemnado noutro.

Com que direito?

Qual o fóro que tem razão?

Como explicar esta continua antinomia dos dois tribunaes? Só vemos um meio, é supprimir um d'elles, o qual não pode ser se não aquelle de que não resa a nossa lei do processo.

Não pode com justiça, pois, o corpo universitario indagar das infracções da lei commettidas pelos academicos perante a novissima legislação.

Dantes justificava-se até certo ponto este proceder, porque o estudante era um individuo privilegiado debaixo de muitos pontos de vista. Não podia ser preso sem licença do reitor, tinha uma cadeia especial, tinha mesmo um direito civil em quanto á renda das casas especial e administrativo em quanto aos açougues da cidade, etc., mas hoje que não ha nada d'isso porque razão se ha de conservar o fóro especial?

Em boa logica e boa razão não vemos motivo para semelhante proceder.

E nem se pode ao menos argumentar com os funcionarios publicos, que logo que são processados ficam suspensos dos seus empregos, porque tambem ha exemplos em que tem sido accusados de infracções alguns individuos e não têm soffrido quebra nos seus estudos.

Foram presos pelo mandado despotico do chefe da policia os pacificos cidadãos Guilherme Braga, Urbano Loureiro, Borges de Avellar, Anselmo de Moraes, etc., por terem dado vivas á liberdade!!!!

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra tenham a bondade de participar á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

### COMPANHIA REAL

DOS

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

## AVISO AO PUBLICO

Não é permittido aos conductores de omnibus, char-à-bancs, diligencias, etc., assim como aos agentes de hospedarias, ainda quando munidos de bilhetes de admisión nas gares, angariarem passageiros ou hospedes dentro das estações.

Outro sim é formalmente prohibido aos portadores de bilhetes de entrada nas estações, aproveitarem-se d'estes para venderem agua, fructas, doces ou qualquer outra cousa, no recinto das mesmas estações, a não ser que para isso tenham contractos especies com a Companhia.

Aos que transgredirem estas instrucções não só lhes será immediatamente cassado o bilhete, mas lavrado auto de noticia, em conformidade com o que dispõe o artigo 31.<sup>o</sup> e seus paragraphos, do decreto de 31 de dezembro de 1864 sendo os delinquentes entregues á auctoridade competente.

Lisboa, 9 de junho de 1873.

O Director da Companhia

M. Affonso d'Esperqueira.

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida, rua da Sophia n.<sup>os</sup> 59 e 61, encarregado dos negocios de expediente.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 réis, semestre de 30 numeros. . . . . 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 réis, semestre. . . . . 720 réis.—Avviso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.<sup>os</sup> 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da Republica Portuguesa, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 10

## O DESENVOLVIMENTO ECONOMICO NA MONARCHIA

No embate das opiniões e dos systemas o calor da refrega suplantada por vezes esta força moral, chamada logica, que organisa codigos, funda religiões, pulveriza erros, e vai mysteriosamente renovando a historia pela successiva introdução de novas aspirações na consciencia humana.

Necessita-se de muita logica em tempos de tamanha desordem intellectual, como são aquellos por que vamos atravessando. As escolas, que assentam uns principios, têm do accitar-lhe todas as consequencias com risco de perderem a auctoridade e legitimeza scientificas.

Os systemas não são organismos elasticos, aptos para tomar qualquer forma e traduzir indistinctamente os sentimentos de qualquer epoca ou civilização, como o pertenderam certos homens, que tão boa colheita tem feito na agricultura das velhas sementes.

Um systema é o que é. Nem mais nem menos. Por isso, o systema monarchico ha de ser julgado debaixo do ponto de vista dos principios que lhe servem de base. Querer alterar esses principios para depois applicar a monarchia a uma civilização mais adiantada, é tentar o impossivel. O mesmo acontece em religião. Um dogma não se altera; substitue-se.

As idéas novas querem novos moldes tambem. E' o que diz a voz magestosa e grave da historia.

Logo, a monarchia não se pode modificar até ser uma verdadeira Republica. Grande erro ha em pensal-o. Sejamos logicos e não queiramos ver consequencias, onde não ha principios que as legitimem.

Assente esta doutrina, que julgamos verdadeira, não tememos afirmar que a monarchia é incapaz de corrigir os defeitos da nossa organização economica. Porque collocar um homem acima dos outros, apesar de seu igual; dar-lhe amplas facilidades para moderar todos os poderes

sem mais regra que a sua vontade; annullal-o, tirando-lhe o mais bello característico da dignidade humana—a responsabilidade dos seus actos; e em volta d'esse homem, d'esse rei, d'esse semi-deus crear uma hierarchia de seres degenerados, destinados a sustentar o privilegio e a corrupção no seio de uma sociedade? não é justo e, sobretudo, não é proprio de quem sente em sua alma o sagrado fogo da Liberdade.

Justiça e Liberdade, idéas formosissimas a que vamos prestando fervoroso culto, não existem na monarchia, que tem e terá sempre por fundamento a irresponsabilidade de um homem.

Sem Justiça e Liberdade não é possivel progresso industrial algum.

Como poderia, pois, a troca pela qual se operam as grandes evoluções economicas, desinvolver-se e aperfeiçoar-se no sentido da igualdade, sem o influxo d'aquellas leis? A influencia dos systemas politicos nos systemas economicos é decisiva, como solememente o attestaram as phases successivas porque o ser social foi passando desde o empirismo grosseiro dos primeiros tempos até ás concepções luminosas e audazes do espirito moderno. O que primeiro se nota nos regimens despoticos é a desigualdade entre o esforço e a produção, desigualdade que ficou gravada indelivelmente nas grandes construcções artisticas em que se gastaram gerações inteiras de pequeninos, chamados escravos, para quem a historia não teve uma palavra de consolo, uma lagrima de compaixão.

O desenvolvimento economico, que os systemas monarchicos com o seu espirito injusto e ingrato occasionaram, foi inteiramente burguez e contrario aos principios fundamentaes de uma sociedade bem organizada; economia dos economistas, economia burgueza, commercio explorador, agio desaforado, roubo legal, escravatura industrial, geração do proletariado, inversão de todas as relações legitimamente fundadas na natureza do individuo. Tal é

a fórmula economica que nos trouxe a realza.

Como poderá, pois, solver as difficuldades que ella mesma occasionou? Desappareceu por ventura a causa geradora? Ou a monarchia de hoje é uma Republica, como traiçoeiramente procuram insinuar alguns seus adeptos, que se servem d'este meio para conter a onda democratica que vai subindo?

O tempo dos sophismas já passou para dar lugar á epoca das realidades. Já se não illudem impunemente as aspirações de uma civilização inteira. O homem soffreu muito; foi victima de grandes injustiças e atozes desenganos antes que o calor intellectual começasse a dilatar sua intelligencia pelas esferas indefinidas da sciencia.

Hoje todos conhecem que a monarchia, fundada em tempos de ignorancia, não possui vitalidade sufficiente para resolver os problemas economicos, sociaes e religiosos que agitam profundamente a nossa epoca, epoca revolucionaria, epoca de critica, em que as velhas instituições entram precepitamente no dominio da historia.

Portanto, o primeiro defeito do regimen monarchico para operar o desenvolvimento economico é a falta de Liberdade e de Justiça, que são as verdadeiras bases de todas as reformas sociaes.

No proximo numero continuaremos.

A. V.

## POLITICA INTERNACIONAL

Continúa a Hespanha a obra dolorosa da sua renovação politica e social, que os velhos elementos de reacção procuram vencer e aniquilar, sem se lembrarem que não ha força alguma neste mundo que possa inutilizar uma idéa, um principio, porque as idéas são o alimento moral das sociedades, alimento indispensavel sem o qual ellas não existiriam um só momento.

A fermentação que lavra neste paiz é profunda.

Não admira. Tantos seculos de monarchia, tantos seculos de catholicismo tradicional e intolerante, tantas tradições fradescas, tanto jesuitismo, tantos conventos, tanto prejuizo, tanta ignorancia, tanto fanatismo, tantas genealogias, tanta heraldica, desappareceriam em um dado momento sem ao menos lançarem um grito de indignação contra o attentado da sua existencia?! Quem o poderia acreditar?

A cousa é muito clara, e, todavia, não falta quem attribua estas perturbações á idéa republicana, a esta idéa santissima que representa a ordem por excellencia, porque o seu credo é a Liberdade e a Justiça, que são as unicas bases de um estado normal, positivo e duradouro.

Vós, que lancaes mão de todos os obstaculos para embaraçar a marcha das novas idéas; que incutis na alma do povo uns certos prejuizos contra tudo o que é progresso; vós, que quereis estancar as fontes d'onde a cada hora, a cada momento, a cada minuto, vai brotando a seiva que sustenta os principios moraes no seio das sociedades; vós, que representaes o velho espirito do passado; que pretendeis fechar todas as portas do futuro, do amanhã que tem de vir fatalmente; que envenenaeis com os vossos discursos as almas mais puras e elevadas; sois os que ainda tendes o arrojo de attribuir á Republica as desordens e a agitação de Hespanha!

A Hespanha agita se, por que quer ser livre, e a reacção lh'o embaraço; a Hespanha agita-se, por que um dia sentiu em sua alma o influxo de uma luz brilhante, e alguém pretende apagar essa luz; a Hespanha agita-se, por que quer varrer de seu solo, tantas vezes manchado pelo sangue de innocentes martyres, os milhões de prejuizos que, em nome da Igreja e do direito divino, lhe fanatisaram, durante seculos, a consciencia, fazendo d'ella uma nação pequena, uma indigna herdeira dos seus gloriosos heroes, uma nação fanatica, uma nação de beatas, que não se envergonhou de alimentar

## FOLHETIM

Damos hoje gostosamente cabimento na nossa folha á esplendida poesia que vae ler-se de Guilherme de Azevedo, um dos melhores poetas da actualidade e author já de varias obras em verso, entre a quaes se distinguem as *Irradiações*. O poeta acha mesquinho e ridiculo o culto á virgem e ao Deus das igrejas perante o grande templo da natureza, cujas forças são infinitas; ri-se do cantochão dos padres perante a harmonia e belleza que escuta nas esferas celestes e aconselha que, visto haver de tudo neste mundo, o padre não cante sómente o Deus eterno mas solte alguns *hurrahs*.

Eis o camartello que entrou na casa do Senhor. Não sei se a religião terá força para passar por estas e outras provas.

Os sonetos que vão em seguida são tambem obra de magnificos poetas que por modestia occultão o nome. Os nossos agradecimentos pelo favor com que nos honrão.

## O GRANDE TEMPLO

Eu não trajo o burel do magro cenobita, Nem me posso infligir cruéis macerações, Mas não rio d'alguem que busca a paz bem dita No seio casto e bom das grandes solidões!

Bem sei que ha na montanha aromas penetrantes E certas vibrações que podem fazer mal, Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes Amal-o com fervor no templo universal.

Em quanto sobre o altar das serras azuladas Mil lampadas do ceu derramam toda a luz, Nas velhas cathedraes já meio arruinadas O Tempo—o grande verme!—até devora a cruz?

Depois é facil ver por entre os arabescos Que a arte sensual traçou com tanto amor, A's vezes, o sorriso dos Satyros grotescos Pungindo cruelmente a face do Senhor!

Ou mais; podemos nós voar todos captivos Do sereno ideal, d'aquelle summo bem, Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos Olhando de revez a Virgem nossa mãe?!

E ainda mil trações: as musicas, as flores, Os lindos seraphins voando todos nus, Da seda que se arrasta os languidos rumores, Do insenso as espiraes, ds turbilhões de luz!

Oh! visto haver de tudo; aromas e decotes, O vinho scintillante, a viva luz do gaz, Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes, Não cante apenas Deus; que solte alguns *hurrahs*!

O fumo d'essa festa, a mim, pouco me custa: Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar, Eu tenho o val profundo, ou a floresta augusta, As montanhas, o ceu, e o bello, o vasto mar!

Da casta Natureza, ó templo gigantesco, Tu és mais amplo, sim, mais livre, muito mais! O meigo e doce olhar do Christo romanesco A multidão gentil não chama aos teus umbraes!

GUILHERME D'AZEVEDO.

## MORCEGOS

RESPOSTA AO SONETO DEECADO AO REDACTOR DO «JORNAL DA NOITE» INSERIDO NESTA FOLHA

Deixemol-os gritar. Que importa agora, Quando outro sol innunda a sociedade, Que se erga afflicta a voz da necessidade A amaldiçoar o brilho d'essa aurora?

Deixemol-os gritar... gritem embora. Que por isso não treme a Liberdade, Como timida actriz que o palco invade Aos silvos de uma *claque* ameaçadora.

Não os perturbemos nós na sua gloria, E, pois, que vão cantando a velha Historia Como as notas de um côro sepulchral...

E em quanto que elles só pensam nas charadas Vamos nós acolhendo ás gargalhadas Os artigos que vem nesse jornal.

## A MONARCHIA

Andam a dizer mal da monarchia Mas sem razão nenhuma na verdade; Pois o que dá aos bons mais garantia E pune os maus com mais severidade?

Nunca paixões de certa qualidade Prevaleceram contra o que cumpria, Nem consta que inspirasse a iniquidade Despacho, lei, decreto ou portaria.

Ha setecentos annos simplesmente Que este systema nos governa, e vêde Por toda a parte a industria florescente.

Os caminhos de ferro—immensa rede!... E quanto a instrucção... toda esta gente Faz riscos com carvão numa parede.

aquella monstruosidade a que se deu o nome de inquisição, e ao mesmo tempo de venerar as figuras horrendas dos Filippos, Torquemadas e Loyolas, cujas sombras são evocadas pelos seus legítimos descendentes, pelos carlistas.

Por tudo isto se agita a Hespanha, e por tudo isto se devia agitar.

Queriam que a Republica carregasse com a bagagem das velhas doutrinas? Que não deslocasse erros para implantar direitos e crear deveres?

Pela leitura demorada dos jornaes hespanhoes podemos chegar á conclusão de que os successos occorridos em Sevilha, Barcellona, Malaga, Valencia e Cadiz não tem a importancia que se lhe quiz dar, porque não tiveram origem em um facto notavel, mas sim em questões particulares, em questões locais. Por isso, aquellas grandes cidades, vão entrando no seu estado normal, graças á vigilancia das autoridades e do governo, que tem empregado todas as medidas de energia e prudencia, como aconteceu em Sevilha, mandando sair os voluntarios.

As difficuldades de formar uma combinação ministerial, difficuldades sérias, já foram vencidas. Pi apresentou ás côrtes o ministerio formado com; Pi, presidencia e interior; estrangeiros, Maisonnave; justiça, Gil Verges; guerra, Gonzalez; fazenda, Carvajal; marinha, Auriche; obras publicas, Costales; ultramar, Suner.

Pi declarou que o programma do governo não tinha mudado, que se resumia nisto: ordem e progresso. Disse que se necessitava de unidade para operar as reformas politicas e economicas, tendentes a melhorar as condições do quarto estado, victima da ingratição burgueza.

Suner prometeu um projecto de abolição immediata da escravatura em Cuba, declarando que desejava que ella formasse um cantão da Republica hespanhola.

Auriche prometeu a suppressão do almirantado.

A crêr o que dizem os jornaes de Hespanha este ministerio teve boa acceitação na opinião publica, por quanto o *Imparcial* afirma que diversos banqueiros de Madrid e do estrangeiro visitaram o novo ministro da fazenda, o sr. Carvajal, offerecendo-lhe recursos para acudir aos encargos da divida fluctuante, que em 30 de junho era de 120:270 contos.

Legado monarchico!

Castelar apresentou á comissão constitucional o projecto da constituição da Republica Federal Hespanhola, redigido por elle, Diaz Quintero e Canalegas.

Os trabalhos de organização não cessam, apesar dos desatinos da reacção, que busca pôr obstaculos a tudo.

Que ha a respeito de carlistas? Que fazem essas aves de mão agouro, essas aves de rapina, essas monstruosidades em a especie humana? Apoz a acção de Licumberri em que o brigadeiro Castanon com 200 homens se sustentou corajosamente contra 5:000 guerrilheiros, não se tem mais sabido d'elles. Os carlistas chamaram-lhe victoria, e todavia, perderam mais gente. Pyrho tambem abandonou a Italia extenuado de forças o seu exercito, depois de ter ganho muitas batalhas. Foi vencido vencendo.

Na França o espirito reaccionario e tanchão do governo e da direita abre de dia para dia o abysmo em que brevemente ambos serão precipitados pela forte potencia da democracia, que agora, sobretudo, cresce nas grandes cidades. O *Corsario*, jornal republicano, é suspenso. O povo protesta. Mac-Mahon quer victoriar o Shah da Persia. A municipalidade de Pariz recusa-se. O principe Napoleão entra em Pariz chamado por Mac-Mahon. Pariz trata-o com indifferença. Ranc, deputado radical, é accusado de communista. Este recusa-se a comparecer, e o povo

aplaude-o. Gambetta revela o escandalo da circular de Pascal, e a França victorea Gambetta.

Assim se vae manifestando por toda a parte o antagonismo entre o governo e o povo.

Quem vencerá? Será a vontade de meia duzia de homens ou a opinião publica de uma grande nação?

## FACTOS CONTEMPORANEOS

1

São logicos os acontecimentos.

Hontem queimavam-se os jornaes liberaes, porque atacavam o jesuitismo. Hoje prendem-se e vexam-se os jornalistas independentes, porque dão vivas á liberdade. Hontem partia o attentado de um bando de fanaticos, acobertados com a capa hypocrita da religião. Hoje é o governo, por meio das suas autoridades, que prende e espanca o povo, quando ergue a affirmação do seu amor á causa da liberdade!

Acaso haverá ainda alguém que duvide do apoio que a monarchia está dando ao partido reaccionario, depois do que foi presenciado no Porto, e tem merecido a critica severa de todos os livres pensadores?

Acaso pode ser contestada a asserção de que a monarchia, collocando-se do lado dos padres, pretende tolher a marcha da idéa democratica, amordaçando o povo nas suas aspirações livres, algemando-lhe as consciencias para o fazer escravo dos seus caprichos e da vontade imperiosa d'uma realisa desprestigiada?

Está definida a feição do actual governo. Já era saliente a sua politica facciosa. Tornou-se mais uma vez notavel a sua indole reaccionaria.

São logicos os acontecimentos, todavia.

O espirito da epoca revolta-se contra as testas coroadas; não reconhece direitos sem deveres, não corteja o papado, só porque é tradicional. Isto não agrada á monarchia portugueza, e eis-a aliando-se com os padres para guerrear os partidos avançados, auctorizando, com a sua força material, as maiores prepotencias, servindo-se dos mais condemnaveis excessos para reprimir as liberdades individuais! Ha logica neste proceder dos partidos monarchicos, aindo dos que se appellidam mais liberaes, mas o que não ha nelles é o bom senso de prever o resultado de tanta repressão odiosa que estão empregando para debellar a revolução democratica.

E' um engano! Podem conseguir entorpecer o movimento das idéas modernas, em um dia, mas não logram fazer que elle, no dia immediato, não rompa com maior vehemencia.

E' logico, que a monarchia portugueza, que tem vivido do poder dos padres, que merece a benção apostolica, e acceita a infallibilidade do Papa, porque acceita o catholicismo, esteja do lado do partido reaccionario. O povo é que deve odiar a politica dos monarchas e dos padres, porque ambos o procuram para instrumento das suas ruins paixões. Ainda ficou aos democratas o direito de dizer-lhe, que fuja d'esses elementos reaccionarios, já que lhes não permitem fazer em publico a propaganda avançada, nem tão pouco lhes consentem os gritos espontaneos em favor da Liberdade e dos principios eternos da Justiça e da Igualdade.

Em nome, pois, d'esse direito, applaudo, como republicano, a attitudo energica dos liberaes do Porto em presença do despotismo da auctoridade connivente com as manifestações aciniosas dos neo-catholicos. Applauzo do coração os seus protestos, porque são um brado valoroso contra a aliança dos padres e dos reis, e exprimem a effervescencia da paixão mais nobre que o homem livre pode aca-

lentar—a paixão pelo triumpho da causa democratica, cuja politica inutilisa pelos seus rasgos fecundos, a influencia de todos os elementos reaccionarios, que estão estabelecendo a grande luta entre o passado e o futuro, a oppressão e a liberdade.

Cumpriram os liberaes do Porto o seu dever; continuará o governo a proteger abertamente a reacção depois das manifestações que se deram?

E' natural que sim. Será natural tambem que mais depressa do que se pensa a Republica seja aqui uma realidade.

Albano Coutinho Junior.

## BIBLIOGRAPHIA

### DA REVOLUÇÃO

Conferencia feita na Federação Academica

POR

Luciano Cordeiro

De ha muito acostumado ao sedio plagiar do nosso mercado litterario, quasi julgara impossivel o accesso de um bom livro, quando ha dias passados, fui suavemente despertado pela voz austera de um ousado campeão.

Li e reli a conferencia. Meditei-a largamente. Senti nella o quer que seja de musculoso e viril que me entusiasmou docemente. Depois appliquei-lhe o escalpello com a fineza que a sciencia reclama, e para logo a introduzi entre os bons livros da minha pequena bibliotheca.—Este o maior elogio do trabalho, e, quiçá, o seu mais relevante merito.

Trata-se da revolução pela sciencia. Para isso interroga-se a natureza e a Historia; «a natureza, isto é; a mãe que pela philosophia se mostra; a Historia, isto é, a mestra que pela Philosophia revela a mãe.

«Natureza e Historia: o homem é o producto d'isto.

«Supprimi a natureza e só tendes o Homunculus. Supprimi a Historia e só tendes a Utopia. Sem uma não tendes o Homem. Sem a outra não tendes a sociedade. Ora nós o que o procuramos? O homem verdadeiro, isto é, o homem livre; a verdadeira sociedade justa. Sem aquelle não existe esta. Sem esta é impossivel aquelle.

Sem o Homem-Livre a sociedade é uma utopia. Sem a sociedade justa o Homem-livre é um Homunculus.

«A harmonia d'ambas no Homem é o direito. Teve talvez esta intuição Lermnier, quando disse:

«O direito é a vida.»

Em synthese ali fica o trabalho. As conclusões são obvias. Ou só a natureza é fatal, e então o homem, como producto d'ella, tambem o deve ser; ou só o homem é fatal e então a natureza pode deixar de o ser por isso que o principal não segue o accessorio; ou ambos são fataes e, nesse caso, fatal tambem a evolução que os gerou.

Mas o homem-livre, como quer Luciano Cordeiro, não é, nunca foi, o homem-fatal. Logo só a natureza é livre. Porém, o homem, como accessorio que é, tem de seguir o principal. Logo a contradicção é manifesta.

A meu vêr o pensamento de Luciano Cordeiro era até certo ponto muito sustentavel debaixo d'outros termos.

Eu não acredito na liberdade. A necessidade que o homem tem de se conformar com a sua razão, seguindo os dictames da propria consciencia, pode traduzir-se praticamente por meio da fatalidade.—Subjunctivamente, pois, existe a liberdade, mas só objectivamente existe a fatalidade.

Noutros termos—a liberdade é um principio innato e metaphysico, existente, apenas, nos dominos da psychologia. Quando

exteriorizado, este principio toma o nome de fatalismo.

Mas, como as relações sociaes são essencialmente objectivas, humanas—se assim me posso exprimir—segue-se que só o fatalismo domina as sociedades actuaes.

A idéa não se materialisa; é intima, espiritual. Pretendendo objectivar a propria consciencia tem o homem chegado a resultados desastrosos, confundindo o symbolo com a idéa, e retrogradando assim aos primitivos tempos da religião pagã.

A sociedade, como complexo de relações, é, pois, fatal. Os principios necessarios, absolutos são uma perfeita aberração scientifica, numa epoca em que a observação e a experiencia, coadjuvadas pela philosophia positiva, começam de actuar poderosamente nos destinos da humanidade.

Nem substancias, nem causas. Os phenomenos, succedendo-se uns aos outros, constituem de per si só uma grande sciencia—a sciencia do real e do verdadeiro. A ontologia, portanto, fica fóra de combate. Toda ficticia e abstracta tende ella naturalmente a ser substituida pela physiologia, uma das alavancas do futuro.

A parte este pequeno reparo, tem a conferencia de Luciano Cordeiro o supremo merito de uma boa linguagem, vernacula e clara, o que é deveras raro, nestes tempos de prosa baixa e obscura.

Tanto a communa de Paris como a internacional se podem tomar já hoje como uma vaga aspiração scientifica a um novo estado e melhor, e nunca uma aberração social. Nestes pontos me considero, pois, de perfeito accordo com o auctor da conferencia, rematando estas ligeiras observações por um sincero parabem a toda a *Federação Academica*, que dentro do seu seio abrigou e applaudiu tão distincto obreiro.

MAGALHÃES LIMA.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Perguntavamos nº numero antecedente como foi que S. Simon, original debaixo de tantos pontos de vista e um dos chefes do socialismo moderno, pôde ser arrastado a subjeitar toda a sociedade a um regimen sacerdotal? Isto equivale a perguntar porque S. Simon, o auctor da *Reorganisação da sociedade europeia*, das *Cartas sobre a Encyclopedica* e muitas outras obras, escreveu por fim o *novo christianismo*. A essencia d'esta obra é que a religião não pode desaparecer. «A ultima parte dos meus trabalhos, diz elle, o *novo christianismo*, não será desde logo comprehendido. Acreditou-se que todo o systema religioso devia desaparecer no futuro, porque se conseguiu provar a caducidade do catholicismo: enganaram-se: a religião não pode morrer; ella não faz senão transformar-se.»

S. Simon queria a religião progressiva; o seu methodo historico levava-o a não supprimir nem um elemento ou instituição historica. Os methodos modernos de simplificação e suppressão da auctoridade, de Proudhon e E. Girardin, eram inteiramente desconhecidos ao neto do grande senhor da côrte de Luiz XIV, o duque de S. Simon.

Combatendo o systema da religião da media idade continúa elle, não se provou outra coisa senão que elle já não era em harmonia com os progressos das sciencias positivas; mas por isso não se deve injustamente suprimil-o, deve tão sómente pôr-se de accordo com o aperfeiçoamento das sciencias.»

Para sustentar estes principios S. Simon lançava mão da historia e agitava-a a seu modo, semelhante a uma massa mole que reveste todas as formas e se presta a todos os typos e creações da arte.

Assim nos veio dizer «que foram os sacerdotes egypciacos que inventaram o polytheismo e foram os gregos que foram po-

polytheistas; que foi Socrates que inventou o theismo e que foram os romanos que o seguiram; que todas as religiões têm sido fundadas sobre o systema scientifico e que toda a reorganisação do systema scientifico arrastava por consequente melhora-mento do systema religioso, e que era d'uma grande vantagem que as idéas dos pensadores fôsem adoptadas pelos crentes.»

Eis ahí o fundo da argumentação d'este sabio.

Se toda a sciencia d'uma epocha se tornava em religião, o que se seguia fatalmente, era que os representantes d'esta religião, os sacerdotes deveriam conter entre suas mãos todo o poder, porque eram os unicos que possuíam conhecimentos capazes de guiar os homens e por consequente a theocracia era o unico governo. S. Simon nunca se lembrou de considerar o homem livre de qualquer tutela.

As vistas historicas de S. Simon são falsas, e faltas de todo o fundamento.

Já mostrámos no primeiro artigo sobre esta questão que todo o progresso da sociedade se tem effectuado lutando contra as religiões.

As asserções de S. Simon que ficam acima exaradas são uma negação do que deixamos dito, mas não nos convencem, não obstante a auctoridade do seu nome.

Para nós não é uma sociometria infallivel, e um caracteristico indubitavel para avaliarmos o progresso da sociedade, o ser a religião polytheista ou unitheista; primeiramente porque o estado das crenças religiosas não dá exactamente a medida do aperfeiçoamento social; em segundo lugar, porque todas as crenças são ainda hoje uma amalgama confusa, uma verdadeira macedonea de opiniões tradicionaes que se ligam mais ou menos ás trez formas conhecidas de religião, fetichismo, polytheismo e unitheismo.

Ninguém sustentará que os sectarios do monetheismo puro, os crentes de Allah por exemplo sejam os povos mais aperfeiçoados do globo.

O seu estado social é evidentemente inferior ao das republicas antigas da Grecia e Roma. O christianismo mesmo não se pode apresentar como um modelo de simplicidade; em quanto ao culto elle é uma copia ignobil na maior parte dos casos do fetichismo e do polytheismo. E' assim que nós vemos diariamente attribuir-se um poder occulto aos rosarios, aos escapularios, aos ramos bentos, á imagem dos santos e das santas, no meio das sociedades mais avançadas da nossa epocha.

Em quanto a dizer-se que Socrates foi o inventor do theismo e que foram sómente theistas os romanos, tal opinião tambem não é verdadeira, por quanto muito antes de Socrates eram theistas já os hebreus. Tambem não foram sómente polytheistas os gregos, foram-no todos os povos da antiguidade, os egypcios, com o culto de Isis, Tiphon, Osiris, Amuphis, etc.; foram-no os phenicios, com o culto a Adonis e Astrea; foram os persas, com o culto a Bello e a todos os astros do estrellado elemento; e, se alguma cousa copiaram dos egypcios os gregos, não foi o seu polytheismo, mas sim o seu monetheismo, que se dizia existente entre os sacerdotes do Egypto como uma doutrina secreta.

S. Simon não viu nada d'estas coisas; em primeiro lugar porque os estudos religiosos na sua epocha ainda não estavam sufficientemente desinvolvidos; em segundo, porque teve sempre como ideal uma religião e d'alli foi levado a consagrar e admittir o catholicismo, que é uma das mais perfeitas.

S. Simon pertencia a uma familia nobre de França; havia de ter todos os prejuizos da sua raça, e se se desembarçou com o tempo de alguns, não o pôde fazer em quanto á religião.

O throno e o altar andaram sempre unidos e a S. Simon não repugnava esta alliança, antes a preconizava e a queria cada vez mais intima.

Reconhece-lhe toda a auctoridade. Se se

trata d'uma questão religiosa, dirige-se ao Papa e pede-lhe o seu conselho; se é uma politica, encaminha-se para o paço do rei constitucional; se d'uma questão industrial dirige-se aos grandes capitalistas. Conserva tudo o existente na sociedade e só derroca uma coisa, aquillo sem que a sociedade se não pode conceber— a propriedade. Provavelmente porque gastou tudo o que possuia e por este meio desejava ser Papa e tornar-se o senhor da propriedade de todo o mundo, segundo os principios do seu systema.

Isto são meras hypotheses, nós queremos suppor interesses mais nobres a este sabio. Supponmos que foi arrastado para este systema, não tanto por interesse como pelo exemplo vivo da Europa.— Naquelle tempo era a epocha da reacção contra a philosophia do seculo 18, a epocha do misticismo allemão, a epocha que resuscitou o romantismo christão e que tinha á face um Chateaubriand, o poeta Novalis, os irmãos Schlegels, o philosopho Jacoby. Todos estes sabios se pozeram a deificar a idade média em prosa e verso e o resultado foi uma transformação no modo de sentir da parte de todos homens d'onde proveiu um retrocesso na sciencia; porem hoje retoma-se a cadeia interrompida do seculo 18 e considera-se a epocha romantica com um parenthesis no desenvolvimento humano.

S. Simon foi arrastado nesta corrente; é por isso que a sciencia foi muito mais longe do que as suas vistas. Nunca passou d'um theologo do socialismo; nada de definido se encontra em suas obras. Nem processos technicos, nem descobertas de industrias novas ou sciencias. Elle mesmo não possuia conhecimentos exactos sobre coisa alguma.

Quiz estudar tudo e afinal nada profundou. Uma grande parte dos seus erros provém d'esta falta.

(Continúa).

A. M.

## PROGRAMMA

### DO CENTRO REPUBLICANO FEDERAL DE LISBOA

«I.—Queremos a abolição da monarchia, e a proclamação da Republica Democratica e Federal Portugueza.

«II.—A Republica Democratica e Federal Portugueza será constituida por estados autonomos, cujo numero e limites serão fixados ulteriormente; e as cidades de Lisboa e Porto serão alternadamente as capitães da Federação, por periodos de dois annos.

«III.—Queremos que a Republica Federal tenha por base a independencia da parochia e do municipio, sem a tutela administrativa nem as instituições por esta criadas, como governadores civis e administradores de concelho, sendo a parochia e municipio completamente livres na gerencia de todos os interesses respectivos, como obras publicas, impostos, propriedades communs, escolas, policia, etc.

«IV.—Queremos que a Republica Federal Portugueza garanta a todos os cidadãos de ambos os sexos que a constituirem, os direitos individuaes: de pensar, direito de fallar, direito de imprimir, direito de reunião, direito de associação, direito á instrucção, direito ao trabalho, direito ao credito e direito á propriedade.

«V.—Queremos o suffragio universal para todos os membros da Federação Portugueza, tanto do sexo masculino como do feminino, que tiverem completado dezoito annos.

«VI.—Queremos a inviolabilidade absoluta do domicilio e correspondencia.

«VII.—Queremos a abstenção completa da lei em materia de casamento, considerando-se este como um simples contracto entre o homem e a mulher, contracto livremente consentido, ficando á lei apenas a vigilancia para obrigar os contractantes

ao cumprimento das condições a que se houverem sujeitados.

«VIII.—Queremos que a cada um assista o direito de resistir ás auctoridades, todas as vezes que estas, no exercicio das suas funcções, praticarem abusos; e que qualquer cidadão tenha o direito de chamar perante os tribunaes os funcionarios publicos, por crime de que os considerar culpados.

«IX.—Queremos para todos os cidadãos que tenham completado 18 annos e estejam no goso dos seus direitos civis e politicos, o direito de serem eleitos e tomarem parte em cargos publicos da Federação, estados, provincias, municipios e parochias da mesma; e para os quaes cargos não seja necessaria uma capacidade scientifica especial, designada pelas leis.

«X.—Queremos a abolição da prisão preventiva para todos os suppostos criminosos, excepto no caso de manifesto flagrante delicto de assassinato.

«XI.—Queremos a eleição de todas as auctoridades populares, como juizes, escriptães de fazenda e judiciaes, recebedores, thesoueiros, administradores, feita directamente pelo povo.

«XII.—Queremos a eleição de uma camara federal, na qual resida o poder soberano e central da Federação Portugueza, eleita por suffragio directo, cujos poderes durem dois annos e que tenha a seu cargo:

Estabelecer as relações diplomaticas com as nações estrangeiras;

Contrahir alianças com essas nações e fazer tractados de commercio;

Superintender sobre os correios, telegraphos e caminhos de ferro, ficando ás parochias, municipios, provincias e estados o direito de servirem-se d'elles, para fins officiaes;

Pagar os juros e amortisar a divida publica;

Resolver os conflictos que surgirem entre os estados ou entre estes e a Federação;

Legislar sobre a unidade de pesos e medidas e moeda;

Superintender sobre o exercito e marinha federal;

Organisar a defesa e fazer a paz;

Nomear, remunerar e regulamentar os empregados permanentes da Federação;

Velar pela segurança interior e exterior da Federação;

Fazer as leis necessarias para fixar a competencia dos tribunaes em todos os Estados da Federação, sobre a base de justiça gratuita, instituição do jury para todos os processos civis, criminaes e correcçoes, jury eleito pelo povo, assim como os juizes;

Fixar a epocha das suas reuniões e duração das sessões legislativas.»

(Continúa)

## LISBOA, 2 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Saiu o 1.º numero do *Rebate*, órgão do partido republicano federal de Lisboa. Inserere o programma do mesmo partido. O artigo principal é obra d'um espirito profundo que desejamos ver amiudadas vezes na arena. Na terceira pagina, subordinado á epigraphe—*O direito de pensar*, lê-se:

«Lemos as apreciações que o correspondente d'esta localidade para a *Republica Portugueza* fazia a respeito do jornal republicano federal—*O Rebate*.

«O correspondente limitou-se a dizer duas coisas, metendo a ridiculo o direito de pensar, que no programma se pede e deixou ficar no inteiro tudo o mais.»

..... «seja-me todavia licito dizer que achamos menos fundamentada a sua critica ligeira sobre o direito de pensar, que se pede no programma do *Rebate*.

«Pede? Cremos que tambem não deve

dizer-se assim. Os direitos individuaes não se pedem; elles são superiores a todas as leis.»

«O catholicismo admite a liberdade de pensar? Não admite. E o estado catholico? Tambem não. Fóra d'aquí, o anathema lançado por certa gente contra determinadas doutrinas, e a perseguição contra os que as evangelizam, significam no fundo o direito de pensar.»

Duas palavras apenas: Se a idéa que o *Rebate* apostolisa não fosse digna de veneração; se o jornal que a proclama não merecesse por tal respeito muita sympathia; existiria o ridiculo de que falla o articulista, mas esse ridiculo partiria do proprio articulista.

Sabe este que é difficil a situação de quem, obrigado a defender-se d'uma suspeita aleivosa, não pode fazel-o sem dizer algumas palavras amargas que darão momentos de prazer aos interessados nestas discordias. Affirme-se bem alto que—é uma questão quasi pessoal esta que se ventila, uma questão de palavras, e não uma questão de principios ou de doutrinas.

O articulista tomando sobre si o encargo de traduzir a intenção d'uma collectividade, diz-nos que o programma pede o direito de pensar, mais abaixo affirmá de novo que se pede esse direito. Mais abaixo ainda pergunta a si proprio se se deve dizer assim, e a si proprio responde que—não deve dizer-se.

Entretanto estou esperando a sua resolução, mas como não parece ter chegado a formal-a continuarei a dizer que—pede o alludido direito.

Diz: «O catholicismo admite o direito de pensar? Não. E o estado catholico? Tambem não. Logo o anathema lançado por certa gente contra determinadas doutrinas, etc., significam no fundo a negação do direito de pensar.»

Isto tem alguma coisa de pueril que nos dispensaria de responder se não attentasse no tom dogmatico de quem formulou coisas de tal ordem.

O articulista está, como eu, creio, fóra do catholicismo e do estado catholico: que lhe importa pois a permissão que d'alli lhe é negada? Vê no fundo dos anathemas a negação do direito de pensar: e que dirão os partidarios do direito divino? Protestam contra a suppressão de tal direito, que, segundo a theoria nova, existe no fundo dos anathemas que lhes enviamos.

Neste periodo que atravessamos, em que a palavra *sciencia* anda na bocca de todos ainda mesmo na de quem não sabe pronunciar-a, é mister não perder de vista alguma cousa que anda quasi abandonada: o censo-commun e o respeito de nós mesmos.

Nada mais sobre isto.

—O *Jornal da Noite*, condemnando a primeira republica franceza, falla com horror da corrupção do jornalismo nos tempos da Convenção e do Directorio.

E' d'uma ironia finissima! Aquillo é, por mais que digam, allusão a algum collega. O sr. Teixeira de Vasconcellos possui todos os dotes para fustigar a monarchia.

—Parece que se pensa de novo em levar ávante o inquerito no Correio Geral. Ha alli agitação e terror. Entre o perpassar d'escandalos monumentaes a que assistimos diariamente, venha esse parenthesis de seriedade e de arrependimento. Já é tempo.

—Sairá no dia 24 de julho o 1.º numero da *Democracia*, redigido pelos srs. Latino Coelho, José Elias Garcia, etc. Ignoro quaes sejam as doutrinas e a indole da nova folha. Parece que fluctuará entre a republica conservadora e o monarchismo avançado (sic.) O que for, ver-se-ha.

—O sr. Graça Barreto vae publicar um novo trabalho sobre a questão da pretendida traducção do *Fausto* do sr. Castilho. A imprensa, que exultou em tempos lievanamente com a appareição do livro do sr. Gomes Monteiro, tem guardado sobre as refutações dos srs. Joaquim de Vasconcel-

los e Garcia Barreto o mais coerente dos silencias. E' natural.

—O *Diario Illustrado* continúa a existir e prosegue na sua brilhante carreira. O *Jornal da Noite* vai trilhando a mesma senda.

D'aqui não ha a esperar arrependimento.

—Estão publicados os fasciculos VI e VII da *Bibliographia Critica de Historia e Literatura*; inserem, entre varios artigos, um do sr. Theophilo Braga sobre o character litterario do sr. Alexandre Herculano, a proposito dos *Opusculos* d'este escriptor.

E' uma apreciação severa, mas tristemente verdadeira. E' mister um desprezo profundo pela opinião cretinizada das maiorias para dizer verdades de tal ordem ácerca do nosso primeiro vulto official. Estimo ver confirmadas pelo douto auctor da *Historia da Litteratura Portugueza* as reflexões que algures formulei a proposito do ultimo livro do sr. Alexandre Herculano (1).

O mesmo numero da *Bibliographia Critica* insere um artigo do sr. Adolpho Coelho a proposito das *Raças historicas da Peninsula Iberica*, pelo sr. dr. Correia Barata. Fazendo justiça á intenção do auctor, justifica o sr. Coelho por alguns breves reparos as ultimas linhas do seu artigo: «estamos certos que se o sr. dr. Barata se convencer da mesquinhez da educação universitaria e de que se não se faz sciencia com meia duzia de livros mal estudados ou com phrases pompozias, nos dará obra que mereça o louvor da critica, e é esse o nosso desejo.»

Tambem sobre o trabalho a que allude o sr. Adolpho Coelho tive ensejo de formular um breve reparo no 1.º numero do *Espectro de Juvenal*. A verdade e a consciencia apparecem onde existem.

—Escassez absoluta de novidades.

S. P.

## NOTICIARIO

Vai publicar-se no Porto um livro intitulado—*Horas lucidas*. E' seu auctor o sr. Boaventura da Costa.

Lesseps, aquelle immortal Lesseps, que deu ao mundo o espectáculo de uma das maiores maravilhas que tem realisado a arte, projecta agora uma empresa não menos colossal que a do istmo de Suez; tal é a de unir o caminho de ferro de Orembourg, ponto avançado da Russia, com o do Pesharvur, na India ingleza. E' a arte preparando na natureza a federação do genero humano, que a politica realisarà um dia na sociedade.

Diz *La Igualdad*, eloquente jornal republicano de Madrid, que existe nos Estados Unidos um original e famoso industrial que se dedica á exploração de viventes\* curiosidades humanas. Quanto não daria este cidadão por apanhar enjaulado o cura Santa Cruz!

Recebemos um exemplar das *Theses* e outro da *Dissertação inaugural* do sr. dr. Francisco Adolpho Manso Preto. A *Dissertação* que tem por objecto «as *Cordas Vibrantes*», acha-se dividida em duas partes muito distinctas; na primeira parte expõe alguns pontos de *analyse mathematica*, necessarios para o desinvolvimento do problema; na segunda apresenta a resolução d'elle, como hoje a sciencia o considera.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

(1) Vide: *Espectro de Juvenal*, n.º 2.

Começou a publicar-se em Beja um novo jornal intitulado a *Independencia*. Diz o collega que ha de ser severo na apreciação dos factos. Bem vindo seja, que grande falta ha de campeões nesta sentina de immoralidade, a que se chama politica portugueza.

Dizem-nos que foi demittido o commissario de policia do Porto, dando-se assim satisfação ao povo d'aquella cidade, justamente indignado contra a prepotencia d'uma auctoridade que fazia lembrar os antigos tempos. Realmente a manifestação que o Porto acaba de fazer impõe um certo respeito. . . mesmo aos *grandes senhores* do poder.

O partido republicano de Zaragoza, em união com Huesca e Tétel, manifestou defender a todo o transe a republica federal.

A imprensa constitucional da nossa terra occupa-se dos acontecimentos do Porto em que foram presos varios cavalheiros. Para nós tudo isto foi um facto logico. Não concebemos liberdade existindo monarchia e religião catholica-apostolica-romana. Todos os progressos sociaes se tem manifestado no mundo ceceando a alçada da monarchia e da igreja. Levemos esta triste historia até ás suas ultimas consequencias e teremos a supressão d'uma e outra; só então podem ser livres os povos. Mas o que a nós nos admira é o zelo de alguns jornaes da opposição em defender a liberdade agora que estão fóra do poder, ao passo que quando foram governo não recuaram em fazer correr o sangue em Arada a proposito dos arrolamentos!

Coherencia, srs., se quereis ter alguma auctoridade. Sois todos uns, o ponto é serdes governo. Uns, mandaes fechar as portas do Casino, outros assassinaes em Arada, outros mandaes supprimir os circulos eleitoraes.

Sois todos uns; a coisa é estar no peileiro.

A *Verdade*, jornal carlista hespanhol ficou horrorizada por ser nomeado ministro do ultramar Suner, o atheu confesso que fez a sua profissão anti-religiosa perante o parlamento. A folha reaccionaria diz que brevemente virá do céu um tremendo castigo.

O' collega, será a *pinga* dos gafanhotos do Egypto, a subversão de Sodoma e Gomorra ou o dilluvio?

Já terminaram os actos no 1.º e 2.º anno de direito. Formaram-se duas mesas no 5.º para terminar mais depressa os actos da formatura, os quaes vão ainda muito atrazados.

Estivemos na Portella e vimos os trabalhos da ponte que se anda construindo sobre o Mondego naquelle sitio. Acha-se quasi acabada e brevemente poderão transitar por ella os carros e os trens. E' soalhada de madeira, e os arcos são de ferro, e unicamente tem de pedra os peões sobre que assenta. Consta-nos que se prepara grande festa para o dia em que se abrir o seu transito ao publico.

Tem sido muito louvavel a diligencia e actividade do municipio d'esta cidade pelo muito que tem desinvolvido os trabalhos municipaes, mandando soalhar de novo

muitas ruas, e curando ao mesmo tempo da sua limpeza.

E' pena que no meio de tantos melhoramentos uteis alguns, sumptuarios outros, lhe esquecesse a rua das Figueirinhas, que se acha intransitavel pelo seu mau piso, escalavrada e escorregadia. Muita gente pergunta: porque será que a camara tem tanta predilecção por certas ruas em quanto aos melhoramentos, ao passo que tem esquecido absolutamente outras?

Saudamos hoje alegres e regosijosos a appareção do *Rebate*, novo órgão da imprensa republicana federal de Lisboa.

O 1.º artigo intitula-se a *idéa revolucionaria*. Diz que esta idéa já não aterra ninguém, porque revolução é aperfeiçoamento. Em seguida insere o programma da republica federal portugueza. Consta de 28 artigos, o qual nós vamos transcrever, para que os nossos leitores julguem por si, e por fim emittiremos a nossa opinião sobre elle assim como o já fizemos sobre o manifesto da união republicana.

Bem vindo, collega. Vamos desbravar este terreno inculto, este matagal, esta gandara chamada Portugal monarchico. Luz e mais luz, amigos; confundamos os morcegos da monarchia. Mostremos ao povo que a Republica não é a desordem mas sim o governo da moralidade, da justiça e da economia. Ensinemos ao povo a pronunciar as palavras de *liberdade, igualdade e fraternidade*. Trabalhem todos para acabarmos com esta entidade metaphisica, chamada a politica monarchica, a politica das camarilhas; e em vez dos organismos fantasticos e apparatusos, ao fundo mortos da politica, opanhamos os organismos vivos dos estados economicos.

Tendes razão no vosso artigo de fundo; quando uma náu não pode já certar as ondas do mar salso, nem resistir aos vendavaes, atravessar os baixios e os recifes, lança-se-lhe o machado, e aproveita-se o que é util; quando um velho pardieiro ameaça ruina atira-se a terra e começa-se a readificar de novo.

A sociedade injusta, a sociedade anarchica, a sociedade velha e pôdre é semelhante á náu arruinada e ao pardieiro que tomba; a intelligencia do estadista não se revela em a conservar naquelle estado mas sim aproveitar o que ainda fór util. Ora nisto são os republicanos federaes mais diligentes do que ninguém, porque restituem a cada terra a sua autonomia, e o povo possui um sublime bom senso para aproveitar o que lhe convem.

Lêmos no n.º 71 de um papelucho que se publica no Minho com o titulo o *Correio do Minho* uma correspondencia datada de Soure onde se pertende manchar o nome de um academico do 4.º anno de direito, que teve a desgraça de levar um R. Tamanha serie de columnias e inepcias não podia deixar de apparecer em um jornal que adora os carlistas como adora Miguel II, o rei portuguez do seculo 22. Para moralidade publica temos a declarar que o academico que se pertendeu enodoar com aquellas linhas, que recordam as do *Diabo fechado na minha gaveta*, é um cavalheiro dotado dos mais nobres sentimentos, distincto pelo seu comportamento e digno da amizade de pessoas honradas.

Recebemos *La Justicia Federal*, diario democratico de Madrid, de que é redactor e proprietario o illustre Roque Barcia.

Quem ha abi que não conheça este campeão denodado da Democracia hespanhola? Livros, pamphletos, jornaes, discursos, tudo tem empregado este energico publicista para a victoria da causa republicana.

Saudamos o collega e agradecemos a troca.

Publicou-se o 1.º numero da segunda serie do XVII anno do *Instituto*. Traz artigos de critica historica e mathematica.

No Brazil, a colligação dos bispos reaccionarios tem lançado a discordia ao seio da sociedade. Notavelmente em Pernambuco, uma das provincias mais liberaes d'aquella nação, ao influxo d'um bispo jesuita e inepto, o partido do auto de fé e da forza ameaçava uma conflagração geral. A um venerando sacerdote fóra dada, pelo chefe da diocese a suspensão. O povo porém, o grande e terrivel juiz, lavrou um ruidoso protesto aclamando em altas vozes o sacerdote digno. Fallaram alguns liberaes, e a multidão que alli estacionava partiu para o convento dos jesuitas onde causou algum destroço. Este ultimo facto tem servido, nas camaras brazileiras, para notaveis debates graciosos, nos quaes tem tomado parte o senador jesuita de nome Mendes, expondo em defesa dos homens da sotaina a sua velha rhetorica declamadora. Este cavalheiro, que apenas conhecemos por alguns trechos dos seus lugubres discursos, cremos que tem proporcionado á camara momentos bastante agradaveis.

Mendes! terrivel Mendes, serás tu o Manuel Mendes Enxundia?

No *Jornal da Noite* encontramos umas prosas soporificas em defesa da monarchia. O auctor d'ellas não diz cousa alguma, sómente acha que os republicanos convictos são mais raros que os corvos brancos. Ora o auctor ha de consentir-nos uma leve pergunta: Quantos monarchistas sinceros conhece?

Cremos que os republicanos, que estão na estacada como os soldados voluntarios d'uma causa santa, dão maior prova de convicção, do que esses que, defendendo a monarchia, defendem os seus empregos, as suas conveniencias. . . e os seus estomagos.

## EXPEDIENTE

Os nossos illustres assignantes que sahirem de Coimbra, tenham a bondade de partel-par á redacção o local para onde desejam que lhes seja remetida a nossa folha.

## ANNUNCIOS

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida, rua da Sophia n.º 59 e 61, encarregado dos negocios de expediente.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . 300 reis, semestre de 30 numeros. . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . 360 reis, semestre. . . 720 reis.—Avulso no proprio dia 20 reis.—Annuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA.

Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção da *Republica Portugueza*, Coimbra—Couraça de Lisboa, 87.

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 11

## A INICIATIVA EM PORTUGAL

O espirito d'imitação que ha longos annos invadiu Portugal, não tem permitido que este paiz se apresente deante das nações modernas com uma individualidade característica.

Cheios d'orgulho pelas descobertas do 15.º e 16.º seculo, os portuguezes entenderam que lhes bastava essa iniciativa, que transformou completamente a vida na velha Europa, e não mais trabalharam. Camões foi a sua gloria e á sombra d'ella adormeceram.

Portugal d'esde então acceitou o que viu lá fóra.

Practica e administração, sciencias e artes tudo foi importado.

Fazem-se revoluções liberaes? Portugal acceita-as, mas só depois de as ver sancionadas nos outros paizes.

A sciencia não uma nova direcção? Portugal traduz os livros que a ensinam, mas de forma alguma entra nos combates que ella promoveu.

Descobre-se um processo qualquer que aprefeiçoe a industria?

E' tambem só depois de lhe ver os productos, que Portugal rotineiramente o acceita.

Hoje discute-se nos congressos e nas barricadas o problema politico-social; e nós o que fazemos? *Temos bom senso e imitamos.*

Os estabelecimentos onde entre nós se ensinam as sciencias, e a imprensa official têm *bom senso.*

Os nossos homens d'estado imitam.

Nos estabelecimentos scientificos, e muito em especial na Universidade, os mestres uzam d'um compendio, lêem os seus paragraphos com toda a seriedade, dizem as partes de que elle consta, e julgam ter feito uma prelecção.

Se por ventura algum discipulo, justamente indignado, afirma as ultimas verdades da sciencia, se rompe com os velhos processos, e se desembaraça, do clacicismo official, chamam-lhe desvairado e louco.

E elles os homens *asitados* são mestres e vivem satisfeitos de si e da sua obra.

A imprensa jornalística representante do juizo pratico evangeliza.

E' o *Diario de Noticias* que, acompanhando tres paginas d'annuncios com umas graçolas burguezas, umas inepcias sobre o movimento operario, e as pretensões das classes trabalhadoras.

E' o *Diario Illustrado* que refuta com umas interrogações, que n'outro paiz seriam a vergonha d'um analfabeto, o programma da Republica Federal.

E os homens d'estado? Esses promulgam leis copiadas da França, e espreitam o que as outras nações fazem.

No meio porém de tudo isto levanta-se em Portugal um punhado de mancebos, os quaes profundamente convictos das verdades da ordem politica, da ordem social, da sciencia, das artes e da litteratura, as affirmam desassombadamente.

Em politica estes homens novos affirmam a Republica Federal; em economia combatem o despotismo do capital, e defendem uma justa distribuição.

Estas affirmações que por ahi se tem feito vagamente temol-as mais ou menos, desenvolvido n'esta folha.

A Republica Federal tem de ser diversamente organizada conforme o genio as tradições e o clima do povo a que tem de se applicar.

A organização da Republica Federal portugueza deve ter em consideração os costumes, e as attitúdes portuguezas.

Temos longas possessões ultramarinas,

as quaes ainda hoje se regulam por umas leis diversas das da metropole, e vivem, não como nossas eguaes, mas como escravas, ou quando menos como creanças tuteladas.

E' tempo que estas colonias se emancipem, e formem ao lado, e como egual de cada uma das provincias do continente, os diversos estados da Republica portugueza.

Organisemos a Republica Portugueza, segundo o caracter dos portuguezes, fujamos da imitação, e deixaremos de ser um satellite; teremos individualidade característica.

A. D.

## POLITICA INTERNACIONAL

Falla-se em nova crise ministerial em Hespanha, mas pouco credito nos merecem estes boatos propalados quasi sempre pelos inimigos da republica. Depois da conferencia do ministro da fazenda com os banqueiros é certo que os fundos subiram e renasceu a confiança pelo novo governo, que tem homens de grande energia e saber.

Foi nomeado para director da guarda civil o general Socias; o ex-ministro general Acosta para capitão general da Catalunha, e o general Velarde para a capitania de Valencia.

Os jornalistas que têm lugar na tribuna do Congresso felicitarão ha dias o ministro da fazenda, pelas suas consoladoras palavras, a respeito do estado da questão financeira. O sr. Carvajal agradeceu numa carta eloquente onde diz que se recorda dos primeiros annos da sua carreira em que foi tambem jornalista, e se honrou com esse titulo.

mais é preciso que elle viva e que tambem saiba onde ha consciencia e onde a não ha.

Tudo isto vem de molde para lhe dar um conselho de amigo, cuja oportunidade me não parece intempestiva, nem tanto pouco indiscreta.

Com os *Ciumes de Bardo* e com as *Noites do Castello*, o lyrismo deu o que tinha a dar. Demasiada teimosia é já, para não dizer temeridade, o tentar resuscitar uma escola que nenhum direito tem á vida. Creio piamente que todos preferirão Guerra Junqueiro a Eduardo Vidal.

Não nos illudamos, porém. Eu não sei mesmo se Vidal ainda hoje tem leitores. Supponho bem que não. Pelo menos foi esse o resultado de algumas observações por mim colhidas, durante a minha peregrinação litteraria.

Façamos da poesia um instrumento de civilização. Corramos por meio d'ella para a futura regeneração social. Em vez de um individualismo exaggerado e de um sentimentalismo absurdo, transformemos a litteratura em bom ensinamento historico e util lição de direito.

A liberdade que actualmente inspira os modernos trovadores e o amor da humanidade que lhes eleva a alma em eloquen-

São grandes os prejuizos feitos pelos ferozes carlistas em Tivisa. Quatro casas de campo foram reduzidas a cinzas, e roubados os celeiros, Incendiaram, roubaram e fugiram. Calcula-se em perto de réis 50:000\$000 os prejuizos. Imagine-se o estado, a que estes vandalas reduziram aquelle pequeno povo.

A facção que causou estas lamentaveis perdas, foi a do cura Felix, que mandava uns 300 salteadores.

E accrescenta a *Egualdade* d'onde transcrevemos esta noticia:

—Que triste exemplo dão os curas do nosso paiz!

Preoccupa tambem muito nesta occasião o que se passa na Allemanha. Bismark, dizem uns, pedira uma licença illimitada, e dizem outros que dera a sua demissão ficando unicamente com o cargo de chancelier. A lucta aberta entre os partidos liberaes que appoiaram a expulsão dos jesuitas, e os protectores das ordens religiosas, parece que se vai manifestando pelas tramas, que estes ultimos preparam em silencio e cujos resultados sómente apparecem á luz do dia. Nós temos toda a esperança de ver em breve triumphar a idéa liberal, que tão denodados apóstolos conta já na potente nação allemã.

Em França o assumpto do dia é a visita do shah da Persia. Mac-Mahon, o fementido presidente da republica, projecta dar em honra do *viagor*, banquetes, paradas, festas, illuminações, cujo apparatus se reflectirão um pouco sobre elle. O shah de certo lhe ha de offerecer algum diamante. Este systema de condecorar têm-lhe trazido muitas sympathias.

tes vibrações, não podem deixar de ser no futuro, os grandes e sublimes principios da arte universal.

Até lá o trabalho, se é que alguma coisa pode valer o trabalho, num paiz onde a impotencia e o indifferentismo tudo valem e tudo podem.

Abstenho-me de transcrever para aqui algumas estrophes do seu formoso livrinho que mais agradavelmente me impressionaram. Para outros lidadores deixo a tarefa. O que é mister que se saiba é que nesta sua estreia o amigo affirmou intelligencia, boa fé e vontade. Tanto basta, creio eu, para que a victoria lhe sorria.

Disse-lhe o que pensava e nada mais. Já não é a mim, mas, sim, á fatalidade da civilização que o meu amigo deve estas minhas palavras. E' ella effectivamente que nos ordena este novo rumo — social e historico.

Explore-o o Alberto Carlos em proveito da Humanidade e verá então como estes factos são deveras eloquentes e dignos de ser attendidos.

Por aqui me cerro agora, apertando-lhe cordealmente a mão, como dedicado que sou a todos os que, como eu, estudam com boa fé e sinceridade.

Coimbra, 73.

MAGALHÃES LIMA.

## FOLHETIM

### BIBLIOGRAPHIA

#### IMPRESSÕES AOS DESESEIS ANNOS

por

Alberto Carlos Freire d'Oliveira

(Carta ao auctor)

*Meu amigo.*— Volvidos são já dois mezes depois que recebi o seu livro. Mais cedo, de certo, lh'o teria agradecido, se por ventura m'o tivessem permitido os meus trabalhos academicos. Entretanto grato me é recordar que tenho a tratar com um moço de 20 annos, cujo coração generoso é sempre facil em perdoar e difficil em condemnar.

Acerca do seu livrinho que lhe poderia eu dizer que o amigo não sabia?

Dedicado desde muito ás sciencias sociais, quasi havia esquecido a nossa pobre litteratura, quando, um bello dia, fui despertado pelas suas—*Impressões aos deseseis annos.*

Li-as num intervallo em que meditava uma obra de Proudhon, e, confesso-lhe, que, a par de alguns defeitos, proprios dos verdes annos em que fóra elaborado

aquelle seu trabalho, tambem lhe encontrei algumas bellezas, filhas, sem duvida, de uma alma elevada e de um nobilissimo coração.

Porém eu não creio, nem pude jámais crê-lo, que a missão da critica moderna se limitasse a meia duzia de palavras sem significação, chatas e repugnantes.

Primeiro que tudo é mister investigar bem a lei da evolução que presidiu a um dado trabalho litterario. Assim a poesia do sceno passado está muito e muito longe da poesia do seculo presente. Cada uma na sua esphera d'acção propria e independente. O *meio* onde se gerou o estro poetico de Lamartine é um perfeito anachronismo, relativamente ao meio onde se iniciou o talento vulcanico de Victor Hugo.

O anil do céu, e o perfume das flores, e o suspirar do lago, e o sorrir das Margaridas constituem um profundo contraste com o ribombar do canhão que hoje se houve nos campos de Marte e com a voz serena da justiça que agora nos falla e nos entusiasma pela benefica aurora da Revolução.

De luta é a epoca, meu amigo. Deixemos as flores para outra occasião. O povo, que tem fome, não pode cuidar senão das suas miserias. E antes de

Os effeitos reaccionarios do novo governo francez vão-se fazendo sentir. A persistencia que esses homens manifestam na idéa do proximo deportamento de Rochefort, e a perseguição insidiosa a Ranc, deputado francez, e a celebre circular lida por Gambetta na assemblea não nos deixam duvidar um momento das intenções dos partidarios do militarismo e ultramontanos.

Para nós estes actos insidiosos não de mostrar mais uma vez o odioso d'um sistema politico qualquer que se envolva traiçoeiramente na elamyde alvissima da Republica. E temos que a aurora da verdadeira republica ha de renascer e banhar em sua luz, o solo que os martyres da liberdade tem fecundado com o sangue das suas veias. A oppressão pode durar um momento, mas é certo, que a justiça va emergindo do lodo das velhas sociedades, como a flor surge d'um terreno paludoso.

Quando homens como Gambetta pedem ao povo tranquillidade e confiança, é que o inimigo é ephemero.

Do Brazil dão-nos os jornaes a copia d'um decreto em que o governo annula os actos d'um bispo-frade-jesuita.

Com uma bella ironia, diz o decreto, depois de annullar as prepotencias do inepto *Barba-longa*, que aquellas determinações não implicam uma censura a sua reverendissima. Veremos se lhe aproveitara a lição.

Consta que o kan de Kiva se rendeu sem condições em companhia dos seus ministros. Bom proveito.

Da Italia o assumpto de momento é a viagem de Victor Manuel á exposição de Vienna e a Berlim.

Nos Estados-Unidos projecta-se uma grande exposição universal que terá logar na Philadelphia. E' um projecto gigante, e está bem de accordo com a constituição da grande republica americana onde o progresso não tem peias. Será uma grande festa universal.

#### CARTAS MONARCHICAS DO SR. . . . S. (1)

Passou-nos em claro a primeira. E' pena: a avaliar pela que se lhe segue deve ser um modelo do genero. Temos aqui, diante de nós, a 2.<sup>a</sup> carta e tomamos a liberdade de cortar-a em grossas fatias, applicando, em seguida, a estas a marmellada conductorã.

O sr. . . . S. é um anonymo: não nos merece, pois, a consideração que tributamos a quem defende abertamente um principio que adoptou, uma idéa que tornou sua. Admittindo o anonymo em uma redacção, solidaria na defesa das suas doutrinas, temos de condemnal-o com a maxima energia numa individualidade que só por desfastio desce á arena.

Cortemos, pois:

1.<sup>a</sup>—Diz: que o mal alinhavado das suas idéas expostas sem elegancia nos conceitos e na phrase, por não saber fazer melhor, atrahirá pouca gente áquella *discussão*. (?)

Vamos ao doce:

Quem tem idéas e não sabe alinhavá-las guarda-as para o chá domestico e não vem lograr o publico, que compra por bom dinheiro um jornal, no intuito de ler boa doutrina, bem alinhavada. Se no cerebro lhe labuta em pinotes dantescos a idéa salvadora, o sujeito atacado faz completa abnegação da *gloria* que poderia caber-lhe e pede ao primeiro mercenario da imprensa um alinhavado nas idéas em questão.

(1) *Jornal da Noite*.

Não falta em Lisboa quem alinhave, seja o que for. E' questão de preço.

Se o sr. . . . S. estava convencido de que os sus *desconchavos* (textual) não mereciam a pena de serem lidos não se mostrasse tão *escamado* contra os que julgou contrarios e conservasse-se no silencio do seu viver burguez e dinheiroso.

Não quiz: supportamos-lhes os desconchavos, as idéas mal alinhavadas, etc. Sofra-nos esta pequena represalia.

Cortemos a

2.<sup>a</sup>—Diz: que não é cortezão; que podia ir ao paço e não vai; que não tem fitas, nacionaes ou estrangeiras; etc.

Adocemos: Estão em voga a austeridade, o desprendimento das coisas mundanas e as lamentações sobre a ingratição dos homens. Foi introduzida a moda pelo sr. Alexandre Herculano; não quer dizer isto que o sr. . . . S. seja um segundo Herculano; cremos que não é. O que vemos no fundo de tudo aquillo é uma espantosa accumulção de ridiculo. A austeridade (e não podemos duvidar da do sr. . . . S.) que se apregoa, a abnegação a tres quartos, obrigam a nutrir idéas que não expomos porque receberiam não alinhavadas como é preciso:

Adiante, pois, e vamos á

3.<sup>a</sup>—Diz: que teme a republica porque ella nos riscaria da lista das nações, onde temos figurado com gloria e não quer que a republica que está na mente de alguns especuladores, estabeleça a anarchia no paiz, etc.

Vá o doce:

Accode-nos o desejo de citar, mas sabemos que é escusado: o sr. . . . S. dirá, ou alguém diria pelo sr. . . . S.: estamos em Portugal e não em . . . —Isso que os srs. . . . S. nos indicam como um *obstaculo* é uma *justificação*: estamos em Portugal, é certo. Estamos bem? O sr. . . . S. diz que sim. Os factos desmentem o sr. . . . S. O sr. . . . S. apontará para a Hespanha e dirá ás multidões cretinizadas: «Vede o estado d'aquella infeliz nação. O sr. . . . S. finge esquecer que não vogamos em maré de rosas durante as lutas pela liberdade; fingirá desconhecer os roubos, os morticínios, as vinganças pessoais, as delações infames inspiradas pelo odio, menos infames é certo que as delações legalizadas pelo sr. Fontes em 1873; fingirá olvidar o sr. . . . S. que a revolução, a grande, a que tanto inspira as carpideiras, deixou na sombra um mar de sangue e não foi por isso menos luminosa; a reforma não foi filha de pacificas ordenações ou de portarias dictadas por um estadista de cache-nez; nunca uma conquista do pensamento se realisa, sabe-o o sr. . . . S., ou deve sabel-o, sem abrir largos e profundos traços na onda incommensuravel dos combates do direito.

O sr. . . . R. falla nos ambiciosos a proposito da Republica; é bello o aviso aos incautos, numa terra onde os deputados ás côrtes, os representantes do paiz, os governos emfim, se guerreiam a barris de vinhos e a fatias de queijo fresco pagos aos eleitores sizudos, aos eleitores monarchicos, á *opinião esclarecida*.

Vejamos a

4.<sup>a</sup>—Diz que o dinheiro gasto com a lista civil é inferior ao que se gastaria em eleições da *republicueta*.

Como temos ironia, não attica, irá mais adoçada a fatia.

A horda de parasitas que sugam escandalosamente os dinheiros publicos; os trantantes desmascarados que exercem seis empregos; os generaes-beleaguins; os espiões officiaes; os jornalistas assalariados; as testemunhas falsas recompensadas; a aposentação dos funcionarios improbos, imposta como castigo unico; toda a escoria de madraços e analfabetos e toda a horda de consciencias pôdres postas em almoeda, são, pois, para o sr. . . . S. condições indispensaveis num estado, entidades inseparaveis do nosso viver nacional, visto que sua mercê não lança nas suas verbas

monarchicas as despezas produzidas por estas gentes! . . .

Numa terra onde um cavallo de sua *majestade ganha* mais do que um professor de instrucção primaria; onde, com o maximo descaço se lança ao rosto do povo a sua ignorancia depois d'um attentado d'aquella ordem; ha ainda quem ouse erguer a voz a fabricar perfidas insinuações contra os seus contrarios, a estabelecer confrontos irrisorios entre o esbanjamento infame do fructo do nosso trabalho e as pretendidas despezas d'uma eleição de presidente! . . .

Fallais de despezas de eleição como se as conhecesses a fundo!

Já agora envolva-se o resto da epistola nas ultimas linhas que vão lêr-se. O sr. . . . S. falla-nos das *virtudes do rei de Portugal* e diz que sua *majestade é entre nós estimado e respeitado*.

Isto é simplesmente uma imprudencia, uma provocação. Se não estivessemos rezolvidos a ser benevolos por caridade christã, diriamos que o amor do sr. . . . S. pela monarchia não se estende até ao homem que a representa. A consciencia do sr. . . . S., a do chefe do estado e ainda a consciencia publica, que respondam a semelhantes afirmações.

O sr. . . . S. termina a sua carta justificando cabalmente os receios que e acometteram ao lançal-a a publico.

D'estes defensores da monarchia venham aos milhares! E' tudo pouco.

Julho, 5, 1873.

SILVA PINTO.

O *Diario Illustrado* vale um dinheirão! Faz-nos assistir a scenas de familia transportadas á imprensa. E' o *enfant gaté* que está amuado. Diz umas phrases piegas e faz trombas ao *Diario popular*. Não sabemos como se absteve de lhe fazer figas. Era mais significativo.

Nunca imaginamos que o ridiculo podesse attingir um tal grau de perfeição!

Como a creança que leva quatro palmatoadas, o *Diario Illustrado* vem-nos fazer queixa do *Popular*. Põe a cabeça em agua pensando numa vingança bella! Está azedo, avinagrado, cheio de despeito. Consulta os amigos. Pergunta a Christovam o que ha de fazer. Christovam toma ares fataes, põe a cabeça entre as mãos e medita. D'esta meditação, como de todas as do serio escriptor, nada sae.

A indignação do sr. Pedro Correia cresce, avermelha-se. Mostra uma cara de metter medo ao proprio Ferrabraz d'Alexandria. A gente pasma, e os amigos dedicados perguntam-lhe se está para morrer o seu jornal. Elle nada responde, caminha e pensa.

Este quadro triste explica-se pelo comunicado do sr. Lisboa, que o *Diario Popular*, inseriu em suas columnas de annuncios.

Espalha-se um terror panico pela cidade. Fazem-se conjecturas arrojadas. Imagina-se tudo. Que fará *elle*? Irá comprar um punhal envenenado? Pedirá ao governo que nos mande enforcar? Suicidar-se-ha? Escreverá algumas cousas desagradaveis?

Não! tudo isso era pouco para castigar o *Diario Popular*. O terror ganha-nos. Começamos a recordar-nos vagamente das tragedias antigas.

Pobre *popular!* sobre a tua cabeça reformista está suspensa uma terrivel espada de Damocles. De certo vaes morrer. Que *elle* ha de ser terrivel na sua colera e o teu castigo de certo será medonho!

Quando a anciedade tinha subido ao seu auge, e se ouvia um murmurio atterrador como o borborinho que sae da multidão, quando o condemnado põe o pescoço nudo sobre o angulo do cepo, e o machado sinistramente se levanta nas mãos do algoz, dando aos nossos olhos os reflexos metallicos do seu gume afiadissimo, *elle* tragicamente declara que d'alli em diante não

mais trocará o seu jornal com o *Diario Popular!* . . .

E o jornal reformista, que não pode viver um só instante sem que haja a troca, o grandissimo infeliz que incorreu no desagrado do jornal do sr. Pedro Correia, sente-se vergar ao peso d'esta condemnação horrorosa. Olha aterrado em volta de si, e não sabe o que fazer. Se nós podessemos arranjar uma carta de empenho de Christovão e outra de Jayme, para desarmar a colera do *illustrado*? Mas não! é impossivel. O teu castigo é medonho, oh, *popular*, nada te pode valer. Sim! não mais trocarás com *elle*.

Horror! Horror! lance unico, lance inesperado, castigo pasmoso. O sangue gela-se nos nas veias. Passa-nos diante dos olhos o mar vermelho, um mar de sangue. A penna cae-nos da mão e desmaiámos.

Oh Shakespeare como és pequeno ao pé d'isto! Oh *Diario Illustrado* como és cruel! . . .

Muita gente pensa que a Republica é uma coisa que nunca existiu permanentemente e tem sido só adoptada por poucos povos. O melhor modo de desvanecer este juizo é apresentar a lista das republicas do globo.

Para este fim dividimos as republicas em antigas e modernas, isto é, antes de Jesus Christo e depois d'elle.

#### REPUBLICAS ANTIGAS

A republica mais antiga do globo, cuja historia chegou até nós, é a republica da confederação phinicia na Asia. Foi fundada em 1440. A sua duração foi de 840 annos. Era composta de differentes cidades entre as quaes figuravam Tiro, Sidon, Tripoli, etc.

Segue-se a republica dos judeus, tambem na Asia. Foi fundada em 1080 antes de Christo. Durou 565 annos. Era democratico-religiosa. O seu ultimo chefe foi Samuel e seu primeiro rei, Saul. Em seguida cahem debaixo do poder dos persas e só recobram a independencia no tempo dos Machabeus. Constituem-se de novo em republica theocratica em 167 antes da mesma era, até ao anno de 132 dr mesma, em que é proclamado rei João Mircão.

*Republicas gregas.* Republica de Argos. Foi fundada em 1190 antes da nossa era. Durou 1000 annos; era uma oligarchia. Seguiu a sorte de Corintho.

Republica de Sparta. Foi fundada em 1186 antes da nossa era. Durou 996 annos. Republica aristocratica e militar. Licurgo foi o seu maior legislador. Era uma republica communista.

Republica da conferação jonica (Asia menor). Fundada em 1130 antes de Christo; durou 473 annos. Foi sujeita aos romanos por Silla. Era uma republica democratica.

Republica de Siciao (Grecia). Fundada em 1129, existiu 1083 annos. Republica oligarchica.

Republica de Thebas. Foi fundada em 1126 antes da nossa era. Durou 791 annos. Foi successivamente aristocratica e democratica.

—Athenas—A primeira republica da Grecia. Foi fundada em 1090 antes da nossa era. Durou 1009 annos. Republica democratica. Solon foi o seu primeiro legislador; deu-lhe uma constituição modello.

Republica da Carthago (Africa). Fundada em 1059 antes da nossa era. Durou 913 annos. Republica aristocratica.

Republica de Corintho (Grecia). Fundada em 777 antes da nossa era. Durou 630 annos. Republica aristocratica.

Republica de Siracusa (Italia). Foi fundada em 756 e durou 265 annos. Getão estabeleceu a monarchia em 491; foi restabelida a republica em 405. Dionisio fez-se rei em 405. Timoleão restabeleceu

a republica em 342. Agatocias derribou-a novamente; a democracia restabeleceu-a até 289. Hieron foi eleito rei em 259 e morreu em 215. Republica novamente ainda o grande Marcello apoderou-se d'ella e ficou desde ahí em diante sujeita aos romanos.

Republica romana (Italia). Foi fundada em 509 antes da nosa era. A sua duração foi de 478. Foi uma republica democratico-aristocratica. Augusto foi o primeiro imperador. Foi reconstruida em republica, debaixo do dominio dos papas pelo consul Crescencio em 972 e em 1347 pelo tribuno Rienzi.

Republica da liga acaica (Grecia). Republica confederada. A sua fundação data de 259 antes da nosa era. O seu heroe é Philopoemen.

#### REPUBLICAS DA EDADE MÉDIA

Republica de Veneza (Italia). Durou 1376 annos. Republica aristocratica.

Republica de Mantua. Foi fundada em 430. Durou 684 annos. Republica oligarchica.

Republica de S. Marinno (Italia). Começou no seculo 5 e existe ainda. Republica patriarchal.

Republica de Andorra. Foi fundada em 790. Existe ainda.

Republica de Milão. Fundada em 898. Durou 379 annos. Oligarchica.

Republica de Pisa. Foi fundada em 888 e durou 517 annos. Aristocratica.

Republica de Genova. Fundada em 1020 durou 716 annos annos. Aristocratica.

Republica da confederação das cidades anseaticas. Foi fundada em 1100 e não se pode determinar quando acabou, porque as cidades foram-se desligando pouco a pouco.

Republica de Siena (Italia). Fundada em 1160. Durou 369 annos. Republica democratica.

Republica Florentina. Foi fundada em 1215. Durou 314 annos. Foi democratica e em seguida aristocratica.

Republica da Suissa. Fundada em 1308. Dura ainda. E' federal.

Republica de Hollanda. Fundada em 1560; a sua duração foi de 212. Era tambem federal e foi um dos governos da Europa que abriu maior brecha no absolutismo dos Phillippes.

Republica ingleza. Foi fundada por Cromwell em 1649. Durou 11 annos.

Republica de Corsega. Fundada em 1753; durou 16 annos. Republica unitaria.

Republica franceza 1.ª; fundada em 22 de setembro de 1792. Duração de 12 annos; 2.ª fundada em 24 de fevereiro de 1848. Duração 3 annos; 3.ª fundada a 4 de setembro de 1870; existe ainda.

Republica de Batavia (Hollanda) fundada em 1758, durou 12 annos. Republica democratica.

Republica cisalpina (antigo Piamonte) Fundada em 1797. Durou 8 annos. Republica democratica.

Republica transalpina (Lombardia). Fundada em 1797 durou 8 annos.

Republica liguriana (Genova). Fundada em 1797; durou 8 annos. Republica democratica.

Republica romana (antigos estados da Egreja). Foi fundada em 1788. Durou 3 annos. Democratica.

Republica Parthenopea (Napolos). Foi fundada em 1797; durou 3 annos. Democratica.

Republica hespanhola. Fundada a 11 de fevereiro de 1873. Existe ainda.

#### REPUBLICAS DA AMERICA

Republica dos Estados Unidos. Fundada em 4 de julho 1776. Existe ainda. E' a primeira republica do mundo. E' federal.

Republica do Paraguay. Fundada em 1810; existe ainda. E' unitaria.

Republica da Colombia. Fundada em 1819. Durou 12 annos. Republica confederada que se decompoz em diferentes estados.

Republica argentina. Fundada em 1819. Existe ainda. Unitaria.

Republica do Mexico. Fundada em 1821; existe ainda.

Republica do Chili. Fundada em 1822; existe ainda. Aristocratica.

Republica do Haiti (S. Domingos, Antilhas). Fundada em 1822; existe ainda. Unitaria.

Republica do Uruguay. (Montevideo). Fundada em 1825; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica de Venezuela. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica da Nova Granada. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica do Equador. Fundada em 1831; existe ainda. Unitaria aristocratica.

Republica de Bolivia (Alto Perú). Fundada em 1836; existe ainda.

Baixo Perú. Tambem é republica e democratica.

Republica de Texas. Fundada em 1843; durou 3 annos. Foi reunida por fim aos Estados Unidos.

D'aqui se vê que a America, um dos maiores continentes depois da Asia, é todo republicano, á excepção do imperio brasileiro.

Eis ahí fica em resumo o quadro quanto o comporta as pequenas proporções do nosso jornal, a a epoca da fundação e bem assim a duração das republicas do globo. Pode ser que tenham existido mais, porém não temos nós conhecimento d'ellas.

Havemos noutros artigos mostrar a historia de algumas, principalmente fedelistas.

Porque tantas d'estas republicas, algumas tão fortemente organisadas tão activas e tão ciosas dos seus direitos e tão sollicitas no cumprimento dos seus deveres, deixarão de existir á superficie do globo? Resposta: deixaram de existir algumas porque não assentavam na verdadeira liberdade e egualdade humana, na solidariedade e fraternidade universal. Outras porque não eram sufficientemente illustradas e poderosas para se governarem por si. Outras finalmente, porque foram esmagadas na corrente dos tempos pelas espadas dos Cesares e Monks de mãos dadas com os familiares do santo officio; finalmente porque têm havido menos Marceaux, Hoches e Wasingtons do que Napoleões.

A. M.

#### THEORIA E PRATICA

Quando Luiz XIV exclamou—*L'état c'est moi!*—o rei de França exprimiu uma grande verdade.

A realza sentiu subir-lhe ás faces o rubor da colera e ella que revogou o Editto de Nantes, ella que promoveu e sustentou a horrivel guerra civil das Cevennas, ella que occultava sob a mascara d'uma perfeita felicidade a corrupção do estado, ella disse irada e brutalmente:—O estado sou eu! Eu impero, e os homens são meus escravos abjectos.

A razão humana protestou, a justiça ergueu-se.

Eis a Revolução . . . . .

A burguezia, assustada, achou que era má a antiga forma de governo e não muito boa a nova.

Então, depois d'algum trabalho intellectual, creou um mystiforio, um *metange* lismo, a que deu o nome de constitucionalismo.

Era para ella o meio termo, o bom, o excellent meio termo.

A burguezia enganou-se redondamente

e teve os bellos exemplos do constitucionalismo em Luiz XVIII, o catholicão, em Carlos X, o oppressor, em Luiz Philippe e em Napoleão III.

Mas a burguezia é teimosa. Sustenta em quanto pode a sua realza *in minoribus* e vai gritando contra os republicanos.

Mas entretanto é justa, á sua maneira. Para ella a Republica é boa só em theoria.

Ora esta differença entre theoria e practica é o que trataremos aqui de analysar.

••

O sr. F. Gallardo na *Internacional* bem o disse: «Na practica, como na theoria, a Republica é o bem.»

Pois, digo eu, se a Republica é um bem em theoria, porque não o ha de ser na practica?

O constitucionalismo tem por fim, dizem, illustrar e preparar o povo para a Republica.

Illusão e irrisão! O constitucionalismo não tem illustrado o povo, tem-lhe dado o exemplo d'uma farçada ignobil. Não o tem preparado para a Republica,—tem-o sim, querido preparar de novo para o absolutismo. Olhai a protecção que os governos dão aos reaccionarios.

Olhai que se fecham as portas do Casino e que se abrem as da Associação Catholica.

Olhai que se deixa dizer na *Nação*, que Luiz I é um carcereiro, que Castellar é uma cabeça desorientada, que Santa Cruz é um heroe e que os carlistas são bravas hostes—e não se tolera que os liberaes do Porto commetam o nefando crime de soltar um estridente viva á liberdade.

Eis como o constitucionalismo tem preparado e illustrado. Se não faz mais é por que não pode . . .

Sim! Vós tendes razão. O constitucionalismo preparou o povo para a Republica, mas d'um modo muito differente.

Preparou-o, não pela instrucção—pela miseria.

Não pela liberdade—pela oppressão.

O povo fita os olhos na Republica que o ha de salvar.

••

Mas a Republica em Hespanha? brada a burguezia. Não vêem o que por lá vac? Não vêem o que tem dado a Republica?

Sim. Eu vejo, burguezes timoratos, o carlismo em armas, eu vejo as nações constitucionaes abrirem subscrições para mandar armas aos salteadores de comboys, eu vejo as dificuldades, os embarços que os *homens da ordem* levantam á Republica, eu vejo o cura Santa Cruz, eu vejo o tumultuar das paixões ignobeis da realza . . .

Se ha republicanos exaltados que tão mal fazem á Republica, anáthema sobre elles.

Mas, oh burguez, examina bem e não superficialmente os factos, faz a philosophia da historia e como não renegas Christo por haver Torquemada, não renegues a Republica por haver falsos e maus republicanos.

Esperai que apoz o tumultuar da revolução virá o brilho immenso da idéa nova, como apoz um céu de nuvens negras resplandece o sol.

Dizeis, burguezes, que a Hespanha é um paiz de barbaros e que por tauto não pode ter a Republica.

Oh estulticia! Estaes lavrando a própria sentença . . .

Com isso dizeis que a monarchia feroz do Philippe I, o demonio do meio dia e a de Izabel II, a *innocente*, fez dos generosos e valentes filhos de Pelayo um povo de barbaros, que a Republica é para os anjos e a monarchia para as feras.

Estulticia! . . .

. . . . . «. . . . .

Burguezes, tendes razão.

A monarchia ou é o imbecil e crapuloso da *temerosa*, ou o horrendo dos fusilamentos de Izabel, dos assassinatos de Santa Cruz!

BRUNO.

#### UM ENFERMO

(Parabola politica)

Um homem na flor da idade viu-se acomettido por umas dores num dedo do pé esquerdo, e foi obrigado a reclamar os auxilios da sciencia medica. Chegou á cabeceira da cama um grave facultativo alo-pata e disse-lhe:

—Corta-se o dedo e a enfermidade desaparece.

Um medico homœopata advertiu o enfermo de que o curaria sem necessidade da amputação; mas este desprezou-o como visionario e resolveu-se a cortar o dedo.

D'ahi a poucos dias manifestou-se a dor em outro, e o paciente invocou a sciencia d'um novo alo-pata, pois o primeiro lhe inspirava desconfiança. Chegou o discipulo de Hypocrates e disse-lhe:

—Corta-se o dedo e a enfermidade desaparece.

O paciente recusando pela segunda vez os offerecimentos do homœopata entregou o dedo aos rigores do bisturi.

Alguns dias depois a dor appareceu no musculo da mesma perna e o enfermo apelou para a sabedoria d'um novo alo-pata, pois os dois primeiros haviam dado provas de impericia. Acudiu o terceiro salvador e disse-lhe:

—Corta-se a perna e a enfermidade desaparece . . .

O paciente desprezou de novo o homœopata e determinou perder um membro tão necessario; mas vendo que a dor se apresentava na outra perna, e causado de inuteis amputações, chamou-o e disse-lhe: —Cure-me dr. mas devolva-me a perna que me cortaram:

—Nós, respondeu-lhe assombrado o homeopata, não devolvemos pernas. Nós purificamos o sangue, para robustecer o corpo e evitar amputações. Restituo-lhe a saude e com ella poderá gerar filhos saos e aos quaes não faltarão as competentes pernas.

Entretanto os trez reverendos alopatas uniram-se e antes que o homeopata puzesse em practica o seu systema gritaram:

—Olá bom homem! não creia V. nesse trapaceiro; nós curamol-o cortando-lhe a outra perna.

O povo hespanhol desprezando por largos annos a republica que lhe offerecia saude, chamava os monarchicos, os quaes lhe receitavam para as suas doenças, credidos emprestimos, productores d'uma vida fabulosa. Hoje desenganado espera dos que hontem desprezava, não só a saude mas tambem a integra restituição dos seus thesouros perdidos e só pôde obter a seguinte resposta.

—Não é possivel restituir-te a perna, porém, salvar-te-hemos de humores nocivos, terás saude, gerarás filhos saos, e compensarás a falta da perna com outras felicidades e, ou sejas tu ou teus filhos á vida ir-se-ha pagando.

Entretanto os partidos monarchicos unem-se e antes que a communhão republicana desenvolva as suas theorias, gritam ao povo hespanhol:

—Olá bom homem! não acredites nesses trapaceiros; nós curar-te-hemos cortando-te a outra perna!

(Da *Justicia Federal*).

TIMOTEO ALFARO.

LISBOA, 9 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Torna-se-me hoje difficil a tarefa que me impuz gostosamente. Ha calmaria no mar dos acontecimentos, escandalosos ou dignos de louvor. D'estes, raras vezes tenho de occupar-me, por mais que os bons desejos me incitem a fazel-o. Dos outros é consideravel o registro, mas na escan-

dalosa existencia d'esta sociedade catholico-monarchica desaparecem os factos isolados e absorvem-se no grande factio collectivo.

—O assumpto mais digno de attenção é o regulamento fabricado pela companhia das aguas para seu uso e approved pela dictadura Fontes e Companhia. O *Diario Popular* tem-se occupado vantajosamente d'esta questão deploravel. E' fadario da dicta, a sua condescendencia perpetua para com as companhias. Emfim, a companhia das aguas é um novo potentado que assoma ante os olhos deslumbrados dos pacificos lisboenses. Resta-nos saber se ainda temos um municipio que nos represente e que nos livre das prepotencias dos dignos *aguadeiros-burguezes*.

—Está occupando seriamente a attenção do publico e as columnas das folhas jornalisticas a viagem do shah da Persia. Parece que o sr. Antonio José d'Avila medita ha dias sobre a probabilidade da vinda d'aquelle parasita oriental ao nosso hospitaleiro torrão, ao passo que se informa cuidadosamente sobre as condecorações da patria de Xêrxes. Os informadores noticiosos aparam o lapis das occasiões solemnes. A *camarilha* aguça os dentes. Vidal empunha a lyra.

—Ao passo que a dictadura portugueza faz espancar os liberaes portuenses e fraternisa com a *Nação*, o governo de MacMahon insiste na immediata deportação de Rochefort e restaura o capitulo de S. Diniz, dando aos vinte e quatro conegos que o compõem—cento e sessenta e oito mil francos, ou 30:000\$000 de réis annualmente. A differença entre o constitucionalismo burguez e a pseudo-republica do tarimbeiro d'Argel é insignificante, no fim de tudo.

—O DIARIO ILLUSTRADO noticiou a estada no Porto do nosso amigo e collega Magalhães Lima. Envio a este, com um abraço, os mais sentidos pezones.

—Alguem que deu á minha saída do *Centro Republicano Federal de Lisboa* mais importancia do que realmente merece, fez espalhar o boato da minha *corrupção*. ESTOU VENDIDO, meus amigos, ou antes, FUI COMPRADO. O que se não sabe ainda é a quantia, mas não deve ser má, affiança-se...

*Miguelista, constitucionalista, ou republicano*, cuidado com o sugeito... e com as calças!...

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

O cura de Santa Cruz, diz a *Justicia Federal*, caiu com o seu cavallo num barranco em Vera, quebrando uma perna e um braço.

Do lugar do acontecimento foi trasladado á Hendaya, onde continua em mau estado.

Parece que se deram ordens opportunas, a fim de que seja capturado e entregue aos tribunaes, como reu de delictos gravissimos.

Fez hontem acto do 5.º anno juridico o nosso amigo e collaborador d'este jornal Alvaro de Mendonça.

Começaram os preparativos para as festas da Rainha Santa.

Vêm-se já pelas ruas alguns arcos levantados e trabalha-se activamente para

que fiquem promptos em breve. Estas festas que costumam chamar a Coimbra imensos visitantes, parece que este anno não desmerecerão dos outros. Se não for superior, ao menos será igual, pois os arcos que se estão levantando são já nossos conhecidos, e os mesmos, que figuravam o anno passado, quando a *magestade* por aqui andou.

Como coincide com a festa a inauguração da ponte da Portella, e como a Rainha Santa mudou de toilette, graças á munificencia da sr.ª condessa d'Edla, a coisa promete.

Nos hoteis ha já muitos quartos alugados. Previnem-se os estrangeiros.

Um caloiro, miguelista furibundo, chamava por um seu primo, nos seguintes termos:

—Oh fulano!... oh burro!

Um sujeito que ouviu disse-lhe:

—Ora tu que tens a mania de dar nas baldas certas dos teus parentes!

As obras de pintura do novo theatro da Trindade no Porto, diz o *Diario da Tarde*, foram incumbidas ao distincto scenographo Lima, devendo o tecto e a frente dos camarotes ser pintados no estylo da Renascença, e o pano da bocca que mede 10 metros de largo e 8 de comprimento, representará um quadro historico do immortal poema os *Lusíadas*.

Tem trazido o *Diario da Tarde* uns folhetins intitulados—*Diccionario do dr. Gregorio*—definindo algumas palavras com immenso espirito e verdade.

Uma definição que achamos perfeita, é a da palavra *experiencia*, esse bordão a que se agarram os velhos conservadores e ao qual se arrimam para se poderem impôr aquelles que ainda não têm sessenta annos.

*Experiencia*.—Um velho que se julga um sabio, pela unica circumstancia de ser bruto ha mais tempo que os outros.

O nosso amigo Alves de Moraes, um dos redactores d'este jornal, fez hontem acto do 5.º anno juridico. Os trabalhos a que teve de se entregar impediram-no de continuar neste numero o artigo—*Questões theologico-sociaes*, em resposta ao sr. José Frederico Laranjo.

Diz-se que hoje não haverá festejos no Porto, devido isto ao descontentamento que layra naquella cidade, por causa da attitudão do governo a respeito dos ultimos acontecimentos, que alli se deram, por occasião das festas na Sé. Justo é o descontentamento, e com razão a cidade que devia festejar esse dia radiante, deve-se vestir de luto pois vê os inimigos da liberdade, os reaccionarios e miguelistas tripudiarem sem pudor e... sem freio.

Está no prelo o segundo volume dos *Elogios Academicos* do distincto escriptor Latino Coelho. Traz o elogio historico e a biographia de Humboldt.

Os miguelistas suspenderam a pensão que davam á familia de D. Miguel. Dizem que a *Nação* vae ser substituida. Esse torpe jornal que dava guarida em suas columnas, aos artigos mais miseraveis de forma e idéa, perdendo toda a força moral que ainda podia ter nas velhas familias legitimistas, já não tinha razão de ser. Sempre que vemos tal jornal, nos lembra o ar-

tigo mais infame que temos lido, a respeito d'um exame, que ha tempos, se fez ao coração de D. Pedro IV, guardado numa urna, na igreja da Lapa.

O infamissimo jornal applaudia a idéa dizendo:

*Que d'um pequeno foco de infecção, podiam provir grandes epidemias para os povos.*

Este artigo que passou desapercibido, porque ninguem lê a *Nação*, ficou-nos gravado na memoria, como a coisa mais torpe e asquerosa, que jamais temos tido.

Um diz isto; outro chama aos liberaes do Porto *canalha liberasta*, e o primeiro não tem tido uma querella e o segundo recebe os applausos do ministro do reino o sr. Antonio Rodrigues de Sampaio. Estes factos servem para a historia da monarchia e mostram bem o estado a que chegamos. Por isso é que os trazemos aqui, apesar do nojo que nos inspiram.

Não ha que duvidar! Atravessamos uma epoca de prepotencias por parte de todos os governos monarchicos. Hontem a prisão dos cidadãos que estacionavam no largo da Sé e que deram vivas á liberdade! Hontem o fuzilamento do povo! Hontem a cerração das conferencias do Casino!

Isto é perfeitamente incrível, mas não é tudo ainda.

Na capital um grupo de cidadãos que ia protestar, dentro dos limites da lei contra uma medida qualquer, vê sair-lhe á frente os janizaros do sr. barão do Rio Zezere. Tinham elles as armas em posições hostis e as bayonetas brilhavam á altura do peito das pessoas, que por alli estacionavam.

Um bello quadro!

Decididamente este governo quer experimentar um dia a força do povo!... E' um desafio formal, o que elle lhe faz. Mas cautella, oh poderosos senhores! Vós estaes conjurando o povo a fazer justiça por suas mãos! Lembrai-vos, em todo o caso, que esse dia vos será pouco agradável.

Consta-nos que fôra riscado por um anno, o estudante do 4.º anno de Direito o sr. Crispim.

Toda a gente ficou aterrada com esta noticia, porque não consta que o sr. Crispim praticasse crime algum porque merecesse semelhante castigo.

E' a vontade d'uma corporação scientifica fazendo lei pela sua alta recreação. Por quanto tempo durará ainda este systema estúpido e absurdo d'uma corporação do magisterio se entrometer em questões de fóro e criminalidade?

Porque foi riscado um academico exemplar e estudioso segundo todos affirmam? Pois o odio e vingança tambem terão cabimento num jury de velhos e encartados doutores que deviam ser a justiça e equidade personificadas?

Diz-se que haveis sido levados a condemnar este academico por mera satisfação a um collega vosso e faccioso que não podia vingar-se d'outra maneira do sr. Crispim. Se é verdade estaes julgados. Apon-tamo-vos ao publico.

Consta-nos á ultima hora que o conselho de decanos se reuniu das 10 para as 11 horas da noite para pronunciar o *veredictum* contra o sr. Crispim porque tinha a tirar ponto no dia seguinte. Julgou sem testemunha alguma e sem forma de juizo. Se isto é verdade está qualificada semelhante *imparcialidade*. Hoje não

podemos continuar, por nos faltar espaço, mas cá ficamos de atalaia para averiguar os factos.

Chegou a esta cidade a commissão que vem assistir ás experiencias da nova ponte da Portalla.

Dizem-nos que chegaram além da commissão alguns estudantes de engenharia da escola do exercito. As experiencias terão lugar no dia 10, 11 e 12, exercendo sobre cada lance da ponte, uma pressão de muitos mil kilos. A ponte pelo que dizem os entendidos está perfeitamente bem construida, segundo os processos modernos de construcção e como tal inabalavel. Realmente são admiraveis estes trabalhos, que ao lado da elegancia, nos dão uma solidez, igual á que os antigos adquiriram á força de grandes molles de pedra.

A ponte, se não ficou demasiado elegante, cremos que debaixo do ponto de vista de segurança é o mais que se pode desejar.

Cremos que em breve vão começar os trabalhos de uma ponte semelhante desta cidade, para a outra margem do rio.

Recebemos as theses de mathematica applicada que se propõe deffender na Universidade o sr. João Francisco Ramos, um dos estudantes mais distinctos do seu tempo. Juntamente recebemos a dissertação inaugural do mesmo sr. Estranhos ao assumpto, nada podemos dizer do livro que temos sobre a mesa. Em todo o caso os creditos de que goza o sr. João Francisco Ramos, como homem de sciencia, são para nós uma garantia da bondade dos seus trabalhos.

Agradecendo ao distincto auctor a fineza do offerecimento dos seus trabalhos, apertamos-lhe cordalmente as mãos. Outros entendidos na sciencia mathematica dirão com louvor os meritos do livro.

O sr. Ramos deffende theses no dia 12.

Falleceu ante-hontem, no Porto, pela 1 hora da tarde, o sr. Ernesto Pinto d'Almeida, um dos mais estimados escriptores da geração moderna.

Era um espirito dotado d'uma bella intuição artistica, sinceramente entusiasta por tudo quanto ha de grande e sublime, ardente amator de bons versos, de boa musica, de bons quadros, e—virtude pouco vulgar—um character singularmente probo e sympathico.

Na tristeza da sua phisionomia como que se deletava o presagio d'uma existencia breve, como o florir das rosas; o peregrino, cansado da terra, erguia ao ceu este hymno de morte:

Quando chamar por mim  
Um funerario sino,  
Sepulchro! meu amigo  
Acolhe-me!—eu vim,  
Cansado peregrino,  
Buscar-te ó santo abrigo!

(Do Primeiro de Janeiro)

Abriu-se em Lisboa ao transitio o caminho de ferro Larmanjat. Foi um bello melhoramento para a capital. A affluencia a Cintra tem sido grande.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre. . . . . 300 reis, semestre . . . . . 600 reis.—Para ás Provincias—Trimestre. . . . . 360 reis, semestre. . . . . 720 reis.—Aviso no proprio dia 20 reis.—Anuncios 30 reis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61



parte obrigada, o protagonista da peça, cujos direitos, elles, os abutres reaes e divinos, dizem representar sobre a terra.

Carlos Quinto aspira á conquista do mundo inteiro, e Gregorio VII não aspira a menos.

Leão X, vivendo no doce desalinho da antiga voluptuosidade atheniense, é por ventura, superior a Napoleão III, cuja escandalosa mancebia toca o auge da corrupção e da immoralidade?

Completam-se assim as theocracias:— a da realza e a do sacerdocio, a da infamia e a da hypocrisia, a do vicio e a da mentira.

As revoluções religiosas, que, na Igreja, encontram a sua maior reacção, confundem-se com as revoluções politicas, cujo terrivel, e, as mais das vezes, invencivel obstaculo, são sempre os governos e os monarchas.

A liberdade, quando bem entendida, exclue toda a especie de privilegio, e tanto o padre como o rei vivem do privilegio e do monopolio.

Nas procissões, o andar lugubre dos mordomos coincide tristemente com o desfilar das camarilhas abjectas.

Recamado de ouro e pedrarias conserva-se o rei ainda hoje á altura de vigario.—Um, pastoreia o rebanho a quem rouba a carne e a lã, outro dirige o povo—especie de rebanho nacional—a quem sacrifica a consciencia e a dignidade.

Na antiguidade, quando não era o rei, era o padre o oppressor.

Hoje ambos opprimem, ambos tyrannisam e ambos calunniam.

Defeito imperdoavel em todos os periodos de transição.

No Egypto, como na Grecia, como em Roma, como na idade-media, como na Europa actual, o sacerdote foi sempre uma casta privilegiada e auctoritaria.

O mesmo quasi tem succedido com a realza, a qual, nas suas diversas evoluções, não é mais do que a expressão do clero, quando não é o proprio clero a manifestação da realza.

O povo é ignorante—exclamam ambos—o povo é inepto, carece de illustração; e para isso nos instituiu o Senhor com poder sobrenatural.

Como é, porém, que os apóstolos do christianismo transformaram o universo, sem um confessorio, sem um altar, sem uma bulla, sem um sachristão, sem um rosario, sem um prejuizo emfim?

Como é que Washington, o grande, o immortal libertador da America, proclamou um novo systema de governo no meio da selvajaria e do preconceito em que jaziam todos os habitantes d'aquellas regiões?

Como é que Guilherme Tell penetrou na Suissa e fez d'aquelle paiz um fertil e abençoado torrão?

E' porque o homem não é mau por natureza como vós o julgaes.

O mesmo povo, o instrumento sempre docil dos vossos planos capciosos, esse mesmo tem mais honestidade do que vós, porque, ao encarar-vos, sente o pejo das proprias faces e a indignação da propria consciencia.

Vós tendes deturpado o Evangelho, vós tendes apodrecido as consciencias, vós tendes feito a hypocrisia, o odio e a guerra, e por isso vós também pagaveis com vosso sangue tamanhas iniquidades e tão duras provações.

Quem foi que promoveu as guerras da idade-média?

Quem foi o insultador de Lutero, de Calvino, de Montalembert e de Cavour?

Quem tem impedido a união das diferentes nacionalidades europeas?

Quem, em vez de promover a industria e de fomentar o credito publico, tem, pelo contrario, incitado os povos aos campos da batalha, á fome, á sede, á miseria, á guerra e á vingança?

Quem foi o cúmplice de Waterloo, de Sadowa, de Sedan?

Quem abafou entre clamma as vozes

potentes de Gallileu, de Campanella, de Jordano Bruno, de João Huss e de tantos martyres da liberdade?

Quem mandou queimar as bibliothecas, destruir as livrarias e impedir a civilização?

Quem ameaçou o progresso humano, rindo do vapor, do telegrapho e da electricidade.

Quem mandou assassinar os pensadores innocentes, as mães desveladas, os filhos carinhosos e os paes independentes?

Quem foi, numa palavra, a hydra temerosa, cujas enormes cabeças tudo devoravam e corrompiam?

Fostes vós, ó reis!

Fostes vós, ó padres!

Vós, que tudo tendes calcado, ameaçado e interdito.

Vós, que tendes feito da ignorancia um meio de vida, e da hypocrisia um instrumento de maldição.

Uns, como outros, todos sois os mesmos. O padre é o rei, e o rei é o padre.

Um não vale mais do que outro.

MAGALHÃES LIMA.

### QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

O segundo ponto que no principio d'esta questão nos propozemos tratar diz respeito ás religiões emquanto são mera criação do espirito humano.

Diz o sr. Laranjo na sua carta que nos dirige, inserida no *Tribuna Popular* de 4 de junho:

«Quem sustenta que a philosophia se converte em religião na epoca seguinte sustenta;

«1.º Que as religiões não são reveladas por Deus, mas um resultado do espirito humano, a conversão das idéas de alguns no sentimento de muitos, o que não é conforme, mas contrario á theologia.

«2.º As religiões não são nem podem ser eternas, é da natureza d'ellas renovar-se e converter-se em sciencias, o que não é conforme, mas contrario a toda a theologia.»

Eis ahí fica expressa a opinião dos modernos theosophos. As religiões não são reveladas por Deus, nem são eternas, então que serão? qual é a sua natureza?

Nós tinhamos até hoje como sendo a verdadeira religião o laço intimo entre um certo ente metaphisico chamado Deus e todos os seres creados. Com nosco estava toda a doutrina theologica e as maximas dos santos padres, o evangelho e todos os livros santos. «*In principio erat verbum, et Deus erat verbum, et verbum erat apud Deum. In principio Deus creavit coelum et terram, etc.*»

O sr. Laranjo não se importa com o que escreveram os antigos theologos, nem ainda os modernos e vem dizer-nos: que quem sustentar que toda a philosophia de uma epoca se converte em religião na epoca seguinte, não sustenta que as religiões são reveladas por Deus, mas sim o resultado do espirito humano. Isto em vez de ser conforme a theologia pelo contrario é-lhe opposto, porque é proprio das religiões irem-se renovando com as modernas descobertas scientificas.

O sr. Laranjo faz lembrar aquelle celebre professor allemão, chamado Fichte, que no enthusiasmo do seu idealismo diz para seus discipulos: «*meus senhores, vamos crear Deus.*»

O sr. Laranjo com estas revelações que nos veio fazer, deixou de ser catholico, sem deixar de possuir todavia o espirito theologico e escolastico que é o espirito da auctoridade de que mostrou ser dominado na carta que nos escreveu. São d'estes lapsos que escapam á gente. Talvez o sr. Laranjo estivesse numa d'estas horas que nos accomettem e que eu na falta de outro termo, cognomino horas de falta de contenção de espirito; Homero também tinha d'estes momentos.

O sr. Laranjo confunde estado religio-

so d'uma epoca com estado social; são coisas inteiramente distinctas. A religião (note-se que nós vamos sempre tomando esta expressão no sentido que todos lhe attribuem, antes de tudo precisamos de nos entender) é só uma face da sociedade. Para provar esta asserção basta ver alguns periodos historicos que não obstante a sua irrelegiosidade como foi por exemplo o seculo 18, a epoca da dissolução do imperio romano pela chegada do christianismo, e a epoca anterior da philosophia grega, a sociedade com tudo caminha e desenvolve-se nas artes, nas sciencias e descobertas geographicas, tracto commercial, industrial e agricola.

A religião para o sr. Frederico Laranjo nem ao menos é uma revelação continua, uma especie de pantheismo como se encontra em muitos philosophos e nomeadamente em S. Paulo *in eo sumus, et vivimus.*

A religião para s. s.º consiste no resultado do movimento philosophico d'uma epoca; é a endeusação das opiniões de cada um, é um novo polytheismo que o sr. Laranjo nos vem trazer ao mundo. A religião não é aquella luz que nos deve guiar a todos, e que serve para oppôr um dique á desmoralização que muitas vezes os systemas philosophicos arrastam consigo; a qual leva ás vezes homens isolados e cuja voz se perde no deserto, a que um seculo se detenha naquella vertigem.

Nada d'isto; a religião para o sr. Laranjo consiste em elevar á potheose indistinctamente erros e verdades conforme elles tem curso na sociedade.

Triste religião, desgraçado systema!

A religião produziu, e foi motor noutra tempo de excelsas acções; illustrou muitos martyres, fez descobrir muitos continentes e crear muitas civilizações; fez arrostar com muitos perigos, passar muitas insonias aos seus crentes e neophitos, mas nada d'isto é ainda para o sr. Frederico Laranjo a religião, essa vem depois que o homem trabalha para a vida e ao progresso.

Em duas palavras: ou o sr. Laranjo confunde o termo religião com ensino e derramamento de instrucção pelas classes menos illustradas e onde não é dado ao escriptor confundir e mudar a significação da palavras, ou então a sua opinião é semelhante á de Santo Agostinho, que, na *cidade de Deus* nos apresentou todos os reis, consules, tribunos e magistrados do povo romano, como apóstolos de Christo, e trabalhando para gloria d'este martyr do Golgotha.

Numa Pompilio, Cassio, Cezar, Bruto, Augusto, etc., todos estes eminentes personagens foram enviados por Deus para preparar o terreno de Jesus. O bispo de Hypona estava tão embebido nestas idéas que as quiz comunicar á mocidade do seu tempo, e foi por isso que mandou escrever um resumo da historia neste sentido ao seu collega bispo Orósio. Esta idéa encontra-se também no *discurso sobre historia universal ad usum delfini* do grande Bossnet.

A não ter o sr. Laranjo alguma d'estas idéas em vista não posso attingir o que s. sr.º nos quiz dizer.

Esta ultima opinião todavia não me parece que fosse a do sr. Laranjo, porque confessa na sua carta que não vê na revelação caracter divino; e mesmo era ir com a Biblia e os santos padres, e o sr. Laranjo confessa que não é guiado nas suas locubrações pelos versiculos de S. Matheus.

Resta por tanto sómente a primeira opinião. Já vimos os pontos em que é vulneravel. No numero seguinte mostraremos mais alguns inconvenientes e absurdos que arrasta consigo este systema, pondo ao mesmo tempo, com a discussão do 3.º ponto, remate a esta questão.

A. M.

### COMMUNICADO

Vinhaes, 4 de julho de 1873.

Sr. redactor.—Pedimos o distincto obsequio de dar publicidade nas columnas da *Republica Portuguesa*, ao que abaixo se segue, certos de que por este modo prestamos algum serviço á causa da justiça e da verdade.

Bem pouco tempo ha que tomou posse da vara de delegado do procurador regio d'esta comarca o ex.º sr. Joaquim Simões Cantante, e já um espirito mal intencionado tentou desconhecital-o no publico, disparando-lhe a arma do ridiculo. De facto appareceram aqui alguns exemplares impressos d'um necrologio, attribuido áquelle digno funcionario, precedidos d'observações mordazes, inspiradas por um ignobil sentimento de vingança, e no malevolito intento de fazer d'aquelle escripto um espectro, que por toda a parte persiga o seu auctor, empanando-lhe o credito. Creemos que semelhante presente nos foi enviado da provincia da Beira, onde o sr. Cantante foi administrador ha cousa de cinco annos.

Sem fazermos a analyse do referido necrologio, não podemos deixar d'estigmatizar o procedimento desleal de quem quer que seja que promove a repetição da publicidade d'aquelle artigo de jornal, com o mal intencionado fim de promover em toda a parte o descrédito do homem e do funcionario.

Na verdade, levar tão longe o odio e a malquerença, filha d'um mero despeito politico, até ao ponto de não esquecer a victima, nem pelo decurso de bastantes annos, nem pela distancia de muitas dezenas de legoas, nem pela sua posição numa outra esphera de funcções publicas, onde não devem penetrar activa ou passivamente vinganças mesquinhas e odios pequeninos, nem finalmente, pela insignificancia do facto de que se lança mão (um necrologio que não agradou aos inimigos de s. ex.º), é dar azo a suppor que no coração dos inimigos do sr. Cantante existe um notavel vacuo de caridade christã, e, na sua alma, pronunciadas tendências de perversidade pouco vulgar. E' isto o que naturalmente se deduz dos factos, imparcialmente apreciados.

Uma outra cousa se deduz também, sem fazer violencia ás leis da logica: é que se os inimigos d'um homem, aliás de bastante vida publica, só encontram necrologios para lançar em rosto aquelle que pretendem desconhecitar, honesto homem deve ser esse, e invulneravel no seu procedimento publico e particular. Realmente ainda quando aquelle escripto fosse injustificavel e de mau gosto litterario, não tinha outro alcance contra o seu auctor, que pode ser, como effectivamente é, um intelligente e reto magistrado, sem se haver tornado notavel pelo apuro do estylo funebre. Eis a explicação por que a aparição d'aquelle documento produziu na opinião da gente sensata d'esta terra um effeito moral, bem contrario ao desejo dos detractores de s. ex.º

De resto, se querem que elle não fosse uma vez elegantemente lisonjeiro para com os mortos, confessem que é difficil ser mais amavel e justo, mais despretençioso e reto do que o sr. Simões Cantante.

Outro tanto cremos que não se poderá dizer dos inimigos d'aquelle excellente e circumspecto magistrado; e será exactamente pela differença de sentimentos e qualidades dos primeiros, que assim movem tão covarde guerra ao segundo.

Descance, pois, o ex.º delegado d'esta comarca, e continue a ser affavel como homem, liberal como cidadão e reto como magistrado, e deixe que a petulancia, a malvadez refinada, ou talvez ambas as cousas, lhe arremessem ás faces com o papel onde s. ex.º pintou como quiz a saudade e a dôr que o magoaram pela perda d'um amigo dedicado. Deixe, que não ha de ser isso o que ha de influir no seu destino,

nem diminuir-lhe o merito, a que lhe dão direito as suas eximias qualidades. O tribunal da opinião publica julga facilmente entre o amigo que chora o amigo, e o inimigo que persegue a victima.

(Segue-se o reconhecimento.)

LISBOA, 15 DE JULHO DE 1873

O assumpto mais digno de menção entre nós é a apreciação do manifesto socialista portuense. O *Jornal da Noite* avisou os proprietarios, ha dias. Aquillo é horrivel, sem ter o bello de Shakspeare, mas com seu tanto de grotesco. Parece que os pretendidos socialistas vem revelar a existencia de mais uma face comica da politica regeneradora. Tinhamos já espiões officiaes, miguelistas officiaes, constitucionaes officiaes; faltavam-nos os officiaes socialistas. São fins, mas esqueceram por ventura o *non bis in idem*. Recordemos-lho e aos incautos tambem. Estes ficam prevenidos.

—O sr. S. terminou as suas epistolas no *Jornal da Noite*. A redacção deplorava no fim da ultima não concordar em alguns pontos com as opiniões do honrado negociante. Achemos bom. Emquanto a mim peço um doce para a redacção no dia em que declarar aos seus leitores quaes são os pontos em que discorda. Deve ser curioso.

—A dictadura Fontes e Companhia suspendeu a execução do regulamento da companhia das aguas, em vista da energica representação da camara municipal de Lisboa e do meeting annunciado para o dia 13 do corrente nas salas do Casino Lisbonense. A dictadura regeneradora tem o condão supremo de eclipsar pela sua immoralidade e covardia todas as dictaduras constitucionaes do paiz. A historia d'este periodo governamental constitue um dos paginas mais trizantes dos annos do systema representativo.

No fim de contas, ha em tudo isto alguma coisa da orgia final.

A camara municipal de Lisboa comprehendeu d'esta vez a sua posição e salvou pela attitudo energica a dignidade do primeiro municipio portuguez. Bem haja por isso.

—Parece que foi rebate falso a noticia da realisação proxima d'um inquerito ao correio geral. Conta-se com o esquecimento. Vamos sempre registrando.

—Espera-se brevemente a publicação do 2.º volume dos *Opuseulos* do sr. Alexandre Herculano. A proposito: o artigo publicado na *Bibliographia Critica* pelo sr. Theophilo Braga acerca do 1.º volume correu aqui de mão em mão com grave escandalo dos carneiros de Panurge. Aquella severa analyse d'um vulto litterario que a opinião circundou d'uma aureola teria despertado noutro paiz uma polemica violentissima e por ventura luminosa. Aqui, onde a maioria dorme, não ha voz, por mais energica, que estrondeie. O que vale é termos, mau grado os meninos velhos, de acreditar nos symptomas de regeneração. São palpaveis, creio.

—Vai-se prolongando a agonia do *Diario Illustrado*. É dolorosa, mas é no fim de tudo uma expiação.

Nada mais, por hoje.

S. P.

## NOTICIARIO

Sabemos hoje já os factos e estamos inteirados da verdade a respeito do processo que o sr. padre Chaves, lente de direito moveu contra o sr. Crispim d'onde proveiu para este academico a perda d'um anno.

Dissemos no numero passado que o conselho de decanos julgara á porta fechada por alta noite, á semelhança d'aquelle tribunal de Athenas, perante quem os reus appareciam de face velada e no meio das trevas para não mover a compaixão dos juizes.

Tudo o que relatamos foi verdade e só commetemos uma falta por essa occasião: foi em sermos pouco severos. Preenchemos hoje a lacuna.

O conselho de decanos, composto do sr. dr. Bernardo de Serpa, do sr. dr. Manuel Jardim e sr. dr. Achilles, commetteu uma indignidade para relatar a qual a nossa penna não tem força.

Não se ouviram testemunhas algumas; não houve forma de processo e foi riscado, á ultima hora, das 10 até a uma da noite porque tinha no dia seguinte de tirar ponto.

O conselho de decanos diz no seu accordão que condemna o reu pela sua defeza.

Ora a defeza que nós temos presente e que não podemos publicar hoje por falta de espaço, não contem disposição alguma pela qual o sr. Crispim, já não digo que podesse ser censurado pelo reitor da Universidade, quanto mais expulso da mesma por um anno.

O facto unico que praticou o sr. Crispim para com o sr. dr. Chaves consistiu em se dirigir a este sr. e perguntar-lhe pela sua frequencia, porque lhe tinham dito que o sr. dr. Chaves lhe queria deitar um R. O sr. Chaves respondeu que lhe deitaria um R ou A conforme o acto. Houve repetição da mesma pergunta e o sr. dr. Chaves deu a mesma resposta; pelo que o sr. Crispim se despediu dizendo: visto, que o sr. Chaves não lhe dava a certeza de passar *nemine*, trataria das precauções. Nada mais houve, e por isto foi riscado um academico! No accordão apparece mais a phrase, que o sr. Crispim promettera esmigalhar a cabeça ao sr. Chaves. Esta asserção, porém, não foi garantida por pessoa alguma e além de o não ser, não é crível, porque o sr. Crispim encontrou o sr. Chaves junto á Universidade, onde sempre estacionam academicos e mais pessoas e não era possivel que se quizesse comprometter o sr. Crispim. Mas, embora isto fosse exacto, não devia ter peso nenhum perante o jury, porque visto o facto dar-se e existirem pessoas que o presenciam, o sr. dr. Chaves devia-as intimar para ir depôr.

Foi este um processo como todos os que move a Universidade. Emquanto não acabar esta tribune soffrerá eternamente a instrucção.

Neste processo só andou bem a faculdade de direito, respondendo aos esbravejamentos do sr. dr. Chaves com a simples resposta que não lhe pertencia aquella questão.

Agora veja a *Correspondencia de Coimbra* a gratidão e benevolencia que existe na Universidade para com os seus filhos. Pareceu-nos vêr na local do sobredito jornal uma allusão á *Republica Portuguesa*. Fallava se alli em gratidão e benevolencia. Se essa gratidão se refere a exames e actos universitarios, os redactores d'esta folha tem a declarar que nunca precisaram da benevolencia de ninguem; se a actos d'outra natureza ahi tem a *Correspondencia* o processo do sr. Crispim, do qual não disse nada assim como os demais jornaes da terra. Juntamente com este processo tem muitos outros que escuso de nomear, porque a *Correspondencia* deve saber e sabe d'elles de certo.

Ficamos hoje por aqui para não dizer muitas verdades.

O nosso intelligente, illustrado, e justamente severo correspondente da capital foi despedido d'um escriptorio particular por ser republicano e inimigo dos burguezes. Ao terminar do 4.º n.º do *Espectro*, de que é redactor juntamente com o

nosso amigo e collega da redacção Magalhães Lima, recebeu uma carta dos tues burguezes, indicando-lhe o caminho que tinha a seguir, e senão trepasse por elle, desde aquelle momento se devia dar como despedido. A intimação consistiu em que não devia continuar a publicação do *Espectro* e não sei tambem se lhe exigia que não fosse nosso correspondente; talvez. E' bem de ver que o sr. Silva Pinto tractou immediatamente de publicar o 5.º n.º não tencionando fazel-o até outubro. O resultado, pois, foi o que os nossos leitores já sabem. Era de esperar. Os burguezes estão no seu direito. Dão sómente de comer e trabalhar a quem querem. Ficamos sabendo que é necessario certidão de idéas politicas para poder escrever e despachar mercedorias em qual escriptorio. Uma nação governada por ineptos ha de produzir uma nação de ineptos, mas o peor é que são maus.

Começamos a receber o *Transmontano* jornal que se publica em Villa Real, sede da provincia d'aquelle nome. E' o seu radactor e responsavel o sr. Augusto Cesar.

Advoga idéas rasgadamente liberaes. E' o 1.º jornal que apparece na provincia de Traz os Montes. Congratulamo-nos com os nossos patricios por este progresso. Toda a gente sentia a necessidade n'aquella provincia tão afastada do centro do nosso paiz, d'um orgão na imprensa jornalística que advogue os seus interesses. Agradecemos a troca e a boa camaradagem. Avante! é rasgar horisontes novos para a terra que até hoje não conheceu os beneficios da civilisação, e dos aperfeiçoamentos phisicos e moraes e unicamente tem sido considerada no orçamento da receita.

Naquella humoristica vida da Bohemia, que todos têm lido com um prazer vivo, naquellas paginas radiantes de mocidade, alegria e vida, a ninguém passa desapercibido aquelle typo excentrico do pintor que Murger descreve.

As theorias artisticas, que o bom humor dicta ao alegre rapaz, e o preceito que elle invoca e estuda, a sua grande descoberta, a influencia do azul nas artes, têm feito passar momentos deliciosos aos innumerados leitores do excellent livro.

Hoje, temos exposta a serio, por um jornal, que modestamente se denomina *Illustrado*, uma theoria similhante, não sobre pintura, mas a respeito de educação. Trata-se da benefica influencia do cha na educação dos povos. Esta descoberta recente, feita pelo *Diario Illustrado* vae dar que pensar aos sabios que têm dado a sua vida aos estudos sociaes, e irá destruir as theorias que esses vultos grandiosos indicaram para a educação do povo.

Homens de pouca imaginação deram a escola como base d'este trabalho, esquecendo completamente o cha, o cha, que usado nas dozes que o *Illustrado* não deixará de indicar-nos, fará do povo ignorante e rude, um povo instruido e sensato. O cha! quem o diria! Mas é certo, elle disse-o e nós temos uma crença profunda no que elle diz.

Agora só nos resta fazer ao governo de sua magestade uma ferverosa petição:

Abaixo as escolas primarias! Abaixo as academias! Queremos cha! Desejamos ser sabios e o governo que nos faculte os meios. Vamos tomar cha durante cinco annos, e o sr. ministro do reino ha de ter a bondade de nos mandar passar as cartas de bacharel em Direito.

Sobre tudo este novo systema é de uma grande commodidade. Como seremos grandes no futuro tomando todas as noites uma chavena de cha! O *Illustrado*, a patria vae dever-te a sua redempção!

Mas diz-nos uma cousa: no teu systema collaborariam os mercieiros?

E assim como sua magestade o impe-

rador do Brazil só pedia Hebraico, os povos portuguezes exclamam anciosos:

—Chal! chal!

Sobre a cabeça dos doze apóstolos brilhou a lingua de fogo, e os seus espiritos esclareceram-se e fallaram todas as linguas do universo. Sobre estes povos portuguezes, oh! espanto! a lingua de fogo desce sob a forma d'uma chavena de cha e estes que hoje são os analfabetos, serão amanhã os homens de saber.

Oh! sabios da Grecia, que haveis encanecido as vossas fronte olympicas no estudo dos vossos livros da sciencia, vede, como por este novo processo, nós economisamos tempo, azeite e sobre tudo se conservam pretas as nossas madeixas penninsulares!

Sobre a campa do *Diario Illustrado* iremos gravar com mão agradecida:

Aqui jaz aquelle que regenerou a patria, pelo cha.

E para elles as glorias radiantes, e os loureis dos bemfeitores da humanidade.

Mais um para ajuntar ao *Illustrado*.

O notavel pimpolho chama-se *Cabrimon* e diz-se satyrico.

A pretensão é ridicula, porque ainda não tivemos o gosto de ler nel'e coisa a que se não podesse dar o nome generico de semsaboria. Este não é como os outros jornaes, orgão d'um partido, ou d'um grupo. E' o orgão da sandice.

Causa tédio. Insulta os que têm a coragem de defender certas idéas francamente. Ataca os liberaes do Porto, que deram vivas á liberdade á porta da Sé. Traz de vez em quando artigos declamatorios contra os impios e resa assim:

*Libertinos, herejes e atheus! Tremei que não vem longe o DIA que os verdadeiros liberaes vos conheçam as entranhas!*

Isto é d'uma parvoice, que deixa a perder de vista tudo o que Rosalino e Jayme têm escripto.

Lembra-nos uma coisa. Virá o tal *Cabrimon* substituir na imprensa o jornal a *Nação*? Franqueza, escravinhadores, dizemos se sois Frey Francisco das Chagas ou Antonio Rodrigues de Sampaio!

## SANTA CRUZ

(AO DR. MANUEL D'ARRIAGA)

Em nome de Jesus—do Deus do amor  
Do Deus de Caridade e Redempção,  
Tu, padre, tu só das a maldição,  
Ao homem de talento,—ao pensador!

C'ó a espada na dextra vês sem dór  
O assassinato, o roubo e a sedição,  
Fera humana, sem dó, sem compaixão,  
Covertes o Evangelho ao teu rancor.

Nas montanhas da altiva e nobre Hespádia  
Foram erguer as tendas de campanha  
Do vil jesuitismo!

Nas cidades o povo indignado  
Proclama a Igualdade e num só brado  
Diz: guerra ao fanatismo.

J. d'Araujo.

Diz o util e bem redigido *Diario da Tarde* que o schah da Persia traz na sua comitiva umas vinte raparigas encarregadas das costuras e bordados de sua magestade. Provavelmente tambem lhe servem para matar as horas de ocio. Se elle é rei e de mais a mais do Oriente. Concebe-se lá um rei sem arem e mandriice.

Não temos recebido a *Justiça Federal* de Madrid. Não sabemos a quem attribuir esta falta por isso a deixamos aqui mencionada.

E' encarregado de receber o importe das assignaturas d'este jornal nos conceitos de Mirandella e Villa Flor o nosso amigo dr. Alvaro de Mendonça Machado; os nossos assignantes d'alli podem dirigir-se a s. s.ª

Por accumulção de materia não podemos ainda hoje continuar com a inserção do programma federal do *Rebate*, o que faremos no numero seguinte.

Recebemos o 1.º numero d'um novo jornal republicano a *Propaganda*, redigido pelo auctor da *Lanterna*. Publica-se trez vezes por semana. O estylo é o mesmo do celebre periodico pamphleto que tanto deu que pensar aos nossos politicos devassos e cortezões e que tantas perseguições soffreu da parte da auctoridade. Hoje acha-se legalmente habilitado e pretende abrir brecha profunda no edificio carcumido e arruinado da monarchia:

*Regnum itum est!*

Recebemos egualmente o 1.º numero da *Republica*, jornal que defende as idéas que o titulo indica. E' publicado nas ilhas e é o seu redactor principal bacharel formado em direito. Quem anda com a justiça nas mãos é de certo mais apto para a comprehender. E' por isso que sempre os maiores tribunos e defensores da humanidade, tem sido homens formados em direito, a par do parasitismo que existe nesta classe. Camillo Desmolin tinha o curso de direito; Robespierre da mesma maneira; Gambetta, J. Favre, Thiers, Figueras, Castellar, etc. todos cursaram as aulas de direito e a maior parte d'elles tem uma fama europeia no fóro judicial. Com esta camaradagem pode, pois, o nosso collega dos Açores fazer larga propaganda nessa terra classica da liberdade, d'onde saiu o brado dos nossos primeiros liberaes; e já que elles nessa epocha não tiveram força para tirar das suas permissas todos os corollarios que nellas se continham, não trepidemos nós hoje e levemos os nossos principios até as ultimas consequencias. Nada de reis e nada de religião, se queremos a liberdade.

Dito isto, desejamos larga vida ao collega.

Recebemos o *Manifesto do conselho geral da associação de todos os trabalhadores ao proletariado portuense*. Chama para o seu gremio a todas as classes trabalhadoras da cidade invicta. Aconselha união e força para resistir ao despotismo do capital. Diz que até hoje tem sido ludibriado o pobre operario; diz que toda a sua historia se tem resumido em *miseria, aviltamento e escravidão*. Diz que o operario tem secundado a todas as revoluções e nada tem aproveitado até hoje de todas ellas. Diz que o operario trabalha sempre, mas que tem só até hoje trabalhado para os outros, pede por tanto o producto integro do seu trabalho. O manifesto está escripto com vigor, vê-se que soffre e tem sido offendido na sua justiça quem pugna tão violentamente pelos direitos da maior parte e da mais digna da especie humana, os trabalhadores. Mirabeau, o celebre orador da revolução franceza para amar profundamente a liberdade foi necessario que seu pae o tivesse encerrado vinte annos numa masmorra.

Para responder ás justas reclamações d'esta classe portuense diz um profundo cinico de Lisboa, o *Jornal da Noite*:—*«cautelem-se os proprietarios.»*

Quem nunca ganhou segundo o trabalho honesto, porque então nada teria ganho até hoje, quem recebe aos contos de reis para escrever historias, e depois nada escreve, é justo que se revolte contra quem pede o producto integro do seu trabalho. Ah! vendilhões da penna, ah! escarneo da consciencia e da moralidade publica, ah! grandes corruptos que vae soar a hora da justiça!

Felicitemos o nosso paiz pelos incrementos que as sociedades operarias vão mostrando. Oxalá que se propaguem ainda mais e que alargue este espirito de união até ás terras de 3.º, 4.º e 5.º ordem, até

às simples aldeias, onde nos alegraria ver florescer a communa agricola. No futuro, como já demonstrou Proudhon, toda a sociedade se resolverá em associação trabalhadora.

O estado politico substituir-se-ha pelos estados economicos, onde cada um ganhe segundo o seu trabalho, a sua aptidão e as suas necessidades. A posição de politico saltibancó official será tão desprezível como é hoje a do triste operario. Para isto união e mais união.

Nunca conspireis uns contra os outros operarios, porque isso será a vossa morte. Se um operario diz ao seu patrão que não trabalha senão por tanto (somma) não digaes vós que o fazeis por menos, porque ao vosso preço se opporá outro mais baixo e por fim caireis todos na miseria. Para isto deveis-vos unir os d'umas sociedades com outras, os d'um reino com outro, formando a federação universal do genero humano trabalhador.

Quando tiverdes conseguido tudo isto o mundo será vosso; e os proprios capitalistas serão elles mesmos que vos virão depor nas mãos os seus capitães para obter alguns rendimentos e não cairem na miseria, porque os capitalistas unem-se para vos fazer guerra, mas não são capazes de se unir para trabalhar, porque o trabalho é um habito e elles desde ha muito tempo que o perderam.

O manifesto está escripto com energia e corresponde perfeitamente ao fim que a associação *fraternidade* operaria d'aquella cidade tem em vista. Encontramos-lhe todavia uma inconsequencia, é vir dizer-nos que põe de parte a politica. E' um erro grave este, querer a emancipação do trabalho e não pugnar ao mesmo tempo pela republica federal que é a emancipação politica e um meio para chegar á federação economica do regimen das industrias. Além d'esta vantagem, que é grande já de per si, temos a vantagem da economia do sistema republicano; economia que vae reflectir-se directamente sobre o imposto que paga o operario, e indirectamente sobre a barateza dos generos, os quaes o operario paga por menor preço. E' necessario que as classes operarias, tanto do Porto, como de Lisboa e de todo o paiz, se convençam que é a ellas a quem mais convem o governo republicano, porque constituem o maior numero da população; são ellas que consomem a maior parte dos productos alimenticios, todos comprados ás outras classes, as quaes lhe melem no preço do custo o imposto que por elles pagam ao governo.

Proudhon nalgumas obras quiz separar a questão politica da questão economica e creou um certo partido que tem feito mal ao triumpho da democracia. Esta idéa passa hoje, porém, de moda, e já entre nós os operarios de Lisboa vão comprehendendo isto mesmo. O *Pensamento Social*, orgão meramente economico não poudo sustentar-se, mas foi bem substituido pelo *Rebate* cuja redacção é em grande parte a mesma.

Isto mesmo dizia o redactor das *Farpas*, respondendo ás observações que lhe tinhamos feito que não era possivel a solução do problema social, quando a fórmula politica não garantia a justiça; quando todas as manifestações da vida se tinham desenvolvido e só permanecera no mesmo estacionamento a forma politica.

E' necessario ser muito dominado pelo prejuizo ou pela ignorancia para não ver conclusões tão claras. Dizem as *Farpas* que Turgot queria a reforma das instituições, mas não a sua mudança; que

pertendia faser por este meio pacifico o que se fez depois por meios violentos.

E' ainda ignorancia ou má lé-sillogistica. Esse celebre Turgot lá esteve no poder; porque não conseguiu essa tão decantada reforma? espera-se a resposta.

Com a opinião das *Farpas* contrasta a de Marat que achava ainda a revolução pacifica de mais e dizia todos os dias que era necessario, note-se bem, ainda depois da convenção, decepar duas mil cabeças.

Muita gente, e eu cuido que o auctor das *Farpas* é d'este numero, não deseja a mudança politica porque cuida que ella sómente se pode fazer por meios violentos; mas isto não é exacto; faz-se pela sciencia e pela instrucção como succedeu ha poucos mezes em Hespanha, pois ninguém já hoje duvida do pensamento de Girardim: *a revolução pela força é a civilização interrompida; e a revolução pela sciencia é a civilização continua.*

Aproveitamos este mesmo logar e occasião para responder ao auctor das *Farpas* a respeito da sancta indignação de que parece ser tomado pelo conselho que lhe demos de se deixar de affirmações, e farpeasse apenas para não ser farpeado. Tomou o conselho á letra e mostrou-se indignado: chamou-nos creanças.

Não nos offende o attributo; offender-nos-ia mais, muito mais, se nos chamasse velhos ou invalidos. Foram injustas, porém, as *Farpas*. Nada havia na nossa local capaz de indispor as *Farpas*. O que alli dissemos encontra-se no programma do seu 1.º n.º. Alli se diz que ellas vinham unicamente combater sem nada afirmar. Nós quizemos chamal-as á ordem.

Não quizeram ouvir-nos porque nos acharam novos para presidentes. Paciencia... Saibam as *Farpas* que desde que appareceu Desmolin, São Justo, Pico de Mirandola, Páschal, Castellar, Theophilo Braga e Hoche, já não se pergunta a idade do sabio, ao escriptor, ao artista e ao militar. Os filhos sabem sempre mais do que os paes e realmente os mais velhos não são nossos paes, mas os filhos que vêm após elles.

O celebre orador hespanhol, Emilio Castellar, vae publicar uma nova obra utilissima para a democracia.

Intitula-se a *Historia do movimento republicano na Europa*.

Tracta do apparecimento e da evolução das idéas republicanas sobre o nosso continente. A ajuizar pelas obras anteriores do ex-ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, pela *Historia da civilização durante os cinco 1.ºs seculos do christianismo*, pela *Formula e defesa do progresso*, pela *Redempção do Escravo*, *Questões Politicas* e *Discursos parlamentares*, a *Irmã da Caridade*, *Recordações de Italia*, etc., não deve deixar nada a desejar. Alma e coração, estudo e grande intelligencia; nada falta ao grande tribuno para nos fazer comprehender a idéa republicana surgindo como casta flor do meio das orgias e baccanaes do despotismo da monarchia e dos imperios. Diz a *Equaldade* que esta obra é já muito conhecida nos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, onde valeu ao seu auctor entusiasticas felicitações da parte dos criticos.

E' editora a antiga e acreditada casa de D. Manuel Rodrigues. Recommenda-mol-a ao publico.

Diz o *Jornal de Lisboa* que fóra encontrada no Sena uma bola de cobre cheia de cartas. Era do tempo do cerco de Paris. Continha 150 e tantas cartas, algu-

mas das quaes subscriptadas para Rochefort.

Parece-nos galga.

Conta o *Jornal de Lisboa* que fóra suspenso por trez mezes o jornal marsehez intitulado—*Joven Republica*, por ter publicado dois artigos intitutados:—*A comedia Politica* e *Moeda corrente*. Este ultimo terminava por estas palavras: «Aquí jaz a patria de Voltaire.» Esses artigos envolviam, segundo se declara no decreto que suspendeu o jornal, ultrajes aos altos funcionarios publicos. Continuem.

## EXPEDIENTE

Pedimos desculpa a alguns srs. assignantes a quem remettemos um bilhetinho para mandar satisfazer as suas assignaturas, as quaes já estavam pagas. Foi por esquecimento do administrador do jornal. Por esta occasião cumpre-nos dizer egualmente aos srs. assignantes que ainda não as reformaram, ou que ainda não satisfizeram o seu importe, que o mandem fazer com brevidade para não soffrer interrupção na remessa, visto o primeiro trimestre estar a extinguir-se.

## ANNUNCIOS

### ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

Auctor dos *ARPEJOS D'ALMA* e *IDEALISMO E SENTIMENTOS*

acompanhado por muitas das apreiações que sobre os mesmos livros fizeram varios escriptores

POR

ADRIANO JACOB LOPES

Preço, em Coimbra, de cada caderneta de 32 pag. em 8.º—60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o volume completo—200 réis.

Ficam sem effeito as assignaturas da provincia que não vierem acompanhadas do respectivo importe, podendo este ser em sellos do correio.

A correspondencia deve ser dirigida ao auctor, rua da Sophia, 26, junto a Santa Justa—Coimbra.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre . . . 300 réis, semestre . . . 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre . . . 360 réis, semestre . . . 720 réis.—Avulso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61

# REPÚBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 13

Do magnifico jornal republicano de Lisboa—*O Rebate*, transcrevemos o seguinte artigo:

## SOPHISMAS DO SYSTEMA CONSTITUCIONAL

A existencia do estado na sociedade tem sido explicada como representando uma vontade abstracta e impassivel formada pelo accordo tacito de todas as vontades individuais. E' este seu profundo caracter de impersonalidade que dá ao estado a força moral e a magestade da lei. Quando Luiz XIV formulou a maxima *l'état c'est moi*, isto é, a minha pessoa deu-nos a conhecer o vicio em que foi gerado o systema constitucional; o absolutismo forçado pelos novos interesses da sociedade a ceder o campo á liberdade, sophismou o dilemma terrivel e outorgou, concedeu, fez-se dador de cartas constitucionaes, inculiu na base organica do estado a diathese degradante, da sua personalidade. Hoje torna-se quasi impossivel comprehender o que seja estado, sem sermos forçadamente levados a defini-lo como uma instituição fundada sob pretexto de ordem para explorar por todos os meios o homem que precisa viver em sociedade. A manifestação effectiva do estado exercendo todas as formas de poder, eis o que é o governo. Assim como o padre explora o dogma e vive á custa d'elle, é assim o governo sempre absorbente, mas justificando-se com essa vontade abstracta que realisa. Uma das maiores capacidades do systema constitucional, o sabio Guizot, definiu segundo o espirito do systema o que era governar; para elle, governar é sustentar-se no poder. Ponhamos em vez de um Guizot essa cáfila de bachareis, doutores, engenheiros e jornalistas que aspiram ao poder, e para de logo o governo torna-se o banquete de Trimalção, d'onde não convem sair senão depois de fartos. A realisação da ordem fica a capa exterior que encobre os milhões de meios capciosos empregados para sustentar-se no poder, para gosar por mais tempo a luxuria de mandar e gastar.

Penetremos nesta condição do systema constitucional e vejamos os innumerados sophismas sobre que elle se funda. D'onde vem o poder real e qual a sua parte neste systema? O rei apparece-nos no systema constitucional como um homem a quem tomaram conta de tudo quanto tinha, e que por uma commiserção o deixaram ficar, com a clausula de não bolir em coisa alguma sem prévia licença. Se o velho absolutismo comportasse dignidade, se aquelle que o exerce ultrajando a humanidade se não degradasse tambem a si, nunca o rei devia acceitar que o discutissem, e no momento em que a liberdade suplantasse a auctoridade, retirava-se, sacudia de si todos os vestigios da soberania. Os monarchas constitucionaes não fizeram isto, porque faltava-lhes a noção da propria dignidade; e para ficarem mais tempo girando o sceptro que se lhes torna maromba, acceitaram e comeram pela mão do povo (lista civil) e estarem debaixo d'uma tutela permanente (conselho de estado), o servirem de guarda-portão (abrir e fechar as camaras), o servirem

de pretexto para luminarias e salvas de artilheria (dias de grande e de pequena galla), finalmente estarem abaixo do homem nullo, que apesar de nullo é livre na relação da especie, e elles só podem casar segundo a razão de estado e das vergonhosas transacções diplomaticas.

E' este o typo fundamental que vem viciar o systema; existe nelle, não para realisar equilibrio de poderes, mas para ir tratando de si com os sophismas especiaes. No systema constitucional todos os cargos são accessiveis ao que está no goso dos seus direitos civis e politicos, sem privilegios, sem hereditariade, sem transmissão de paes a filhos, como no antigo regimen. Mas o rei é o primeiro que posterga esta garantia da liberdade, tornando-se hereditario. A hereditariade é um sophisma de segurança de ordem, que por uma só vantagem nos dá uma dynastia de embecis. Mas sobre estes sophismas nascem outros, como as plantas parasitas sobre a putrefacção. Quando o rei casa, estabelece-se uma dotação para a mulher; por cada filho que lhe nasce, arbitra-se-lhe outra dotação, de modo que a propagação da especie real torna-se para o monarcha uma fonte de receita para os semi-gastos, e ao mesmo tempo assegura na familia successores para irem no maior numero possivel sugando o sangue do boi gordo chamado nação. Mas não são estes os peiores sophismas do systema constitucional; d'aqui deduzem-se os mais satanicos, os mais revoltantes. Um dos principios fundamentaes do systema é: que o rei *reina e não governa*. Cartuxo não tiraria d'este principio consequencias tão praticas como esta: *o rei reina*, e por este facto colloca-se acima da lei, torna-se irresponsavel por todos os seus actos, firmando a sua existencia no facto de sancionar e dar força á lei, é o primeiro que ousa declarar que reserva para si o direito de a violar impunemente! Que é isto senão a unha do diabo do velho direito divino, que a outorga da carta não pode encobrir? Que é isto senão o movel justo que nos deve ter sempre alerta para se constituir o sacrosanto tribunal da revolução para julgarmos esses para quem as leis não bastam? *O rei não governa*: este é que é o sophisma tenebroso: não governa, mas tem o veto para toda e qualquer lei discutida e approvada pelas camaras; tem o poder moderador para alterar o veredictum immutavel do poder judicial; tem a graça e mercê para assalariar livremente os apañiguados de futuros golpes d'estado; tem a faculdade de dissolver a representação nacional, e para demittir os ministerios quando elles lhe não sirvam para tirar a castanha do lume com a mão do gato. Bastava uma d'estas attribuições concedida a um homem intelligente, posessem-lhe embora as peias de mil cartas constitucionaes, que elle reduzia o governo aos meros caprichos da sua personalidade. Mas não é por este lado que vem o mal; normalmente os reis constitucionaes são apathicos, têm poucas circumvoluções no cerebro e não abusam d'estas prerogativas. Mas que arbitrariedades inaudites se praticam á sombra d'isto! Todos os ministros, todos os que usam uma parcella

qualquer de poder, encostam-se para os que lhe ficam na hierarchia mais acima, defendem-se com o pretexto de ordem superior, e fecham-se na irresponsabilidade.

Se um ministro calcar a nossa justiça, para quem appellaremos, se dentro do systema a propria imprensa está corrupta? se a opinião publica anda desnorteada pela lucta dos interesses pessoas? Succede-se a este um outro ministro; todos declinam de si as consequencias dos erros dos seus collegas. Se a violação do direito vem dos infimos funcionarios, para chegarmos a obter uma reparação tinhamos de recorrer todas as escalas possiveis até chegar ao conselho de estado, gastando annos, coragem e dinheiro, para no fim se rirem da nossa constancia. Tudo é lento, formal, complicado e retardativo no systema constitucional; é d'estes longos processos para conseguir-se qualquer cousa que elle vae tirando para si todas as vantagens do absolutismo; em se dizendo não é legal, ou exigindo formalidades, demora-se tudo indefinidamente nas secretarias, nas commissões, nas mãos dos ministros e na carteira do despacho. Todas as formas exteriores do systema são liberaes, mas ninguém ha que se não queixe das mil difficuldades que ha para obtermos por esta via a justiça que nos pertence.

No systema absoluto sabemos que o mal nos vem de um conhecido prepotente a quem n'uma hora de decisão podemos tomar estreitas contas; no governo constitucional não sabemos qual é a mão que nos explora, quem é que nos embarça a nossa actividade; soffremos, mas não sabemos de quem nos devemos queixar. Pergunte-se isto ao industrial, ao negociante, ao agricultor, ao contribuinte, ao rico, ao pobre, se não é assim. E tudo pela hierarchia irresponsavel do poder a começar do rei até ao insignificante guarda barreira, que exerce o seu logar com arrogancia, pensando que tem o rei na barreira. Enunciados todos estes primeiros sophismas, sigamos o seu desdobramento; do mal nunca pode provir bem. Na organização do estado, a principal forma de poder é o legislativo; aqui abundam os sophismas. Para ser feita a lei, é preciso consultar a vontade nacional pelo voto; nada mais racional; nenhum fundamento mais justo pode ser dado uma lei. Mas o governo encarrega as suas auctoridades administrativas para imporem a forma da votação, e o resultado traz a apparencia de vontade nacional, mas não é mais do que um indecente ludibrio, e uma invasão de poderes. D'aqui vem que a lei que se decreta nasce de uma falsificação, e não de uma urgencia social, e como a arbitrariedade é que a sancionou, facilmente se quebra a favor d'aquelles chamados grandes eleitores, isto é, dos que tem um certo numero de votos que negociam. Esta mercadoria é a mais appetecida, pelos que pretendem legalisar a arbitrariedade. Mas o voto nacional sophisma-se pela pressão da auctoridade, pela veniaga dos titulos honorificos aos grandes eleitores; depois nas camaras, o voto soffre uma nova sophisticação com o principio das maiorias, se é que ellas não vem já cosinhadas das assembléas eleitoraes. Um melhoramento promettido para a localidade, engoda um

voto; um despacho que annulle o mandato elimina um voto que era contrario; o ministro faz-se imperativamente eleger para ter voto, e é elle quasi sempre que completa a maioria. Estabelecido o processo de legalisar á luz do mundo a arbitrariedade, é preciso inventar outro processo para illudir a actividade e a satisfação das necessidades sociaes. Todo o tempo é pouco para as complicadas tricas de se sustentar no poder; todos querem participar. Ter actividade, fazer reformas, é um escolho, pode-se naufragar; portanto o melhor modo é embaixar os povos como se faz ás crianças que tem fome quando se lhes canta uma cantiga. O governo, essencialmente sophista, reduz as reformas, os actos, a meras palavras, a que chama projectos, armam-se simulacros de questões, sepultam-se em commissões dormientes que descansaem sobre um relator, que faz um longo discurso, glossado de Maurice Block ou de Batbie, decreta-se a final, e para se pôr em vigor faz-se depender o decreto de um regulamento, ou da fundação de um registo, como aconteceu com a reforma do casamento civil, ou tambem do codigo penal. Isto é bello! Pode ser que a opinião publica conheça este jogo politico da vermelhinha, e para não lhe dar tempo a reflectir compram-se quatro jornalistas, dando-lhes uma candidatura, um emprego, um subsidio, para que elles corrompam a opinião, desauthorisem os homens de bem, e criem esse estado marasmatico em que vemos caído o espirito publico diante das mais sagradas questões que agitam a Europa. Para isto subsidia a religião do estado e os theatros, faz a lei de liberdade de imprensa (Avila-rolhas) e as visitas reaes ás provincias.

Este campo é immenso, e por isso passamos ao Poder Executivo: decreta-se o tributo de sangue, mas faz-se o serviço militar remivel a dinheiro, de modo que se come por dois lados: 1.º pelo dinheiro que entra para os cofres do estado, que vende uma obrigação que instituiu como base da sua segurança; 2.º, o dinheiro que paga aos soldados simulados que não existem se não no papel para vencerem pret. A prisão preventiva é outro sophisma já aqui tratado; pune-se a intenção que não saiu do dominio moral com o mesmo criterio de um Torquemada; não, explora-se por que deixa dinheiro. O systema constitucional é dispendioso e precisa de alliciar muita gente; é por isso que elle concorre com o cidadão explorando com os seus recursos extraordinarios as industrias de que elle vive, e peor do que isto, negociando com as instituições de que a nação tira o seu desenvolvimento moral: pelo sophisma das matriculas, o estado vende-nos a instrução publica, pelo sophisma de direito de mercê, vende-nos os cargos publicos, pelo sophisma de lei hypothecaria, dá excessivos privilegios ao capital, que é que lhe faz os empréstimos; pelo sophisma da segurança das relações entre os cidadãos faz a policia que nos espia aos cantos da rua, e lucra com o monopolio das cartas; enfim pelo sophisma da exploração por utilidade publica faz como Hausman em Paris, vende as ruas ás companhias particulares. Esta necessidade de dinheiro mede-se pela avidez da Fazenda,

que até ha bem pouco tempo nos podia expoliar summariamente de todos os nossos bens, fundando-se em que um n'sso sexto avô era devedor á fazenda nacional. Mas para que este systema falso se mantenha é necessario interessar nelle o maior numero de pessoas; sophisma-se fazendo papel moeda com o titulo de Inscriptões que dão um juro phantastico, vendem-se em baixas indecorosas, o burguez colloca alli os seus pequenos capitães, acostuma-se ao juro, e por fim soffre todas as orgias de todos os governos comtanto que se não perturbe essa ordem material que lhe deixa receber o juro dos seus papeis. Neste systema os sophismas estão dependentes entre si; ligam-se como os salteadores que se entendem por um simples asobio. Por exemplo, no Poder Judicial a dignidade do magistrado está aviltada aos olhos do cidadão, por que o systema constitucional, prodigo em apparatus, completa lhe os seus honorarios com os emolumentos que elle recebe das partes. Ha simonia mais infamante? Segundo a carta, a lei é igual para todos, e faz uma excepção no direito criando um fóro especial e privilegiado para os commerciantes.

No poder administrativo ha uma palavra que resume todos os seus vicios: basta dizer *centralisação*. Nasceu este modo de administrar do regimen napoleónico, desenvolveu-se admiravelmente no systema constitucional, que sempre affectando liberdade tem atrophiado a vida municipal e a iniciativa das pequenas localidades. Pela centralisação, o povo tem-se tornado um pupillo nas mãos do governo, nada trata por si, perdeu a determinação propria, e sob o nome de funcionario come pela mão do estado. Por outro lado as auctoridades administrativas, sob o sophisma de confiança, não tem fixidez, para nada servem porque nunca chegam a adquirir o conhecimento e o amor local. Tudo isto é esboçado rapidamente; como em uma caverna que repete o ecco muitas vezes, assim neste abysmo constitucional por traz d'estes sophismas desdobram-se outros ainda mais medonhos. Para os prevêr basta lembrarmos-nos, que o systema constitucional é um facto transitorio entre o absolutismo do seculo XVIII e a democracia do seculo XIX; esta forma provisoria de mais tem durado, porque tendo esterilizado e corrompido duas gerações vegeta desassombadamente sobre esses detritos da podridão moral. A geração nova respeita os bravos do Mindello na sua boa fé de 1833, mas sente-se separada e mais adiante por quarenta annos de embustes governativos, e por isso decide-se com a alegria da coragem pelas formas legaes e francas da Republica.

## PADRES E REIS

### III

Uns não valem mais que outros.

O rei afoga a liberdade numa rede immensa de decretos, quasi sempre em opposição com as leis naturaes, verdadeira expressão da soberania popular.

O padre, além de um odio innato contra tudo o que é independente, honesto e livre, esmaga as mais sublimes aspirações humanas, apontando ao *Syllabus*, como um dos mais perfeitos codigos civis e politicos.

Tudo se aniquilla, tudo se destroe, tudo se contradiz.

S. Pedro terá um dia de abrir-nos as portas do céu, e para que elle nos receba condignamente é mister não só que o rei seja o vassallo do papa, senão tambem que o povo se prostre perante o padre, como se fóra um idolo sagrado.

Por uma ostentação official inventaram-se os concilios como se inventaram os conselhos da corôa.

Similhanes aos apóstolos, que, reunidos em Jerusalem, só de per si consti-

tuam a Igreja; similhanes ás discussões dos santos padres de Niccia,—estes comícios jámais tiveram outro fim que não fosse a suppressão de todas as garantias individuais e as arbitrariedades do despotismo.

Por meio dos concilios aspiravam outr'ora os Papas Gregorio VII, Alexandre III e Bonifacio VIII á supremacia e á unidade do mundo politico.

E quando não era o — *omnis potestas a Deo* — que predominava e que, sobretudo, teve o seu triumpho no seculo V, ao qual tentam fazer-nos retrogradar actualmente, era, então, o — *quod principi placuit legis habet vigorem* — por ventura tanto ou mais perverso que o outro principio.

Umavez arvorava-se o pontificado do Cesar, outras vezes o cesarismo do pontifice; umas vezes fallava Igreja; outras vezes o estado; umas vezes era a theocracia soberana e rainha, outras vezes a autoocracia; umas vezes era Gregorio VII o imperante, outras vezes Henrique VIII da Inglaterra, ou Pedro, o grande, da Russia.

A hereditariedade dos vicios clericais arrasta consigo inevitavelmente a hereditariedade dos vicios da realza.

E' sobre maneira coerente e logico, que, á infallibilidade dos papas, se contraponha a infallibilidade dos ministros.

Esqueceram-se impunemente — os miseraveis — do sangue que nos custou a liberdade, desprezaram muitas lagrimas vertidas e muitos corações opprimidos, e agora só tentam ameaçar aquillo que a a propria natureza jámais nos poderá negar — a liberdade.

Nunca...

Que nossos peitos se animem sempre á divina palpação dos grandes principios e que nossas almas puras sejam sempre embaladas por tudo quanto existe de mais digno, de mais honesto e de mais verdadeiro.

Pois assim se condemnam e esquecem os grandes movimentos de 1820 e de 1832 entre nós?

Com que direito deixamos nós de invocar os nomes mil vezes dignos de Santerre, de Barbarouse, de Marat, de Robespierre, de Mirabeau, de Danton, etc.?

Acaso a intrepidez de uns, o orgulho de outros e a abnegação de quasi todos, não são titulo sufficiente para que nós os invoquemos com fervor?

Pois saabei, srs. reis e srs. padres, que hoje já não pode haver compaixão para comvosco.

O calor que alentou os revolucionarios de 1789, em França; o fogo sagrado que inspirou a revolução de Cadiz em 1812 e que mais tarde foi reverberar suas beneficas chammas sobre as bellezas de Napoleo; a independencia que agitou Cromwell a sacudir Carlos I do throno inglez: tudo isso, emfim, que os povos chamam emancipação e soberania, existe presentemente bem gravado no fundo de nossas almas.

A despeito das ficções constitucionaes e das inviolabilidades soberanas, o povo não trepidou outr'ora em conduzir Luiz XVI ao cadafalso e em acompanhar Carlos X a Cherbourg.

Tomae bem conta nisto!

O rei, que devera ser um fiel mandatario do povo, não o é; o padre, que devera ser a verdadeira expressão do Evangelho, pelo contrario, prostitue-o e profana-o impunemente.

Ha uma coisa, porém, que se não cala, que se não abafa, que se não esmaga.

E' a justiça.

Essa vai já fallando na Hespanha, na França e na Allemanha pela sacratissima voz da liberdade.

Esperemos, pois, o grande dia da luta com coragem e abnegação.

Sobre tudo não nos intimidemos.

O rei é o padre e o padre é o rei.

Um não vale mais que outro.

## POLITICA INTERNACIONAL

As noticias que nos chegam hoje da nação vizinha contrastam absolutamente com as que demos aos nossos leitores neste mesmo logar na semana passada. Tudo era triste e doloroso então. A morte do valente e aguerrido brigadeiro Cabrinetty, a sublevação de Alcoy, de Sevilha, Toro, Carthagená, Murcia e Valencia, a agitação de Barcelona; uma nação sem governo, sem energia, uma camara dividida e dissidente, parte d'ella até retirada das sessões.

Hoje tudo mudou de face. Existe já um ministerio forte e energico, presidido pelo sr. Nicolau Salmeron, ex-presidente da camara, e composto de Maissonave, ministro da governação, Fernandes Gonçalves estado, guerra D. Eulogio Gonzalez, general; fomento Moreno Rodriguez e ultramar o sr. Palanca. O discurso proferido pelo sr. presidente do poder executivo na sessão de 20 foi profundamente applaudido.

Os deputados intransigentes tornaram a assistir ás sessões da camara e alli os felicitou o sr. Salmeron, esta honra do partido republicano, como lhe chama a *Egualdad*.

As cidades do sul e oriente acham-se resolutas a acabar com todas as difficuldades na luta contra a reacção. Barcelona já tem mobilizado um exercito de 6:000 operarios, promptos a combater contra o carlismo; Murcia, Valencia e outras cidades possuem as mesmas intenções. Todas tem proclamado a autonomia dos municipios, mas todas igualmente reconhecem a soberania da assembléa nacional. Esta medida dos cantões independentes que, á primeira vista parece a dissolução da Hespanha, é todavia o seu maior esteio da liberdade e o unico meio de vencer os carlistas.

Cada cantão forma um exercito que mantém, estipendiado, instrue á sua custa, e o numero dos exercitos de todos os cantões dá o exercito da republica. O general Contreras foi o iniciador d'este novo processo militar em Hespanha. Elle mesmo se encontra á face do cantão de Murcia prestes a defendel-o a todo o custo sem deixar de se communicar com o governo. Se todas as provincias do norte tivessem feito assim não chegaria o carlismo a possuir naquella região o incremento que mostra. Mas ainda é tempo de se organisarem.

Os acontecimentos de Alcoy não tiveram a importancia que lhe attribuiu a principio o governo. Não houve mortes horrorosas e assassínatos, e nem o numero attingiu a cifra que se dizia. Uma correspondencia d'um commissario do governo, que foi mandado alli instaurar processo juntamente com outras auctoridades e que foi publicada na *Egualdad*, diz que sómente houvera de parte a parte 23 mortos, e isto por causa da resistencia das tropas do governo. Tambem não houve incendios de fabricas e sómente foram queimados os archivos da camara.

Por toda a parte renasce o espirito publico republicano em Hespanha. O telepho tinha-nos dito que se rendera Estella, mas não foi exacto. Resistiu com heroicidade, e se acaso fosse tomada pelo carlismo estava prestes a fundir-se nas ruínas, como a antiga Numancia e Sagunto. Desde o momento que começou o cerco um voluntario da cidade incerrou-se na casa da polvora e prestes a lançar-lhe fogo, caso entrassem os carlistas. Este acto foi entusiasticamente applaudido na assembléa nacional.

O novo ministerio resolveu ler diariamente na camara todos os telegrammas que receber. E' util e salutar esta resolução. Ninguém deve ignorar, principal-

mente a representação nacional, o que se passa no paiz.

Consta que o governo vai publicar um decreto onde se determina que seja fuzilado todo o padre que for encontrado com armas de fogo na mão e bem assim todo o chefe de guerrilhas.

## CARTAS SCIENTIFICAS

a Magalhães Lima

*Meu caro Magalhães Lima.*—Deixe-me agradecer-lhe as boas palavras com que acolheu a reconstrução da minha conferencia, e como prova de quanto as considero, contestar-lhe-hei uma contradicção que o meu bom amigo julgou encontrar nella, naturalmente por culpa da minha exposição e não por confusão do seu espirito esclarecido e recto. Para isso permitta-me que ractifique a transcripção que fez das minhas palavras. Eu disse:

«Natureza e Historia: o Homem é o producto d'isto.

«Supprimi a Natureza e só tendes o Homunculus.

«Supprimi a Historia e só tendes a Utopia. Sem uma não tendes o Homem. Sem a outra não tendes a Sociedade. Ora nós o que procuramos? O Homem verdadeiro, isto é, o Homem Livre. A verdadeira Sociedade, isto é, a Sociedade Justa.

«Sem aquelle não existe esta. Sem esta é impossivel aquelle.

«Sem o Homem Livre a sociedad Justa é um Homunculus.

«A harmonia no Homem é o Direito. Teve talvez esta intuição Lermenier quando disse: O Direito é a Vida.»

E' claro que isto podia ter largo desenvolvimento: é uma synthese, não precisamente a synthese do meu trabalho, mas até certo ponto a synthese das minhas opiniões sociologicas. Faça o homem producto da Evolução e da Tradicção, sem contudo,—entenda-se bem,—fazer d'estes dois elementos ou antes d'estas duas forças naturaes e fataes umas como que formulas ou creações de escola. *Non fingo hypothesis.*

Estudando o homem revelam-se-me estes factos: é tudo.

Se no estudo do homem ensaiamos supprimir a *Evolução*, isto é, a *Natureza*, em vez do Homem temos só o Homunculus, uma coisa que se esvae, uma coisa que não é real, uma phantasia, o homem *ex-contrario* e *ex-abrupto* da alchymia papalva e ignorante. Se ensaio supprimir a *Tradicção*, em vez da Sociedade tenho só a Utopia,—uma coisa como a Nephelo-co-ecygia de Aristophanes.

Emfim os dois termos completam-se e são inseparaveis. Mas não é ainda esta a questão. Diz o amigo que não acredita na liberdade e que esta é um principio innato existente apenas nos dominios da psychologia.

Ora eu no que não acredito é na existencia dos principios innatos, mas se acreditasse como o meu amigo, decerto que não podia deixar de acreditar na liberdade a que se refere.

Não vejo, porém, esse antagonismo entre o subjectivo e o objectivo que o amigo indica; e se elle existe como se revela, por que meio o conhece o amigo, senão é subjectivamente? E a verdade, onde esta? Não, meu caro Magalhães Lima, não é a essa noção de liberdade que eu me refiro, e o que digo a respeito do livre arbitrio lh'o mostra. Eu fallo da liberdade do homem perante o homem, da liberdade do homem perante a Sociedade ou no seio d'ella, no livre exercicio social das funções naturaes.

Para affirmar isto não preciso discutir, se o homem é livre perante a Natureza: a minha questão é que pela natureza das cousas é livre perante o homem. Esta a base da minha democracia. *Sequere naturam.*

De resto, isto vae, parece-me, como os mais pontos da minha conferencia, perfeitamente d'accordo com os principios do positivismo que demais eu alli claramente sustento, e que fui dos primeiros senão o primeiro a afirmar entre nós, e pelo qual, vejo com profunda satisfação, deixar dia a dia as illusões de racionalistas, homens intelligentes e prestados como o meu bom amigo.

Julho, 1873.

Seu do coração,  
LUCIANO CORDEIRO.

## NÓS E ELLES

Os jornaes monarchicos, e especialmente os regeneradores, inserem com ufania as noticias mais aterradoras acerca da vizinha Hespanha e apparentam uma indignação que tem seu tanto de grotesca. Na hora em que se agita o *troisième dessous* de Hugo buscam declinar a responsabilidade que lhes cabe, inteira, nos excessos e nas explosões de furor desde muito concentrado. Conservam a ignorancia do povo; mergulham-no pela corrupção official no lodaçal da ignominia; dão-lhe o espectáculo permanente da infamia glorificada; da mediocridade elevando-se pelo descaro e pelo aviltamento; despem-no a um tempo de vestidos e de direitos; sugam-lhe o suor á mingua de coragem para sugar-lhe o sangue; enchem-no de fel, de desejos de vingança e instauram-lhe hoje o processo! Como tudo isto seria comico, se não fosse doloroso!...

Ha sangue em Hespanha, incendios, violencias, demasias, é certo; é triste. E' tristemente certo tambem que o progresso caminha sobre cadaveres, caminhou sempre e que não o impedem nem as portarias dos Bismarks, de Liliput, nem os artigos de fundo dos maus folhetinistas. Ha vida alli; revelam-no aquellas mortes. Aqui—ha a paz do sepulchro, nesta vida...  
Ha alli sangue; em Portugal ha postulas. Ha alli incendios; aqui ha trevas. Ha violencias alli; aqui são desnecessarias: impera a espionagem, a corrupção, a venalidade; a descrença é absoluta e profunda. Os politicos do nosso paiz são bem conhecidos. Um governo como o actual não succumbe facilmente porque a opposição não vale, aos olhos do povo, mais do que elle. Lá insubordinam-se os soldados no meio da mais grave agitação; aqui é o primeiro militar do paiz quem dá o funesto exemplo em plena paz; quem, a coberto da cumplicidade real ou da real covardia, derruba um governo, apodera-se do governo, apodera-se do poder, galardoa os seus sicarios e cospe impunemente nas faces do paiz, nas instituições e na dignidade pessoal de cada um dos portuguezes.

Terra das phrases, d'aquellas phrases que Odysse-Barot expulsava das discussões! Oh patria de Fontes pouco amada! Vivamos em paz!

E' tudo oração: não encarecem os viveres e a exploração vegetal. As ruínas são funestas. A ingleza de 1640 mostrou-nos Lilburn, Ludlow, Harrison e Sidney, uns imbecis incorruptiveis e intransigentes com o rei e como o protector Cromwell. A franceza de 89 produziu um Marat, sanguinario pouco limpo de roupa-gens, e que tinha o capricho ridiculo de não se render e de desmascarar os infames. A Hespanha de 73 mostra-nos um Roque Barcia, por igual intransigente e que tem a insensatez de possuir convicções nesta epocha e aqui, ao pé da nossa porta! Que desgraçados! Como nós rimos da sua eloquencia com o sr. Arrobas; dos seus generaes com o sr. Joaquim do Zezere, dos seus politicos com o velho Fontes, dos seus incorruptiveis jornalistas com o *Correio do Sul* (sic.) etc., etc., dos seus esforços inuteis para a manutenção da Ordem com o chicote do barão Joaquim e o serviço activo de Tavares!...

Oh pobres gentes do futuro! Causaes-

me um dó anticipado. Como sustentareis vós ao lume d'agua esta bateira carcomida denominada Portugal? Como a dirigireis vós através escolhos sem fim no mar das prováveis agitações que ao longe enxergo? Oh pobres d'espírito! vós não sabereis conciliar estas miserias da governação publica; não sabereis, pamphletarios audazes d'outras eras, espancar e insultar os que apregoam a liberdade; não sabereis fabricar revoltas e fazer da terça parte do paiz um corpo de espiões; não sabereis formular manifestos socialistas nem republicanos applicaveis á *sancta causa*; não tereis pelo vosso lado a Nação e a Revolução, duas palavras conspurcadas; não fareis de vossos sobrinhos, maus litteratos, officiaes do exercito e empregados publicos a passo de carga; não sabereis como se dá mais a um cavallo real do que a um professor primario; os nossos publicistas não serão a um tempo ex-insultadores das mulheres honradas e cortezões das outras; não se dirá em publico que os jornalistas independentes da terra vão ao paço receber a feria; não sabereis em fim conter na ordem quatro milhões de filhos de Portugal, com um chicote d'um municipal agalado!

Oxalá que surjam para vós os obstáculos que estes homens destroem e oxalá que não saibam vencer os. Caem-se? Succumbe-se? morre-se? muito embora morra-se nobremente para ensinamento dos que vierem.

A cor vermelha é a dos reis, dos forçados e dos cardeaes. é certo, mas é tambem a da Revolução! (1)

Lisboa, 19 de Julho.

SILVA PINTO.

*Meus bons amigos.* — Do cidadão hespanhol José Vasquez Brabo recebi o artigo que vai junto. Destinava-o o digno redactor da *Justicia Federal* a ser publicado no *Espectro de Juvenal* que tenho redigido em Lisboa com o nosso prezado Magalhães Lima. Tendo o *Espectro* suspenso durante as ferias a sua publicação é-me impossivel annuir aos desejos de J. Vasquez Brabo e, attendendo a que o assumpto do artigo é de immediato interesse, rogo-lhes o favor de lhe darem logar nas columnas da *Republica Portuguesa*.

Aproveito o ensejo para lavrar um publico testemunho de reconhecimento e sympathia para com o nosso digno collega da nação vizinha.

Amigo e correligionario.

Silva Pinto.

Lisboa, 18 | 7 | 73.

## LA SITUACION DE ESPAÑA

Ante todo debo declarar que soy español, periodista y republicano y que en este momento siento en el alma tener la primera de estas tres cualidades, no por que me arrepienta de haber nacido en la patria de los martires de la libertad, sino porque crean algunos de mis lectores de Portugal que en mi habla la pasión al ocupar-me de mi patria.

No, no habla la pasión porque como republicano federal reconozco que el hom-

(1) O *Rebate*, órgão do centro republicano federal de Lisboa, insere um repto arremetido pelo nosso amigo J. Vasquez Brabo, redactor da *Justicia Federal* ao *Jornal da Noite*, a propósito de umas cartas deploráveis do sr. S. intituladas *A Monarchia e a Republica*, publicadas naquella folha. Remetemos ao n.º 11 da *Republica Portuguesa* o digno jornalista hespanhol: alli encontrará os nossos commentarios ás cartas em questão. A opinião indica o sr. Antonio José de Seixas, ex-deputado por Angola, como o auctor de taes dislates. E' nos indifferente o nome do auctor; julgamos-o, pela crassa ignorancia que nos revelou, collocado para todo o sempre fóra do terreno d'uma discussão.

S. P.

bre es la humanidad y la humanidad solo tiene por patria el mundo.

No, no habla la pasión porque el deber del periodista honrado es decir la verdad desnuda aun que esta verdad amargue los labios de mi madre, aun que amargue mi propios labios; periodista lo soy y mi houradez jamás ha sido puesta en duda, y yo juro que si alguna vez lo fuese seria el último dia de mi vida.

Entremos puez en el asunto que me propongo tratar.

España, la noble España, que ha servido de cuna á tantos martires de la libertad pero también á tantos tiranos.

España, que ha sido la patria de tantos héroes, de tantos hombres ilustres, pero también de tantos miserables, de tantos ignorantes.

España, que si bien ha sido humilde esclava de algunas razas durante tantos siglos cuenta tantas epopeyas como gritos de libertad ha lanzado desde Cavadonga á Villalaz, desde Numancia á Zaragoza, desde el 2 de mayo de 1808 al 22 de junio de 1866, no podia permanecer inactiva ante el progreso de las ideas modernas sin hacer traición á su historia, á sus tradiciones, á la consideración que goza en Europa.

España estava llamada á representar su papel en el gran drama europeo y no podia negarse á hacer dráma sin menoscavar su honra, su dignidad.

España debia colocar su piedra en la obra revolucionaria del mundo y la colocó, ó mejor dicho, la está colocando.

Si, llena de indignación y vergüenza ante tanta immoralidad, ante tantos vicios como se habia encarnado en sus reyes, sacudio el jugo que la oprimia rompiendo las cadenas á que se veia sujeta y al saltar el trono español hecho mil astillas por la piqueta revolucionaria; hizo temblar, á todos los tiranos de Europa que sentiam commoverse bago sus plantas las gradas del trono donde se alzava su soberbio el mismo tiempo que los pueblos esclavos hacian resonar sus cadenas.

Parecia natural y logico que muerta la monarchia el pueblo español gozase de paz y ventura como es natural y logico, que desapareciendo la causa dejase de producirse los efectos, pero no fue assi.

La causa desapareció, la monarchia hujo de este suelo para no volver jamás y al cruzar o Vidaróa dejó tras de si la semilla de la immoralidad con que habia vivido, los germens de corrupción que habia creado; esta semilla, estos germens son los efectos de aquella causa y para evitar el mal por completo no solo hay que hacer desaparecer la causa si no los efectos que haga producido.

Este fue el error del pueblo español; hugó vergonzosamente la monarchia ante el soplo de la revolucion y engañou el pueblo por algunos falsos apostouos de la democracia y por otros que faltos de valor temieron que se estrabiase en el nuevo camino que emprendia, creyó habia terminado su obra y formó alianza con los partidos monarchicos para constituir una Republica sobre vases solidas.

Esto era sin invargo una ilusion porque los partidos monarchicos eram producidos por la monarchia, eram el efecto de la causa, y mientras los efectos subsistam el mal ha de subsistir; mientras los monarchicos intervinesen en la constitucion de la republica, esta habia de tener resabias de monarchia.

De ahí resulta que se conservou aun en España las miasmas leyes, la misma centralisacion, la misma deuda y hasta los mismos empleados.

De ahí resulta que el pueblo engañado con alagueñas frases, esperando durante cinco mezes á que la asamblea y el gobierno le diesen de hecho la Republica que ya tenia de nombre, viendo que en lugar de ocuparse del bien general los encargados de hacerlo solo pensaban en sus ambiciones personales, comprendiendo que habia salido de las garras de un ti-

rano para caer en las de unos ambiciosos, se levanta en armas en Sevilla, San Lucar, Cadiz, Málaga, Cordoba, Cartagena, Murcia, Cataluña e otras puntos procurando hacer por si solo lo que no podran hacer nunca los republicanos conservadores, lo que desde el primer dia debia hacer sin contar mas que con su soberania, la federacion.

Si, la federacion que se le ha dado in *nómine* á pesar de averla conquistado de derecho, y cuando un pide lo que de derecho le corresponde, si no se le da, lo toma.

Que no culpen, pues, los republicanos portuguezes al pueblo español si no tiene paz en estos momentos pues si asi lo hacen culpan al pueblo do Porto de los sucesos ocurridos el dia 22, y el pueblo do Porto es inocente por mas que sea el castigado.

Los despotas, abusando de su poder, saltan por cima de las leyes sin reparar que lo mismo pueden ocurrir los sucesos de Sevilla que los do Porto, lo cual demuestra que los pueblos son lo mismo en todos los países, asi como los tiranos en todas partes son iguales, lo cual está demostrado con el proyecto de suspension de garantias concedido al gobierno por la asamblea de Madrid y con la aprobación por el gobierno portuguez do regulamento da companhia das aguas de Lisboa.

Continuarei.

José Vasquez Brabo.

Madrid, 16 de julio de 1873.

## QUESTÕES THEOLOGICO-SOCIAES

Vamos pôr hoje remate ás nossas locuções scientificas, encetadas nesta folha em resposta aquelles que pensam que a philosophia d'uma epocha se transforma em religião na epocha seguinte. Como os nossos leitores devem ter visto dividimos este trabalho em tres pontos.

Tractamos no primeiro de apresentar as razões que tinhamos para não admitir sintilhante opinião, porque ella contradiz a lei da historia, a qual, se afirma alguma cousa, é que a religião se transforma em sciencia, mas não vive-versa. Pelo segundo ponto mostramos que não era logico nem intelligivel o suppor as religiões mera criação do homem, e embora, porém, o seja, ainda assim em nada se contradiz a historia, de nenhuma maneira se pode afirmar a proposição acima enunciativa, porque a lei da natureza, e do homem por tanto, é o progresso e todos os progressos como já vimos têm sido feitos lutando contra as religiões. A razão, se não ficasse já expressa em muitas partes d'esta folha, diriamos de novo, que é porque toda a religião é auctoridade externa e desconhecida, porque todas as religiões olham para o passado e o homem caminha para o futuro e trava-se por tanto uma luta entre a sciencia e a religião como nós mostramos no jornal o *Trabalho* num artigo intitulado — *A celebração do domingo*.

Sobre esta questão pouco mais temos hoje a dizer.

Alguns escriptores, vendo que as religiões se têm renovado com as descobertas da sciencia, isto é, vendo que na religião tem entrado algumas vezes a solução dos problemas da philosophia e ao mesmo tempo que as religiões têm soffrido algumas modificações no sentido do progresso, têm sido levados a considerar as religiões como scientificas; e assim affirmam que umas vezes se fazem progressos lutando contra as religiões, quando estas se tornam immoveis e antitheticas com a sciencia com quem devem estar em harmonia; outras lutando a favor, quando as religiões são uma synthese sob—forma sentimental da cultura scientifica anterior. (*Tribuna Popular*, Carta do sr. Laranja).

E' este o terceiro ponto em que dividi-

mos a discussão. Acha-se em parte prejudicado pelos anteriores raciocínios e por tanto pouco diremos a seu respeito.

Esta questão já foi tratada entre nós no campo stricto do christianismo por talentosos escriptores, taes como: o sr. Oliveira Martins e Anthero do Quental. Sustenta o primeiro na *Theoria do Socialismo* que a religião christã fôra um retrocesso, porque obstara ao livre desenvolvimento da raça latina que já se achava desprendida por assim dizer de todo o culto; e em quanto ás vantagens que o christianismo tinha trazido ao mundo da mesma maneira sustenta o sr. Oliveira Martins que já se encontravam em germen na sociedade romana, taes como: a unidade da especie humana, a fraternidade, o principio da egualdade, como se pode ver em Cicero, Seneca, e sobre tudo nesta sentença d'um poeta dramatico, posta na bocca d'um escravo, e tão applaudida em Roma: *Homo sum nihil a me alieni puto.*

Responde o sr. Anthero do Quental que é verdade o que diz o sr. Oliveira Martins, mas que o christianismo veio revelar uma parte desconhecida até allí á sociedade antiga, a face moral, e a idade media, que é o desenvolvimento, o reinado do christianismo, fez um progresso moral sobre o mundo antigo, não obstante este periodo da humanidade ser uma interrupção do progresso social sobre outros pontos.

Escusamos repetir que preferimos a primeira opinião.

O sr. Anthero do Quental pertence ainda á velha escola: pensa ainda que a moral vem do alto, que é uma idéa metaphisica e primordial, imposta por um ser superior, quando ella é o resultado do desenvolvimento psychologico do homem e da perfeição social. Vê-se isto claramente da simples comparação da moral entre diferentes nações.

Cada povo e cada epoca têm tido uma moral diferente o que não poderia acontecer se esta idéa fosse um juizo primordial e irreflectido, uma pura idéa da razão, porque estas seriam as mesmas em todos os homens e por tanto o desenvolvimento o mesmo.

Como foi então que o sr. Anthero do Quental encontrou que a idade media, reinado do christianismo, foi um progresso moral, permanecendo os outros elementos sociaes immoveis? Para quem serviria então essa moral, que se não accommodava ao espirito de ninguém? O sr. Anthero não o diz, nem o podia dizer, a não cair na defesa do monarchismo que é effectivamente ao que levou essa tal ou qual reacção que se manifestava no principio do christianismo.

Nós no christianismo não achamos nenhuma vantagem, nenhuma novidade. Alguma coisa boa, que contem, não lhe pertence. A familia não foi elle que a reformou, mas o progresso da legislação romana. O sentimento da humanidade, em virtude do qual S. Paulo dizia que o christão não reconhece nem gregos, nem romanos, nem barbaros, nem civilizados, já se encontra entre os romanos, os quaes se diziam os cidadãos do genero humano. O sentimento da egualdade também não foi o christianismo quem o revelou ao mundo, antes de Christo, morriam por elle os Gracchos em Roma e Spartaco e Catalina nos campos de Italia.

Não duvidamos que Christo fosse uma boa alma e desejasse o bem da humanidade, mas seus discipulos materialisaram todos os conceitos, e, do que era uma bella doutrina, fizeram outra em sentido contraditorio. Pensaram que nas palavras do mestre estava toda a felicidade e torna-

ram-se apathicos como todos os defensores da religião, a qual não é outra coisa do que o sacrificio completo da humanidade a um homem que se diz investido dos poderes de Deus. O resultado de tudo isto é estabelecer-se, desde que a religião apparece, uma luta entre a religião e a sciencia, ou observação e desinvolvimento humano; e por tanto todo o progresso effectua-se sómente trabalhando contra as religiões como nós mostramos já no primeiro artigo sobre esta questão.

Terminamos aqui as nossas reflexões sobre este objecto. Eram estes os fundamentos que tinhamos para impugnar de reaccionaria e theologica a opinião do sr. Laranjo. Agora o publico que julgue.

ALVES MORAES.

## SANTAREM

(ao correr da penna)

E' bem manifesta a profunda agitação, que sobressalta as sociedades da actualidade; a epocha, que atravessamos, é periodo de lucta e transição. Na transformação, porque vaee passando a humanidade, avulta um poderoso elemento, que constitue o principal caracteristico do espirito moderno, da nova civilização. Estas violentas lutas, que de seculos a seculos, se travam no seio da humanidade, são a consequencia das grandes leis da natureza humana, e da logica inexoravel da historia. A sociedade do seculo actual transforma-se, aspira a um novo ideal, tentando vasar em novos moldes suas tendencias e aspirações. Eram demasiado acanhados os principios, que serviam de base á sociedade, que, sem temor de errar, se pode dizer passou; não se exprimiam em formulas tão estreitas as vastas aspirações do homem; suffocavam as legitimas tendencias do espirito racional. A idéa, germinando e desenvolvendo-se durante largo periodo, tenta agora quebrar as formas que a cerceam, e manifestar-se em toda a sua plenitude. A chrysalida faz-se borboleta; e o pensamento expande-se. A revolução a que assistimos, e em que temos plena confiança é a expansão do pensamento comprimido largo tempo. Tentou-se oppor-lhe diques e crear-lhe embarços; mas illudem-se os que pretendem reagir; a revolução ha de passar por sobre tudo que l'ese opponha, porque ella é omnipotente, como tudo que tem o cunho de necessario.

O christianismo era humilde de mais para que podesse afirmar ousadamente a individualidade; a raça do norte é que trouxe o sentimento da liberdade e independencia. D'estes dois elementos, combinados e transfundidos, surgiu a sociedade que vaee acabando; agora ergue-se no espirito humano esse typo mais elevado que o ideal christão, o trabalho, a justiça, a verdade, o direito. Estas noções supremas da razão, constituem os principios augustos da nova doutrina, cuja propagação tem excitado e ha de excitar a reacção obstinada dos que especularam com os principios, que tentam sustentar.

A religião e a monarchia têm sido um embaraço funesto ao desenvolvimento intellectual e moral do homem; uma pesava sobre a consciencia e outra sobre a liberdade.

O tempo dos padres e dos reis está acabado; não é a vontade do homem que os derriba; é a fatalidade d'uma lei. O fanatismo, que algemava o pensamento, e a prepotencia que esmagava a liberdade, riscou-os a poderosa alavanca do progresso.

A sciencia, mettendo o escalpello da analyse em tudo, tem mostrado ao povo, que as pompas do clero, e a purpura dos reis, longos e pesados sacrificios lhe tem custado.

O povo começa a fitar a luz, para que lhe apontam, e seu espirito desassombrado das trevas, em que calculadamente o tem envolvido, principia a sentir as aspirações legitimas para a verdade. Comprehende e fim a illegalidade dos deveres com os direitos, e destroe aquelles; deseja a ordem e a harmonia, conhece a profunda e injusta desigualde, e o desequilibrio em que tem conservado as forças e os productos. O sentimento da dignidade individual, e da personalidade que tem estado dormente, surge em fim no espirito popular; o povo reconhece-se homem, e reclama a effectividade dos direitos, que a philosophia lhe affirma.

A' sombra da bandeira dos velhos principios se gerou, cresceu e desenvolveu a immoralidade, que actualmente revolta o espirito, em quem ardem os sentimentos da verdade e da justiça; no seio da sociedade do passado surgiram fructos de maldição e corrupção. Corroeram-na os proprios vicios; vaee sob o peso dos proprios crimes; cae por isso fatal e irremessivelmente. A revolução que se ergue, traz em seu seio os germens fecundos da justiça e do direito; estas elavadas noções por tanto tempo ignoradas e abafadas, rebentam em fim na intelligencia de todos; no coração da humanidade erguem-se-lhes sanctuarios. A religião da sociedade, que vaee nascendo é a religião do bem, e não a dos padres catholicos apostolicos romanos mais formularia e menos pura na essencia.

A luta que o espirito moderno trava com o passado é violenta e renhida, porque a revolução tem de galgar inumeros obstaculos, representados por todas as anomalias e cegueiras que a falsa civilização dos antigos principios estabeleceram. A revolução é universal; politica, artes, litteratura, sciencia, costumes, tudo em fim, quanto constitue a vida d'uma sociedade, ha de modificar-se, sob o influxo benefico do grande pensamento, que nós applaudimos com entusiasmo, e defendemos com a inergia das sinceras e bem profundas convicções.

Já todos os moços, que estudam, e não estão ainda contaminados pela lepra da immoralidade, se erguem como um só homem, e cheios de coragem e dedicacão affirmam por todos os modos, na aula, na imprensa, no jornal, no livro, e sobre tudo pelo exemplo pratico, a doutrina da verdade e do dever.

A. BRITO E AZEVEDO,

## LISBOA, 15 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Tornava-se porventura escusada esta pequena correspondencia depois do artigo que hoje lhes envio ácerca dos acontecimentos do dia. Registêmos em todo o caso dois ou tres factos que não deixam de ser eloquentes.

—O *Paiz* rivalisa com o divino *Illustrado* nos seus rigores (sic.) para com a Hespanha. Ha poucos dias chamou *impotentes* a Castellar, Pi, Orense, Salmeron, etc. Não ha allí por onde escolher. Quem o assevera é o *Paiz*, o orgão do mais inepto e imbecil grupo politico da nossa terra.

Quem chama impotente a Castellar é o senhor *João Antonio dos Santos Silva*,

é o senhor *Anselmo José Braamcamp*, é o senhor *duque de Loulé*, os somnambullos e os papagueadores de 19 de maio; os aspirantes a ministros velhos e moços, os aprendizes politicos de toda a casta, os grotescos da politica portugueza.

E admiram-se de que um governo devasso como o de Fontes e quejandos se conserve no poder! Com uma opposição de tal ordem é de crer que seja eterno.

—Ao passo que o *Paiz* esfrega os olhos e diz tolices, o sr. Manuel Pinheiro Chagas, folhetinista, abre a bocca e diz inconveniencias.

Faz espirito (espirito de regenerador) a proposito da camara municipal de Lisboa e do leão da Estrella. Pretende apagar das faces do sr. Fontes os vestigios da bofetada que lhe applicou o primeiro municipio portuguez. Escolheu para tão nobre missão, o *Diario Illustrado*, JA' SEVE.

Quando se convencerão de que ao passo que se tornaram repugnantes como politicos, caíram miseravelmente como litteratos? Estão no seu terreno, no fim de tudo: não temem os concursos.

—(A'cerca d'uma local que a meu respeito publicaram os meus prezados amigos da *Republica* no seu ultimo numero, tenho a dizer-lhes que ha allí nma affirmacão inexacta: não houve *intimação* nem eu a soffreria. A questão está longe de merecer uma discussão publica e fica encerrada em duas palavras:—«Tenho luctado sempre contra a maré; a lucta é difficil, mas a maré é vária.» Nada mais).

S. P.

## NOTICIARIO

Chegou ao fim do 1.º trimestre o nosso jornal. Muita gente dizia que não passava do 1.º numero. Felizmente não foi assim. Na 4.ª feira sairá a ultima folha.

Não desinvolvemos, quanto desejavamos, o programma republicano, mas fizemos quanto em nós coube, não nos poupando a sacrificio algum.

No fim do trimestre suspendemos até ao 1.º de outubro. Somos todos academicos e tudo aqui se suspende durante dois mezes. Iremos basear na terra das nossas naturalidades novas forças e fazer novos estudos para arcar de novo com a velha e devassa monarchia. Sobre tudo iremos ahí ensinar aos nossos irmãos do berço os principios que aprendemos nos livros; e so durante os tres mezes findos fomos a palavra escripta seremos agora a palavra fallada.

No ultimo numero faremos aos nossos illustres assignantes as derradeiras despedidas bem como lhes agradeceremos o acolhimento que nos dispensaram. Até lá.

Lemos um artigo no *Cabron* em resposta á *Republica Portugueza*. Notamos-lhe alguns erros orthographicos, como por exemplo *collectivo* em vez de *collectivo*; *jibao* em vez de *gibao*; e por fim que *afastava* com o *pé* as expressões da *Republica* em vez de dizer com a pata.

Ao resto não se responde.

Publicou-se no Porto um canto á liberdade. Intitula-se *A' Hespanha republicana*; é o seu auctor o sympathico escriptor Simão Velloso, estreado já na nossa folha com algumas produções poeticas. A poesia é dedicada a Emilio Castellar e tem algumas estrophes inspiradas.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra — Trimestre . . . 300 reis, semestre . . . 600 reis. — Para ás Provincias — Trimestre . . . 360 reis, semestre . . . 720 reis. — Avulso no proprio dia 20 reis. — Anuncios 30 reis cada linha. — ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se: — Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61. — Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida — Coimbra — Rua da Sophia, n.º 59 e 61

# REPUBLICA PORTUGUEZA

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DE COIMBRA



ANNO DE 1873

FOLHA SEMANAL

N.º 14

## OS CONSERVADORES

Os successos de Alcoy tem horrorizado a todos os conservadores da Europa. Não tem no seu vocabullario expressões e termos com que os condemnam; ao passo que olham com a maior indifferença para o vandalismo das partidas carlistas e para as façanhas inauditas do assassino Santa Cruz, para os ultimos successos de Igualada, que deixam muito atraz a todos os attentados da communa de Pariz e a todos os excessos da Internacional. São coherentes os homens de sangue. O partido conservador quer dizer, partido assassino da liberdade. Nós tambem temos cá um que se assigna assim. Este como todos, manda acutilar os indefesos liberaes do Porto ás portas da Sé d'aquella cidade; manda invadir a tropa os paços municipaes de Lisboa, aquelles eternos baluartes da liberdade erguidos pela soberba do povo contra a soberba dos nobres, que no dizer do sr. Herculano erguiam um braço para o povo e o outro para o rei; mas o bruto do barão do Zezere nenhum respeito tem, já não digo pelo municipio da actualidade que nada vale devendo valer tudo, mas pela recordação do municipio de outras eras de quem comprou o de Lisboa foi o primeiro.

O governo não contente com tudo isto manda ainda insultar por meio do seu subalterno, o governador civil de Leiria, a camara municipal d'esta cidade, chamando-lhe ladra e não sei quantos mais nomes injuriosos.

Portugal consente tudo isto. Estamos na patria do Bonga ou numa terra civilizada? Srs. regeneradores, quereis destruir pela base os poucos restos de vida que ainda bruxuleiam neste desgraçado Portugal? Sêde francos, dizei quem sois. Nada de tripudiardes imponente sobre as desgraças d'este misero mas outr'ora grande povo. Nós conhecemos vos bem. Nós sabemos bem quem sois. Alliados do conde de Thomar e sachristães do papa. Só tendes feito mal a esta nação. Sois protervios e nescios. Protervios porque insultais diariamente todos aquelles que não são do vosso partido e porque o vosso orgão official da imprensa a *Revolução de Setembro* não tem feito durante a sua longa vida senão insultar. Sois nescios porque nunca apresentastes em administração uma medida que não fosse copia de outra de fóra ou então uma ineptia. Os vossos financeiros são charlatães porque não conhecem outro meio de augmentar a receita publica do que o augmento do imposto.

Mas o partido regenerador além de inepto e protervioso é mau e immoral. Corrompe a opinião publica por meio dos compadres Tavares com o *Correio do Sul*, por meio dos Germanos Meirelles com o *Progresso Commercial*, por meio das eleições a dinheiro, o qual elle dispende a mãos largas sem lhe custar a ganhar.

Sustenta uma cafila de empregados, verdadeira praga de gafanhotos que infestou este desgraçado paiz e que o não deixará de certo senão depois de lhe ter sugado todas as entranhas.

Não ha ninguem da facção regeneradora que seja trabalhador ou operario. Este partido é a facção dos ociosos e parasitas. O seu estado maior é composto de marque-

zes, duques e pares do reino e os grandes exploradores, commerciantes e padres, as duas nullidades por excellencia. Nullidades lhes chamam e são-no deveras.

O padre é nullidade, porque a missão do padre foi sempre ensinar e hoje esta classe é uma das mais ignorantes da sociedade, portanto deve ser substituido pelo professor. O commerciante é nullidade, porque só é profissão util e proveitosa na sociedade a que augmenta directa ou indirectamente a riqueza, e o commerciante não a augmenta um centil; o que faz é transportar as mercadorias d'uma terra para as outras, comprando por dois e vendendo por seis, segundo a arte do commercio. Ora este transporte das mercadorias pode-se effectuar por meio das agencias commerciaes, isto é, serem os proprios consumidores que as agenciem directamente e os proprios productores que as forneçam.

Estavamos pensando no que deixamos escripto, quando fomos interrompidos pela entrada no nosso escriptorio da *Correspondencia de Coimbra*. Abrimos; e que é o que vemos? exactamente o contrario. Lemos o idyllio do partido regenerador; um idyllio pomposo.

Acabámos e dissemos logo: — Bem, temos mais um para ajuntar ao *Jornal da Noite*, tambem defende a monarchia em these, o outro em hypothese. Esta *Correspondencia* desde que deixou de assignar o nome do sr. dr. Garcia já ninguem a entende. Mas isto pouco nos importa; vamos a doutrina que no referido artigo se contem.

A *Correspondencia* não encontra phrases com que louvar o partido regenerador.

Na falta de argumentos começa debuchando um dislate. Diz «que se chamam regeneradores os primeiros liberaes que deram a Portugal uma constituição democratica, esses governos amigos do povo, que em 1820 levantaram neste canto da peninsula hispanica o libertador grito revolucionario.»

Segundo o que se lê, para a *Correspondencia* os liberaes de 1820 eram regeneradores. O partido historico e reformista que lh'o agradeça. Nós pensavamos que o partido regenerador nascera em Portugal em 1852 em seguida aos actos de vandalismo do governo *Thomasio-papista*, o governo *cacetista-santarrão* que poz o paiz em chammias.

Tirou-nos d'esta illusão a *Correspondencia de Coimbra*.

Diz mais «que este partido contou entre seus membros as primeiras notabilidades scientificas, litterarias e militares.»

Aonde viu a *Correspondencia* um partido defensor da liberdade, que não contasse os primeiros militares no seu gremio.

Olhe para a França. Lá está Mac-Mahon. Olhe para Allemanha. Lá está Molke e Guilhaume. Olhe em fim para todas as nações e verá que a liberdade está na razão inversa do militarismo. Parece incrível que a *Correspondencia* que tem apostolisado tantas vezes estas mesmas idéas se esqueça do que tem dito.

O exercito é um aliado das monarchias ainda se não viu uma sem elle. Mas a *Correspondencia* é coerente, porque tambem defende a todo o transe a monarchia hereditaria.

Temos assistido durante algumas semanas a este contraste de idéas politicas da *Correspondencia* e tem-nos compungido profundamente esta conversão abstrusa para um partido morto e que tem dado os mais evidentes signaes que ha de arrastar na sua queda a propria queda da monarchia.

O artigo todo da *Correspondencia* a que alludimos, e podiamos dizer o jornal todo do dia 27, é um acerbo de inexactidões.

Attribuem-se todas as vantagens e felicidades que possui Portugal ao partido regenerador; quando nós consultando a historia de 20 annos d'este partido não encontramos uma medida de alcance; só expedientes e augmento de impostos, tal é a historia do partido regenerador. Todos os outros partidos contem entre as suas leis algumas uteis e proveitosas.

Os historicos contem a lei da abolição do monopolio do tabaco e da desvinculação, os reformistas inauguraram no paiz a epocha das economias, quizeram reformar e dirigir por bom caminho os desvarios das passadas administrações; não o conseguirão mas ao menos devemos louvar estas intenções. Todos mais ou menos têm mostrado desejos de melhorar a sorte d'este paiz; só os regeneradores são impenitentes nos seus erros. Todos têm trabalhado mais ou menos para a felicidade d'esta terra; só os regeneradores são os unicos que nada têm feito de util para Portugal. A sua administração tem-se assignado pela maldade, pela ineptia, corrupção e excessivas despesas do estado, e nós concluimos que é mais devasso, gastador, inepto e corrupto quem o defende.

A. M.

## POLITICA INTERNACIONAL

### O FEDERALISMO

A Hespanha acha-se dividida em dous campos inteiramente contrarios. O norte arvora por toda a parte a bandeira legitimista, segue o *Terso*, e assassino D. Carlos, que á frente de um sem numero de facções, tenta reformar o throno de S. Fernando, de Carlos Quinto, de Philippe II e Philippe V. Este partido é o defensor da inquisição e do clericalismo; o governo d'um Deus só no ceu, e um rei, um homem a governar só na terra.

Este partido aneia pelos horrores das guerras religiosas, pela forea e pelos fusilamentos.

Neste governo todos os homens são escravos da vontade de outro homem. A representação popular não é nada para elle; a autonomia do individuo fica supprimida perante a auctoridade do estado. Os povos são para o rei o que é o rabanho para o pastor. O rei é por este systema o grande pastor ovium dos antigos tempos e toda a theoria d'este partido se resume no dito de Luiz XIV, tornado o symbolo do despotismo—*le état c'est moi*.

Em frente do carlismo levanta-se o federalismo nas provincias do sul e nascente. Este partido deseja exactamente o contrario do primeiro. Põe acima de tudo a vida do cidadão, a sua autonomia, a sua pes-

soa, a sua dignidade, a sua familia e suas casas e interesses. O estado para este partido não é senão um delegado, um funcionario, que olha em seu nome. O povo é que faz por este systema as leis, em contrario d'aquell'outro, onde as leis são feitas para o povo.

Este systema proclama a independencia do individuo e como consequencia o meio onde elle vive; e como todo o individuo vive na parochia, onde começa a base do federalismo é a independencia da parochia ou da communa.—As communas, ligadas entre si, formam o municipio por meio da representação municipal. Os diferentes municipios, ligados como as parochias por outra representação, formam a provincia. As diferentes provincias ligadas ainda com a metropole formam por meio da delegação o poder central.

Nesta hierarchia administrativa cada corpo politico funciona particularmente, mas sujeito á assembléa geral, que é a de todo o estado.

A parochia está para o municipio como o municipio está para a provincia, como a provincia está para a nação.

Este é o ideal dos federaes de Hespanha. Como o querem praticar as cidades do sul de Hespanha? Aqui divergem as opiniões entre ellas e o governo de Madrid.

O governo deseja dar uma constituição geral e juntamente a divisão de cada provincia, municipio ou cantão. Pelo contrario as cidades do sul entendem que ellas são aptas para fazer esta divisão, porque melhor do que ninguem conhecem as suas necessidades. O resultado de tudo isto é o movimento separtista que se nota em todas as terras meridionaes de Hespanha sem o consentimento do governo.

Quem tem razão? Eis aqui o ponto questional. No nosso entender são só consequentes os federalistas. Em quanto ao carlismo, esse está condemnado a perecer, porque é um partido velho; e os velhos, quando entram em luta com a mocidade, o vigor e força, ficam sempre derrotados. Tirem-os por tanto do debate. Os constitucionaes republicanos não possuem razão alguma em se oppôr ao movimento separtista, porque, segundo a moderna sciencia social, o papel das côrtes geraes deve ser sómente fazer a constituição geral, tratar das relações diplomaticas e militares e das relações entre os os diferentes grupos administrativos, parochias, municipios e provincias, e nunca intrometter-se em questões locais e particulares. Porque é que o governo da Republica manda os seus principaes militares combater contra as cidades republicanas, em lugar de os mandar contra os carlistas? porque tanto affan em combater Contreras, Pierrad e outros grandes homens da Republica, e deixam num completo abandono o norte, infestado por guerrilhas abominaveis, cujos excessos praticados por ellas vão muito além de tudo o que se tem dito da communa de Alcoy e de todos os horrores de anabatistas, thermidorianos, convencionaes, ou puritanos?

Não o sabemos. Se nesta luta contra a grande idéa democratica e o absolutismo clerical, vencer este ultimo, a grande,

responsabilidade recahirá toda sobre o governo da Republica.

Ignorará o governo hespanhol que os Estados Unidos venceram a Inglaterra pelo movimento separatista que se formou nas differentes provincias da America do Norte, pela occasião da guerra da independencia? Ignorará, dizemos, elle, que cada general, nessa epoca, se achava á face de um cantão e que todos lutavam contra o inimigo commum?

Senhores republicanos das *constituintes* e do governo, leiam a historia dos Estados Unidos e da Suissa e vereis, que aquillo que condemnaes no sul da Hespanha, foi exactamente o que salvou a America do Norte das garras da Inglaterra, e a Suissa do abutre da Austria. A energia que mostraes deveis, senhores do governo, dirigil-a contra os *carlistas*, se quereis a paz na Hespanha.

A. M.

## PADRES E REIS

### IV

Uns não valem mais que outros.

Ao imperio da realza, como ao reinado da burguezia, como ao dominio dos padres succede sempre a anarchia tributaria, o retrocesso intellectual e a publica miseria nas classes menos abastadas da sociedade.

Especie de banquete de Trimalchião é o povo para o rei o mesmo que o devoto é para o padre.

Borgias de todos os tempos e de todos os logares, Tartufos de todos os salões e de todas as igrejas, para elles nada mais existe além de um egoismo grosseiro e de uma exploração infamissima.

E' por ventura demasiado negro este quadro, bem o sabemos, mas devéras real e verdadeiro.

E pede-se tolerancia em nome da liberdade?

Mas como poderá haver tolerancia para com os verdadeiros fomentadores da desordem, da guerra e da vingança?

Pois querem acaso avivar o pontificado do *infalioel* Annibal de Gauga (Leão XII) o despotismo da sociedade *San-Fedita*, a torpeza dos Neros e a infamia dos Caligulas?

Olhae o vizinho reino.

O rei, conluído com o padre, o exercito indisciplinado, confundido com o fanatico impertinente, produzem hoje a *internacional negra*, o mais nefando de todos os movimentos e a mais abominavel de todas as tyrannias.

Comparaes os crimes de Igualada com os crimes de Alcoy.

Vede bem a distancia que os separa.

Não tentemos nunca embarçar a justiça com a iniquidade, nem tão pouco o despotismo com a liberdade.

Houve um tempo em que os pobres precisaram de pão.

Sentindo-se fracos, sacudiram o jugo que os opprimia e exclamaram mui cortezmente: «Nós tambem somos homens!»

Depois imploraram justiça, formaram associações, e reuniram suas forças, até allí dispersas.

Surgiu, então, um brado gigante que se intitulou: — «*Associação internacional dos trabalhadores*».

Puro no seu inicio, este brado tem-se, porém, pervertido com o andar dos tempos, dando azo ao mais nefasto de todos os commentarios.

Como associação, devia a *internacional* só de per si exprimir a liberdade, a união, a força, o credito, o trabalho, o futuro, a humanidade, numa palavra.

Mas um obstaculo a desviou do seu fim, uma negra perversidade a condemnou impunemente.

Foi a reacção da realza.

Foi a reacção do clero.

Não!

A *internacional* era justiça, e, como justiça, tinha direito a viver.

A *internacional* era liberdade, e, como liberdade, tinha direito á existencia.

A *internacional* era trabalho, e, como trabalho, tinha direito a todas as garantias sociais.

Mas hoje a *internacional*, tal qual está, perdida e corrupta, nem é justiça, nem liberdade, nem trabalho.

Não pode existir.

Não pode viver.

Os governos, na sua maioria impopulares, forneceram-lhe, em virtude de uma reacção estúpida e pertinaz, um tónico poderoso.

E o certo é que a *internacional* fructificava a olhos vistos.

E a victoria era d'ella, certamente.

Porém o demonio da ambição, que tudo cega e tudo desfaz, vem num momento doloroso, perturbar-lhe as suas mais bellas aspirações no porvir.

A principio eram os reis, os governos e os padres que amaldiçoavam a *internacional*.

Hoje, pelo contrario, são os reis, os governos e os padres, mancomunados com o petroleo e com o cacete, que d'ella se aproveitam infamemente.

E de facto, o que é que tem obstado á consolidação da republica em Hespanha?

Quem concorreu mais para a elevação de Mac-Mahon ao logar de presidente da republica franceza?

Quem promoveu a queda de Thiers.

Quem, até hoje, tem coadjuvado o partido de D. Carlos?

Quem desacredita a religião e o evangelho.

Fallae reaccionarios.

Dizei-nos francamente que a vossa propaganda é a condemnação de tudo quanto existe e o prurirido de tudo quanto é infame e perverso.

Porém cuidado!

Os animos vão desportando finalmente. O leão adormecido de hontem levanta-se hoje tigre esfaimado e ai d'aquelles a quem elle poder tocar, porque então a vingança será temerosa e impreterivel.

Olhae bem que as andorinhas desertaram já do vosso lado. E ao desfazer das illusões apenas ficou o ninho, quasi desfeito e apodrecido.

E' que a creança innocente cresceria repentinamente em vigor e em perversidade.

E' que o primitivo sorriso do berço fóra logo substituído pela mais infame de todas as ironias.

Sim! é que o partido de hontem, vencido, humilhado, suppliciado, tenta agora retomar nas fileiras dos trabalhadores honestos um logar que lhe não compete.

Mas a liberdade saberá um dia repelli-os e a justiça, entretanto, não cossará jámais a sua nobre missão.

O rei é o padre e o padre é o rei.

Um não vale mais que outro.

MAGALHÃES LIMA.

## MOMENTOS LUCIDOS

Extracto d'um livro inedito

AO MEU DEDICADO AMIGO

### Francisco Figueira

Sou em extremo apaixonado das commoções violentas. Passo horas inteiras lendo os *Mysterios da Inquisição*. Os *ultimos momentos da communa* e alguns romances de Radcliff. Fiz ha dias uma horrivel descoberta: já não ha episodios por mais terriveis que me façam estremecer. Li Chartrian, Pöe, Hoffmann, Arnin, etc. Nada de novo!

Eu já disse que adoro as commoções violentas. Previno-vos de novo a fim de evitar surpresas e porque não me calumnies as intenções. Ha quatro dias fui convidado pelo meu amigo Felix V... a jantar com elle em familia. Felix é casado.

A senhora é formosa, intelligente, virtuosa e... e não faz folhetins.

Felix tem dois filhos, creanças cheias de vida, lindos olhos negros e tez alvissima, muito alva...

Depois do jantar fomos para o mirante do palacio. Tomámos allí o café. Era já noite. Ha muito que não vejo uma noite assim... bella noite aquellal...

Em baixo, a duzentos pés de profundidade, trabalhava ruidosamente a azenha do moleiro Thomaz. Aquelle ruido monotono lançara-me num estado de meditação vaga e inconsciente que é sempre em mim precursor de grandes resoluções.

Felix é meu amigo, velho amigo de tempos bem cheios de provações. A senhora nutre por mim uma amizade reconhecida. As creanças gostam mais de mim que do proprio pae...

Gosto muito de commoções... Eu e Felix estavamos de pé, junto á muralha. Olhei para baixo. A lua prateava as pedras da calçada e a agua da azenha de Thomaz. Olhei para Felix, que sorriu com um ar de bondade proprio apenas d'elle. Aproximei-me lentamente... muito lentamente... puz-lhe as mãos nos hombros e, de repente, arremecei-o do muro abaixo...

Ouvi um grito dilacerante. Senti-me bem. As fontes batiam-me violentamente. Pareceu-me vermelha a lua... eu gosto muito de commoções... Agarrei a mulher de Felix, que lutou desesperadamente por algum tempo, chorando, supplicando-me, implorando-me em nome dos filhinhos... e arremecei-a atraz do marido...

Ouvi um novo grito. Debrucei-me. Os dois corpos tinham caído na roda da azenha e, ambos presos nella, giravam mutilados, ensanguentados, allí, á minha vista...

Conservei-me por algum tempo debruçado, contemplando o quadro que tinha á vista... oh! o bello quadro!... Falta-me, porém, o que quer que fosse...

Senti, de repente, que alguma coisa se me prendia nos joelhos. Olhei... eram os dois pequenos, que choravam agarrados a mim.

—Ah! Ah! os pequenotes! Tinha-os esquecido já... vamos, vamos ter com o papá mais com a mamã... olhem, quem vê-os? lá estão elles... olhem!

Soltaram um duplo grito e debateram-se violentamente. Oh! mas eu tinha-os bem seguros...

Arremecei o primeiro; esse, mais leve que o pae e a mãe foi bater na calçada; ouvi um baque surdo... olhei para o segundo que chorava medonhamente;—coitadinho!—gosto muito de creanças... oh, mas adoro as commoções violentas...

Arremecei-o...

Lisboa, 24 | 7 | 73.

SILVA PINTO.

## PROGRAMMA

DO CENTRO REPUBLICANO FEDERAL DE LISBOA

(Concluido do numero 10)

XIII «Queremos que o governo central, ou conselho federal, seja eleito por esta camara, podendo a eleição recair sobre quaesquer cidadãos elegiveis, e devendo renovar-se cada sessão legislativa; não sendo assim o poder executivo mais do que uma commissão ou delegação do poder legislativo.

XIV «Queremos que cada um dos estados, provincias, municipios e parochias, em que se dividir a Federação Portuguesa, tenha a sua camara de eleição directa e o conselho ou governo respectivo, eleito pela mesma camara.

XV «Queremos o mandato imperativo para todos os deputados e a representação das minorias em todas as assembléas e corpos legislativos.

XVI «Queremos que todos os cargos

provenientes de eleição, sejam revogaveis por contra-votação dos eleitores.

XVII «Assim como queremos abolição da monarchia e do monarcha, não queremos presidente da Federação, nem presidente do governo, nem da camara; elegendo estas, todas as vezes que se reunirem, por aclamação ou escrutinio, um qualquer dos seus membros para dirigir os trabalhos da sessão.

XVIII «Queremos a abolição de todos os impostos actuaes e a sua substituição por um imposto unico, proporcional, sobre a renda.

XIX «Queremos a separação completa da Igreja e do Estado, de modo que cada cidadão pague e siga o culto que a sua consciencia lhe aconselhar, sendo completamente banido das escolas officias dos Estados o ensino de qualquer religião.

XX «Queremos a abolição do exercito permanente, que é uma fonte de exgosto de todas as forças vivas da nação, um foco permanente de desmoralisação e um perigo constante para a liberdade.

XXI «Queremos a extincção da divida publica, que absorve uma grandissima parte dos rendimentos da nação, sustenta um parasitismo inutil, e torna impossiveis todos os melhoramentos.

XXII «Queremos a extincção do corpo diplomatico, substituido por consules, e, onde fóer necessario, por simples encarregados de negocios; e a abolição do caracter de representação nas funcções publicas, considerando o serviço do empregado publico como qualquer outro trabalho, sujeito á norma commum dos salarios.

XXIII «Por conseguinte, queremos a extincção das jubilações, terços, reformas, aposentações e pensões aos empregados publicos ou suas familias, visto que a lei do trabalho diz que se deve sómente pagar áquelle que o exerce.

XXIV «Queremos a desaccumulação dos cargos publicos, de modo que não succeda, como hoje, exercer um individuo varios cargos, pelos quaes percebe grossos ordenados, não trabalhando geralmente em mais de um.

XXV «Queremos a instrucção official completamente gratuita nos seus tres ramos: primario, secundario e superior, afim de que o filho do povo, que não tem meios para pagar propinas e obter os elementos do ensino, possa tambem ter entrada nos estabelecimentos de ensino superior; e queremos a abolição dos graus, premios e distincções academicas, para que todos se achem em egualdade de circumstancias perante o publico, unico juiz capaz de apreciar imparcialmente e premiar o merecimento de cada um.

XXVI «Queremos a extincção dos subsidios aos theatros, carreiras de paquetes, a estabelecimentos de luxo scientifico e artistico, como conservatorio, academia das bellas artes e real das sciencias, curso superior de letras e outras semelhantes criações do estado monarchico, aristocratico centralizador.

XXVII «Queremos que os estabelecimentos industriaes do Estado, que são meras criações da centralisação, como imprensa nacional, fabrica de polvora, dita de vidros da Marinha Grande, arsenaes de marinha e do exercito, cordoaria nacional, conventos, palacios e outros edificios publicos; as matas nacionaes, como o pinhal de Leiria e outras, sejam alienados pelo Estado, deixando este de exercer qualquer função industrial.

XXVIII «Finalmente, queremos uma legislação protectora do trabalho das mulheres e das creanças nas fabricas, fixando-se o numero maximo de horas que umas e outras deverem trabalhar e determinando-se a idade, antes da qual será prohibido o trabalho das creanças.»

Approved em segunda leitura pela assembléa geral do Centro Republicano Federal de Lisboa—domingo, 22 de junho de 1873.

O secretario da sessão  
HORACIO FERRARI.

## O PROFESSOR SOCIAL NA EUROPA

POR

### ALVES DE MORAES

Buscando a lei das creações e da transformação das diferentes raças e povos da Europa; generalizando o seu modo de sentir, pensar e querer, segundo a lei das *selecções e da concorrência vital*, descoberta por Darwin, encetamos hoje, publicando esta obra, o mesmo trabalho no campo da historia social que já tem sido compreendido com tanta energia, e força de vontade na historia litteraria por Theophilo Braga, o primeiro talento da nossa terra na sua especialidade.

Os estudos sociais tem sido completamente desprezados em Portugal. Se abstrairmos d'um pequeno numero de espiritos cultivados e trabalhadores, que tentam actualmente reanimar esta decadente nação, vereis por toda a parte, jornalistas de todas as côres e matizes, muitos litteratos sem litteratura, romancistas, dramaturgos, muitos poetas lyricos e bucolicos, alguns elegiacos; vereis artigos de sciencia escriptos com o charuto no labio; *flaueurs* numa palavra, sobre tudo; mas nunca um pensador sério e profundo, que acompanhando uma idéa, ou uma civilização, ou a historia de um povo desde o seu inicio a siga através de todos os momentos da sua elaboração ou existencia. Os Laurents, os Larminas, os Quinets, Aitymers e outros da nova escola não fructificam neste solo. Herculano, que robusteceu o seu brilhante talento na escola das grandes transformações historicas, iniciadas por Thierry, Guizot e Villemain sectarios da escola velha e auctoritaria, este mesmo emudeceu ha muito.

Segue-se por tanto que a historia moderna, a historia verdadeiramente das idéas, e não a dos homens, como a que faziam os antigos; a historia que abrange num quadro, num só livro, uma ou mais civilizações, um ou muitos povos, a historia á maneira de Voltaire, não existe entre nós, e esta generalisação das idéas europeias é uma cousa nova para Portugal.

Tanto melhor: só as creações originaes podem vingar. O que dissermos será só nosso. As plantas, que rececem a seiva d'outras arvores, estiolam-se por falta de alimento e da distancia a que vivem do solo.

A Grecia é o paiz onde vamos buscar as origens da civilização europeia. A Europa é sobre tudo um continente liberal. Foi-o em todas as épocas da sua existencia, não obstante o despotismo do estado e da igreja se colligarem para a supplantar nas suas manifestações de liberdade e independencia. Ora a Grecia é marcada na etnologia dos povos como o paiz da liberdade. A Grecia creou as artes, a sciencia e a litteratura; a Grecia reanimou com as suas formas estheticas a beleza do mundo antigo; a Grecia legou ao mundo constituições modelo em politica; a Grecia foi em diferentes épocas a mestra dos grandes sabios, e quando a Europa se perdeu, na escuridão da idade-média e se viu encerrada nas prisões e nos carcereiros dos mosteiros, foi ainda a Grecia que veio dar de novo vida, luz, ar, calor e fogo a este mundo todo perturbado pelo longo soffrer dos cilícios e da cogula, pelas longas agonias do monachismo. Segue-se Roma, o paiz do direito, a nação da lei; a idade-média; a revolução franceza; a revolução de 1848; a época presente; todos estes factos serão apresentados á luz da sciencia moderna.

A lei, que preside a todos estes factos, é a *evolução* historica, demonstrada, e descoberta até á evidencia por Vico e A. Comte; o criterio, é a experiencia util e

fructifera. Avaliamos as instituições, como se avaliam as arvores, pelo fructo.

Assim: a instituição, que no correr dos seculos nos apparece com vida propria, e dominando absolutamente, e depois decêe por si, corrompe-se e contamina-se até desaparecer, essa instituição é má. Pelo contrario, a instituição, que se robustece e torna mais forte e vigorosa, atravessando as revoluções, essa instituição é boa: [o progresso deve sómente modificá-la.

Esta é, segundo nós, a lei dos factos criticados.

A lei das épocas, ou meio onde se realisam estas, é analogica e harmonica com a lei dos mundos na phrase de Fourier.

Enuncia-se assim: cada seculo move-se em volta d'uma idéa principal como cada corpo celeste em roda d'um astro principal.

Cada seculo possui uma feição geral, que é o producto das gerações passadas; e uma feição particular, aquillo que revela a razão porque veio ao mundo; assim como cada corpo astronomico possui dois movimentos: um sobre si, que o constitue individualidade, e outro sobre os demais corpos que o ligam ao systema.

Vê-se por tanto que, nós, embora filhos d'este seculo de duvida e critica, bom senso e saber profundo que elevou a sciencia historica até onde nunca tinha chegado em tempos de antigos e modernos, vê-se pois, dizemos, que não riscamos do presente o passado, antes pelo contrario buscamos harmonisal-os no que for possível.

A historia, que tem sido para muita gente, manancial de sandices e contrasenso, será para nós lição de justiça e sobre tudo um tributo de respeito para com os nossos maiores.

A historia contem no seu seio uma cousa boa: é o que foi esmagado na corrente das edades, pelo despotismo e pela clericalia de mãos dadas. Também será isso que nós faremos ressurgir de lá.

Entre todos estes factos avulta a destruição dos municipios e das communas. E' para esta, sobre tudo, que nós chamamos a attenção dos sabios modernos da nossa patria.

A reorganisação da *communa*, do *municipio* ou da *parochia*, como quizerem, seria a felicidade para Portugal. As nações decadentes devem refundir-se para poderem continuar a viver. Ora a communa é aquillo que, numa nunca pode morrer. E' por causa d'isto, que no principio d'este seculo, Fourier pedia a Napoleão que o deixasse administrar uma communa de 1.800 pessoas, a qual deveria servir de modelo a toda a França, porque elle quadruplicaria annualmente toda a riqueza nacional.

E na verdade, quem duvida de, que para ter um estado bem organizado é necessario primeiro organizar a communa ou o municipio!

Quem duvida que todas as reformas devem começar pela base? e que a base do estado, a sua pedra angular, o seu alveo é a *communa*?

A communa é a officina social, é o elemento da provincia, da nação, da sociedade, e de toda a humanidade.

O sabio, o manufactor, o artista, o commerciante, as auctoridades civis e militares, todos vivem na communa.

A communa é a escola de todos os cidadãos, uma escola militar, civil, politica e social.

O berço do terceiro estado foi nas communas.

Depois do grande naufragio da civilização, quando todos os laços sociais eram quebrados, e o mundo retrogradava para a barbaria das primeiras edades, entregue como victima indefesa á desordem e á pilhagem feudal, foi nas communas, foi nos municipios que se encontrou a mais solida garantia da liberdade individual, e onde se deu o primeiro passo para uma recomposição social. Cada cidade foi, nesta epo-

cha, um estado particular regido por um governo também particular; e o mundo *communal* serviu para recompor a sociedade europeia.

Será possível ainda hoje fazer alguma cousa nova? Talvez.

Talvez que muita cousa, que passa hoje por utopia deixe de sel-o amanhã, se administração politica, judicial e civil assentar sobre uma boa organização da communa, do municipio ou da parochia.

Nós trabalhamos para isto. E' necessario que a historia seja a voz da justiça, a voz dos opprimidos e não a da justificação de meia duzia de salteadores politicos, feita e apresentada á posteridade por quem não possui consciencia.

Para trás, vendilhões da penna! O seculo, a sciencia, o bom senso, a justiça social condemna-vos. Para trás, filhos dos *chronistas de Sua Magestade*, esses vilisimos caracteres, que no excesso da lisonja e cortezania pelo monarcha, a quem comiam a sopa e eugravavam as botas, falsearam toda a historia, não attenderam aos queixumes dos povos, não descreveram as lutas gigantes do movimento ascensional da liberdade, e unicamente fizeram a apothese do seu rei!

Para trás, sim, todos vós chronologos indigestos e nauseabundos, Damiões, Lopes e Castanhedas, bispos de Silves e vós os mais. Para trás!

A hora da justiça soou.

Um volume de 300 paginas. — Preço 600 reis.

P. S. Esta obra já annunciada vai brevemente entrar no prélo; é um elegante volume e trata, como o prospecto indica, dos assumptos mais importantes da historia social. Quando o prospecto foi feito não havia ainda em Portugal nenhum livro que tratasse do mesmo objecto; hoje já existem dois livros que se occupam do mesmo assumpto, posto que debaixo de outros pontos e com divergencias de idéas. Um é a *Theoria do Socialismo*, do sr. Oliveira Martins, o outro os *Tres Mundos* do sr. D. Antonio da Costa.

Os srs. assignantes por um anno da *Republica Portuguesa*, cuja assignatura for paga adiantada, contando-se, já se vê, o tempo decorrido, terão um volume de premio. Podem mandar as suas assignaturas á redacção da *Republica*, indicada em outro lugar.

LISBOA, 27 DE JULHO DE 1873

(Do nosso correspondente)

Ahi vai, meus bons amigos, a ultima correspondencia do primeiro periodo da *Republica*. Deixemos passar o das ferias officiaes, as quaes não são, creio, ferias para o espirito e para a creença. Lançando um golpe de vista retrospectivo podemos afirmar, com a mão na consciencia, o nosso labor desinteressado e digno. Não faltaram os apodos dos maltrapilhos, nem escasseou o apedrejamento dos gatunos. Se materia para arrependimento existe é talvez em termos parado no caminho para fustigal-os. Sobre a escoria appareceram os adversarios cortezes. Para esses uma despedida: — até á volta.

Publicou-se o trabalho, já annunciado, do sr. F. Adolpho Coelho: *Sciencia e Probidade*, a proposito do sr. José Gomes Monteiro, etc. Encerra cariosos apontamentos acerca dos srs. Castilho, Gomes Monteiro, Camillo Castello Branco e outros. A questão deixou de ser litteraria para se tornar uma questão de moralidade. Ficam elucidados todos os homens de boa fé acerca d'aquelles vultos. Numa terra onde ao menos imperasse o instincto da dignidade nunca ousaria erguer a voz o sr. Camillo depois da triplice lição applicada por Joaquim de Vasconcellos, Coelho e Graça Barreto. Abra o publico as paginas do folheto a que alludo e aprenda a conhecer os seus gran-

des homens (sic) e as grandes cousas por elles praticadas.

— A proposito convem formular em parenthesis uma breve reflexão acerca d'esta irrisoria dualidade descoberta pelos ingenuos filhos da Parvonia nos Goliattes do impudor official. Tal jornalista que representa o symbolo da devassidão e do descaro e cuja vida é um estendal de miserias e de podridão, ergue a voz para defender systemas, principios, idéas e theorias em que não cre senão por interesse pessoal; calumnia, deturpa e atropella os adversarios; a historia e o senso-commun; foge do terreno das discussões pelo caminho das subtilidades de saltimbanco; mas, aos olhos dos ingenuos em qu'estão, deixa de existir o histrião grotesco e repugnante para dar logar ao habil acrobata. O ingenuo applaude o arlequin. Toda esta arlequinada monarchico-catholica é afinal de contas executada em corda bamba e os espectadores só têm o que merecem.

Quando se comprehender que para o jornalista e o pamphletario são indispensaveis os dotes de moralidade a imprensa deixará de ser uma industria para se tornar um sacerdocio. E' talvez isto clamar no deserto. Vamos, porém, clamando sempre.

— No *Jornal do Commercio* tem publicado o sr. Oliveira Martins, auctor da *Theoria do Socialismo*, uma serie de artigos em resposta ao sr. dr. Julio de Vilhena e a proposito do seu livro *As Raças historicas da peninsula*. Só vi o primeiro que mereceu a honra singular de ser citado pelo *Jornal da Noite*. E' a *theoria da chavena de chá*, descoberta pelo *Diario Illustrado*. O sr. Martins quer *cortezia*, etc. E' acertado o pedido e natural neste paiz, e neste tempo. O sr. Martins é *cortez*; o sr. Teixeira de Vasconcellos applaude-o por isso. *Juvenal* foi um geosseirão para com o imperio romano; *Isaias* foi grosseiro para com Babilonia e Jerusalem; Tacito não foi delicado em extremo com os Cesares; o riso de *Babelais* é pouco amavel; *Hugo* não primou em delicadeza para com o sr. Luiz Bonaparte, já fallecido; os pamphletarios *Paulo-Luiz-Courier* e *Rochefort* não leram João Felix Pereira; *Roque Barcia* é por vezes excessivamente duro; os homens pouco delicados são de todos os tempos e paizes; felizmente lá está o sr. Martins lavrando no *Jornal do Commercio* de Lisboa o seu protesto e lá está o senhor Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, que é exactamente o contrario de *Juvenal*, lá está, digo, para o applaudir... Edificante quadro! Edificante e eloquente!...

— Realisaram-se as festas de 24 de julho. E' seu chronista o sr. Teixeira do *Jornal da Noite*. Deus nol-as dê para d'aqui a um anno, *sem modificações*. Digo isto sem esperança, aii... sem esperança alguma de que tal succeda...

— Os jornaes monarchicos tornam-se ecco das calumnias dos jornaes hespanhoes conservadores, mas nunca inserem os desmentidos formaes dos seus contrarios. Tudo lhes deverá ser levado em conta.

— A' hora em que termino esta correspondencia ainda vivem o *Jornal da Noite*, *Diario Illustrado* e *Nação*.

— Até outubro. Abraça-os o seu  
SILVA PINTO.

— Sei, á ultima hora, por informação particular e fidedigna que o manifesto socialista do Porto, attribuido ao governo não é do governo, e que os signatarios são operarios não officiaes. A dictadura com as suas comedias obriga-nos a desconfiar de toda a qualidade de manifestos quando não são firmados por nomes conhecidos. Estabelecido, pois, que o manifesto em questão não é de fabrica suspeita, lavre-se esta rectificação, para que algum aprendiz de polemista não me calumnie as intenções.

— A *Associação internacional dos tra-*

balhadores publicou um protesto contra as afirmações calumniosas da imprensa conservadora de Hespanha e Portugal acerca dos successos de Alcoy. Lança á conta dos homens da ordem os incendios e os assassinatos perpetrados e chama a attenção dos homens de boa fé para a exposição rapida que faz do procedimento da internacional e do dos seus calumniadores.

O protesto é assignado pelos srs. C. Fernandes, S. Lisboa e Azedo Gnecco; foi distribuido pelo publico e enviado á imprensa jornalística. É respeitavel pelo intuito, mas creio que inefficaz nesta terra, de sachristões e espíões officiaes na sua maioria.

## NOTICIARIO

Carissimos assignantes e leitores da *Republica Portuguesa*.—Chegou finalmente o termo do primeiro trimestre. Suspendemos hoje até ao principio de outubro. Leitor amigo, que nos acompanhaste durante tres mezes nesta tarefa ardua de levar a luz ás camadas mais infimas da sociedade, leitor que és bom, porque tens innato o sentimento da justiça, não te esqueças que lutamos com immensas dificuldades para sustentar a nossa causa e a continuaremos no principio do anno. Pedimos-te uma cousa: se acaso te convenceste da verdade do governo republicano não a renegues nunca, porque se hoje somos poucos, a verdade tem tal força no animo de todos que dentro em pouco será vergonha um homem dizer-se monarchista. Nós bem sabemos que em Portugal existe a descrença politica e que ninguem tem fé em profissões; mas tu já conheces os nossos nomes, porque os tens visto bastantes vezes impressos na *Republica*, se algum de nós apostatar, o que eu não creio, ainda assim não renegues a republica e entrega sómente os apostatas á exacração publica.

Ficaram-nos muitos assumptos por tratar; não nos chegou o tempo nem o espaço para o fazer. Encetaremos no principio do anno então a nova tarefa, robustecidos com maduros estudos e sã e justa critica. Talvez que tenhamos de apelar muitas notabilidades que figuram no ceu da historia, mas se o fizermos será para as substituir por outras, convencidos como estamos que a justiça e verdade nunca abandona os homens.

Até outubro.

A REDACÇÃO.

O nosso collega Magalhães Lima, vai publicar uma nova obra da qual os primeiros capitulos têm sido inseridos nesta folha. Intitula-se *Padres e Reis*. Esta obra é editada em Lisboa e merece ser lida por todos os livres pensadores.

Damos hoje cabimento ao seguinte soneto do sr. João Penha. O illustre academico que já vae caminho de Braga e que concluiu este anno os seus trabalhos de formatura em direito, revoltou-se contra as profundas injustiças que viu praticadas

na universidade, a proposito de classificações e informações do 5.º anno, e vasou a sua colera nesta obra prima, que define perfeitamente um homem que todos nós conhecemos. Apoz este soneto verio outros onde se retratam a maldade e estupidez dos lentes de direito. Não temos sido só nós a condemnar as injustiças praticadas na universidade a respeito de premios e classificações, etc., a este proposito escrevia tambem o *Progreso Commercial* e dizia que os que já eram alheios á universidade deviam tratar d'esta questão. Saiba o publico como se faz justiça em Coimbra.

## O PHANTASMA

(A UM DR. PEDRO)

E vimos uma forma horrenda e bruta  
Surgir do lodo vil com gesto iroso,  
Como outr'ora no Cabo Tormentoso  
O velho Adamastor da barba hirsuta.

—«Quem és tu? eu lhe disse.—» Bardo, escuta.  
(Rugiu com voz ingente e desdenhoso)  
«Eu sou no espaço infinito e portentoso  
«O Verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penedo; e o mar violento,  
«O mar das sciencias vãs da humanidade,  
«De vencer-me ha perdido o insano intento.»

Disse. E ouvimos naquella obscuridade  
O cantico d'um trémulo jumento:  
Era o preito da terra á Immensidade.

JOÃO PENHA.

Pedem-nos a publicação do seguinte.

Siempre se ha dicho que España es el país de los vice-versas; pero nunca como ahora puede repetirse este popular axioma, al observar que en medio de la confusion y peligros que nos rodean hay una Empresa editorial que sigue sin descanso su marcha de verdadero progreso, como la que con admiracion de propios y extraños publica en Madrid *La Ilustracion Española y Americana*.

Viendo este excelente semanario es hasta difícil creer que se publica en España: á la vista tenemos el número del 1.º de Julio y dudamos, sin embargo, si nuestra ilusion nos engaña, porque es imposible hallar más perfeccion en la parte artistica, ni mejor criterio en la literaria, y nuestro ánimo se regocija al ver que, á pesar de nuestras terribles desgracias, hay aún quien, sobreponiéndose á ellas, sostiene publicaciones que, cuando sean recibidas en el extranjero, atenuarán indudablemente el triste concepto que de nuestra patria se tiene formado.

Es para nosotros un fenómeno inexplicable la referida publicacion, pues la inmensa cantidad de perfectos grabados que contiene el número citado representa un capital cuya importancia admiraran cuantos fijen en ella su atencion. Baste decir que, entre otros de no ménos mérito, se hallan: el retrato del desgraciado jefe de cazadores de Madrid, victima de su amor á la disciplina; el incendio de la estacion de Beasain, por el cura Santa Cruz; la accion de Oristá, en la cual las tropas federales perdieron un cañon; el Jardin Botánico en las diferentes y pintorescas secciones de que consta; el retrato de cuerpo entero del Emperador de Austria; el faro del Caballo, en la provincia de Santander; el patio de los Leones en la Alhambra; una vista del pabellon del Virey de Egipto, en el Prater de Viena; la gran campana del Kremlin, en Moscou; y sobre todo unos tipos marroquines, dibujo de D. Mariano Fortuny, cuyo solo nombre basta para hacer comprender su notable mérito artistico.

A' fuer de españoles, nos felicitamos de ver progresar en nuestra patria una publicacion que tanto la honra, como lo es *La Ilustracion Espanola y Americana*, segregada completamente de todo lo que á politica militante se refiere; y creemos

cumplir un deber de conciencia recomendándola á nuestros lectores, porque es un honor para nuestra patria el que todos contribuyan al sostenimiento de tan instructivo como ameno semanario.

Causaram profundo escandalo as informações do 5.º anno de direito, os premios e distincções que a facultade repartiu a esmo, mas sobre tudo as profundas injustiças em quanto aos que foram desconsiderados. Academicos que são reconhecidos como grandes capacidades foram intesramente olvidados. Um estudante do 4.º anno de direito e um dos redactores d'esta folha fez dar um estenderete ao sr. padre Chaves, e este bom cavalheiro que é similhante ao bom Marnoco e burro como uma pedra, vingou-se do sobredito que era o primeiro premiado naquella anno, sem ao menos o distinguir.

Todo o estudante que fór intelligente, e sobre tudo que mostrar altivez tem a certeza de ser despresado por estes ineptos, que não podendo ser outra coisa se fazem lentes.

A fama d'este estabelecimento, que outr'ora foi o primeiro entre nós, senão na Europa, tem ido decrescendo a ponto de lá fóra já ninguem fallar nelle e entre nós ser já despresado e objecto até de justas, mas fortes, censuras, dos jornaes da provincia, como se pode vér na *Independencia*, jornal que se publica em Beja.

D'aqui não ha nada a esperar. Uma corporação de perto de 100 professores, conta unicamente dois ou tres conhecidos, como rariissimas excepções. Justiça e instrucção correm aqui parelhas.

On suppressão ou petroleo, não vemos outro alvitre para acabar com este anachronismo.

Fomos acoidados pelo *Tribuna Popular* de injustos e parciaes, por não darmos parte do assalto ao *hotel do caminho do ferro* pela occasião das festas da Rainha Santa. O collega antes de formular esta sentença devia saber e ter em vista que a nossa folha é semanal e que não pode dar conta de todos os factos; além d'isto não é folha noticiosa, é uma folha justiceira. Quando se offende a justiça ella está sempre do lado dos offendidos. Ora nós não quizemos fazer insinuações e predispor a auctoridade contra os reus. Ainda ninguem nos demonstrou se os crimes se devem revelar ou pelo contrario occultar. A imprensa não deve ser um pugilato que sirva para excitar odios e malquerenças. A respeito de factos criminosos é necessario ter a maior cautella para não exercer pressão sobre as auctoridades judiciaes. Estas foram as razões que nos levaram a não fallar de leve sobre este facto.

Agora sabemos que effectivamente se encontram alguns academicos comprometidos por maltratarem o dono do hotel e sua mulher e por isso pedimos que este attentado contra estas pessoas na sua propria casa seja punido severamente, isto é, com justiça.

Escrevem-nos de Lisboa que está proxima a publicação de uma folha diaria republicana convidando-nos ao mesmo tempo para colaborar para ella. Esta noticia concorda com a correspondencia de Lisboa para o *Clamor Popular*, que começou a publicar-se no Fundão. Diz a referida folha que saiu o 1.º n.º da folha diaria— a *Democracia*, redigida pelos srs. Latino Coelho, Elias Garcia, Oliveira Martins e Sousa Brandão. O mesmo periodico dá como certo que parte do partido historico e reformista se acha filiado no partido republicano. Por este caminhar temos brevemente a republica no nosso paiz.

Parece que tudo vaticina ser o sr. D. Luiz é ultimo rei de Portugal.

Recebemos um protesto da associação

internacional dos trabalhadores de Lisboa contra a difamação dos internacionalistas de Alcoy e propalada a drede e levada a effeito pelos conservadores de todo o mundo. O protesto contem carros de justiça, pois como já hoje se sabe, a importancia dos movimentos de Alcoy foi nulla e se houve algumas victimas a lamentar foi sua causa o governo. Os conservadores e os monarchistas só olham para o sul da Hespanha e esquecendo-lhes as iniquas barbaridades do cura Santa Cruz, os infames fuzilamentos, os templos onde se alojavam os voluntarios incendiados com petroleo e enxofre, as crueldades infames praticadas nos que defendiam a sua honra militar, as suas familias e os seus bens; tudo isto por mandado do infame Saballs, o capitão general do quadrilheiro mór da Hespanha. Hespanha, nobre Hespanha! levanta-te e com um d'esses actos de heroismo, tão peculiar entre teus filhos, expulsa para sempre para fóra das tuas terras, essa horda de caniboes que te envorgonha á face da Europa culta.

O protesto da associação internacional está escripto com vehemencia. É a voz da verdade que não reconhece complacencias.

As classes laboriosas de Lisboa e Porto dão ao menos mostras de si abrindo a sua voz de quando em quando; o resto trabalhador do paiz jaz na maior indiferença. Não sabemos se este estado é pronuncio de morte, se de grandes tempestades que se accumulam sobre o ceu da patria.

Na terra onde se publica esta folha existe uma numerosa classe operaria, e todavia aqui reina uma paz pôdre, nem um movimento, nem um signal, nem sequer um indicio do que vai lá fóra.

As classes operarias d'esta terra não sabem nada de organização social. Contentam-se cada anno com um frazeado que vão vomitar na associação dos artistas meia duzia de academicos emproados e ficam satisfeitos com aquellas banalidades.

Nós quizemos encetar um trabalho no sentido de transformar aquella associação sem fim, numa de consumo e producção; como o tempo nos faltou, no principio do anno trataremos d'este assumpto.

Neste momento só nos resta pedir aos operarios de Coimbra que saiam d'este marasmo e acompanhem as grandes cidades nos movimentos e aspirações, porque d'ahi lhes virá a felicidade, a riqueza e o repouso porque tanto almejam.

Agradecemos o exemplar do protesto que nos foi enviado.

## ANNUNCIOS

### ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE

ANTONIO FLORENCIO FERREIRA

POR

ADRIANO JACOB LOPES

Preço, em Coimbra, de cada caderneta de 32 pag. em 8.º— 60 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o volume completo—200 réis.

A correspondencia deve ser dirigida ao auctor, rua da Sophia, 26, junto a Santa Justa—Coimbra.

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

Para Coimbra—Trimestre... 300 réis, semestre... 600 réis.—Para ás Provincias—Trimestre... 300 réis, semestre... 720 réis.—Avulso no proprio dia 20 réis.—Annuncios 30 réis cada linha.—ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA. Assigna-se:—Em Coimbra, na rua da Sophia, n.º 59 e 61.—Em Lisboa, na Livraria Internacional, rua do Arsenal

Toda a correspondencia para este jornal deve ser dirigida a Joaquim Maria de Almeida—Coimbra—Rua da Sophia, n.º 59 e 61

COIMBRA—Imprensa Academica, rua do Carmo, 62.

